



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.



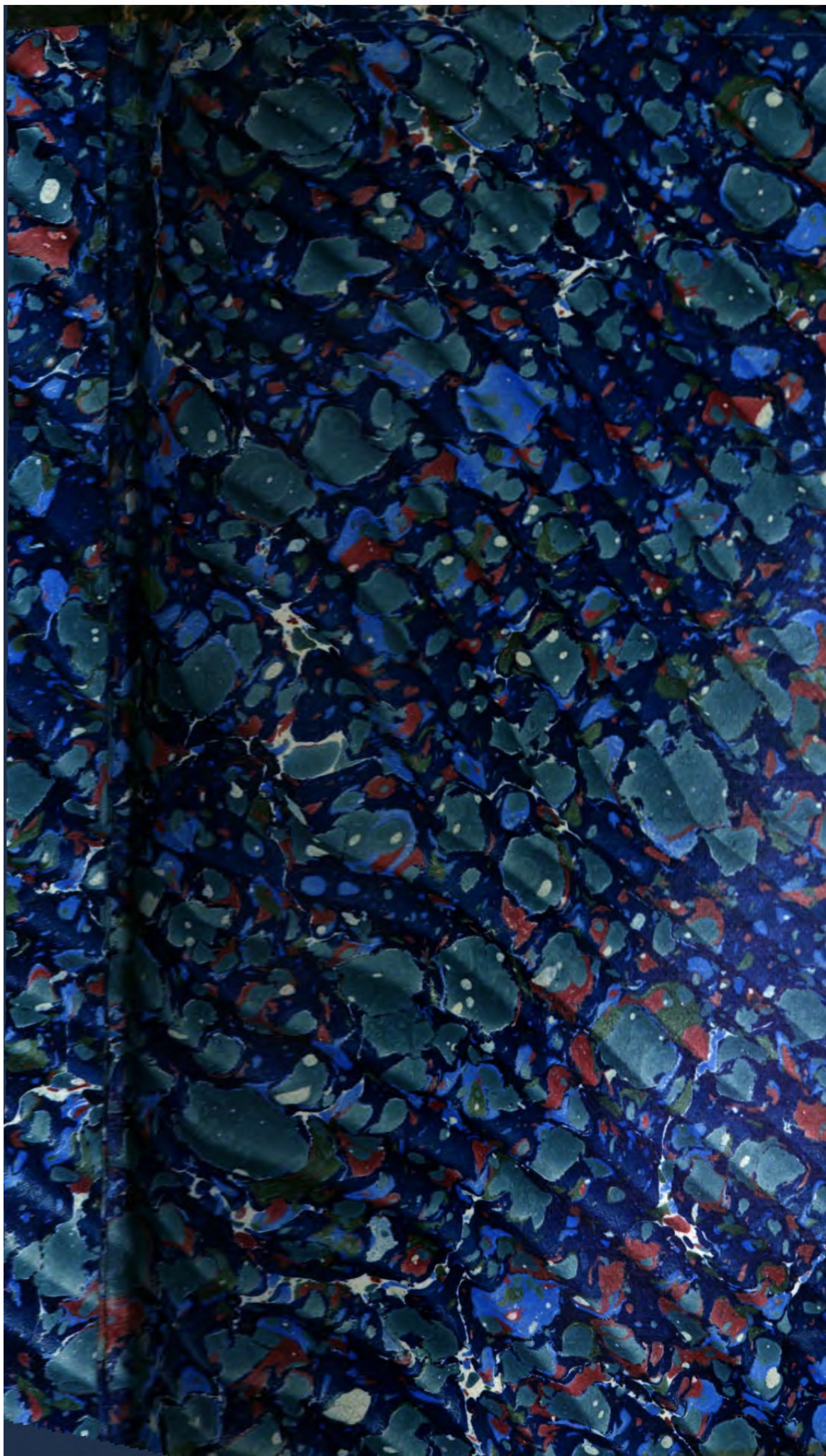
✓ (296c 3)

H. 98.



M
1895





1

2

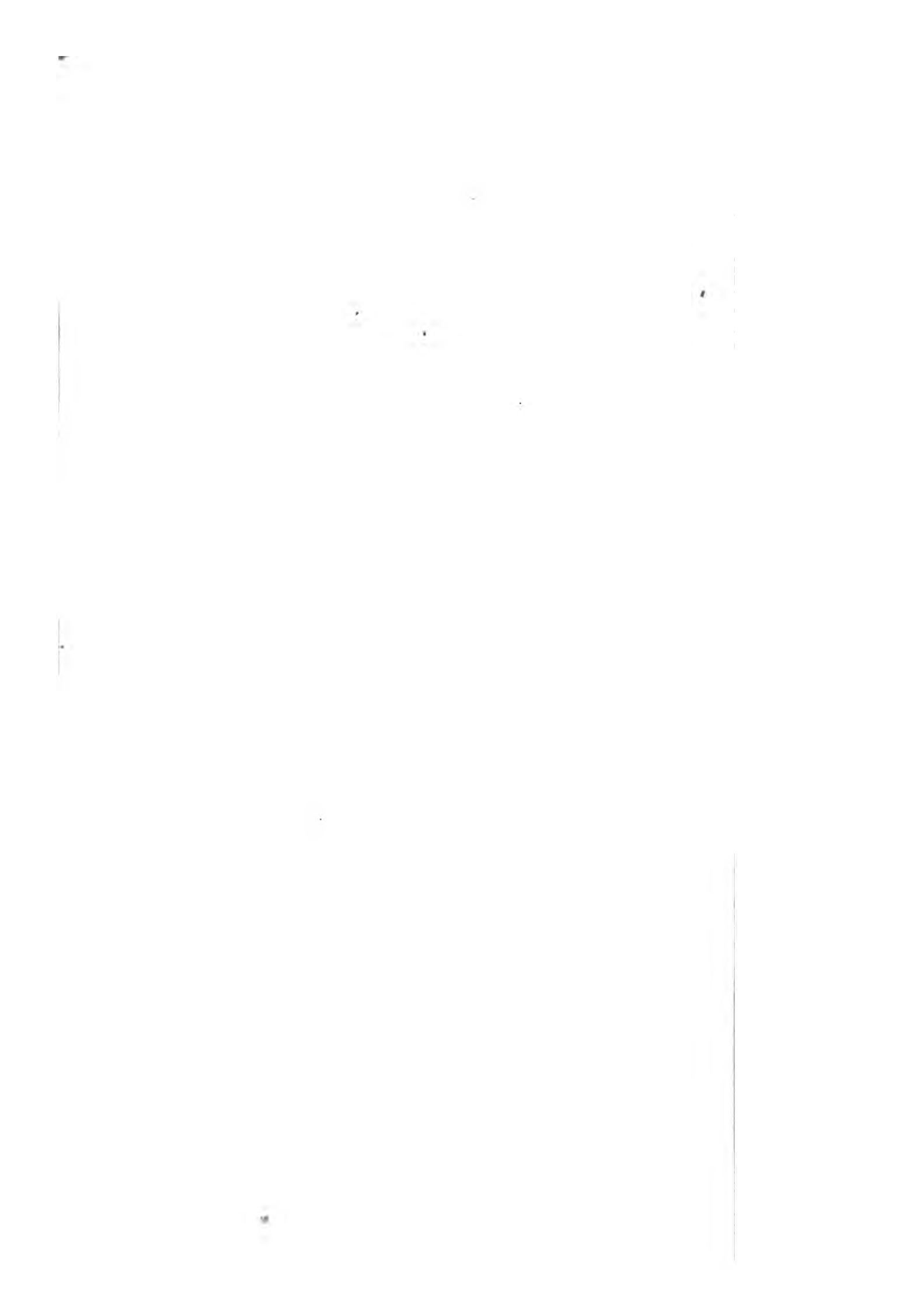
3

4

5

6

7



V E R S O S

D E

F I L I N T O E L Y S I O .

Filinto-Elyore,

is e. p. u. d. e. n. j. m. o. f.

Fr. Manell to ...

(of ...)

1540
...

V E R S O S
D E
F I L I N T O E L Y S I O .

Tomo I.º



P A R I S .

Anno de 1797.

25003

Je sais qu'il est indubitable
Que pour former œuvre parfait
Il faudrait se donner au diable,
Et c'est ce que je n'ai pas fait.



A M I G O

E S E N H O R

F R A N C I S C O M A N O E L,

SE Apollo fora taõ liberal comigo, como hé com V. m. respondera eu à excellente Ode que V. m. me envia; com outra, quando naõ igual, ao menos que procurasse imitalla: mas ja que este Snr. naõ dispende comigo as suas riquezas, se, naõ quando se lhe antoja, e parcamente-naõ deve V. m. haver a mal, que eu lhe torne por versos maravilhosos, muito mà prosa: Esta Ode verdadeiramente Horaciana, naõ tem de mau mais do que ser dirigida a mim. Hé verdade que eu merecia este favor, se pode a paixãõ que tenho pellos seus versos merecello: mas naõ sei se este titulo era bastante. Seja como for eu lhe agradeço este min^o

por todas as razoes, e lhe rogo que naõ
consinta que a sua lira por hum sò ins-
tante emmudeça ; para que Lisboa naõ
tenha, que envejar à de Venusa.

De V. m.

Amigo muito Obrigado

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

SONETTO

DE ALFENO CYNTHIO

Em resposta à Ode — Não temas que a teus versos
sonorosos.

Em sonhos vi o meu iniquo fado,
D'uma escarnada febre em companhia,
Com Clotho instar, que co' a tezoura impia
Cortasse a Alfeno o fio amargurado.
Do infero Nauta o féro rouco brado
Os esquivos ouvidos me feria :
« Baixa, infeliz, à Regiaõ sombria ;
» Co' remo em punho, já te espero irado. »
Nisto suavemente os ares fende,
Caro Filinto, o teu sublime Canto,
Que da Parca a funérea mão suspende.
Foge a febre voráz banhada em pranto :
Molle somno do Fado as iras prende,
Tudo subjuga do teu méetro o encanto.



O D E
DE ALFENO CYNTHIO

A Filinto Elysio no dia de seus annos.

Em 23 de Dezembro de 1777.

Com que posso brindar, Filhas de Jove,
Neste dia, a Filinto, vosso Alumno,
Se pérlas, ouro me negou o Fado,
E celestes saphyras?

Mas a sancta Amizade é quem nos une,
Naõ o vil interesse, as nossas almas.
Infame ganho co' a Virtude honrada
Jamàis se compadece.

Dar-lhe-hei uma Civica Corôa,
De flores e Carvalho entretecida,
Para enlaçar co' a làurea, com que Phébo
Lhe ornou a douta frente.

Meu doce salvador, tu me arrancaste
Das mortíferas garras sanguinosas
Do avido Rigorismo, que intentava
Roubar-me à luz do dia.

Co' a tócha da Verdade deslumbraste
Os vêsgos ólhos da Tartàrea Furia;
E mostràste-me as bórdas, que pizava,
Do immenso precipicio.

Jáz arquejando o Monstro, debellado
Co' a lança da lucífera sapiencia ;
E das torcidas unhas me trasladadas
Aos teus robustos braços.

Como, Amigo, benéfico me ensinas
A desandar as hórridas ambages
Do cégo labyrintho inextricavel ,
Em que me pôz o Monstro ?

Dallí surjo ; — e no Templo da Memória
As cadeyas pendûro vergonhosas.
Mas quéro hoje que os séculos futuros
Escrepto em baixo leiaõ :

« Estes rôtos grilhoês do Rigorismo
» Despedaçou Filinto ao triste Alfeno ;
» Que em memoria do immenso beneficio
» A' Gratidaõ os vóta. »



C A R T A

A O P O V O P O R T U G U E Z:

Meu Amigo e Senhor,

Estimarei que estas limitadas regras, etc. etc.

C O M O estou informado por gente muito dada ao bem-fazer, que nem todo o tempo se reza, nem todo o tempo se dorme; e que é necessario às pessoas bem-inclinadas um honésto passa-tempo, que dê com as portas no rosto à Ociosidade, que assim o canton Phædro no livro 3º. fabula 4º.

*Ludus animo debet aliquando dari,
Ad cogitandum melior ut redeat sibi.*

aventurei-me a offerecer a V. m. essés canhêuhos de certo ocioso, que empregou quasi a vida em fazer regrinhas curtas, e regrinhas compridas; creio que

jã é morto; -- ou pêto disso. Deos lhe ponha a sua alma em bom lugar! tam- bem creio que V. m. alguma vez o vio, e lhe fallou. Era sujeito, que (salvo o vicio das trovas) sempre me pareceu muito de enchemaõ. Seu nome não o ponho aqui, porquê me pediu segredo. E com isto não enfado mais a V. m. de quem sou

Muito venerador e captivo

O COLLECTOR DAS TROVAS.

S O N E T T O

A' SENHORA D. E. D. A. O. etc.

ASSIM cantava o saudoso Orpheo,
Quando as duras entranhas derretia
Da Rhodopéa rocha, ou quando a impia
Mente de Dite a compaixão moveo.

Tambem entam allê se vio Protheo
Co' a limosa cabeça, que surgia
Da lympha do Hebro regclada e fria,
Quando em tal vaticinio a voz rompeo :
« Venceste, Orpheo : mas quando Era futura
» Ouvir de E. . . . a voz, por Phebo dada ,
» Tens de ceder. — Já déssa formosura
» Filinto affirmarà, que é transladada
» Nella a vóz de Calliope, e a doçura,
« Com que enlevar a ouvio a azul morada. »



O D E

A' SENHORA D. MARIA ANTOINETTA
MATHEVON DE CURNIEU. (1)

Que tam queridos tinha e tam mimosos.

Camoës. *Cant.* 3.

QUE vâle à vida enthesourada cópia
De cunhado metal? — Oh nóbre dextra;
A que com sizo o esparge pelos sótaõs
Da encolhida pobreza! (2)

Compra a fama com dons, o que abre os cóffres
Para ajudar talentos desvalidos
A dar à luz os quadros da Virtude,
Pela arte afformosados.

Tu delicia do Esposo, de Irmaõs glória;
Do Pâe retrâto delicado e vivo,
Aos filhos, que amas com carinho puro,
Dà puro e grato ensino.

Nesta Dama tens rasgos engenhosos:
Em ti os tens melhóres; e uma e outra

(1) Dedicando-lhe a traducão de *la dot de Suzette*.

(2) L'or n'est utile et bon que dans les mains de la vertu,
lorsqu'elle les étend pour soulager les malheureux.

Lettre d'Eliza à Yorick.

C'ò exemplo, co' a leitura sêde os Mestres
Dos mimosos Infantes.

Com teu auspicio acceite em versãõ Lusa,
A Dama Senneterra ir dar transumpto,
Ir dar consolaçaõ a nóbres pèitos,
Da gratidaõ sacrarios.

S O N E T T O .

QUANDO foi pelos Turcos conquistada
Cýthéra, da alma Venus tam querida,
Fugio a alada trópa, espavorida
Dos bigódes da bárbara manada.

Andou téquî pouzando in-consolada,
Por bósques, montes, êrmos foragida:
Nem quiz de homens a rústica guarida,
Nem de Damas a fé tam mal guardada.

Mas apenas à luz do Céo gracioso
Apontou Marcia, as Graças, e os Prazêres
Nella acharaõ abrigo deleitoso.

« Se um fiél coração, Amor, preferes
» A' grandeza dos Reis, ao fasto odioso,
» Busca em meu peito o throno que mais
(» quéres. »



H Y M N O
A N O I T E.

———— Sudden to heaven
Thence weary vision turns ; where tending soft
The silent hours , and from her genial rise
When day-ligth sickens till it springs a fresh
Invaled reigns , the fairest lamp of night.
Thompson's Summer.

Volta subito aos Ceos a vista lassa ,
Onde Venus com brando aceno guia
As mudas Horas , meigas a quem ama :
Des-que se ergue da Noite o almo Luzeiro
Na pura sphera sem rival domina ;
Brilha com garbo , apenas se desmaya
A luz do dia , e o novo sol naõ surge.

DE O S A , que espalhas pela ethérea zona
No mudo carro de évano brunido
As sombras repousadas , os amores
De furtivo decòro ;
Tu , que acompanhas com fiel escòlta
Ao prazo dado o amante impaciente ,
E c'o piedoso manto encòbres roubos
De divinães prazeres ;
Que as doces leis de Vénus , de Cupido

(Almo recôbro da vivaz Natura)

Benigna estendes nos callados tectos,

Nos namorados bosques :

Que pédes às estrellas mais propicias

Um frouxo rayo (1) de modésto brilho,

Com que os rubis da bôcca, com que os lyrios

Do peito entre-vêr deixas.

Por tanto ouves os gratos murmurios

Dos amantes ditosos, que redobraõ

Em teu louvor, pelo macio amparo,

Que em tua sombra encontraõ.

Ouves o som do trépido (2) ribeiro,

Que inflammado dos meigos àys vizinhos,

Novo Alphéo, se appressura namorado,

Apòz nova Arethusa.

Saõ mais doces de noite, e mais mimòsos

Os affagos de Amor. A luz patente

Do sol constringe o gòsto, e sòlta ao Pejo

Mui reservadas rédeas.

E a Nympha, que òlha pelo Céo luzido

Aqui Léda, alli Jo, além Calixto, (3)

(1) ——— A faint erroneus ray

Glanc'd from th' imparfect surfaces of things

Fling half an image on the straining eye.—Thompson.

(2) *Lympha fugax trepidare rivo. Horat. lib. 2. Od. 3.*

(3) Tachaõ-me alguns versos de mal-torneados e mal-polidos; e talvez este um delles seja. Coitados dos Anthores ! e

E o cortejo de estrellas, com que as honra

mais coitados os Poétas. Que se lhes pode applicar a parodia :

Infeliz condiçãõ ! misera gente ,
Que um argel de Censores traz mordidos !

Ao revéz do que dos Vulcaneos dizia Camoës. *Cant. 7.*

Ditosa condiçãõ ! ditosa gente ,
Que naõ saõ de Ciúmes offendidos !

Claro està, que os Ociosos, que tães repãros fazem nunca aviaraõ tantos versos como eu. Ora é muito natural que a quem tantos désbarata, pela málha lhe escapem muitos com seu senaõ. Amigos, e inimigos Censores, eu sou de boa avença, e com o coraçãõ nas maõs convenho dos meus erros. Ahi vai a verdade nua e crua. Com tanto que os tães versinhos naõ saiaõ do ventre do engenho tórto, nem aleijados, là os deixo ir a Deos e à Ventura. Alem de que, Meus amabilissimos Senhores, tenhaõ a pachorra de se inteirar comigo, que desde a idade de 14 annos faço versos. — Nao me torçaõ o fucinho à palavra *versos*, que eu lhos naõ inculco por bons : com tanto que valhaõ os do Macedo tórto, me contento. — Continuemos com o nosso aranzel. De 14 annos até 64 que hoje tenho (por grande mercê de Deos e dos amigos) vaõ 50. Houve dias em que fiz 200 versos, e mais, quando Apollo e as Musas estiravaõ mais longas as visitas; n'outros dias menos; e n'outros (por perguiça) nem um sò, Mettãmos alto e malo a 40 por dia. Que menos se pôde fazer, quando a veyã corre, que dous sonetos, e tres Cantigas (ponhamos de parte, e como de creanças os *ay lélé* dos estribilhos) Monta cada anno a 148600 versos. Multiplicai-os por 50 (sem contar os dias de

Naõ des-lembrado Jõve.

acrescimo nos Bissextos) somaõ 5366000 versos. *Apaga!* Convenho que é mui sobejo versejar! Menos de metade bastava, se fossem bons. Mas em fim saõ òbra feita, òbra que està já na taboléta, esperandõ pelos freguézes. Contemos agora o que elles me renderãõ, e depois o que me pòdem reuder, se apparecerem curiosos. Do que ganhei por elles atéqui, com verdade vos affirmo, que me naõ vem cada verso a meio real. Dizci-me vòs em consciencia, meus criticos muito amados, qual seria o hõmem sizudo, que martellasse o seu juizo, para limar um vérsõ por menos de meio real? Ah! que se eu mettesse em conta todos os ciumes, odios, prãgas, criticas, e ainda sàtyras, que os tâes versinhos me grangearãõ, outros quinhentos seriaõ! Em boa lealdade pois, e como tendeiro honradõ vos digo, que tâes quaes saõ, naõ saõ tam mal-limados para o número, nem tam soménos para o preço. Se os que os criticaõ, expondo à vergonha do mundo os seus Poemas, abrissem lòge, como eu abri, talvez que os nao dariaõ nem tam bons, nem tam baratos.

Bem pudera eu (a querer seriamente responder-lhes) desculpar-me, allegando versos mais duros de Camoês, Ferreira, etc. e ainda dos mais illustres modérnos, que ninguem critica; que naõ sei eu que fado mão, fortuna escura faz, que sendo muitos os culpados deste erro, sò em mim vénha a cahir o ràyo. Creio que é porquè me sentem mais bojo, e que as mais desatinadas criticas, as mais aguçadas sàtyras naõ fazem mòça na *minha gorda pachorra, amiga vèlha*. Eya, rapazes, fartai-vos de metter unha nos meus versos; velhos rançosos desembainhai as catãnas académicas contra os meus atrevinentos: que daqui vos dezafo, que um instante sò me naõ dareis de enfado: salvo se para satyrisar-me naõ comprães os meus canhêuhos.

Que, como ella, nas sélvas, (1) junto aos rios,
Outrora essas estrellas se humanaraõ, (2)
E os troncos, como a éllas, que a convidaõ
C'o sussurro das folhas;
Tõma a Léda, ou Calixto por traslado
Cerra ao Recato a rabujenta bõcca
Co'a mesma mãõ, com que ameigara a face
Do porfiado amante.

Noite melhõr que o dia, quem naõ te ama?
Quem naõ vive mãis brando em teu regaço,
Despindo da alma, e dos cansados membros
O dia affadigado? (3)

Tu dás vida aos vergéis com teu suave
Prolífico lentõr; a curva Roza,
O lyrio, a quem pendeu (4) o sol ardente

(1) Metamorph. passim.

(2) Car s'il vous en souvient, la plupart de vous, Signes,
N'a place dans le Ciel que pour avoir aimé.

P. Ronsard, lib. 2 des Amours, Sonet 24.

(3) Um Francez que tem lido com delicado critério os bons Poetas antigos e modernos, que por seu particular transumpto escolheu Horacio, a quem (quanto é hoje possivel) imita em verso Latino, como eu mostrarci a quem o entenda; que estudou em Portugal com proveito a lingua Portugueza, tam imitadora da Latina; disse lendo esta phraze, que ella sò bastava para dar crédito a uma Ode; e que a naõ desdenharia Horacio, se este escrevera em Luso idioma.—Nota do Editor.

(4) Se for necessario para dar passaporte a este *pender*

Se érguem, e se re-toucaõ.
As Penas, è os Cuidados que os humanos
Coraçõs remordiaõ, como abrólhos,
As Ambiçãos, os perennâes Procéssos,
(Cruçis equuleos da alma !)
Ao vêr descer o Somno, que a teu lado
Vem reclinado no tardio coche,
E derramar nos ares o recreio
Do plácido socêgo ;
Affrouxando os cordeis, já manso e manso
Descâhem mão dos infernâes supplicios,
Que daõ, antes da morte, aos imprudentes,
Que espanca-los não onsaõ :
Que não sabendo pôr Honras, Riquézas
No merecido grão, são desditosos,
São baldoês da Fortuna, são captivos
Do insolente Orgulho.
Vem estender sobre o meu leito, oh Noite,
Com mão amiga, o manto dô Socêgo,
Negado a câmas régias, e a bordadas
Cubértas oppressoras.
Vem consolar do acinte dos Destinos,
Das invéjas dos Mãos, o assiduo Vate,

como a vérbo activo, avisem-me os malsins da Litteratura,
que lhes mandarei 3o exemplos de verbos neutros com signi-
ficação activa em Portuguez.

(1) De um Vice-Rei contaõ Chronicas antigas, que as
lembranças de suas tyrannias lhe davaõ tal affôgo no silencio

Que trabalhou por ser aos seus proficuo,
Enfeitando a Virtude.

Tu, em teu seyo o tóma, e lhe refrésca
Com léve sôpro a frente, e a fàce rôxa
Das châmmas, que no sangue lhe ateára
Apollo enfurecido.

Vem, Noite amena, vem; traze comtigo
Os sonhos agradaveis, que o Céu brando
Por prémio guarda màis mimoso às nóbres
Fadîgas do Parnasso.

Vem spargir pelos ólhos, pelos membros
A's mãos cheias as lânguidas papoulas,
Que escolhêra Morptheo nas descuidadas
Ribanceiras do Léthes.

Que eu com grinaldas, com festoês das flores,
Que ao teu surgir despontaõ do casulo, (1)
Sempre a Ti grato, em quanto alento a vida,
Cubrirei teus altares.

da noite, que se lhe accendia fébre, e c'o barafustar na ar-
dencia della, deitava longe de si, as màis léves cuberturas-
Oh quantos destes não tem havido! — E não hà ainda!

(1) Todos conhecem os suspiros roxos, e amaréllos, que
não abrem senaõ ao pôr do sòl; e tambem as Viuvas, e ou-
tras flores màis, que sò de noite desabrôchaõ do botaõ.



C A R T A

A O S E N H O R F^{***}. J^{**}. M^{***}.
D E B^{**}.

Paris 6 de Junho de 1790.

Obscurata diu populo bonus eruet, atque
Proferet in lucem speciosa vocabula rerum,
Quæ primis memorata Catonibus atque Cethegis,
Nunc situs informis tegit et deserta vetustas;
Adciscet nova — — — — —
Vehemens et liquidus puroque simillimus amui
Fundet opes, Latiumque beabit divite lingua.

HORAT. lib. 2. Ep. 2.

LEMBRAS - ME, Amigo B^{***}. quando a pluma
Para escrever magnanimo (1) meneio.
Ama o meu B^{***}. a Lusitana lingua,
Pura (como elle) enérgica, abastada,
Êstrême de bastardo francesismo
Ê que a joyo não trave de enchacôco:
Ê quando lê rejeita a phrase spuria

(1) Com effeito muito animo cabe que tenha, quem se arroja a escrever nesta era tam minguada, em que mais se tópa com malsins de palavras, que com avaliadores de pensamentos.

Que com senaõ mal-assombrado affeia
Asseiada escriptura, e ideia nobre,
De legítimes Lusos termos digna;
Mas discreto crítica; e faz justiça
Sem torpe invéja, sem paixãõ obscura.

Que, Amigo, muitos mordem nos bons versos
Do facundo Garçaõ, Diniz prestante,
Sem de Horacio ter lido um só conselho,
Sem que acazo divino Entusiasmo
Nunca na alma enchærcada lhes fervesse.

Muitos quærem vaidõsos dar pennada
Na lingua Portugueza, (1) que as correntes
Das cristallinas àguas naõ gustaraõ
Vertentes dos volumes caudalõsos

(1) Convienne la prima cosa, che uno scrittore innanzi di nulla avventurare in materia di lingua, sappia a fondo la lingua in cui scrive; ne conosca pienamente la portata e il valore; acciochè le novità che introdurvi volesse, non venissero piuttosto a mostrar la propria sua ignoranza, che la povertà della lingua. E s'egli sarà di tale scienza fornito, e insieme di discrezione e di giudizio; potrà fare un suo doppio lavoro.

Tra lo stil de moderni, e il sermon prisco, potrà beare con la ricca sua vena la patria sua, formando di nuove parole, e rimettendone anche in luce alcune di quelle, che scurate già fossero dalla lunghezza del tempo. E così con le une come con le altre verrà a dare al suo stile quello insolito e quel peregrino nel che consiste in gran parte il poetico linguaggio. — Algarotti.

Saggio sopra Orazio.

De Barros, Britto, Souza, e de Lucena
De Ferreira, e Camoës : fartura arrótao ,
De Portuguez, por que inda hoje remóem
As mesquinhas migalhas, que daz boccas
De Amas villans, de brejeirães Lacayos
Na recente memoria lhes cahiraó. (1)
Affeitos a tam màgra, ôcca pitança
Se amuaó contra as raras iguarías
Com que os brindaó os Clássicos bizzaros
Em suas mezas guàpas e opulentas.

Oh Classicos do nosso augusto séclo ;
Que sempre fostes o patente môlde
De elegante escriptura genuína,
Oh quanto deveis hoje mais que nunca
Ser o que são bandeiras nas batalhas !
Quando vai rôto o exército, e esgarradas
C'o mêdo e fuga as Marciães fileiras,
Longe da rôta o General previsto

(1) Vejo aqui em França que os honrados Pães de familia pagaó Mestres que venhaó ensinar grammatica franceza às filhas, porque naó lhes escapem barbarismos nem solecismos, quando fallem, ou escrevaó; e lembra-me que em Portugal ninguem em tal cuida; lembra-me mais que vi lá *Compositores* de versos (e o que ainda mais aduba) vendedores de prosa gritada em grial, que nunca abriraó grammatica da sua lingua. Por isso fervem nelles os erros, como bichos brancos em caó sedição; escorrem-lhe as unturas de estrangeirices, como as posturas da fidalga velha em dias de soaó; a boa linguagem dá batteús de rai. va

Manda cravar em sitio bem-disposto
Os contos das bandeiras. — Troaõ logo
Os rufos do tambor eccho-batente ;
Voltaõ a vista os vagos fugitivos ,
Aonde os rufos clamaõ; vem nos ares
Soltas as côres dos pendoês jurados ,
Córrem, vaõ-se apinhar em torno delles ,
E cobrando com vê-los nõvos brios,
Rugem Leões, as brigas ja re-pédem,
Cahem na hostile cohórte, rompem, vencem.
A vista das Bandeiras em triumpho
Lhes transmudou a fuga. — Nõs desta arte
Usar convem, na fuga, e desbarato ,
Em que nos pôz o exercito confuso
Da pujante Ignorancia, a qual cercou-nos,
E de vencida nos levou, no tempo
Do nosso mal-soffrido captiveiro. (1)
Cumpre ao pê dos pendoês enfileirar-nos ;
Entrar-mos na refréga c'os sédiços
Pedantes, c'os Casquilhos da modérna,
Que nos moffaõ, nos séguem, nos perséguem,
Quaes bandos de pygmeos, e vem armados
Cada um como um Samsaõ, como um Alcides.
Valentes como impavidos Quichottes,
Os da Corja Académico-Tarouca

(1) Em 60 annos que soffrêmos o jugo dos Castelhanos ,
que Vieyra compara, com bem razão, ao captiveiro dos Israe-
litas em Babilonia.

Com bexigas , e estâlos (1) farfalhudos ;
E os mais com pélas de Francez *conducta* ,
De *affères* , *rango* , *massacrar* , *ressortes* ,
Egidio , *populacea* , e iguâes remendos
De mal alinhavada Francesiã.

Naõ que à lingua Franceza eu ódio tenha ;
Que fora absurdo em mim. Ninguem confessa
Mais sincéro o valor de seus bons livros
De todo o hom saber patentes cóffres ,
De polidez e de eloquencia ornados.
Bastãra em seu louvor , se o carecera ,
Ser bem vista e prezada em toda a Europa ,
Das Cortes , e dos Sabios no Univérso.
Conter em si , ou proprio , ou traduzido ,
Quanto Minerva poz no peito humano ,
As fadigas das Artes , das Sciencias
E os enfeites do flórido discurso.

Mas , como fora escarnecido em França
O que emprendesse impar de phrases Lusas
Um discurso Francez em prosa ou verso ;
Assim péde entre nos ser apupado
O taréco Doutor , que à pura força
Quer atochar de termos bordalengos (2)

(1) *Amant inane studium dicendi , quod verbis barbaris , turgidis , sesquipedalibus conglomeratur. Walchii Hist. Crit. in Prefat.*

(2) De *Burdigalensis* fizéraõ os nossos antigos *bordalengo* , nome com que motejavaõ dos termos estrangeiros , e de

O nativo desdem da nossa falla.

Se temos de pedir a alguma bolsa

Termos que nos faleçaõ, seja à bolsa

De nossa Mãe Latina, (1) que já muito

Nos acudio em prèssas mais urgentes,

Quando em bronca escassez já laboramos,

quem delles usava. *Cette langue* (dit Voltaire, Discours aux Welches) *embarrassée d'articles, depourvue d'inversions, pauvre de termes poétiques, stérile en tours hardis, asservie à l'éternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles, etc. etc.*

Il faut dire hardiment que cette langue (la française) n'est pas poétique; que la poésie n'est qu'une prose rimée; qu'elle n'a ni abondance, ni énergie, ni audace; qu'elle n'en aura jamais, puisqu'il est défendu de l'enrichir, puisque sa marche loin d'être libre et fière est compassée, mesurée, rétrécie, soumise au compas. . . . Les versificateurs ne me pardonneront pas; je parle néanmoins en leur faveur. . . . (Les Poètes m'entendront . . .) et qui, conformément à leur style rampant, rejettent la force et l'énergie, lorsque le Poète s'en sert pour peindre ses pensées avec les sons qui lui plaisent.

MERCIER. *Tableau de Paris.*

(1) Les mots latins paraîtraient les plus propres à être choisis. Les sons en sont doux; ils tiennent à d'autres mots qui ont déjà pris racine dans notre fonds. L'oreille y est déjà accoutumée. Ils n'ont qu'un pas à faire pour entrer chez nous... Quand on abandonne au hasard ou au vulgaire ignorant, ou à la mode des femmes l'introduction des termes, il en vient plusieurs qui n'ont ni la clarté, ni la douceur qu'il faudrait désirer. — FÉNELON, *Lettre sur l'Éloquence.*

Ao sahir-mos das mãos da bruta (1) gente.

Uma lingua tam dura como as armas
Que em nósso pré terçavaõ nas pelejas,
Éra a lingua dos Lusos valorosos,
Antes que os claros lumes do alto Pindo
Queimassem fézes Godas e Mouriscas
Da tosca algaravia, que em seu seyo
Lavrou até ao século apurado
De João segundo, de Manoél ditoso.

Quem, vendo, em carcomidos pergaminhos,
Foraes de Goda-Arabica escriptura,
Dirà que elles descendem da elegancia
Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,
Que a bém-fallamos muitos centos de annos? (2)

Que foi, depois que as guérras e infortunios
Alagaraõ os prédios de Minerva, (3)
Derribaraõ columnas de seu Templo,
Rodaraõ na torrente os móveis sacros,
Deixando só ruínas mal-cubertas
De apodrecidos limos, e de abrolhos?

(1) Godos e Mouros que estiveraõ longo tempo de posse de Portugal.

(2) Desde antes de Julio Cesar até à irrupçaõ dos Godos, Vandalos, etc.

(3) Os Jesuitas, e a perseguiçaõ que se inventou contra os homens instruidos, foraõ dous grandes infortunios para a liberdade das sciencias em Portugal. Vieraõ depois os Castelhanos que acabaraõ a derròta.

Entam quebrou o fio precioso
Do Collar, de medalhas guarnecido
C'os nomes de eruditos Portuguezes : (1)
Que atou depois, com laço mal-seguro,
O Freire, e inda algum mais, mas raro e froxo,
Que o pouco cabedal levou comsigo
Do puro Portuguez, que inda restava ;
E em lingua bruta, ôcco-rimbomba, ou freira, (2)
Nũa de valentia, e de doçura,
Lardeada de ensôssos, baixos termos
Foi a classica lingua convertida.

Tal éra a Gerigonça mais da móda,
(Quando eu nasci) nos Pulpitos gritada,
E cantada nas nóbres Académias ;
Quando Engenhos mais altos, indignados
Da fatal corrupçãõ, a resurgiraõ
Das campos do lethargo em que a pozeraõ

(1) Esta ideia me pareceu accertada e nova. Fazêmos collares de medalhas de Imperadores, com quem não temos que haver, e muitos dos quaes, detestados no universo, merecem mais o cordel de força, que o fio do Collar; e não medalhamos os nossos bons Escriptores, que tanto bem-mereceraõ das nossas Lettras, e nossa Patria! — *Nota do Editor.*

(2) Lingua *freira* ou *freiratica*, é uma certa lingua delambida, inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo enérgico, confeitada de phrases de Conventual invençãõ, cujo significado é sõ claro para os adéptos.

Levibus enim atque inanibus sonis ludibria quædam excitando effecistis ut corpus orationis enervaretur et caderet. PETRON

Balófos Biltris, mazorraes Syndapsos. (1)

Assim já d'antes em igual desastre
Amparados das azas do Monarcha (2)
Sahio um Luso enxame cubiçoso
De conquistar pelos Lyceos de Europa,
As Sciencias, da Patria foragidas :
E quando a nós tornaraõ da colheita,
Os novos Tullios, (3) alta esp'rança Lusa,
Dando de maõ ao Godo-Arabe enleio,
Que desfeyara as Lusitanas fallas,
Co'ouro da Grega lingua, e da Latina
Déraõ brilho ao dizer.--Antes crearaõ
Uma lingua mais nobre, mais mimosa,
Digna dos nobres Génios que luziraõ
Nessa Classica idade; e que nos déraõ
Os moldes da elegancia Portugueza :
Elegancia, que herdada a nós viera,
A naõ ser salteada no caminho
Por maõs facinorosas.--Quem nos véda

(1) *Quis potest capere, capiat.*

(2) D. Joaõ segundo, que mandou muitos moços de bom engenho a Italia, Alemanha, etc. e que instituiu em Paris no Collegio de Santa Barbara 25 tenças (que aqui chamaõ bolsas) para 25 Portuguezes, que lá quizessem vir estudar. Duraraõ essas tenças, até que os Jesuitas as applicaraõ a si, a titulo de que em seus Collegios elles ensinavaõ em Portugal tudo o que se podia apprender em França.

(3) Marco Tullio Cicero sahio de Roma a apprender na Grecia.

Tomar a antiga senda, para herda-la
Nativa e pura, e digna, qual trilharão
Para crea-la, os nossos bons Mayores ?

*

Sayaõ dos muros da ferrenha (1) Patria
Quantos desprezaõ os facundos sabios
Que a lingua (2) lhes legaraõ generosos ;
E verãõ povoados os Lyceos
Das estranhas Nações, na douta Europa,
De illustres Bispos, (3) de ancioës Consultos
De polida Nobreza ; e até das Damas,
Que a Natureza fez tam engenhosas,
Tam validas das Musas, que de Venus ;
Todos pendentos das discretas vòzes
Com que um Lente mui primo (4) dà realce

(1) E bem ferrenha, que naõ deixa viandar pela Europa os seus desleixados filhos: é mais facil encontrar em Paris dez Turcos que um Portuguez. Passaõ de cem os Castelhanos que recebem mezada real, para apprenderem aqui sciencias, artes, e até officios.

(2) Portugueza, de bom cunho.

(3) Quando eu escrevi esta Carta ainda havia Bispos em França; e eu os via vir ao Collegio Real assistir a estas liçoës, por gosto de ouvir a Publio Virgilio de Lille, como Voltaire lhe chamara. E com effeito era delicioso ouvi-lo explicar as bellezas dos Classicos franceses; e as notas, que alli da Cadeira lhes ajuntava.

(4) Os Francezes lendo e explicando nas Aulas os seus Classicos imitaõ os Latinos, que apprendiaõ por Horacio, e

A's bellezas dos Classicos antigos,
Aquí notando a concisaõ da phrase ;
Que o lúcido *Sublime* em breve engaste
Cérra, e compoem ; alli a formosura
Da caudal eloquencia, que transborda
Por floridos jardins, verdes ribeiras.

Ah ! se eu pudesse vêr na Elysia minha,
Sequiosa de saber, francos e abertos
Tantos pòrticos de Artes, de Sciencias,
Como naõ levantara ella a aurea frente
Entre tantas Naçoës, que a sò conhecem
Por ter dobrado o horrendo Promontorio,
Por um antigo brado de Conquistas !

Fallaõ no bom Camoës alguns Franceses,
Que o lêraõ traduzido em prosa ensôça ;
Mas rejeitaõ de o ler na Lusa lingua,
Que apenas pàga o custo de apprende-la,
Com lêr um sò Camoës : tam pouco aprêço
Lhe daõ de si os novos Escriptores !
Naõ fora assim, se nòs mais cuidadosos
Déssemos mór valia à nossa lingua,
Polindo-a, ennobrecendo-a, opulentando-a
Com cabedães de Urania, Clio, e Erato.

por Virgilio (como o dà a entender Juvenal na satyra 7. vers. 227) a fallar bem a sua lingua. Se outro tanto se fizesse nas nossas Classes a respeito de Camoës, Barros, etc. naõ se atreveriaõ quatro Badamécos a desacreditar os que imitaõ a phrase Classica.

Que assim se fez no mundo conhecida
A lingua Grega; e o Lacio (1) que pretende
Emula-la, seguio o mesmo trilho :
Seguio-o a Hespanha, a França, co'a Toscana;
E até as Boreas Nações o séguem.
Nòs prezamos tam pouco a nossa lingua,
Que tam sómente as outras apprendemos,
Em desâr da nativa; e a ser-nos dado
Na Francesa escrevêramos, fallâramos,
Como já na Hespanhola, por lisonja
E por louca vâidade composémos !

Amor da Patria sòpra em mim despeitos
De a vêr por filhos seus pouco abonada.
Ah! Patria muito ingrata, e muito amada
Ah! que eu se em ti soubera as boas lettras
Mais versadas, mais publico o bom gosto,
Deste encargo de encommendar leitura
Dos nossos bons Authores me esquivara ! (2)

(1) Nec virtute foret, clarisve potentius armis
Quam lingua, Latium. — HORAT. *de Art.*

(2) Os Tarelos, quando quérem Censurar as minhas
trovas, dizem com certa Doutora (que compoz uma mi-
chórdia contra Filinto Elysio) que se quérem entender os
meus versos necessitaõ folhear Diccionarios : eu, se me
tentasse o Diabo a ler os delles, por mâis Diccionarios
que revolvesse naõ atinaria co' as phrazes relamborias de
seu bordalengo bestunto. — On a déjà dit qu'il est ridicule
de défendre sa prose et ses vers, quand ce ne sont que des vers

Desce Apollo aos Lyceos , com prazer summo
A derramar claroës de arte divina
Nos que àvidos anhelãõ ver ausentes
As trévas da maléfica Ignorancia :
Como na longa hyberna madrugada ,
C'os olhos fitos no tardonho Oriente ,
O medroso appressado peregrino
Espéra Phébo , e os lúcidos Ethontes ,
Que vem de longe c'o flammante carro
Disparar no horisonte as luzes, o ouro ,
E pôr em fuga a Noite , e seus sequazes ,
As trévas , os pavóres , e os flagícios.

Muitos destes Lyceos são chrisol puro
Da liga da language : allî de Authores
De grave fama ancian bem-merecida
As immortâes bellezas se alardeãõ ;
E o líquido ouro fino da palavra ,
Da phraze mui-formosa allî se apura.
Solta o Critério a vòz , e o douto exame
Cála pelos re-mémoros (1) ouvidos ,

et de la prose ; en fait d'ouvrages de goût il faut faire et se
taire.

Honnêtetés littéraires.

(1) Temos o verbo *memorar* , temos *re-memorar* ; porque
naõ terêmos *rememoros ouvidos* , ouvidos , que se lembraõ , e
tornaõ a lembrar ? E' caso mui digno de notar , que os meus
Críticos de água dôce naõ me accusem senaõ de palavras an-
tigas , pela velha alcunha qui me pozêraõ , de amador da an-
tiguidade , e vai tam longe a mã opiniaõ , que a palavra *re-*

Com agrado e proveito, áte às almas,
Onde se imprime, e guarda longamente
Sabor das eloquentes iguarias.

Um Francez, que ouve um Lente venerando
Tratar com mão devota os sabios livros
De *Fenelon*, *Racine*, quando explica
Seus ornados conceitos, não desdenha,
Não moteja do Author, que lhe dá fama
Nos arredados Climas, nem do Alumno,
Que caminhando ao Templo da Memoria
Léva porfôros, léva por serviços
A nobre imitação de bons modélos,
E na phraze imitada o cunho antigo.

Assim o Statuario cuidadoso,
Se, encarregado da sublême face
D'um Rei virtuoso, Deos de seu bom Povo,
Dezeja entre os *Myrons*, e os *Praxitéles*
Ter lugar na custosa eternidade,

memoros que ninguem (que eu saiba) usou antes de mim , pas-
saria por palavra de Fernão Lopes ou de Azurara , no bes-
tunto dos Peralvilhos , se eu com esta nota lhe não posera a
calça de moderna. Ora esses que me arguem de antigalha ,
tómem o trabalho (nùm dia que se áchem de pachorra) e
contem as palavras antigas , e vão ao mesmo tempo fazendo
outro rôl das modernas , e feita a somma , veráõ que por uma
antiga , que a necessidade do assumpto , ou a redondez da
phraze me inclinou a usar , encontrarãõ com vinte moder-
nas , que talvez me grangeariaõ a accusação de modernista.

Dos Myrons, e dos Phidias tira os rasgos
Das bizarras feições, das attitudes ;
Até das roupas imitando as prégas,
Aqui descobre, alli apanha, ou solta,
E trasladando à pédra o concebido
Typo de fôrmas conhecidas na arte,
Compoem um todo, a si só comparavel,
Gôsto de Mestres, e do Alumno gloria.

Tães éraõ approvadas, e bemquistas
Por nôbre imitacão de almos traslados
Do Pindàrico (1) Elpino as cultas Odes ;
E a facundia bebida nos antigos
Que vertia o Garçaõ (2) nos seus Poêmas,
Quando na Arcadia outrora os escutava
De atilados varoês o estrême ouvido.

No sacro templo (3) que à pureza e lustre
Da linguagem Franceza ergueu eterno
Pelo Richelien Luiz o Magno,
Ouvi eu (e inda a voz no ouvido tôa)
Um sabio, (4) em toda a Europa acceito e lido,
E inda mesmo entre nós naõ ignorado.

(1) Pindarici fontis qui non expalluit haustus.

HORAT. lib. I. Ep. 3.

(2) — — Nec mi officit unquam

Ditior hic, aut est quia doctior : est locus uni-

Cuique suus.

HORAT. Satyr. 9.

(3) A Academia da lingua Franceza.

(4) Marmontel.

N'uma lingua tam farta (como dizem)
Dos cabedães de Authores tam egrégios,
Que naõ soffreu desfalques, bastardias,
Como a nossa, nas éras derradeiras :
N'uma lingua, que engrossa, e se enriquece
Cada dia c'os rios de eloquencia
Que tam caudaés de todo o monte manaõ ;
Este Sabio escassezas lhe achacava,
Pedía atrevimentos generosos
Nos que a colher os fructos se abalançaõ
Nos vergéis das sciencias. Novas cousas
Novos nomes requerem. Já Lucrecio
Para à Lingua tam ricca dos Romanos
Sollicito pedia larga vénia.
Larga venia pedía para a sua
Este Sabio tambem ; e que se acceitem
No bom stylo Francez termos Latinos :
E dos antigos termos (1) saudoso

(2) Vide Quintilian. lib. 1. cap. 6.

O mesmo já dizia Fenelon na Carta sobre a Eloquencia. —
Oserai-je hasarder ici par un excès de zèle une proposition
que je soumets à une compagnie si éclairée? Notre langue
manque d'un grand nombre de mots et de phrases. Il me
semble même qu'on l'a gênée et appauvrie depuis environ
cent ans en voulant la purifier. Il est vrai qu'elle était encore
un peu uniforme et trop verbeuse. Mais le vieux langage se
fait regretter quand nous le retrouvons dans Marot, dans
Amiot, dans le Cardinal d'Ossat, dans les ouvrages les plus en-

Dezejava que à vida os revocassem
Dando-lhe alma nos livros duradouros.
Reparai bem, matúla a francezada,
No sabaõ que vos vai pelos bigòdes :
Vêde como arde na vermélha face
Sopápo que vos cålma a maõ francesa !
Cérto estou , que calando este discurso
No attento ouvido dos franceses sabios ,
As palavras antigas foraõ nõvas
Em prémio da razaõ, dos bons serviços ;
Que honradas cans c'o honrado abrigo acodem
A quem as pôz no áuge da valía.

A tam seria oraçaõ, tam proveitosa
Estimada da Patria, e dos de sizo,
Naõ riaõ, como parvos, os francezes,
Mas ririaõ (1) os Peralvilhos Lusos ,

joués, dans les plus sérieux. Il avait je ne sai quoi de court, de naïf, de hardi, de vif et de passionné. On a retranché, si je ne me trompe, plus de mots qu'on n'en a introduit. D'ailleurs je voudrais n'en perdre aucun, et en acquérir de nouveaux. Je voudrais autoriser tout terme qui nous manque, qui a un son doux, sans danger d'équivoque. — Parece que este parecer de Fenelon (excepta a phrase *à une compagnie, etc.*) foi talhado para o destempero, com que nos amesquinharaõ a lingua os Puristas das velhas Academias, e outras gentes, que eu naõ nomeio.

(1) Tanta veneraçãõ tem os homens grandes como este (Camoês) à antiquidade, de que agora se burlaõ alguns, que

Bezantados de pòrca modernice,
Que naõ pòdèm soffrer palavra ou phraze;
Que naõ venha em Telemaco capado, (1)
Ou novos sermonarios francesistas:
Que cuidão que encerrada nos miòllos
Tem da lingua a abundancia, a força, o lustre,
Com atar um suado comprimento,
Fallar de caes, de modas, de cavallos
N'uma ròda de Moças e Tarécos
De elegante saber, igual ao delles.

*

Mas vamos acudir ao mais forçoso
Argumento que poemestes Maricas,
Que estremeecem de vòzes que naõ leraô;

mostraõ que naõ saõ grandes em mais que em presumirem
de o ser. Manoel de Faria Comment. de Camoës.

(1) Foi um certo Telemaco que o snr. J. M. R. P. traduzio, ou (por melhor dizer) a quem deu terminação Portuguesa, conservando a lingua Original do livro: mas do contexto cerceou por motivos, a elle sò patentes, um bom terço: cujo cerceio depois, melhor advertido, supprio com o casamento do Heròe; porque melhor arremedasse os nossos entremesoês. Dirãõ que tomei para a minha alma essa ridicula tradução do Telémaco; mas quem a ler, e conhecer a presumpção do Traductor, naõ m'o levarã muito a mal. Se souberãõ o muito que lhe aturei, e a outros bichassos do mesmo lote, naõ me estranhariaõ dar-lhes eu um piparote de passagem. — *Vexatus toties, etc. etc.*

Como de *Couza mã*, longa *Aventesma*,
Se arripiaõ mulheres e meninos.

- « E' grande afféctação (assim me arguem)
» Uzar da antiga phraze, antigos termos, (1)
» Que o Marquez de Pombal não uzou nunca ;
» Antes quazi os condemna em suas prosas :
» Uzar de termos que não uza o Pina ,
» Nem os nossos garridos Pregadores :
» Co'esses termos que vògaõ, bem-fallamos ;
» Co'elles verseja o Mattos, (2) canta o Caldas ,
» E o Macedo no outeiro se espaneja. (3)

(1) Inusitata sunt prisca fere ac *vetusta*, et ab usu quotidiani sermonis jam diù intermissa, quæ sunt *poetarum licentia* liberiora quam nostra; sed tamen rarò habet etiam in oratione poeticum aliquod verbum dignitatem: neque enim fugerim dicere, ut Cælius. — *Quà tempestate Pænus in Italiã venit*: — aut *Prolem*, aut *subolem*, aut *effari*, aut *nuncupari*, aut ut tu soles, Catule, *non rebar*, aut *opinabar* et alia multa, quibus loco positis, grandior et antiquior oratio sæpe videri solet. — *Cicer. de Oratore, lib. 3.*

(2) Stultissimum est, ad imitandum non optima quæque proponere. *Plin. lib. Epist. 5.*

(3) Estou certo que eu faria obras que agradassem muito aos Tarêlos, e aos Rançosos, se as composesse todas das unicas patavras, que elles sabem: o que se cifraria em quatro Cantigas anans, como as do Poeta mascavado; e quando quizesse subir de ponto, urdir alguma Ecloga, como as do Mattos, ou do Lasso. Mas para bem o conseguir duas cousas se requerem, ou que elles me mandem uma lista das que sabem, ou que eu as adivinhe. Ambas me parecem dif-

- » A lingua é como a môda. A novidade
» Lhe dá gála e primor. (1) Motiva rizo
» Campar-nos hoje com sedições phrases
» Do caduco Lucena, aguado Barros,
» Querendo-as pôr à môda no discurso ;
» Como quem nos viesse delambido
» Inculcar para adorno guapo e sécio
» Enrocados mantéos, golpeadas calças. »
Cuido que o vejo erguer-se arreminado
Là da campa onde jaz secco e moído,
O meu Garçaõ, e azêdo e zombeteiro
Responder-lhes assim : « Tendes sobejos
» Para o mal que fallaés, e para as trovas
» Com que a Patria pejães, (2) pejães a lingua :

ficeis : a primeira porque me não confiarão o segredo da sua pobreza ; a secunda porque me falta a pachorra para ler seus versos, e pôr em canhenho a miseravel mesquinharía das vozes de seu uzo.

(1) Não tem desculpa estes meus senhores, vivendo em Portugal, rodeados de livros Classicos, em quem podem aprender a bem-fallar, tendo entre si pessoas tam adiantadas no bom gosto da locução Portugueza, com quem podem, entretendo-se, instruir-se. Pobre de mim ! que há mais de vinte annos que perdi o trato Lusitano, que apenas tenho quatro alfarrabios Portuguezes, como a Novena de S. Gonçalo de Lagos, o Entremez dos Malaquécicos, e outros Classicos dessa estofa ! Perdaõ mereço, quando dou cinca na lingua que desaprendi com o desuzo.

(2) Lembra-me acerca destes dous *pejaes* certa censura que

- » Melhor fora , boçaes , nascesseis mudos.
- » Que énrocados mantéos , pintos calçudos
- » Me allegaes por escarneo ? Quantas mòdas
- » Naõ vêdes vòs sediças , que resurgem ,
- » Como o fétido Lazaro , e campeiaõ
- » Mui galhardas por esse mundo louco ?
- » Os mantéos enrocados ide vê-los
- » Co'as calças golpeadas , na mais sécia
- » Corte da Europa , e mais lidada forja
- » Das tremolantes e assopradas mòdas.
- » Vêde--me os Cem-Suissos gigantescos ,
- » Cerrada guarda do Francez Sob'rano ,

alguns Criticos de mà morté me fizeraõ por terem embicado n'um verso de certa ode minha que me naõ lembra agora , o qual dizia assim :

— *Longes terras correu com longo curso.* —

tachando-lhe de affectado e rancoso stylo a repetiçaõ de *longo* e *longes* , sem attentarem que o que elles dizem *ranço* , é formosura tam acceita em todo o tempo nas obras dos melhores Oradores e Poétas. Com quanta louçania brilhaõ em Camoës (por naõ fallar em antigos) os versos assim feitos! mais de 30 lhes podera aqui citar : mas saõ elles tam obvios aos leitores que. . . Naõ quero mais infamia a gente de tam mão gosto , e tam pouco sizo , que a ignorancia deste lindissimo verso de Virgilio. ÆNÉID. 3 , 283.

Longa procul longis via dividit in via terris

E inda outro. ÆNÉID. 5 , v. 118

— *Ingentemque Gyan , ingenti mole Chymæram.*

- » Como trajaõ nos dias mãis garridos
- » Enrocados mantéos, golpeadas calças;
- » Que galas foraõ já de airoso adorno
- » Ao Quarto Henrique, ao fôrte illustre Castro.
- » Lêde, basbaques, mancos de doutrina,
- » Que (de acêrto) até mòdas vem nos livros;
- » Como em Fegas achou, passados annos,
- » Certo Letrado os òculos perdidos.
- » Mas escuta, Garçaõ (cuído que os ouço)
- » Se o pensamento é bom, faz seu effeito,
- » Sem ser preciso revolver poeiras
- » De Latinos Camões, sedições Barros;
- » Sem joeirar palavras fastiosas
- » De velhos alfarrabios com basão.
- » Callai-vos, tolos (o Garçaõ responde)
- » A elocuçãõ è tudo. (1) Uma sentença,

(1) Nam emendate quidem et dilucide dicentium tenue præmium est; magisque vitiiis carere, quam ut aliquam magnam virtutem adeptus esse videaris. . . . Nec fortibus modo, sed etiam fulgentibus armis præliatus in causa est Cicero Cornelii. . . . Nec tam insolita laus esset prosecuta dicentem si usitata et cæteris similis fuisset oratio.

Quintilian. lib. 8. cap. 3.

Que dans un discours les pensées soient claires et justes, ce n'est pas encore un mérite, ce n'est qu'un défaut évité . . . ce n'est point là ce qui fait l'Orateur, c'est l'abondance et la richesse des pensées jointes à la force et à la grace des expressions. — *Principes de Littérature de l'Abbé Batteux, tome 4. chap. 10.*

- » Que tôsca refugães por desagrado ,
 » Se com phraze concísa , ornada e culta
 » Vem férir na alma , o ouvido amaciando ,
 » Abalados ficães , ficães absòrtos ,
 » Namorados da sua formosura .
 » Que assim a guãpa sêda , a téla de ouro ,
 » Se mal talhada vem das mãos do Méstre ,
 » Pérde a gála , por gébba em seu feitio ,
 » Quando outra , menos-ricca , mas airoza
 » Pelo accêrto e primor do lindo talhe ,
 » Orna o Dono , e de applausos rouba a estrêa .
 » Dâr com vòzes valor ao pensamento ,
 » Dâr-lhe còr , dar-lhe vida é o grande estudo ,
 » A gran venída de immortães Authores. (1)

Mais il n'y a que la poésie de style qui fasse la perfection des ouvrages en vers. . . . Ces beautés de détail , ces expressions heureuses qui sont l'ame de la poésie et font le mérite des Homère , des Virgile , des Tasse , des Milton , des Corneille , des Racine , des Boileau , etc. etc. etc.

Voltaire , tome 3 des Melanges de Littérature.

Il leur est démontré (je parle des Philosophes) que les préceptes embellis par l'imagination , la mesure et l'harmonie font effet sur tous les peuples ; ils se souviennent que Cassandre disait la vérité , mais qu'elle cessa de persuader lorsqu'elle fut abandonnée d'Apollon. VOLT.

(1) Ut translatis (*metaphoras*) utamur frequenter , interdumque factis (*palavras novas*) , raro autem etiam *perpetustis* ; in perpetua autem oratione cum et conjunctionis (*palavras compostas*) lenitatem et numerorum quam dixi rationem te-

- » Que não basta dar pasto saõ à mente ,
- » Se não vem adubado de bem gosto :
- » E assim é que a Verdade cála na alma ,
- » Louçan, c'os atavîos da Eloquência ;
- » E assim tambem resvala dos ouvidos ,
- » Se vem secca , ou ensôça , ou mal-trajada .
- » Uma palavra nóva , (1) ou renovada
- » Que com estranho som , mas bem-cadente ,
- » Despérta o ouvido , è saudavel tòque .
- » Que inclinaõ à perguiça , ao desatento
- » Os animos de ouvintes dîstrahidos ,
- » Que a chorda da atenuaçã , por longo tempo
- » Não pôdem ter tam rija que não bambe .
- » Para a atezar de novo o bom Poéta
- » Varia o tom do Canto com figuras ,
- » Com descripções ; ousado já apostropha
- » Homens e Nûmes (2) Quantas vezes , quantas

nuerimus ; tum est quasi *luminibus* distinguenda et *frequentanda* omnis *Oratio sententiarum* atque verborum.

Cicer. lib. 3 de Orator.

(1) *Audendum tamen ; namque ut ait Cicero , etiam quæ primò duræ visæ sunt usu molliuntur.* Quintilian. lib 1. cap. 5.

— Alem de que é necessario dispertar com estes beliscos a atenuaçã do leitor que se enfastia e dorme , por mais bellas cousas que lhe digaõ a fiõ em lingua cazeira e correntia , que nenhuma cõcegas lhe faz no ouvido : *Ut quotidiani et semper eodem modo formati sermonis fastidium levet et nos a vulgari dicendõ genere defendat.* Idem.

(2) Mais il y faut sur-tout un tour et des manières de par-

- » O intrépido poeta arrisca o enleado
- » Hyperbato, que embaça a intelligencia
- » A' prîma vista, mas que apraz, namóra,
- » Quando abre todo o senso? Assim de Horacio (1)
- » E dos Romanos Clássicos polidos
- » Appraziaô transpostos os vocâbulos;
- » E fora riso e escarneo dos ouvintes
- » Dar-lhe Odes de sentido corriqueiro,
- » Fluentes como o usado Padre Nosso. (2)

ler relevés, hardies et métaphoriques; et ces manières sont tellement propres à ce genre d'écrire que sans cela l'arrangement le plus exact des longues et des brèves fait beaucoup moins des vers que de la prose mesurée. — *Le Bossu, Traité du Poëme épique, chap. 5.*

(1) Nunca nos versos latinos desmanchados, que nas escholâs davaõ a arrumar, vinhaõ tam deslocadas as palavras como nestes.

— Me tabula sacer

Votiya paries indicat uvida

Suspendisse potenti

Vestimenta maris Deo. *Lib. 1. Od. 5.*

(2) Verdade è clara que para o Povo uma tonadilha chan e corrente è mais agradavel que uma Aria de Jomelli. Que para o Povo a Ecloga do Mattos, ou o zamzam do Caldas se lhe accomoda melhor com as orelhas, que uma Ode do Diniz. Mas tambem as gentes que naõ saõ Povo, sentem com regalado prazer uma transiçaõ bem modulada na Aria; ouvem com summo agrado metaphora atrevida, mas frizante; e um certo escondrijo transparente no conceito e nas palavras os arrebatã : e se contentaõ de que o Author os

- » Tambem c'um termo sò, quando o Poéta
- » Se aventura ao perigo, e vâi busca-lo
- » A longes sitios, (1) e atrevido o encôsta
- » A nome, que se estranha de o vér junto
- » De si, mas que o ennobrece, e allumia. . . .
- » Tambem digo que tóma alento a lassa
- » Attenção, e agradece ao Vate o gosto
- » Que lhe dà co'a dicção, e louva a industria
- » Com que ornou c'uma flor de mais a lingua:
- » Canóros dispertai co'a novidade ;
- » Beliscai meigamente o seio da alma ;
- » Inventai, renovai, usai translatos, (2)
- » Convidai o appetite, dai-lhe forças,
- » Envidai o saber, obtereis graças
- » De quem bem instruistes, deleitando-o.
- » Nunca espereis que um desses encolhidos,
- » Desses malsins de atrevimentos nobres,
- » Consiga um grito dar, com que a alma acôrde.

não julgou tam nescios que necessitasse por-lhes nûas e como às escancarar as partes da Oraçãõ.

(1) Quæsi decent cultus magis atque colores
Insoliti, nec erit tanto ars deprensa pudori.

(2) Sirva de exemplo esta descripção d'uma tempestade tam elogiada pelos Rhetóricos.

— — — Inhorrescit mare

Tenebræ conduplicantur, noctis et nimum occæcat nigror,
Flamma inter nubes coruscat, cœlum tonitru contremit,
Grando mista imbri largifluo subita præcipitem cadit :

- » Assim vimos por que alto e bem dormiaõ, (1)
- » Bem roncavaõ os hóspedes cansados,
- » Que acalentava a Régia Academia
- » Com derreadas prosas soporíferas. (2) »

*

Estudamos com tanto apuramento
Classicos Gregos, Classicos Latinos;
Linguas, em que a pezar de improbo estudo
Seremos sempre broncos apprendizes;

Undique omnes venti erumpunt, sævi existunt turbines,
Fervit æstu pelagus, etc. etc. — *Pacuv. Fragm.*

(1) *Altum dormiret.* — *Juven. Sat. 1.*

— — — Et vous manquez de goût
Lorsque par l'effet d'un vers plein de génie
Vous mettez en défaut la *bonne compagnie*,
Qui n'y comprend plus rien, et n'y sent plus le tour
Des phrases à la glace en usage à la cour,

Prologue du Philinte de Molière.

(2) Le style ne peut être trop clair quand on se propose d'instruire; mais ne veut-on que plaire? on peut alors procurer à l'esprit l'avantage flatteur d'exercer sa pénétration. L'idée qu'on lui présente acquerra pour lui un nouveau mérite, si, semblable en quelque sorte à la Bergère de Virgile, elle se cache autant qu'il le faut pour qu'on ait le plaisir de la trouver. — *Théorie des Sentimens*, page 23.

Habent tamen illa in dicendo admiratio, ac summa laus
umbram aliquam et *recessum*, quò magis id quod erit illuminatum, exstare atque eminere videatur.

Cicer. lib. 3 de Oratore.

Nem,

Nem, quando bem queimadas as pestanas;
 Myrrhássemos em ler peccos Nolténios,
 Scholiastes decrépitos e escuros,
 Não nos cabe falla-las co'a franqueza
 Dos antigos Romanos; quando muito
 Fallaremos latim, como fallava
 Entre nós, certo Inglez, que muitos annos
 Em Lixboa viveu e me dizia,
 Mui sério — *Mim quér vai a Rata* — Crendo
 Que dava um puxo bom na lingua lusa.

Nós, quando à força de amplos Dictionarios
 De Grammaticas, de áridos Commentos,
 Novos Manucios, Fabros, ou Resendes,
 Greguíssimos Scaligeros da gêmma,
 Gaguejemos latim a Plauto, a Horacio,
 E grego a Homéro, a Pindaro — ririaõ
 Da nossa arrogantissima impotencia;
 E sem nos comp'render, nos deixariaõ
 Latinisar, e greguejar a froxo

Sed auditoribus etiam nonnullis grata hæc, quæ cum intellexerint, acumine suo delectantur, et gaudent non quasi audierint, sed quasi invenerint. — *Quintilian. lib. 2. cap. 2.*

Est etiam in quibusdam turba inanium verborum, qui dum communem loquendi morem reformidant ducti specie nitioris, circumeunt omnia copiosa loquacitate quæ dicere volunt: ipsam deinde illam seriem cum alia simili jungentes miscentesque, ultra quam ullus spiritus durare possit, extendunt. *Quintilian. lib. 8. cap. 2.*

Nas Theses, nos umbratiles Collegios.

Como ? Em cadóz de ingrato esquecimento

Deixar-mos a linguagem, que nos séve

Em tratar os negocios, as usanças,

Desta vida Civil, razões de Estado

C'os nossos Conterraneos, c'os Amigos,

Em dar pasto, co'as Damas, às mais puras,

Mais brandas affeições do animo humano,

Para dar todo o estudo a estranhas linguas !

Fallemos portuguez brando e sonoro

A Portuguezes, que eutender-nos cabe.

E se espertos me arguem os Peraltas

Que as riquezas vocaes, (1) que assim pretendo

Introduzir, empêcem à clareza

Da lingua, e que o vulgar dos Portuguezes

(1) Une langue n'est riche qu'à deux égards ; premièrement, quand elle joint des mots et en forme des composés qui, faisant image, expriment des sentimens moraux et peignent des actions qui seules peuvent nous émouvoir. Elle n'est riche en second lieu que par l'abondance des termes métaphoriques qui rappellent des sensations, offrent des idées composées, lesquelles rendent visibles les objets et leur connexion, et avec peu de mots réveillent plusieurs idées. Il résulte de là que la langue grecque et latine sont plus riches que les langues modernes, quoique toutes deux manquent d'un nombre infini de mots qui appartiennent aux inventions modernes, mais dont elles ne seraient pas dépourvues si les mêmes objets avaient été connus alors.

Journal Littéraire de Berlin, tome 2.

Naõ póde súbito abranger o senso
 Das vozes Clássicas, remótas do uso,
 Das nóvas, das Latinas, das compostas,
 Mui pachorrento, e concho lhes respondo,
 Que as que hoje estaõ em uso foraõ nóvas
 Tam difficeis entam, quanto estas hoje
 De serem do vulgar bem-entendidas.

Quando o Pombal nas leis punha *Apanagio* (1)
 Ninguém soube que enxalmo, ou que encommenda,
 Que bicharôco era *Apanagio*: os mesmos
 Letrados se tomavaõ da tarântula.

Apanagio passou. Hoje é corrente.

Qual foi o Sapateiro, ou Curraleira
 Que pescou o sentido enrevesado
 Em *retractar*, *controverter*, em outras
 Da vez primeira que sahio da bocca
 Do freguêz que lh'a disse? Pouco a pouco
 Explicada, prégada, conversada,
 Conséguio ser palavra corriqueira
 Quem d'antes era enigma avêso, abstruso.

(1) Multa ex Græco formata, ac plurima a Sergio Flacco, quorum dura quædam admodum videntur, ut *Ens* et *Essentia*, quæ cur tantopere aspernentur nihil video, nisi quod iniqui iudices adversus nos sumus, ideoque paupertate sermonis laboramus. . . . Audendum itaque. Neque enim accedo Celso, qui ab Oratore verba fingi vetat. . . . Derivare, flectere, conjungere. . . . quando desiet licere?

Quintil. lib. 8. cap. 3.

Tal é o fado das primeiras vózes.
Estranhaõ — Vaõ entrando — tòmãõ pósse —
Depois ficaõ de assento — e entre nós cazaõ —
Ei-las parentas já de toda a lingua.
Que assim é que um caminho de pé-posto,
Co' andar da gente, passa a ser estrada.

*

Como em limpida fonte, (1) em nossos Mestres
Do século das lettras Lusitanas,
E nas páginas ferteis dos Latinos
Tòmem linguagem pura os bons engenhos,
Que a colhêr palmas de eloquencia Lusa
Inclinaõ seu propòsito e porfia: (2)
Ou já no Fóro, os animos Consultos
Queiraõ mover a compaixaõ piedosa
Do Réo mal-arguído, ou mal-defeço;
Ou, da Verdade na cadeira anceiem

(1) *Cum sint autem verba propria, ficta, translata: propriis dignitatem dat antiquitas. Namque et sanctiorem et magis admirabilem faciunt orationem, quibus non quilibet fuerat usus: eoque ornamento acerrimi iudicii P. Virgilius unice est usus. Olli enim et quianam et mis et pone pellucet et aspergunt illam, quæ etiam in picturis est gratissima, vetustatis inimitabilem arti autoritatem. . . . Quædam tamen adhuc vetera, vetustate ipsa gratius nitent, quædam etiam necessario interim sumuntur.*

Quintilian. lib. 8. cap. 9.

(2) Verso de Camoés. *Cant. 1.*

Soltar as pandas vélas da facundia
Em assumptos moraes , ou já sagrados.

x

Os exemplares puros com nocturna ,
Diurna mão por vós sejaõ versados ,
Por vós , Poétas , que quereis no Pindo
Conquistar os favores das Camenas.
Se desprezâes dos Classicos o estudo
Sereis dos sabios Lusos desprezados.
Oh ! que é desdouro , um Vate alçar as vozes
Promettedoras de altaneiro assumpto
Ante o Povo apinhado , (1) e ser mesquinho
No arrojo , e na affluencia das pinturas ,
Com que anhela estoffar o seu discurso ,
Por falta de eloquentes vivas cores ,
Que sò daõ as palavras preciosas
Cavadas nos bons Mestres , ou tiradas
Do riquissimo erario dos Latinos.

Quando em publico falla , quando escreve
Obras dignas de sôfrega leitura ,
Se inteira o bom Author , cõlhe de plano ,
(E com que dissabor !) o quanto ignora
A lingua em que se deu por abastado ,
Vendo à bolsa , que creu pejada , e himpando
De grosso cabedal de riccas phrases

(1) *Densum humeris bibit aure vulgus,*

HORAT. lib. 2. Od. 13.

De termos nobres, êrmo e exhausto o fundo. (1)

*

Nescio grulha, (2) que em çujo charco mólhas
A lingua com que os Clássicos motejas,
E a quem de suas messes faz ganancia,
Convêm comigo, se és sincêro e franco,

(1) Apostemos que os amabilíssimos e pacientíssimos Leitores comêçaõ já a enfastiar-se da longura deste Carta? — Tambem eu. — Façaõ o que eu faço agora, que a estou escrevendo. — Deixem-na, como eu a deixo. — Adeos, Carta, até nova apoiadura.

Dêmos-lhe outra gaitada. — Creio que ainda no mundo hà boas almas, a quem agrada o serem prestadias. Se essas boas almas por reparar os defeitos do meu desmazêto, e do despêgo com que trato versos meus, tomassem a seu cuidado podarem este aranzel, seguro-lhe que por mãis fundo que seja o cõrte, naõ terà de me dôer. — Entre tantos curiosos que sò folgaõ de lêr poémas curtinhos dos nòs, porque naõ haverà um que empequenite esta almanjarra Poética? Oh quanto eu lho agradecera! — Dir-me haõ — E porque o naõ fazes tu? — Porquê? porquê? — Porque quazi para tudo o que é trabalho me teve sempre as mãs atadas a Perguiça.

(2) Veggio che Idra rabbiosa

Nemica del Parnaso arma furori;

Ella infettar vorrebbe edre ed allori,

Ma non può, ma non osa;

Stiasi negli antri inferni orridi ed atri

La forsennata; ivi bestemmi e latri.

Chiabrera.

Que nunca dêste inteira à voz, e à penna,
(Qual te luzio na mente) a idéia tua,
Por charro, ou por mendigo de palavras,
Que dão côr, e dão alma ao pensamento. (1)

Olha o Garçaõ, quam ricco na pintura
Da infeliz Dido, (2) as côres assinalla,
Quando perecedora, entrégue a Clotho,
« *Com a convulsa mãsúbito arranca*
» *A lâmina fulgente da bainha,*
» *E sobre o duro ferro penetrante*
» *Arrôja o tenro cristallino peito :*
» *Em borbotoês de escúma murmurando,*
» *O quente sangue da ferida salta :*
» *De roxas espadanas rociadas*
» *Trémem da salla as Dòricas columnas. »*

Naõ há têrmo, que naõ traslade ao vivo,
No sp'rito do Leitor o fiél quadro
Que o Garçaõ debuxou na clara idéia. (3)

(1) Et pourquoi tout cela? Pour complaire à des sots,
Dont la langue n'admet que deux ou trois cents mots,
Hors desquels ne sort pas leur hautaine ignorance.
Un mince cailletage est leur noble science.

Prologue du Philinte de Molière.

(1) Cantata de Dido, no Entremez da Assembléa.

Obras poeticas de P. A. Garçaõ.

(3) Eloqui enim hoc est, omnia quæ mente conceperis
promere, atque ad audientes perferre, sine quo supervacua sunt
priora, et similia gladio condito, atque intra vaginam suam hæ-

Sim : que Estudo, e Razaõ lhe persuadirãõ
Que ao Vate acceito a Apolo, acceito às Musas
Cabe espertar no ouvinte imagens vivas (1)
Com valente pincél, accêsas côres,
Arrojado nos rasgos, lumes, sombras
E ardente como esse Estro, que o inflamma.
Quam custoso lhe fora! — Quam negado
O arrojado no desenho, o vivo em côres
Que os sentidos movendo cãlaõ na alma,
Se colhida nos campos da leitura
Tam copiosa seãra naõ tivêra!

*

Inda te dou; que possas, como o Vulgo
Fallar Corrêcto às vezes. Naõ te basta (2)
Trivial locuçãõ, para subires
O primeiro degrãõ do Templo que honra
O Mérito eloquente. Evitar êrros
È erguer-se apenas do plebeio lôdo: (3)

renti. Hoc itaque maxime docetur : hoc nullus nisi arte assequi potest : huc studium adhibendum ; hoc exercitatio petit, hoc imitatio : hic omnis ætas consumitur : hoc maxime Orator Oratore præstantior : hoc genera ipsa dicendi alia, aliis potiora. — *Quintilian. lib. 8. in proæmis.*

(1) Et vivas hinc ducere voces. — HORAT. *de Art.*

(2) — — — Vitavi denique culpam,
Non laudem merui. — *Id. ibid.*

(3) La Poésie n'est pas moins occupée de choisir ses expressions que ses pensées. Elle veut qu'outre la propriété et la justesse, qui sont plutôt un défaut évité qu'une beauté ac-

Longe estàs de ganhar subido premio,
Que pende para quem com louçania,
C'ò dom de aurea dicção dà garbo às fallas,
Varia, estrêma a phrase mais venusta, (1)
Com que dóte de splêndida riqueza
De seu discurso a intrépida structura.
Que é soberbo Palacio um bom Poema, (2)
Cuja Fachada, Camarins, e Sallas
Com regia pompa ser ornados pédem.
O ouro e o matiz das sêdas e pinturas,
Dos cóffres mais recônditos da lingua
Os tira à luz o pròvido Poéta. (3)

quise, il yait dans son discours un certain nombre de mots qui frappent et qui piquent l'attention de l'auditeur. Elle en emprunte des langues anciennes; elle en fait revivre de surannées, qu'on voit renaître avec plaisir en faveur de leur énergie; il y en a qu'elle transporte du genre à l'espèce, de l'espèce au genre; autrefois elle profite d'une ressemblance équivoque pour user ou même abuser d'un mot; elle préfère sur-tout les expressions pittoresques qui font image, et qui rendent l'expression sensible; elle multiplie les épithètes, et les assortit quelquefois d'une façon bizarre: en un mot elle s'attache à tout ce qui est extraordinaire, soit par la richesse, par la force, ou parce qu'il est nouveau.

Batteux, Cours de Belles-Lettres, tome 1.

(1) Par une image neuve, un mot audacieux

De la langue étonnée agrandir le génie,

Et peindre la Nature en vers majestueux. LE GOUVÉ.

(2) Pindar. *Olympic*. 6.

(3) Na segunda Epistola do segundo livro applica Horacio

Vocábulos, effigies dos objectos,
 Que Camoës, que Vieyra memoraraõ ;
 Que infôrme pó còbre hoje. Se erudita
 Maõ lh'o sacode, e as cans remôça activo,
 Com lingua ricca aditarà a Elysia. (1)

x

Quando orphaõ de bons Clássicos o Idiõma
 Se vio ao desamparo, ao desalinho
 D'um tropél de ignorantes, todo o ricco
 Custoso cabedal, que tinha herdado,
 Da ancia, do estudo de escriptores sabios,
 Se esvaio pelas maõs de ruins Tutores.
 Um fastioso de *apoz*, desfez-se delle
 Este espancou *quicà*, ess'outro *asinha*;
 E assim dos mãis. Foi roupa de Francezes.
 Os termos mãis enérgicos, mais curtos,
 Os mãis sonóros, por melindre, ou birra,
 Foraõ longe da lingua degredados ;
 E outros foraõ perdidos, por desleixo.

aos Romanos, o que, mudados os nomes, fora bem que a
 si o applicassem os nossos scriptores modernos; que se
 achariaõ bem com esses conselhos, e a lingua ainda melhor
 com a abastança, que, de os elles seguirem, lhes viéra.

(1) Tu vero, inquam, Varro, benemerituras mihi videris
 de tuis Civibus, si eos non modo copia rerum auxeris, ut
 effecisti, sed etiam verborum. Audebimus ergo, inquit, no-
 vis verbis uti, te auctore, si necesse erit.

Cicer. lib. 1. Acadewicor.

E nós de avítos bens herdeiros lídimos,
N'um patrimonio entrámos defrañado
D'ouro, padroões, alfayas, nû e crû.

Vistes vós n'uma Caza, onde morreraõ
Pæ e Maë, e mui ricos, mas sem dono,
Ficaõ muitos filhinhos? — Um coméça
A descompôr gavêtas, a abrir cóffres,
D'um lenço de cambrâias faz zorrâgue,
Cavalga outro em bengala castaõ-de ouro,
Este um dedâl de prata, aquelle um diche
De subido valor, pela janélla,
Brincando, ou descuidado, deita à rua,
Rodaõ broches e annéis pelo sobrado,
(Preço de muitas lidas!) — sóbem logo
Enxâmes de rapazes con-vizinhos
Barulheiros, daninhos, ou milhafres,
Que bólem, québraõ, vasaõ, pilhaõ, levaõ
Ouro, diamantes, louça, doces, fructa,
E uma herança atéllî graûda e ricca
Para em mesquinha, misera pobreza.
Tal da lingua os thezouros se escoaraõ
Em poder de crianças litterarias,
De personagens nescias, ou perluxas. (1)

Vede em tal disbarato, em tal desleixo,
Que valente Orador, Vate atreyido

(1) Estes dous versos tem variantes que se não imprimem,
porque nem todas as verdades se dizem. — Nota do Editor.

Póde fallar conciso , ser ornado ,
Ser altiloquo , ou térno , se lhe faltaõ
Cabedães com que abaste , com que enfeite ,
D'onde tire a prazer , a expressãõ curta (1)
Que encrava mais profunda na alma a ideia ;
E não meandros de torcidos trópos ,
Que resvalaõ do ouvido , e da memoria ,
Antes que o fio da vindoura phraze
Se àte c'o fio bambo da já-lida.

x

Remontar ao sublime hà sido sempre
O perpétuo lidar , o fito-nóbre
Dos que as óbras meditaõ , que os vindouros
Desempõem com fructo e com agrado :
E o *sublime* quér grande e nova ideia ,

(1) Est brevitare opus , ut currat sententia , neu se
Impediat verbis lassas onerantibus aureis.

HORAT. *lib. 1. Satyr. 10.*

Deste preceito de Horacio não fizeraõ cazo algum , os que
compozeraõ grossissimos volumaços , com que generaõ as
prensas , e ainda hoje gémem as estantes. A maior parte dos
ajoujadores tomos de certas Academias são como os pannos
de palha que com desmesurado ôcco recheio não tem succo ,
e apenas daõ às bestas com que esgravatar os dentes. Entraraõ
em certas litterarias régias sociedades duas castas de homens ,
que ou não sabem , ou não cuidaõ em dar cousa util que se
leia. Onde vistes vós Méchos , nem Ladroés gostarem da
luz do dia ?

Curta, e que muito senso apérte em summa. (1)
 Que se inépto, por falta de baixélla,
 Lanças em vasto desbordado vaso
 A pura activa essencia concentrada,
 O concebido spirito sublime
 Na vasteza chocalha, e se derrama;
 Perde o cheiro, o vigor, e mes-cabado
 Na turba das surrâpas se deshonna.
 Tu mórmente, oh Poéta, a quem no encaixe
 Do verso, (2) estreito emprego e estoffa cabe;
 Se em palavras transbórdas, vâs por fôra
 Da marca abalisada, e dâs c'o verso,
 Desatento, a travez: e desde o intróito
 Enójas, e os onvintes adormentas.
 Se mui parco na ensancha das palavras,
 Se ousas toccar as rayas do *sublime*,
 E dos ouvidos despota, se queres
 Té-los captivos a teus dignos vérsos:
 Mas para parco ser thesouro ajunta;
 Que sem muita liçaõ serâs verboso.

(1) C'est à l'élégance et à la précision à mettre le *sublime* dans tout son jour. C'est même quelquefois la briéveté qui fait la plus grande force des traits qui passent pour merveilleux, et il ne faut au contraire qu'un mot superflu pour énerver la pensée la plus vive, et la dégrader du sublime.

La M. Houd. Discours sur la Poésie.

(2) La sentence (dit Montagne) pressée aux pieds nombreux de la Poésie élance mon âme de la plus vive secousse.

Quanto mais ferramenta tem o Mestre
Mais fáceis, mais subtis prefaz as obras :
Quanto mais panno tem, mais poupa o córte,
Menos monte alardeia de retalhos
A afreguezada, espérta Costureira.
Na Caza em que a despença recheada
Acóde à meza com sobejo alarde,
Banquêtes, com que o Pobre se arruina,
O Ricco os dà frequente a pouco custo.

*

Se querêmos achar abértas veyas
Do custoso metal que as fallas doura,
Visitemos as minas encetadas
Pelos nossos antigos Escriptores,
No Lacio e Achaia, que inda nos convidaõ
C'o largo abérto seyo a ser riccassos.
E se a ruin Perguiça vos atalha
Mover o passo a longes territorios,
Tendes em Caza, e a vossas mãos disposto
O producto das minas já cavado
Limpo de fezes, chrysolado, e puro
Nos Payvas, nos Lucenas, Brittos, Barros.

Entre abóbadas longas intricadas,
Labyrinthos reconcavos, e escusos
De conceitos agúdos predicaveis,
De bastardo saber, de engenho vésgo,
Há por cantos escuros, por desvíos
De sermoês requintados do Vieyra

Desprezados terroës de ouro encubérto,
Que enriquecer mil pàginas podéraõ
Por artífices maõs melhor-lavrados.

Tem Lucena Capitulos (1) tam cheios
De lusa preciosissima abastança,
Em phraze e termos escolhida e nobre...

Em seu fluido stylo vai Bernardes
Serpeando manso e manso, até que mana
Dos ouvidos, nas íntimas entranhas,
Qual vai claro ribeiro cristallino
Debruçando-se puro e saudoso (2)
Debaixo de inquiétas avélleiras,
Por entre hervosos valles sempre-verdes;
Té que ao largo se estende em liza meza (3)

(1) Vejaõ os Capitulos em que falla do combate dos Achens, dos costumes dos Chins, da describeaõ das Ilhas Malucas, etc. etc.

(2) Talvez me criticarãõ tantos epithetos. Disgraçados tempos! Quanto mais ignorantes hà, mais lavraõ as críticas. Sem me-valer do *informe ingens*, etc. de Virgilio, e outros muitos exemplos tirados dos Poétas, que eu bem podéra allegar, citarei sômente um prosador que aqui tenho mais à maõ, e seja Fr. Luiz de Souza. — *Viéra à Villaõ uns estrangeiros trazião consigo um Urso grande e corpulento, feio e feroz, mas tam domesticado*, etc. Vida de D. Fr. Barth. — Permittireis vòs a um historiador mais opulencia de epithetos, do que a um Poeta? Como sois parvos!

(3) Chama Camoës mezas aos remansos de agua, que os ribeiros fazem quando se estendem sobre dilatados leitos,

Espêlho , e às vezes banho das serranas.

De Barros que direi ? que os Estrangeiros
Não digaõ mais do que eu ? que delle fallaõ
Com mór respeito , que fallar usamos.

Ferreira , Britto , Souza , Arrães , e Pinto
Só lhes faltou nascer em terra estranha
Para altamente serem conhecidos ,
E encõmmendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvêra ser , Cartilha de ouro
Para a pura dicção da lingua Lusa ,
O mui-disérto Freire , ultima c'roa
Das nossas litterarias conquistas ;
Fiel historiador , sempre eloquente ,
Sempre Plinio , (1) e mil vezes com ventagens.
Quanto não ganharia a Patria honrada ,
Não ganharia a lingua Portugueza ,
E os egrégios Heróes , se cada Cesar ,
Cada Fabricio , Régulo , ou Camillo ,
Que deu a Lusa Terra , conseguisse
Um Freire que lhes desse alto renome
Por obras , por virtudes conquistado ?

Tem senoës ! — E que Author è delles limpo ?
Não dormitou Homéro ? (2) O bom Virgilio

onde a água perdendo força de corrente parece alli parada , e
de limpa e transparente assemelha uma meza de cristal.

(1) Penegyric. Trajan.

(1) Tu nihil in magno doctus reprendis Homero ?

Indignado das máculas da Eneida,
Naõ mandava de novo queimar Troya? (1) —
Se às Musas naõ vedara o pio Augusto
O eterno pranto, e a Apóllo as saudades?
Pollião naõ imputa à Maravilha (2)
Que iaõ, alem de Roma, curiosas
As gentes vêr, defeito Patavino? (3)
Mas muito hà que sobejo sério fallo,
E o sério me naõ quadra, e quadra menos
Ao men assumpto, e aos càros meus Leitores.

Dêmos que ressuscite (o que hoje è facil) (4)
Vieyra, e ouça fallar cêrtos Peraltas,
Pregoeiros de a francesada lingua.
Parêce-me que o vejo franzir beiços,
Encrespar o nariz, perguntar logo:
Vieyr.) Quem vos torceu as fállas à franceza,
Meus pardões novos de amaréllo bico?
Peralt.) Lemos livros de fita, e è nesses livros

(1) — — — Ergo ibit in ignes,

Magnaque doctiloqui morietur musa Maronis?

(2) Tito Livio.

(3) Patavinaitatem quandam. — *Quintilian.*

(4) Já hà muito que Cagliostro dando a jantar aos grandes da Côte, segundo os convidados que elles lhe pediaõ, vinhaõ mortos, vinhaõ vivos sentarem-se com elles à meza, jantava Henrique IV com Voltaire, e com Ninon l'Enclos, etc. etc. etc. Hoje se repete n'um dos passeios mais frequentados de Paris a mesma resurreiçaõ. Cada um que paga vê a cara, ou caras das pessoas que dezeja ver.

Vieyr.) E quem trouxe essa móda, meus meninos?

Peralt.) Elle è, pois que *exigís*, que com *justeza*

Rapporte o *renomado Chefe*, è esse o

Traductor do Telemaco capado,

De sermoës Vicentinos precedido,

Avancorrores desta nova schola.

« Vou-me là » (diz Vieyra) — Ey-lo que bate

A' porta do Ribeiro, e péde novas

Desta nova eloquencia Gallo-Lusa.

Vieyr.) Quem préga cá melhór? quem faz bons versos?

Ribeiro.) Eloquencia, Monsieur, tem alto *rango*;

È o *affaire* do dia, os meus *Elèves*

Bellos espiritos, chefes do bom gosto,

Tem dado à linguagem taés *nuaças*,

Que nunca em *gólpe de ólho remarcarão*

Os antigos na *affròsa* obscuridade.

Vieyr.) Pàre, pàre, senhor, c'o sarrabulho

Dessa phraze frânduna. Eu fui a França,

Nunca là me atolei nesses lameiros,

Nunca enroupei a lingua Portugueza

Com trapos multícores, gandayados

Nessa feira da Ladra. Os meus Latinos

Me déraõ sempre o precioso traje

Com que afformosentei a Lusa falla.

Com Deos fique, senhor. Tal gíria esconça

De ensôço mixtiforio burdalengo

Sò médra co' esses tólos, que se enfronhaõ

Em lingua estranha, sem saber a sua.

E daõ co' essa mistura a vera effigie
Do apupado ridiculo enxacõco.

*

Eis vejo 'ao longe as duas largas portas,
Por onde a corrupçaõ entrou lavrando
No corpo da linguagem Portugueza,
E lhe estragou a compleiçaõ sadia.
Uma lh'a abriu Philippe de Castella,
Hypócrita tyranno, e naõ prudente,
Quando o Reino naõ-seu, quando as conquistas
Com sangue Portuguez tam rubricadas, (1)
Mais com ouro usurpou, que com trabucos.
Elle os peitos torceu telli altivos;
E a Lisonja, que encosta brandamente
A dextra à cerviz dura, a foi curvando,
Té que inteira a abaixou ante o Tyranno.
Medrou logo o dezejo de agradar-lhe,
Que fez bejar-lhe o sceptro, e a maõ de ferro,
Que mui pezadamente a carregava.
Nos ânímos soprou alento frouxo,
Banhou os beiços (2) de fagueiras fallas

(1) Diz Barros (naõ posso apontar onde, porque naõ tenho livros) que apenas se achará por toda a cõsta d'Africa que corremos, ponta, ou rochedo, que os Portuguezes naõ tingissem com o seu sangue.

(2) Sei eu bem, que delambidos hà hî presados de-bem-fallantes, que me tacharáõ de grosseiro, e me dirãõ que *labies*

E as pennas embebeu na Hispana tinta ,
 Tanto ao fundo , que as pennas esquecerãõ
 Do seu idioma Luso a cõr nativa ;
 Para affagar com phrazes mendigadas
 As orelhas (1) dos duros vencedores.

Que longe iaõ correndo do Ferreira
 (Bom Ferreira da nossa lingua amigo !)
 Esses filhos ingratos , que deixavaõ
 A mui-caravel Mãe , que de seu leite
 Nunca lhes consentio têrem seccura ,

é mais Académico. Outros me diriaõ, se eu possesse *labios*, que *labios* saõ de feridas e de chagas. Quem se pôde entender com tâes freguezes ? Dir-lhes-hei o que me vem agora ao pensamento. Quem tem dous pares de sapatos , calça hoje uns , amanha outros : e quem naõ tem senaõ um que metta a cõtio , cedo o estraga , e senaõ compra outro par , anda descalço. O modo mais guapo de empobrecer a lingua é espinica-la muito. Vejaõ a fabula das duas femeas (uma vèlha e outra môça) que por assemelhar cada uma a si o amante nos cabellos , a vèlha lhe arrancava os pretos , e a môça os brancos , e por fim o deixaraõ calvo.

(1) Um Padre muito douto da Censoria riscou no manuscrito do Telemaco traduzido por Manoel de Souza a palavra — *Orêlhas* — como baixa e deshonorada : mas o Capitãõ que sabia mais Portuguez que todo o tribunal , lhe perguntou : — Que é o que S. Pedro cortou a Malcho em certa noite de agarraçaõ ? — E o meu Censorio ficou como um patinho. A orelha (lhe retrucou o Souza) é membro e sofre cõrte ; e o ouvido é sentido , que naõ hà hí facalhaõ de frade que o decépe.

Para ir buscar em braços de Madrasta
Sustento e affagos que élla dava esquivos!
Fastiosos na opulencia requestavaõ
Paõ de esmòla a soberbos estrangeiros,
Que escassos, com desdem, ao chaõ lh'a deitaõ!
Se éra util, se éra grato o que escreviaõ,
Quem os mal-conselhou que desherdassem
Do rendoso aprazivel patrimonio
A patria natural, o meigo idioma
Que abundante, e grandioso, e brando, e féro
Entendidos Mayores lhe apprestaraõ?
Que antemaõ obsequente, officioso
Lhes moldara nos labios (1) infantís
As prineiras palavras carinhosas,
Com que, do bérço, os Maternaes semblantes
Soubéaraõ borrfifar de almo sorriso;
Por ir (oh ingraticidaõ! oh esquivança!) (2)
Estragar, com maõ prodiga, thesouros
Em desdenhosas terras forasteiras.
Oh desdouros da Patria! oh inimigos

(1) Aqui vaõ *labios* como na outra foraõ *beigos*.

(2) Mas el que fuere planta noble, ave real, ingenio peregrino, no solo deve occuparse en illustrar con algunos escritos el habla natural, sino que le toca con todo rigor llenarla, y enriquezerala incessablemente de joyas, ornamentos, policias y elegancias, osando abrir a los que le succedieren los caminos mas difficiles.—D. Cristoval Suares de Figueroa, nel Passagero.

Da lingua em que nascesteis, vos criasteis,
 Da lingua a quem deveis todos os lucros
 Do saber, do talento, e engenho vosso !
 E esquecé-la podesteis ? despreza-la ?
 Negar-lhe o fôro dos caudães estudos ?
 Quem sabe se esse immérito descuido
 Dos bons, que afformosaraõ vosso idioma,
 Se esse cultivo de estrangeira phrase
 Naõ foi a lança mais aguda e fôrte
 Que lhe abriu as feridas mais profundas ?
 Talvez, se naõ cessasseis de alinha-la,
 De a alimentar com vosso estudo e lida,
 Seria inda hõje aquella, que com tanto
 Brado se fez no mundo honrada e altiva (1).

*

Outro infortunio prolongou funesto
 Nas Lusitanas lettras, o prolixo
 Marte, que supportámos corajosos
 Em nossos braços, por manter no Augusto
 Solio o recém-subido Soberano
 Contra as rapaces mãos usurpadoras,
 Que, annos sessenta, nas espâduas curvas
 Do ferreo scéptro o conto nos calcaraõ.

O alvoroto, e o tumulto, que comsigo

(1) Sinto a cada passo quanto este arrazoado é longo; mas disculpem-me; que foi tam violenta a destemperança metricante, e tam aturada a cólica da imaginação, que naõ havia ahi pannos quentes que a mitigassem.

Trazem bronzeos canhoës, roucas bombardas
 Mal convêm e' o remanso de Minerva,
 Co'a amena calma das pousadas Musas.
 Os que Apòllo influio, por Marte o deixaõ,
 Depõem os livros, os broquéis abraçaõ ;
 E em lugar dos accentos numerosos,
 Com que ínclytas ideias se revéstem,
 Sò tem o agudo ouvir abérto *à l'arma* ,
 Sò tem do irado olhâr cravado o lume
 Na ardente bàlla ; ou carniceira brécha.

*

Quem não vê pois, que em quadras tam esquivas ,
 A Lyra emmudeceu, parou a pluma ,
 Emmagreceu a lingua, que se nutre
 De Ocio de Vates , de Ocio de Oradores ,
 Que alti-loquos resoã ? No sanctuario
 Das Lettras puro, e até entam guardado ,
 (Nessa hora de atalayas desprovido)
 Pelas portas lhe entrou mal-agourada
 A Ignorancia ladeada da catérva
 Dos erros, das malélicas doutrinas.
 As mãos se déraõ sempre pelo mundo
 Esses dous feios brutos tragadores
 Do Engenho, e do primor das boas Artes.
 Vêde a Grecia, soberbo monumento
 Da arrojada solérte (1) humanidade ,

(1) *Solers nunc hominem ponere, nunc Deum.*

Milagres da arte , a cada passo erguendo
Ante os olhos attentos do Universo ;
Profundos meditando , disferindo
Modélos do saber Sublime e nóbre ,
Tam eloquente , quam limado e terso ;
Hoje esquecida Grécia , hoje ignorante ,
Hoje bruta , de bruto dono escrava.

Tu podéste , Ignorancia mal-querente ,
De torpes Dogmas sempre bem provida ,
Destruir as seáras das sciencias
Com tal suor plantadas e floridas.

*

Assim foi descuidada , e embrutecida
A nossa lingua illustre. Os Portuguezes
Co' a pertinaz tormenta desgarrados
Da bem-assinallada antiga esteira ,
Perderaõ o bom tino ao saber puro ,
Que em éras de Canões , éras de Barros
Grangeado tinhaõ nos Lyceos da Europa. (I)

(1) O modo de aperfeiçoar a lingua Materna é enxertando nella o precioso das outras. Temos o exemplo antigo da lingua Romana , que se fez abastada co' as riquezas que tirou da Grega ; e desta conta Xenophonte que d'entre os proveitos , e ventagens que da força maritima tiravaõ os Athenienses , era um , e grande , o de ouvirem fallar toda a casta de linguas , e tomarem desta uma phraze , daquella um termo enérgico , etc. etc. de sorte , que em quanto o restante dos Gregos conservaraõ o seu peculiar idioma os Athenienses , do que mais apurado viraõ entre Gregos e entre

Nos

Nós hoje , se prezâmos levantar-nos
 Ao grão de gloria a que eramos subidos,
 Trilheimos senda que ampla nos abriará
 Nossos Mayòres no apurar do Engenho.
 Elles da Grega lingua , e da Latina (1)
 Tomaraõ cabedães , com que adornaraõ
 De garbo e de melindre a Lusa falla,
 Lusa escripta. (Brazaõ dessa era augusta,
 Que nos deu nome em toda a redondeza,
 E o brado inda resôa !) A Lusa falla,
 Que hoje é môfa e baldaõ de Peralvilhos,
 Que ensôços passaõ por estranhas linguas (2).
 Minguados na Matérna a quem desdenhaõ,
 Por que inda aptos naõ saõ para inveja-la.

barbaros, compozeraõ uma lingua farta e suave pela acertada mistura. E ora se a lingua Grega, a mais bella das linguas Européas , a mais louvada dos Romanos , senhores do mundo, se enriquecia com o trato e commercio de outras ; quanta riqueza naõ requer que a lingua Lusa tire da Grega e da Latina , e ainda de outras, assinalando-as com o seu cunho , e dando-lhes Carta e Provisão de naturalizadas ?

(2) Sendo pois a lingua Portugueza , na origem Latina , reformada muitas vezes , e ampliada de vocabulos latinos de que careciamos , por a corrupção que os Godos nella fizeram , sem nenhum pejo , e com muita honra nossa , nos devemos aproveitar della , como filhos , que dos bens paternos se ajudaõ. — Duarte Nunes de Leão , na sua Descripção da Portugal.

(1) *Vid.* Prologo da Vida de D. João de Castro.

Ridiculos (1) que tentão pôr eschòla
 D'uma lingua meiada (2) de hervilhaca
 Mal colhida em mão signo, chôcha e môcha,
 Que trêva na garganta do Criterio!
 Fogem da lingua san, chamaõ-lhe antiga;
 (Antigo é o comer, e todos o usaõ!)
 E vaõ dar de malhaõ n'um néologismo
 Sem sabor, mal fundado, e mal acceito. (3)

*

Protêsto que, mal-grado, sou prolixo;
 Que me enfadaõ tam longos razoados
 Sobre assumpto tam fraco e tam miúdo:
 Mas a tanto chegou nossa pobreza,
 Pelo descuido de uns, bruteza de outros,
 Que não sentimos sò mingua. — Penuria --
 De Autores, que das Artes, das Sciencias
 Nos abraõ o riquissimo sacrario;
 Se não que disputamos Escholares
 Sobre a escolha de vózes. Oh miséria
 Do engenho! Oh torpe negligencia
 Dos homens; a quem cãbe o alto dominio

(1). — — — Laqueo tenet ambitiosi
 Consuetudo mali, tenet insanabile multos.
 Scribendi cacoëthes, et ægro in corde senescit.

JUVÉNAL. *Satyr* 7.

(2) Can. o. s. Carta. I.

(3) Dum vitant stulti vitia, in contraria currunt.

HORAT. *lib.* 1. *Satyr.* 2.

No reino das palavras eloquentes !
 Vates sublimes, nobres Oradores,
 Dai rios perennâes de alta loquela ;
 Enlevâi, persuadi, dai pasmo e assombro ;
 Trôem na altiva bocca os sons ousados ;
 Ou melliflua mane a melodia
 Do Canto, que enfeitiça o entendimento ;
 Ponde sòmente o fito na energia
 Das côres com que dàes luz ao conceito ;
 Que essas côres ja nôvas, ora antigas
 Abastarão a lingua. E esses que ouvem,
 Esses que têm o arrojo das palavras,
 Encantados do altivo das ideias,
 Dos accesos matizes da pintura,
 Não irão indagar se vem de Barros,
 Se de Horacio, de Cícero, ou Vieyra,
 A voz que lhes deu na alma o nobre abalo.
 Perde-se a côr de Chumbo, a de Junquillo
 Quando o pincél as mészcla na palhêta ;
 E sò no quadro avulta a similhança
 Que illude e representa o vivo objecto
 Que a Natureza amostra, e que a Arte esconde.

*

E vòs ainda disputaés ferrenhos
 Se havemos de fallar como Peraltas ;
 Se *affroso*, *rango*, *populacea*, *egidio*
 Dêvem ter entre nós assento e pòsse,
 Ou se havemos de pôr em extermínio

Quiçà, mão-grado, asinha, outrora, avante!
Eis-nos pois deparados neste ensejo,
Como esses Aldeões, que ainda esquivos
De possuir herdades, nem courélas,
Que com Baccho, e com Céres lhes acudaõ,
Altercassem vermêlhos e afinados
Sobre o gume de foices e podôas.
Tanto devêmos a rançosos Bonzos,
A Académicos Naires campanudos,
A mulheres perluxas sabichonas,
A bezuntados fátuos francesistas !

*

Loucos que o tempo espediçães sem fructo,
Em descompor da lingua o môlde e a graça;
Cançai-vos antes em lavrar os campos
Da Classica abastança, achareis barras
De ouro mais puro e ricco, que esse còbre
Que baixos gandayães em çujos regos.

Parvos ! que enxovalhando com posturas (1)
O formoso caraõ da pàtria lingua ;

(1) Atque eo citius in Oratoris aut Poetæ concinnis ac fucis offenditur, quod sensus in nimia voluptate, natura, non mente satiantur: in scriptis et in dictis, non aurium solum, sed animi iudicio etiam magis infucata vitia noscuntur.

Cicer. 3. de Orator.

Sendo a nossa lingua de bom metal lhe mesclaraõ tanta liga, que perde muito de seus quilates.

Corte na Aldêa. Dial. 9.

(Formoso, inda que antigo, qual a Venus
De Médicis, antiga, e sempre bella)
Cuidâes, que haõ remoça-la esses rebiques?
Co'a demaõ que lhe dàes mui presumidos
Lhe estragâes as feições ;--Tiráes-lhe a grave
Magestade, — e naõ sei que brando termo,
Que inda em annos crescidos bem parece.
De mim confêssõ, que em a vêr garrida
C'os bezuntos, co'as soltas maravalhas,
Com que dessemelhâes seu nõbre vulto,
De rizo estouro (1), ou desadõro de ira.

*

Chasqueêmos um pouco, Amigo B...
De cêrtos doutoraços puritanos,
Que em versos de altas Odes, em Poemas
Se enfastiaõ de achar vozes compõstas
Abonadas por Tullio, (2) e por Horacio. (3)
Naõ saõ dignos que os zombem, que os apupem?
Que enfeite e gâla naõ recebe a lingua,
Quando saõ por maõ sabia collocadas
Compõstas, que nos fõrraõ largas prosas! (4)

(1) Tunc veniunt risus.

OVID.

(2) Cicer. de Orator.

(3) Horat. de Arte. Egregie dixeris, etc. etc.

(4) Cette *composition* servait à abrèger et à faciliter la magnificence dans les vers.

FÉNELON, *Lettre sur l'Eloquence.*

Os escriptores, que dizem pouco em muito folgaõ de cir-

E que daõ novidade, e daõ deleite
 A quem lhes sabe dar o preço e estima !
 Tãm pêcco é o Camões, quando descreve
 Do *stellifero polo* os moradores,
 E a *belligera* gente ! E' despiciendo
 O Garçaõ, o Diniz, quando com duas
 Já conhecidas vozes compoem uma,
 Imitando o Camões, e antigos Vates !
 Que bem pintou Alfeno, Alumno d'estes,
 O carro, que briosos vaõ tirando
 Os *auri-verdes*, *bi-pedes* cavallos !

x

Iêde (1) (que é tempo !) os Classicos honrados
 Herdai seus bens, herdai essas conquistas,
 Que em Reinos dos Romanos, e dos Grégos
 Com indefesso estudo conseguiraõ ;

cumlocuções. Eu que sou perguiçoso de escrever, quizera
 (se coubesse no meu fraco talento) que cada palavra encer-
 rasse um periodo. Assim quanta mais escriptura forrar pôsso,
 mais maõ lanço de termos comprehensivos de ampla signifi-
 cação; modernos, antigos, latinos, estrangeiros, tudo entra
 no sacco, tudo me faz conta, fògo que sejaõ curtos, expres-
 sivos e sonòros. Os que naõ forem desse gosto, là tem os gor-
 dos volumaços de Damiaõ Antonio, onde nadem em mares
 de palavrório, com vagas sesquipedães.

(1) — — — Cui lecta potenter erit res
 Nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo.

HORAT. de Art.

Vereis entam que garbo, que facundia
Orna o verso gentil, quando sem elles
É delambido e pécco o pobre verso. (1)
Lêde; que é gran cegueira esse descuido,
(Antes bruteza !) Mal se ganha o premio
Do alto saber, sem improba fadiga. (2)
O meditado estudo aço é, que rijo
Fére do nosso engenho a aguda escarpa; (3)
E os pensamentos de subtil arrojô
Faíscas são brilhantes, que resaltaõ
Do batido fuzil apporfiado.
Se usamos escrever, destas centelhas
Ordenadas com pròvido artificio,

(1) Similiter illa translucida et versicolor quorundam elocutio res ipsas effeminat quæ eorum habitu vestiuntur. Curam ego verborum, rerum volo esse sollicitudinem.

QUINTILIAN. *lib. 8. in præmio.*

Nec magis curant, quid poscat oratio, ut naturali pulcritudine exsurgat, castitate niteat, succi et sanguinis plena sit, habeatque vim et suavitatem specie nobilissimæ libertatis ad exemplum veterum corpus orationis accurate adornare, habituque eleganti convestire.

WALCHII, *hist. critic. in præfat.*

(2) — — — Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.

HORAT. *lib. Satyr. 9.*

(3) Non enim solum acuenda nobis, neque procedenda lingua est, sed onerandum, complendumque pectus maximarum rerum et plurimarum suavitate, copia, varietate.

Cicer. 3 de Orator.

Se compoem formosissimo luzeiro ,
Ou astro , que nos rudes òlhos fêre
Do vulgo , e que a prudentes muito agrada.

Como pois esperâes compôr luzeiros ,
Se os bons não estudâes , se da memoria
Os còffres não proveis com abastadas
Joyas , que os livros bons doar sòs pòdem!

Elles daõ co'a louçan' valente phraze
Preço à sentença abérta e pura ,
E ao subtil quadro da ficção ditosa
Daõ a còr , daõ a luz com que realça.

O verdadeiro tòque , que arduo abona
A força , a veyã do Escripitor prestante
É quando entòrna (como em prompto vaso ,)
Com succo , e com calor , na alma do ouvinte
Inteiro o nectar das idéias suas ,
Tam suave , e no gosto tam activo ,
Como elle o preparou no alto conceito ;
Tal , que ao Leitor colòre e embéba a mente ;
Tam funda e viva qual no Author nascêra.
Saber dar tal activo , dar tâes cores
Fez claros os Virgílios ; engeita-lo ,
Naõ poder concebe-lo faz rançosos ,
Faz Pinas , faz Poétas deslavados (1).

(1) Cela est clair, cela est bien rimé cela ne laisse pas d'être le plus plat du monde. — Dizia Boileau a quem lhe mostrava versinhos desenxabidos e triviaes como versinhos de N. de N. etc. etc. etc.

Comtigo mais que nunca fallo agora ,
Alumno , (1) que pretendes ser das Musas
Estremado , e querido : o altivo assento
Perto de Horacio , perto de Virgilio
Sò aguarda o Pintor (2) que em fiél quadro
Da Natureza as lidas affigura ,
E as bellezas lhes pinta em vivo verso ;
Ou que do homem moral (3) debuxa ardente

Nul Poëte ne doit prétendre à un rang brillant et solide sur le Parnasse avec une poésie faible et traînante, dépourvue d'images et de coloris.

Siccle Littéraire.

(1) — — Feliciter aude
— — — Proxima Phœbi.

Versibus ille facit. — VIRGIL. *Eclog.* 7.

(2) Sicut pictura poesis.

(3) Lo stile ch'io chiamo *imaginoso* é quello , in cui la maggior parte delle parole depingono una qualche imagine alla mente del lettore. Virgilio più d'ogni altro Poeta possiede questo stilo pittoresco. Riporterò dunque in maggior numero degli essempli tolti da lui.

— — Telumque imbelle sine ictu
Conjecit , rauco quod protinus ære repulsum
Extremo clypei nequicquam umbone pependit.

— — Validis ingentem viribus hastam
In latus inque feri curvam compagibus alvum
Contorsit. Stetit illa tremens , uteroque recussæ
Ins onuere cavæ , gemitumque dedere cavernæ.

As luctantes Paixões, Virtudes, Vícios,
Assômos da alma em solidaõ, em turba.

Contempla, que nasceu o homem sujeito

— — Ponto nox incubat atra,
Intonuere poli, crebris micat ignibus æther.

Insequitur cumulo præruptus aquæ mons.

— — Furor impius intra
Scæva sedens super arma et centum vinctus ahænis.
Post tergum nodis fremit horridus ore cruento.

Ter sese attollens cubitoque adnixa levavit
Ter revoluta toro est, oculisque errantibus alto
Quæsitivæ cœlo lucem ingemuitque reperta.

Ecco degli esempi di questo stilo colorito presi da Orazio.

Jam fulgor armorum fugaces
Terret equos equitumque vultus, etc. etc.

— — Hinc tibi copia
Manabit ad plenum benigno
Ruris honorum opulenta cornu.

Obliquo laborat
Lympha fugax trepidare rivo.

Scimus ut impios
Titanas, immanemque turbam
Fulmine sustulerit caduco, etc. etc. etc.

Essoe del Tasso.

Sebben l'elmo percosso in tuon di squilla.

A muitos èstos revoltosos, tôrvos ;
Que ora a Cubiça, outrora a Mágoa o vence ;
Que este confia, aquelle desespéra :

Rimbomba orribilmente, arde e favilla.

In gran tempesta di pensieri ondeggia.

Treman le spaziose atre caverna ,
E l'aer cieco a quel rumor rimbomba.

E di Camoës (si facciano justî Elogi a tutte le nazioni.)

Pelas lizas columnas lhe trepavaõ
Dezejos que como héra se enrolavaõ.

Cheios de terra e crespos os cabellos ,
A bocca negra, os dentes amarellos.

Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual e' os pennachos do élmo açouta as anças.

Os furiosos ventos repousavaõ
Pelos oecos sertoës, ermas ruinas.

E per la tragedia eccone alcuni esempi de Seneca.

Mihi gelidus horror ac tremor somnum excutit.
Oculosque nunc huc pavida, nunc illuc ferens
Oblita nati, misera quæsivi Hectorem ;
Fallax per ipsos umbra complexus abit. . . .

En alta muri decora congesti jacent
Tectis adustis, regiam flammæ ambiunt ;

A Alegria ao mancebo instiga a dansas :
 O deleite requébra o rosto ameno
 De quem do amado Bem logrou o agrado.

Diripitur ardens Troja, nec Cœlum patet
 Undante fumo : nube ceu densa obsitus
 Ater favilla squallet Iliaca dies.

Tanti esempi ho creduto dover trascrivere affinchè più sensibile si renda questo imaginoso nell'espressione poetica, il quale dipinge narrando, e cagiona negli alunni delle Muse un infiammato desiderio d'imitazione. Questo stilo presenta continuamente alla fantasia oggetti nuovi e pellegrine bellezze, e mette in bocca ai personaggi l'eloquenza propria all'esser loro, al loro carattere, alle loro passioni. — Senza questo stile, la tragedia, come ogni altro poema, riesce languida, e per così dire, dilavata: sia pure bien disegnata, tratteggiata, disposta; ella non apparisce che un puro disegno, che, per quanto eccellentemente, ed esattamente delineato sia, mancando dell'attrattiva del colorito, non produrrà mai l'ammirazione, il piacere, l'incanto d'un quadro di Tiziano, o di Paolo Veronese.

I versi d'una tal tragedia, benchè eleganti e penserosi, non saranno che una prosa congegnata in linee di undeci sillabe. Non potranno mai destare negli animi il trasporto, il rapimento che vi desta la colorita imaginosa Poesia: e la tragedia in prosa è un meschino ritrovato del nostro povero secolo.

Ranieri Calsabigi.

Faire passer ses idées ou ses sentimens dans l'ame de ceux qui nous entendent, tel est en deux mots le seul objet raisonnable que puisse se proposer un discours en vers aussi

A triste dôr quebranta o vivo lume
 No esmorecido olhar. Quando um prospéra,
 Outro cãhe da ròda derríbado :

bien qu'en prose. Mais la marche de l'Orateur est plus uniforme et plus mesurée, parce qu'elle est plus communément dirigée vers l'esprit et le jugement. Celle du Poète presque toujours tournée du côté de l'imagination et du cœur doit être plus franche et plus hardie, parce que leurs mouvemens aussi momentanés que rapides ne sont susceptibles ni de se combiner ni de se soutenir comme les perceptions de l'esprit et les raisonnemens du jugement. Aussi lui est-il permis d'employer toute sorte de ressorts pour ébranler. — La Nature entière est sous ses mains pour fournir des secours; et si la terre ne lui présente point des armes victorieuses, il faut qu'il enfante des prodiges et des miracles; qu'il cherche et qu'il trouve au Ciel ou dans les enfers tous les prestiges dont il a besoin pour éblouir, émouvoir, épouvanter, séduire. L'Ode sur-tout plus que tous les autres genres de Poésie noble se préparant une carrière plus courte, doit aussi la fournir avec plus de chaleur et de vitesse. Tous les poèmes héroïques doivent marcher à pas de géant; il faut que l'Ode vole; sa trace doit être insensible; elle ne s'appuye que pour s'élaner; c'est entre le Ciel et la Terre que sa route est marquée par les Muses. Toute chute est impardonnable; et s'il ne lui est pas possible de se soutenir constamment à la même hauteur, il faut que sa descente soit pareille au vol d'un oiseau qui s'abaisse un instant pour reprendre aussitôt un élan plus rapide et plus élevé.

Vauvilliers, Essai sur Pindare.

Le genre lyrique veut être grand, riche, sublime, hardi; il demande des tours singuliers, des élans, des traits de feu, des

Um periga, quando outro em salva praya
 Corre affeito a abraçar-se co'a columna
 De Segurança. Almeno sente as púas
 Do rigor, do desdem da sua Phyllis
 Espinhar-lhe as entranhas dolorosas ;
 Em quanto Elio assustado acanha os membros,
 E todo se encolhêra n'uma cifra,
 Por esconder-se ao malfeitor phantasma,
 Que elle a si proprio ergueu na eyvada mente.
 Jaz estirado em tormentoso equuleo,
 Quebrado a trates do Odio e da Vingança
 Esse ativo, que um gésto, uma palavra
 Mal-julgada accendeu em chammas de ira.

Cuidas que não tem sempre a Mente abertas
 As portas ao tropél das infinitas
 Variadas pinturas, ou chymeras
 Que indefessa a Imaginação lhe arroja ?

O colorido da fileira immensa
 De quadros que offerece nesses homens
 O nascimento, a compleição, a plana,
 As companhias, hábitos, usanças
 São exercicio, são libérta alçada
 Do pincél dos Poétas, a quem coube
 Abranger c'os seus braços alentados.

écarts. Il ne veut point d'ordre sensible ; il évite les détails trop analysés, les généralités scientifiques, les subtilités ; il lui faut des objets qu'on voye, qu'on touche, qui se remuent. — *Batleux. Princip. d' Littérat. tome 3. pag. 293.*

Quanta apparencia ostenta este Universo ,
E o que a nossa alma no seu peito encerra.
Vê se há hi lingua tam valente e ricca ,
Que acuda com palavras ajustadas
A' descripção, clareza, e louçania
De que um Vate carêce, quando as pinta.
Sejaõ pois teus estudos e ousadias
Enriquecer a lingua, que te vâlha
Quando avivas com rasgos eloquentes
Quanto na alma arrojado debuxaste.
Alli estanca a força, abârca os meios
De dar valia às vis, ennobrecendo-as
C'o lugar em que as poëns: (lido emprego !)
Tecer, co' as de bom uso, na urdidura,
Reclamadas antigas; com bons laços
Duas encadear que uma eomponhaõ;
Forjar nóvas, enérgicas, sonóras,
Com que agrades, te louvem e te admirem:
Sejas vergél, jardim, com fructos, flores
Estas vistosas, succulentos êsses,
Com que brindes, contentes gôsto e vista
Dos que cheguem a vêr o teu cultivo.

*

Lançado a pontapés saya das faldas
De bifido Parnasso o Vate aguado
A quem fastio daõ caudães correntes
Do sublime discurso. Ande acanhado
Esgravatando em bréjos de pedantes

Os termos com que escreva, e com que enoje.

Quem ao douto Diniz, Méstre atilado
No mistér de compor em prósa ou verso,
Vedou téqui (com visos de tyranno)
Empregar a seu gosto a phraze nobre
A enérgica palavra antiga, ou nóva,
Colhida com sagaz utilidade
No egregio prosador, audaz Poéta,
Ou inventada com feliz estudo ?
Quem lhe impedir de ser senhor da lingua
De podêr menea-la, como queira,
Pòde ao Pintor tolhêr, que méscle as côres,
Que no panno as estenda a seu arbitrio.
Que homem tégòra ousou arguir Vieyra, (1)
Luso Apélles, de ter ennobrecido
D'um modérno painél a formosura
Co'as ruínas d'um Templo, d'um Colosso,
C'os derrocados arcos d'um Triumpho ?

*

Que homem hà hi tam bronco em nossa historia,
Que ignore as pêrdas que custou à lingua
O reinado da insipida Ignorancia ?
Esse stúpido Monstro as fuscas azas
Despregou, e cubrio co'ellas o Reino ;
Tapou o sól, poz noite nos Engenhos,
Bafejou anagrammas, forçou glóssas, (2)

(1) Célebre Pintor Portuguez.

(2) A cuja vista as Musas espantadas,

Inçou de ôceos conceítos predicaveis
Os púlpitos, e as aulas de sophismas ;
E degradou a lingua de nobreza ,
Despindo-a de affouteza , e bizarría.

Que carece, que empraõ esses que hoje
Quizérem remonta-la à antiga plana,
Repô-la em seu solar autorizado,
Restituir-lhe os bens, que lhe escorcharaõ ?
Se os Classicos (da enleada algaravía
Que ella éra, antes da nossa éra de Augusto) (1)
Com porfiado fito apparelharãõ
Lingua para os Lusíadas, e Castro :
Assim vós da mestiça gerigonça
Desses baforinheiros francesistas,
Assim vós, que punís pela pureza
Do matérno vulgar, com graõ disvello
Qual trigo joeirai, o que inda resta
De nativa e sîngéla, e pura falla ,
Do ataroucado joyo campanudo
De gente em solidéo, de gente em coche.

*

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuínos Clássicos, e soltem-se
As correntes da antiga san linguagem.

Largando os instrumentos se esconderaõ
Longo tempo nas grutas do Parnasso.

Hysop. Cant. 1.

(1) Feliz reinado de D. Manoel.

Rompaõ-se as minas Gregas e Latinas ;
(Naõ cesso de o dizer , porque é urgente)
Cavêmos a facundia , que abasteça
Nossa prosa eloquente , e culto verso.

Sacudamos das fallas , dos escriptos
Toda a phrase estrangeira , e frandulagem
D'essa tinha , que comichõna affeia
O gèsto airoso do idioma Luzo.

Quero dar , que em francez hajaõ formosas
Expressoẽs , curtas phrases elegantes ;
Mas îndoles diff'rentès tem as linguas ;
Nem toda a phrase em toda a lingua ajusta.
Ponde um bello nariz , alvo de nêve ,
N'uma formosa cara trigueirinha ;
(Trigueiras hà , que às louras se avantaõ)
O nariz alvo no morêno rosto ,
Tanto naõ é belleza , que é defeito.

Nunca nariz francez na Luza cara ,
Que é filha da Latina ; e sò Latinas
Feiçoẽs lhe quãdraõ. Saõ feiçoẽs parentas. (1)
Se nativo naõ é ; naõ ê singelo ,
Quanto poẽs nesse rosto , esses bezuntos ,

(1) Fallando um muito judicioso , e mui conhecido Au-
thor francez das linguas modernas da Europa , diz que a me-
nos barbara dellas serã sempre a que mais se apparentar
com a Latina , adoçando-se e ennobrecendo-se com as vozes
que tirar della. As provas saõ bem claras na lingua Italiana ,
Hespanhola e Portugueza.

São mascarras, são lôdo immundo. Oh Vates,
 Não fique uma sò nódoa em nosso idioma
 Desse lôdo, que o enxovalhou tégora.

*

Ora pois que esses guâpos modernistas
 Tudo achaõ no francez; e quem tal creera!
 Até a lingua Lusa em francez achaõ;
 E riem c'um riso parvo dos que affanaõ
 Por beberem nos Clássicos a phraze
 Constante e pura; e revocarem
 As antigas palavras que nos faltaõ
 Para clareza, adorno, ou brevidade;
 E degredar da lingua essa matûla
 De termos franduleiros, que os patólas
 Querem nella metter à queima-roupa:
 E pois que esse francez tanto nos gabaõ
 De ricco, e bello, e de apto para tudo,
 Quéro de Author francez (1) acreditado
 Por litterato Critico profundo,
 Citar em termos *ibi* a mesma urgencia
 De restaurar à lingua antigas vozes
 E phrazes obsolétas. — Tendo dîtto
 Que a lingua é acanhada, porque a apuraõ,
 Ou cuidaõ apura-la, cerceando-lhe
 Energia de termos, que já foraõ

(1) Dacier. *Préface de Plutarque.*

Caro grangeio de seus bons Mayores ;
Continúa dizendo : « Bem devêraõ
» Revocar antes do desuzo as vòzes
» Que là mandàra insipido melindre ;
» Mórmente hoje , que tanto tem medrado
» Em todo o estudo a seàra das idéias.
» Que escassez deploravel (lògo exclama)
» Ver sempre a locuçaõ mais baixa e ténue
» Que o conceito , de que élla é o retrato !
» E a lingua , que é o buril do pensamento,
» Ser frouxo , ou ser rebélde à mão do Méstre ,
» Que quèr assinalar valentes rasgos ,
» E assimilhar a estampa co' a figura !
» Bem sérve a lingua , a quem os hombros mette
» Contra os que se daõ manha a empobrecê-la ,
» Lidando em empolgar certas maneiras
» De fallar naturæes , de que os Antigos
» Usaraõ , (1) e sò tem em seu desvio ,
» Um senaõ que lhe arguem , sem dar pròvas. »
Que dizeis d'um francez , meus francesistas ,

(1) E é tam cértto , que inda hoje que os francezes tem a traducçaõ de Plutarcho feita por este Dacier , que modernamente tem outra do Abbade Ricard , lem ainda os sabios com prazer a antiquissima traduccaõ de Jacques Amyot , que vivia na éra de Francisco I.º Rei de França. Delle diz o egregio Racine , que a sua traducçaõ em seu stilo antigo tem uma tal graça , que elle imagina , ser impossivel , que a igua-
l em na lingua franceza , que agora se usa.

Que vos dà tal sopàpo na bochècha!
Naõ ha que retrucar; baixai a tromba:
Senaõ — cito (1) outros mil, dado que eu creia
Que este sò vos derruba, e tàpa a bocca.

*

Se por força de fado, ou por penuria
Forçados somos a expremmer dos livros
Franceses o alimento das sciencias;
Se como na paléstra empoeirada
Vamos lutar contra a Ignorancia bruta
No gymnasio francez, tomêmos o uso
Dos antigos Athlétas, que ao sahirem
Do pugilato, ou férvida carreira,
A poeira dos fatos sacudiaõ,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Illisso (2) (que, alli péto, com sereno
Passeio alégra as margens studiosas)
Os córpos assejavaõ diligentes.

Assim vi sempre o litterato Erílo,
Depois de revolver francez volume,

(1) Dans cette langue embarrassée d'articles, dépourvue d'inversions, pauvre en termes poétiques, stérile en tours hardis, asservie à l'éternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles.

VOLTAIRE. *Discours aux Welches.*

(2) Rio que corria perto do Gymnasio Atheniense.

Desempoar-se da estrangeira phrase
Co' espanador de Barros, ou Vieyra.

x

Abérta a lîce está, bons Oradores,
Franco o stadio — correi, sublimes Vates.
Inventài, adoptai proprios, Latinos;
Ressuscitai enérgicas, sonoras,
As antigas palavras venerandas,
Que esvaneçaõ toda essa bastardia
De que nos inçaõ frívolos tarécos.
Tal, no côrro, se vê, quando cubérto
C'um gafo borborinho de garôtos,
Vem mui sizuda a Guarda, em duas filas;
Encàra co'a Real tribuna, e lògo
Dòbra à direita, à esquerda, pelos lados
Vâi varrendo a matûla, e rebanhada
A impoem fóra dos festivâes palanques.

De termos ja sabidos formai novos (1)
(Força é que eu vo-lo dêga, e que o re-dêga)
Juntando-os com primor em laço estreito,
E sereis de bons Mestres approvados.
Que tres (2) conheço eu, que estas veredas
Por únicas apontaõ a quem busca
No Ciroo da Eloquencia ennobrecer-se,

(1) Reddiderit junctura novum. — HORAT. *de Art.*

(2) Cicer. Horat. Quintilian.

Ou com bons versos deleitar o ouvido
De amadores de Horacio e de Virgilio.

Com vosco a mãis me arròjo, ouzados Vates,
A quem mãis francas pòrtas abre Apollo; (1)

(1) *Fæcunda licentia Vatum.* — OVID.

*Sed Vatem egregium, cui non sit publica vena,
Qui nihil expositum soleat deducere, nec qui
Communi feriat carmen triviale moneta.*

Juvenal. Satyr. 7.

Pòdem-me accusar (e talvez com bem razaõ) de serem longas de sobejo , e de serem muito amontoadas as notas desta Carta. Mas peço-lhes que me perdoem : e certo estou que o façãõ , logo que considerem , que estou vèlho e pòbre , e por conseguinte solitario e triste ; que naõ tenho amigos que me divirtãõ , nem posses para ir a theatros , ou jogar nas assembléas ; que todo o tempo emprégo em ler quatro alfarrabios , que comprei a vintem , e os mais caros a tostaõ ; e se naõ leyo, escrevo ; e sò desse modo me posso forrar de enojos e enfadamentos da solidaõ. Um Amigo unico que aqui tenho A. M. de Curnieu ri às vezes destes meus destemperos poéticos , e essa é a unica consolaçaõ da minha mesquiuha vida. Se là pela affortunada Elysia hà algum desconsolado como eu , talvez que me disculpe e diga comsigo , *solatium est miseris.*

Far-vos-hia compaixaõ ver um velho de 65 annos , que algum dia viveu abastado , e estimado de seus conterraneos (e conterraneas) desvalido e sò , vivendo em Paris , como n'um descampado , embrulhado no manto da pobreza , e diante delle , e pelos lados os Cuidados da vida , o tràfego da caza , as lembranças do passado , e mais que tudo a secca Melancholia , estendendo a cada instante os braços para me apertar nelles , e me levar de rastos , até aos umbraés do passamento. Entam vereis se é pequena lida a minha a de

Vos ; que a mais broncas pedregosas brenhas
Deveis subír ; por mais emmaranhadas
Sélvas deveis romper até ao cume
Do difficil Parnasso. A vós só cabe
Penetrar nos reconditos archivos ,
Revolver , pôr de parte , e tirar fóra
Com largo privilegio ousados termos
A nenhuns Oradores outorgados ,
Termos , por temerarios , mais felizes. (1)

Que , quando exerce um Orador o engenho
Sobre a vida civil , e sobre assumptos
A que ella já cunhou corrente nome ,
Tu , Poeta sublime , a quem descobre
Ampla Imaginação aventurada

luttar de continuo com tantos inimigo , sem me poder valer
de outra arma , que da penna , para arredar de mim toda essa
catérva de enfadonhas harpiás. Assim direi com Horacio , e
com Cicero :

Prætulerim scriptor delirus inersque videri ,
Dum mea delectent mala me , vel denique fallant.

HORAT. lib. 2. Epist. 2.

Etenim si delectamur cum scribimus , quis est tam invidus
qui ab eo nos abducat !

Cicer. de finib. bonar. Amelot. lib. 1º.

(1) E mui felizes ! Que essa affouteza nas phrazes e nas pa-
lavras (quando bem regrada por saõ entendimento) é quem
dá todo o garbo , todo o brilho ao pensamento. Vede-o bem
no elogio que Quintiliano faz ao Venusino Horatio : *Variis-
que verbis et figuris felicissimo audax.*

Novos

Novos mundos de objectos extra-alcauce
 D'algum sentido humano o mais alérta,
 Te arrojás (que é forçôso) (1) Adaõ modérno
 A dar, a nóvas cousas, nomes nóvos.
 Eos que a atalhar se atrévem com barreiras
 Do teu ouzar o arrebatado curso,
 Não são Vates, nem Vates folhearaõ. (2)
 Nova contende ser no stylo e phraze
 A pompa das palavras e sentenças, (3)
 Se é novo quanto o Vate charo aos Numes
 Da mente divinal descarta aos homens.
 Nunca soube fallar, escrever nunca, (4)

(1) Si forte necesse est
 Indiciis monstrare recentibus abdita rerum.

HORAT. *de Arte.*

(2) La Poésie est la musique des ames nobles.

Pour aimer les beautés de l'imagination, il faut avoir de l'imagination : La Mothe, qui en avait peu, s'ennuyait à la lecture de l'Iliade; et l'abbé Trublet, qui n'en avait point, ne pouvait lire deux Chants de suite de l'Henriade. VOLT.

(3) Quid est enim tam furiosum, quam verborum vel optimorum atque ornatisimorum sonitus inanis, nulla subjecta sententia nec scientia. — *Cicer. 1 de Orator.*

(4) Que les images soient un agrément nécessaire dans un discours d'éloquence ou de poésie, cela est indubitable. Elles nous mettent sous les yeux les objets dont on parle; elles y arrêtent la vue de l'esprit; elles soutiennent l'attention; elles préviennent le dégoût; et ce n'est pas sans raison qu'on a dit que tout Auteur doit être peintre. . . .

. Voulez-vous donc faire des discours qui soient

Em nóbre phraze, nem co' a altiva idéia
Descortinou payzes inda occultos,

assurés de nous plaire? Notre imagination est naturellement vaste; présentez-lui de grandes images. Elle ne peut souffrir des portraits secs et durs; présentez-lui des images gracieuses. Que du moins l'un ou l'autre paraisse toujours dans vos tableaux. Mais si vous trouviez le secret de les y rassembler quelquefois tous les deux, le grand dans le gracieux, et le gracieux dans le grand, voilà le beau complet des images.

Essai sur le Beau, chap. 3.

Maggiori (difficoltà) ancora sono quelle che s'incontrano nei versi. E ciò perchè ivi si ricercano modi di dire di somma galiardia, o di somma delicatezza, e in ogni cosa il fiore ultimo della espressione. Il che non si può ottenere, se non hai come schierata dinanzi alla mente la suppellettile tutta e il tesoro delle parole, delle locuzioni, delle metafore della lingua in cui tu scrivi: Anzi non basta quello che dagli altri fu detto: è necessario formarsi talvolta come una nova lingua; perchè l'espressione penetrando addentro nell'animo, non sia come altri (Essais de Montaigne) disse, *superficiale*, perchè si dia sfogo a quel estro che ha invaso ed agita il Poéta.

*Algarotti. Saggio sopra la necessità di scrivere
nella propria lingua.*

Na novidade da phraze, e agradavel torneio que lhe dá Horacio consiste pela maior parte a belleza e eucanto de seu stylo poetico, que tanto valia com Augusto e com Mecenas, que tanto cansaraõ em imita-lo todos os bons Poetas lyricos de todas as Nações cultas; o que inda hoje é, e será sempre o modelo mais perfeito da locução das Musas engraçadas e sublimes. Reparai bem que o conceito de Horacio, e de to-

Campos de esmalte, Torres, e Palacios
 De estranha relevada architectura,
 Novos Herões, ou novos Céos e Numes
 De mais alto poder, mais magestade;
 De mais vivo fallar, que a ténue pròsa,
 Quem denéga ao Poéta affoutos, nòvos
 Ternos, de alheia bocca nunca dictos (1).

✠

E' bem certo, que ao descobrir co'a vista
 Altas montanhas, estendidos mares,

dos os bons Poétas sempre foi, que assim como para acarear a attençaõ é necessaria a novidade do pensamento, assim para acarear o deleite é necessaria a novidade da dicçaõ.

Hoc opus, hoc studium parvi properemus et ampli,
 Si patriæ volumus, si nobis vivere cari.

(1) Insigne recens, adhuc

Indictum ore alio. — HORAT. *lib. 3. Od. 25.*

Como, quando arrebatados pelo Estro os Vates à conversaçã com os Numes — *referre sermones Deorum.* — HORAT. *lib. 3. Cd. 3.* — deixaõ a terra, desempeçando a alma as azas (de que é dotada) desse lodo corporeo, para voar ao Olympo. — *Non usitata, nec tenui serar penna biformis per liquidam æthera.* *Id. lib. 2. Od. 20.*

Metaphysica é esta que naõ a comprehendem os brutos mortaes, a quem a Divindade negou luzir-lhes na imaginaçaõ aquellas faiscas do fogo Celeste, que inflamma os Vates, quando vem cousas que ninguem vio, e dizem palavras que ninguem disse. Ah! que se esses raptos, se essas chammas as comprehendesse o Vulgo, talvez se podesse esperar d'elle, que algum dia chegasse a penetrar até pela Theologia.

E 2

Caui Dec...

(Pela primeira vez subido ao mundo)
O Selvagem, nascido n'uma cova,
N'uma cova até entam afferrolhado,
Naõ sabe como os chame. — Tal se vira
O Vate, que naõ ousa novos termos
Impor a nõvos sões, novo Universo,
Que Estro omni-creador tira do Chãos,
E na Imaginaçõ lhe poëm à vista,
Se, em si fiado, naõ inventa o Vate,
Ou se engeita colhêr na Ausonia, e Grecia
Nomes, que a *turba* imaginada indiquem;
Ei-lo, como o Selvagem, na tortura
De naõ saber contar e que descobre:
Faltaõ-lhe sanctos, naõ lhes dà baptismo.

Jã, quando a lingua, em que nasceu, mais rica
Do que em prata o Perũ, em termos fosse,
Sentiria penuria em pôr patentes
As ideias, que um vivo, e claro lume
No engenho lhe accendea. Darei conselho
A tantos apoucados zeladores
Do avarento fallar, ensosso, impuro,
Que se applicuem a dar discretas artes
De compôr Sarrabães, entrançar Lôas,
Sem se enfronhar nos mēlicos assumptos,
A dar regras, a contrastar palavras. (1)

in si (utra illos artos certæ dimensionis fines non
habetis) quam nobis in hac latitudine, obmutes-
cit. — J. Ludovici Vives lib. de ratione dicendi.

Com frouxos sons **naõ** ferve esse **Estro** ousado
Que **Apollo** sòpra no **Attico** alaûde :
Mágicas vòzes rompem, com que impelle
Os peitos dos **Heròes**; quebranta, anceia
Roxos tyrannos no **infiado** trono ,
Com cantos entranhados de terrores.
Estes só conta **Clio** entre os **Alumnos** ,
Que cingir devem do **Parnasso** os louros ;
Naõ minguados versistas, que recûaõ ,
Quando a **Musa** affoutezas lhes demanda.

x

Vede-me um **Pindaro** altear o vôo
Enfiando a senda, do **Estro** arrebatado,
Beber no **Olympto** a pràctica dos **Nunes** ,
E vir, junto do **Alpheo** , solta-la aos **homens**.
Palavras **immortaes** compunha affouto,
Em que **immortaes** conceitos embebia :
E **Vós**, sequazes do **Thebano** **Cysne** ,
Que vos prezães de erguer o vôo às **nuvens** ,
E vós **acobardães-vos** ? **Encolheis-vos** (1)

(1) Au sommet glacé du Rodhope
Qu'il soumit tant de fois à ses accords touchans,
Par de timides sons, le fils de Calliope
Ne préludait point à ses chants.

Plein d'une audace piadarique ,
Il faut que, des hauteurs du sublime Hélicon,
Le premier trait que lance un Poëte lyrique
Soit une flèche d'Apollon. *Le Brun.*

Na derròta que deixa a sinalada?
Ousai, ousai; que està pendiente a palma
Ao que ama a gloria, e se aventura ao premio. (1)

x

Quem vos tólhe avultar ouro sobre ouro,
Com que a lingua se augmente, e se afidalgue?
Por ventura é pavôr de ser mordidos
De inséctos litterarios terrulentos! (2)
De novas Philamintas (3) sabichônas?
De Bonzos? de Raçosos, que hoje arriôtaõ
Pôr banca de puristas e censores?
Um, porque mais não leu, em toda a vida,
Que as gordas Odes do cerval Talaya,
Ou versinhos anoês a anâns Nerinas (4)

(1) Le souffle du Génie et ses fécondes flammes
N'ont jamais descendu que dans de nobles ames.
VOLT. *Epître à Mlle. Clairon.*

(2) Je ris quand je vois tant d'Aristarques nains
Qui rendant contre nous leurs arrêts clandestins,
Usurpent de censeurs le hardi privilège. *Vigée.*

(3) Voyez les Femmes savantes de Molière.

(4) Les Auteurs médiocres, sans génie et sans ame, nous
présentent les objets froids comme eux et inanimés, au lieu
que les grands Ecrivains nous les transmettent, si j'ose ainsi
le dire, avec toutes les images, et avec tous les mouvemens
qu'ils en reçoivent eux-mêmes. Les uns ne font que les
crayonner, les autres les peignent. Ceux-là ne savent tout au
plus que les décrire, ceux-ci les gravent jusqu'au fond du
cœur par le tour d'imagination et de sentiment dont ils les

Do Cantarino Caldas, a quem parvós
Poêm alenha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome : pois tanto o fulo Caldas
Imita a Anacreonte em versos, quanto
Negro peru, na alvura, ao branco Cysne. (1)
Outra, que só de Albano e Damiana
Tomou de cór as modorrães outavas ;
E inda outros, que no Chagas, na Henriqueida, (2)
Na Gazetta do alarve Castrioto,
Ou nas ínfames traducções de Bonzos (3)

animent. Nous en sommes frappés comme d'un coup d'éclair
qui nous surprend.

Essai sur le Beau, chap. 3.

(1) Sæpe enervatos versus scribit qui dat operam ut scribat
delicatos. — *Vetus schol. in Horat. de Art. vers. 26.*

(2) Não sei que figadal teirò tomou o A, contra este tam
panegyricado Poema. Eu de mim sei, que muitas obriga-
ções lhe devo. Nas minhas maiores insòmnia acudia ao Me-
nezes, que sempre me acalentou de modo, que se fallia a
primeira outava, mal que eu entrava pela segunda, vinha
logo apontando o Somno, e com seus surrateiros dedos me
já grudando as pestanas — *Nota do Editor.*

(3) Desta audacia, senhor, deste descôco,
Que entre nós sem limite vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
É a nossa portuguez, casta linguagem
Que em tantas traducções corre envasada.

De lingua Portugueza se attestarão,
Quererem dár quinãos na phraze pura
E' mais que ser Orate, é ser jumento.
E chamães-los Puristas e Censores?
Tães patólas temeis? tães modernistas?
Vós emulos de Pindaro! Mal cabe
Cobardia em quem diz: « *Pindaro imito.* »

(Traducções, que merecem ser queimadas)

Em mil termos e phrazes Gallicanas.

Ah! se, as marmoreas campas levantando,

Sahissem dos sepulchros, onde jazem

Suas honradas cinzas, os antigos

Lusitanos Varoês, que com a penna,

Ou com a espada e lança a Patria ornarão,

Os novos idiotismos escutando,

A mesclada dicção, bastardos termos,

Com que enfeitar intentaõ seus escriptos,

Estes nõvos ridiculos authores: —

Como se a bella, fertil lingua nossa,

Primogénita filha da Latina,

Precisasse de estranhos atavios;

Sûbito, certamente, pensariaõ

Que nos sertões estavaõ de Caconda,

Quilimane, Sofala, ou Moçambique;

Até que já por fim desenganados

Que eraõ em Portugal, que os Portuguezes

Êraõ tambem, os que os costumes, lingua

Por tam estranhos modos affrontaraõ,

Segunda vez de pejo morreriaõ.

Hyssope, Poema de A. D. da C.

Quem nas bandeiras triumphâes milita
 Do Marte mâis intrépido dos Vates
 Não tenha susto de rançósos gansos ,
 De Doutoras , de afrancesados Bonzos.
 Pejo é ter pejo de relé tam civil !

Se dâes humilde ouvido a vózes néscias
 De tanto scrupuloso , que não gosta
 Dos Clássicos o grosso Chocolate ,
 De medo que o jejum lhes não quebrante
 Da língua quaresmal , que penitentes
 Abraçaraõ , na quál morrer persistem :
 Se recuâes ás mãgras ameaças
 Com que do alcance o ardor cortar-vos lidaõ
 De novos termos de rayz Latina ,
 Do antigos , (1) de inventados , de compostos ,
 Que a lingua adoçaõ , enriquecem , ornaõ ,
 Vêr-vos-heis (qual nos vimos) tam estreitos
 No acanhado repizo das palavras ,
 Que com mesquinha mãõ vos migalharem
 Os Fiéis mui perluxos do idioma ,
 Que não possâes , de apêrto , revolver-vos ,

(1) *Quin et victa situ , si me penuria adaxit ,
 Verba licet renovare , licet tua , sancta Vetustas ,
 Vatibus endogredi sacraria. Sæpius olli
 Etatis gaudent insignibus antiquai ,
 Et veteram ornatus induti incedere avorum.*

Vida in arts poetica. lib. 3º.

Na lazeira do stítico discurso. (1)

*

Naõ sei que Trasgo, (2) no sallaõ da tésta

(1) Non satis est illis utcumque claudere versum,
Et res verborum propria vi reddere claras.
Omnia sed numeris vocum concordibus aptant;
Atque sono quæcumque canunt, imitantur, et apta
Verborum facie et quærito carminis ore.
Nam diversa opus est veluti dare versibus ora
Diversosque habitus: nec qualis primus et alter,
Talis et inde alter utroque incedit eodem.
Hic melior motuque pedum et pernibus alis
Molle viam tacito lapsu per levia radit.
Ille autem membris ac mole ignavus, ingens
Incedit tardo molimine subsidendo.
Ecce aliquis subit egregio pulcherrimus ore
Cui lætam membris Venus omnibus afflat honorem;
Contra alius rudis informes ostendit et artus,
Hirsutumque supercilium, et caudam sinuosam;
Ingratus visu, sonitu illætabilis ipso:
Nec vero hæ sine lege datæ, sine mente figuræ,
Sed facies sua pro meritis, habitusque sonusque
Cunctis quisque suis vocum discrimine certo, etc.

Idem. Ibid.

(2) Naõ se admirem desta extravagancia: que é a cabeça d'um solitario (e muito mais se elle é Poeta) como um remoinho de barafandas; tudo é phantasma. Revolvem-se as ideias como feijões, que fervem na panella; e quando menos se precata, se acha o pobre Vate enfiado na veyra arrebatada d'um rio de disparates, sem que ache modo de abordar a praya do bom-senso.

Me anda saltando , e me revolve tudo ;
Traquînas desarruma os trastes todos
Que espalhafato ! . . . Lâ no fundo me érgue
Um theatro (dos muitos que armar vedes ,
E que *Cazeiros* chamaõ) e sorrindo
Me diz malino e concho : « Aqui te engenho
» Uma comparaçãõ , para argumento
» Do que intentas provar . » Ora Leitores
Mui benévolo meos , fazei de conta
Que vêdes d'entre carmezis cortinas
Sahir muito arrayada uma Princeza ,
De dous rivães Sob'ranos pretendida !
Vai senaõ quando , trava-se uma guerra ;
E do Amor , que é concórdia , e paz , as armas
Decidirãõ com sangue a gran conquista .
O theatro é pequeno , e Actores poucos ,
Mais pouca a gente que enchaõ tâes oomparsas (1)
Para dar um combate bem renhido
De dous exércitos campães , que em forma
Avancem , firaõ , mattem , morraõ , fujaõ .

Se eu tivésse a minha ilhargã um amigo prudente que me dissesse não sigas essa ideia ; emenda aqui , aclara alem , etc. etc. Talvez que não fossem tam despropositadas estas minhas bagatellas . Mas tudo me falta , porque me falta o dinheiro .

(1) Ordinariamente saõ as meninas da Caza , alguns vizinhos e dous ou três amantes , que representaõ nas figuras principaes .

Aqui é o graõ busiris, que embetésga
O mais agudo e perspicáz miôlo ;
Mas do qual sãe campando o men Duende.
O Director da scena manda astuto ,
Que daqui sayãõ quatro, de là quatro
Soldados com broquéis, com capicétes
De grosso papelaõ, pintado à brócha :
Logo uns contra outros, com motim sobejo
Com catãnas de pão, que daõ pranchadas
Nos broqueis, nas couraças que retinem,
Assomados, sanhudos acomettaõ,
Dem talhos, dem revezes, acuçilem ;
Que entrem n'um bastidor, sayãõ por outro ;
Sempre gritando, sempre acomettendo ,
Se empurrem, se acalcanhem. — Saõ sós outro ;
Quatro de cada banda, e sempre os mesmos
Bonécós a girar em róda viva.

Atéqui do meu Trásgo a travessura ;
Mas que igualmente me resurge a idéia
Do que eu vi n'uma feira da Sorbonna, (1)
Feira mui ricca em bolos mascavados,
Mui macíssos, mui duros, mui grosseiros,
Sem gosto algum, que toda a Guêpa enfeira
Para si, para a filha, e para o amante ;
Paõ de espécie se chama o ricco bôlo.

(1) Em dia de sancta Ursula, se fazia antigamente na praça da Universidade uma feira, que valia bem cada tenda dore vintens de mercancia.

Vi (digo) na tal feira, co' estes ólhos
(Que a terra, ou mar tem de comer sem falta)
Uma Câmara óptica, com vistas
Das grandes luminárias de Veneza,
No dia, em que a Republica parira (1)
Um Dòge de attuffada Carapuça : (2)
Em ròda harto plebeo embasbacado
Na córada lanterna movediça,
Zimborio luminoso da tal óptica ;
Que volteando no rodizio unctuoso,
Em véra effigie representa a entrada
D'El Rei de França em Rheims, indo sagrar-se,
Eis *Cavallos-Ligeiros*, eis *Gens-d'armas*,
Eis os *Guardas-do Corpo*, eis *Mosqueteiros*,
Que correm, que galópaõ.... Que quantia,
De cavallos que passa ! — Viva, viva.
Pois éraõ (que os vi bem) quatro bonécos,
N'uma roda que andava em dirandina,
D'uma véla de sêbo à luz pingósa.

Tal, Oradores, tem de acontecer-vos,
E a vós peor, oh Vates, se deixardes
Empobrecer a lingua a arbitrio, e ranço
De Seiscentistas, Mandrioês, Tarêlos.
Essas poucas palavras, que ficarem

(1) São palavras formæes do homem que declarava a signifi-
cação das vistas.

(2) Veja-se a pintura della nos livros que trataõ do braço.

Pelas mãos dos grammatico-perluxos
Minguadas, expremidas, escoimadas
Nos versos, e na prosa, em remoinho (1)
Continuo correrão umas traz outras
A appanhar-se, a esmurrar-se em *cabra-céga*.

✠

Mas trataõ nos (dizeis) de Quinhentistas,
Quinhentistas sejaés. (2) Campai de o ser-des;
E que elles de o não serem se envergonhem.
Que riso, ou que labéo vem desse apodo?
Beberes luz da idade de ouro augusta,
Que nas armas, nas lettras nos fez claros!
Elles de que éra saõ? — Dos Asneiristas!
Que em toda éra houve, e agóra iuda mais nésta.
De Quinhentistas vos prezai, Alumnos.
Nesse bom seclo as lettras Portuguezas
Tomaraõ praça entre as Naçoës mais cultas
E hoje os que tomaõ tudo dos francezes,
Nem terãõ um só canto em que se mettaõ

(1) Summa paupertas in eadem (verba) nos frequentissime
tevolvit. — *Quintilian. lib. 12. cap. 10.*

(2) Men' moveat cimex Pantilius? aut cruciet quod
Vellicet absentem Demetrius? aut quod ineptus
Fannius Hermogenis lædat conviva Tigelli?
Plotius et Varius, Mæcenas, Virgiliusque,
Valgius, et probet hæc Octavius optimus, atque
Fuscus: et hæc utinam Viscorum laudet uterque.

HORAT, *Satyr. 10. Liv. 1.*

Nessa éra a Castro muito antes luzia ,
Que Corneilles, Racines visse a França ;
Nessa o Camoës Lusiadas compunha ,
Quando Henrique (1) inda ao longe não rayava,
Nem suspeitado inda éra o seu Homero.
Era ditosa, que atenúa o encómio. (2)
Asia te louve, e as Cóstas Africanas,
Povoadas de padrões da nossa gloria.
O brado, que inda dura pela Italia ,
Por França, pelo Nórtte mâis instruido ,
De alguns claros engenhos portuguezes ,
Nos conserva no crédito e conceito
De estimaveis Naçoës. Esse bom nome
No-lo querem delir quatro fedelhos,
Motejando os antigos, e escrevendo
N'uma giria francesa desgostosa ,
Que a si, que ao nosso seculo injuria.

Inda em bem, que o Diniz, e alguns de escólha
Nos vingão dessa còrja, e desaggravaõ : (3)

(1) La Henriade.

(2) Magna modis tenuare parvis.

HORAT. lib. 3. Od. 3.

(3) Ce serait aux Auteurs à s'entendre, je crois,
Pour renverser bientôt ces ridicules lois :
S'étayant l'un par l'autre, ils n'auraient rien à craindre ;
Ils étendraient le cercle où l'on veut les restreindre,
Et pourraient corriger cette erreur par le fait.

Prologue du Philinte de Molière.

Inda em bem que os estranhos daõ estima
A Barros , e a Camões , que ruíns insultãõ !
Affortunada idade de Quinhentos ,
Quando os teus te poêm nõdoa , alheios te honraõ !

x

Correi-vos, Seiscentistas, ou Pacóvios,
Que nêscios motejaés do que é de preço :
Do que não entendeis, julgáes a êsmo.
Temei, não cáya sobre vós o apodo,
Vosso motejo insulso, e parvo riso,
Quães fléxas no ar viradas, que se encravaõ
Em quem as disparou, e vaõ vingando
Mal-nascidas, imméritas injurias.

Apprendei, estudai; e os bons Authores
Sabereis ter em crédito e valia.

Elles a lingua, e seu primor crearaõ,
Elles no-la poliraõ. Que se os nêscios
De quadra posterior não esgarrassem
Da estrada, que battida lhe elles tinhaõ,
Nunca por tães rodeios, tães ambages
Intrincadas, se foraõ despenhando
A si, e a vós, que às cégas, os seguisteis.

E, pois que novo sól vos allumia,
E a dextra nóvos Guias vos estendem,
Para fóra surdir da negra furna;
Lançai a mão à cõma fugitiva,
Com que a donõsa Occasiaõ vos brinda.
Eis que, de seu regaço, os bons Authores

Vos embôrca a Impressã. Lede , e re-lêde :
Que os môldes engraçados da Fácundia
Asseâda , e nôbre, e ricca nelles jazem.
De Quinhentistas vos honrâi briosos ,
Que é ser herdeiros dos candâes Latinos ,
De naõ-murcha eloquencía arvôres férteis.
Prezai esses que ousados os imitaõ , —
Ou temeí-os , se naõ sabeis honra-los :
Que armas tem , e tam d'èstros as meneiaõ — —
Que (pela Styx (1) vos juro , e vos tres-juro)

{ 1 } Muito ouvi eu fallar neste juramento dos Deosés pela Styge, sem saber a razã porque elles temiaõ tanto jurar falso. Ora o que me a mim aconteceu, pode muito bem succeder a muita gente que sabe muita cousa; mas naõ o castigo que se dava ao Nume que naõ cumpria o que jurava. O Padre Antonio Tavares com quem apprendi toda a arte de Manoel Alvares, a-joujada de Chorros, Cartapacios, Promptuarios e mais mixordia Sintaxistica, bem persuadido estou que tal naõ sabia; e se o soube foi tam marão que o guardou para si, e nunca mo disse. Eu naõ quero ser assim. Direi o que (pelos meus riccos seis vintens) me explicou uma sigana tirando me *la buca dicha* e explicando-me tin tin por tin tin quantas macacõas tinhaõ de me vir da maõ de Deos, da maõ dos Bonzos, e do Diabo.

Com *Deus super omnia* concluía o Sarrabal saloyo o seu Reportorio.

Qualquer dos immortaes , que do nevoso
Olympto a cima occupaõ , se de grado
Estraga com perjurio a fé jurada ,
Um anno inteiro o sprito se lhe embota ,
Nem chega ao pasto de ambrosía ou nectar ;

Se os assanhães com vossas parvoíces ,
 E se os ólhos abaixaõ despeitosos
 A ler vòsso ruin verso , aguada prosa ,
 Ou de ouvir vos fallar se não desdenhaõ,
 Que nem na vossa escripta nem nas fallas,
 Ha hi membro , que escape a seus revézes.

✠

Musas, que sobre o deleitoso Pindo,
 No regaço de Apollo, estâes cantando
 Variadas Cançoẽs de agrado cheias,
 Que com grande attençãõ estaõ ouvindo ,
 E em seus ânímos promptos recolhendo
 Subtís Horacios, Pindaros altivos,
 Mandai uma de vós, a mais florente,
 Que venha amenizar estes meus versos
 Mui sêccos, mui Grammatico-prolixos,
 Que eu mesino me enfastio de escreve-los. —

Antes sem respirar, e mudo jaz,
 Mão letargo em leito plano o cobre.
 Mas depois qui um grande anno esteve enfermo ,
 Malês mil um traz outro sopportando ,
 Daõ-lhe efilio novennio eternos Numes :
 Sem que nesses nove annos co'elle tratem
 Em conselho que tômem, nem banquetes,
 Porem no anno dezeno a tratar volta
 C'os Mandos immortais, que nas Celestes
 Cazas moradas tem.

HESTOD. *Theogon.*

Mas, nenhuma se móve : — Apollo apenas
Um pouco o rosto vólve sobre a esquerda
Com gésto desdenhoso, e me responde :

« Tens mais que por-lhe fim? Levanta a pluma
» Do cansado papel : fôrra o fastío
» A mim, às Musas, e ao Leitor coitado. »

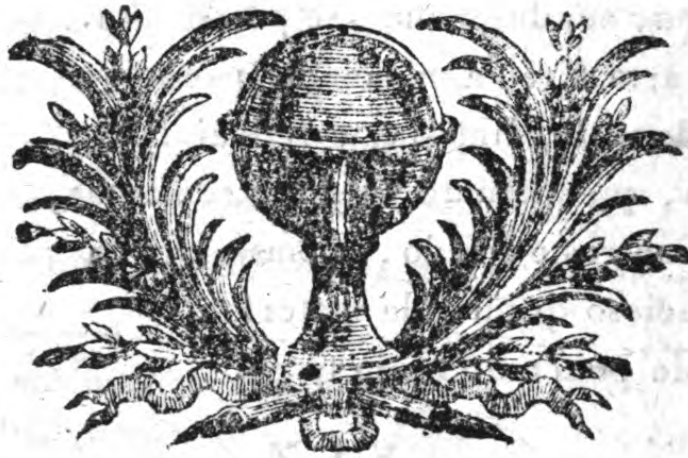
Péço-te, Amigo meu, péço desculpa
Do longo enfado, que escrevi sem tento ;
Mas tam corrente o pensamento vinha,
Tanto em fervor na veia borbotavaõ
As idéias, — que no papél rugia
A penna, em despachar-se pressurosa.
Mâis curta fôra, a me acudir pachorra
De ordena-la, lima-la, e reduzi-la.
Mas tu, que alem do vulgo te remontas,
Qual Contraste sizudo, poêms a márca
No precioso quilate da materia,
Curando pouco do feitio tôcco.

F I M.

P. S. Se alguma alma piedosa compadecida dos
achâques desta prolongadissima escriptura, quizér
empunhar um bemaffiado podão; e aquí, allí tal-
hando sem misericordia repetiçoês, luxuriante
viço, etc. etc. etc. a quizer tornar mâis abbre-
viada, e por esse modo mâis maneira, e tambem

mais util e agradavel, o seu Author lh'o agrade-
cerà mui cordialmente ; pelo muito conforme que
elle sempre esteve com esta máxima do inimitavel
La Fontaine.

Les ouvrages les plus courts
Sont toujours les meilleurs. En cela j'ai pour guides
Tous les maîtres de l'art, et tiens qu'il faut laisser
Dans les plus beaux sujets quelque chose à penser.



D I O S

T E L A D E P A R E B U E N A .

Q U A N D O estava estremando de altas Odes
 Os titulos pompózos, *Excellencias*,
Reverencias, *Altezas*, *Senhorías*,
 Bem andava enleuada a mão na empreza;
 Mais enleiado o Sp'rito. — Poucas vezes
 Cursei do Paço as cortesãs measuras,
 Nem fui do Mestre-salla Alumno esperto. —
 Nas prèssas Deos acóde. — Eis que no quarto
 Entra mui têsã, mui refestellada
 Dona *Etiqueta*, de ademan sisudo;
 Tóma os papéis, vai dando precedencias,
 Ordena, arranja, mette na fileira
 Os pretendentes, que imprimir-se anhelaõ.

Nunca vi processaõ tam bem compòsta;
 Pendaõ, cruces, andor mais bem seguidos.
 Fiquei maravilhado e satisfeito:
 E tendo eu dado à Dona arrumadora
 Devêdas graças, ella muito inteira
 Voltou de lève o rôsto, e despedio-se.

Mas entra lôgo a férvida Amizade
 Descompoem a Matrícula, entremeia

Mecânicos mortâes com semideoses ,
E Rascôas com Damas de donaire.

Vistes vòs um rapaz , que arruma as Sòtas ,
Condes , A'zes, e Reis no seu barâlho ,
E o mais vulgo dos nâypes , por seu turno , —
Que se mira no quadro ? — Assim estava
Eu , antes que a Amizade embrulhe tudo.

Neste ensejo (1) entra Amor , co' a Formosura ,
Métte as mãos ambas nos papéis , revòlve ,
Embarálha , transtorna . . . ri , — e vai - se.

Eis-me em grande embeléco , em gran desòrdem.

(1) Ei-lo là vem co'as drogas da antigualha. — Ouço eu já daqui dizer a alguns desses bonécos affrancesados. — Esse ensejo que elle metteu aqui à queima-roupa , pilhou-o elle de Azurara, ou Castanheda. Quíz-nos campar de erudito com de palavras Affonsinhas. — Ao que respondo : Nunca eu quíz , meu boneco , campar por palavras , nem ainda campar por sentenças. Diverti-me com escrever versos , e nunca enidei na bazofia de campar por Poèta , e menos por Antiquario. Escrevo a palavra que melhor significa o que intento dizer ; sem me apurar em moderniees , nem antigualhas. Bem podéra eu , se quizésse dar razão do meu d'itto accarretar argumentos , e ainda authoridades , que não me faltariaõ : por agora , sòmente , para tapar-te a bocca te apponto esta unica que sei de cor , por que é a regra por onde me governo , quando escrevo , e que te servirá de muito , se acaso entendes latim ; *Si aut velustum verbum sit, quod tamen consuetudo ferre possit ; aut factum vel conjunctio, vel novitate, in quo item auribus consuetudinique parcendum , auq*

Peòr està que estava. (2) Triste, e mudo,
Perpléxo não atino e' o remedio
De dar rumo a tanta Ode trânsmalhada.

Lembrou-me Deos em bem. — Ponho o capóte;
Lanço na aba o tropél das Poezias,
E côrro às portas da piedosa Sòrte.
Alli lastimo o men fracasso, e péço
Atálho a tam sinistro desarranjo.

Olhou-me compassiva a Deosa; e lógo
Diz a Mercurio: » *Escreve-me esses nomes.* »
Ella depois co'as déstras mãos enròla
De papél os notados quadradinhos,
E bem vascolçjados no galéro
Alado de Mercurio, m'os vai dando
Pela mesma ordem, que os vereis seguidos.

translatum, quod maxime tamquam stellis quibusdam notat et illuminat orationem. — CICERO. 3. de Oratore.

(1) Titulo d'una Comedia Castelhana.



O D E.

Justum et tenacem propositi virum
Non civium ardor prava jubentium,
Non vultus instantis Tyranni
Mente quatit solida.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

QUEM, pôde aos pés lançar soberbas iras
Do Fado rigoroso ;
Quem, sem torcer a vista, olhou seguro
As duas mãos da Deosa
Que Antio governa, carregadas
De premios, de infortunios ,
Nobre Varaõ, desprezador dos Fados,
Superior à Fortuna,
Verá sem medo encapellar-se as ondas
Por cima dos rochedos ,
Fumegando de espuma, a Não aberta
Entregar o costado
A's pontas dos cachopos naufragosos ,
Sem perder no semblante
A côr tranquilla do esforçado peito.
Nem quando Jove attira

O trisulco farpaõ, estrago e morte
Das torres e sobreiros ,
Baixa a vista, de susto estreita os hombros :
Antes constante espéra
A pé firme o naufragio, as varias sombras
Da carranca da Morte.
Que naõ crê tam injusta a maõ suprema (1)
Que o rayo vingativo
Sacuda ao coraçãõ, que ermo de culpa
Naõ téme, naõ dezeja.
O que perde a constancia nas desgraças ,
Ao soldado assemelha ,
Que, no calor da briga, arroja o escudo ,
Para correr mais léve
A commetter descorçoado os pulsos
A's captivas correntes.
Eu vi, Meu charo Freire, com tranquillo
Desassombrado rosto (2)

(1) The Gods, in bounty, work up stormes about us,
That give mankind occasion to exert
Their hidden strength, and throw out into practice
Virtues which shun the dag, and lie conceal'd
In the smooth seasons and the calms of life. — *Adisson's Cato.*

(2) Ecce spectaculum dignum, ad quod respiciat, intentus
operi suo, Deus! Ecce par Deo dignum, vir fortis cum mala
fortuna compositus! Non video, inquam, quid habeat in
terris Jupiter pulchrius, si convertere animum velit, quam ut
spectet Catonem, jam partibus non semel fractis, nihilo minus
inter ruinas publicas erectum. — *Senec. de Divin. Provid.*

O braço alçado, c'ò punhal luzente,
A cuberta Calumnia
M'ò apontar ao peito; os grilhões promptos,
As lôbregas masmorras
C'ò seyo aberto, accesa a infame teya,
Sem demover os olhos :
Vi ao longe a Pobreza, a aguda Fome
Que os braços aõ alargavme ;
A má Fama, o Viver desconhecido
Que o manto espesso, escuro
Abriaõ pelas pontas, e envolver - me
Nas dóbras prétendiaõ ;
Os gemidos do pobre, da viuva
Ouvi na despedida,
Os abraços da Patria, dos amigos,
Sem derramar um pranto,
Sem que o passo me atalhem resolute,
Para o nobre degrêdo.
Assim Coriolano perseguido
Pelas iras da Inveja
Animoso cruzava a praça, as portas
Da ingrata Roma; os prantos
Da Mãe, da Esposa, o esperançoso nome
De si, dos nobres filhos,
Abafando no peito estimulado :
E as portas ermas, tristes
Que outrora oyante o viraõ, carregado

(123)

De louros, de victorias,
Seguido de despojos, de captivos,
Gemeraõ, quando olharaõ
Entre raros amigos, baixos, mudos,
O illustre desterrado,
Levar a estranhos Lares as virtudes
Saudosas a Roma.



DESPÊGO DO MUNDO.

NA Asia e na Europa se ateou a guerra
Que na America e na Africa lavrara;
E a Morte já segou com foice avara
Um Graõ - Lâma, um Sultaõ, Deoses da Terra.

Ronceira veio a nõva
A's plácidas campinas,
Onde sò dos amores, das boninas
Tratâmos, quando o campo se renõva;
E quando o hynverno inerte (1) o mundo enluta
Com desabrido manto ,
(Junto do accêso lar) cada um desfruta
O prazer sabio e santo ,
De fallar da virtudé , e pratica-la ,
C'o sũmo de Lyeo molhando a falla.

(1) *Bruma iners*. Certos malsins, com provisoês falsas da Censoria, se intermettem a me qualifcarem de contrabando algumas allegaçõs latinas, com que escoro às vezes esta ou aquella phrase menos usada. Como saõ pacõvios ! D'onde, senaõ do Latim, no veio o mais nitido phraseado de nossa lingua? Quando Fr. Heitor Pinto escrevia *dar obra ao estudo* fallave elle Arabigo, ou Hollandez? E Arraés, e Vieyra etc., etc. etc. naõ copiavaõ elles phrases latinas? Somente lhes faltou o porem, como eu, o latim à margem.

O D E

*Em 23 de Dezembro de 1790, dia dos
meus annos.*

————— Transfuga divitum
Partes linquere gestio
Contemptæ dominus splendidior rei.
HORAT. *Lib. 3. Od. 16.*

QUANTO accêrta o que orgulhos e etiquêttas,
Deixando a corte, desaloja da alma ;
E às portas das cidades turbulentas
 Despe ambiçoës e invejas !
Já livre do pezado encargo, os léves,
Rindo, sacòde, restaurados membros, (1)

(1) Aos que estranharem este hyperbato , pedirei por mercê , que folhêem um pouco a Poética de Aristoteles , acharão no cap. 22. , pouco mais ou menos as palavras seguintes ; — Zombou Arephrate do Tragicos que se valem de palavras , e de construcções de que ninguem usa E não se para , por certo , que por isso mesmo é que taes palavra e taes construcções são odprimor da arte , como não vind a do theor de fallar ordinario. Capacitem-se por uma vêz que

Para encetar ; desassombrado , o trilho
Do campéstre tugurio ,
Olhos fitos no placido repouso ,
Que pôz seu throno em prados solitarios ;
Vé juncto delle o altar da Sapiencia ,
Que em puro fôgo brillha.

Là não lhe nasce o dia turvo e feio
En-nublado c'os sustos dos acasos ;
Nem agourar-lhe vem a noite inquiéta

Mordazes nóvas perdas.

A Primavéra o vê sadio e ledó ;
Vem deleita-lo o saboroso Outono ,
Que maduros , na cépa que plantára ,
Louros cãchos lhe offrêce.

Em practica suave , ao lar sentado
C'o amigo , que comprara com virtudes ,
Robusta enzinha que voraz chammeja
Lhe arréda os alvos frios.

Sente rodar tranquillo , e sem mudança
A carroça do Tempo , e accérta a penas
Com raras cans , que os annos lhe semeiaõ
Na des-rugada fronte.

o canto Divino da Lyra não é uma conversação comadresca ,
e que se a linguagem do enthusiasmo fora a linguagem do
vulgo , adeos Poesia , adeos Poetas.

Odi profanum , etc. etc. etc.

Quando vai longe o fio das bonanças ,
E os dias cheios , puros , empregados
No bem da humanidade , vê sem susto

Vir o sperado termo :

E estranha a Mórte o vulto do home' inteiro ,
Que encostado nos braços da Innocencia ,
Lhe entréga o sôpro livre , e não-manchado

De incógnito remorso.

Tal espéro acabar mais claros dias
Despidos destes longos infortunios ,
Que o coração com magoas estreitavaõ

De perenne tormento ;

Apenas duas lúcidas Estrellas ,
Que máis que Pollux e Castor na Elysia ;
Aos naufragos no Golphaõ da Disgraça ,

Astondas abonançaõ ,

E dous leães amigos , que estremados
Nóta em seu livro de ouro o honrado brio ,
Me alcancem visitar vedados Lares

Do meû rustico alvergue.

Hoje que alem de lustros onze avança
A carreira que abri para a Virtude ,
Quando aos olhos me deu primeiro assalto

A estranha luz do dia :

Hoje com quatro taças (mais vertentes
De prazer que de Baccho) brindo aos Numes
Tutelares , que um Templo tem sagrado

No arcano de meu peito.

Pois que estes quatro Numes , como eu , prézas ,
Gentil Marfisa , a festejar me ajuda ,
Com quatro taças mais , seu sancto Amparo,
E as àureas Esperanças.

Oh quem obtêr podêra que estes brindes
Cheguem férvidos (quâes me saltaõ na alma)
Nas azas do Dezejo agradecido
A's Cortes de Hàya e Elysia !



S O N E T T O

M O T T E.

Da voz o garbo , e do cantar a gala.

Glossa.

O R A là vai à Deos , e à Ventura
Um sonetto de arromba : *Estrepitosos*
Pregoês da Fama , que aos Heròes famosos.
Mòvem as cinzas na alta sepultura

Até qui não vai mão. Se o Estro atura ,
Dou d'ous trincos cos dêdos gloriosos
Para os rompantes ôccos , ou rançósos
Da caterva outeiral , que mais se apura.

Continuemos. *Quando a tuba excita ,*
O Ar se atroa , o Pólo estremecendo ;
C'o retumbante som , que a sphera abala...

Ora este não desdiz da acima-ditta.

E o Mótte ? . . . Vem d'encaixe : vem nascendo.
Da voz o garbo , e do cantar a gala.

O D E

A' MINHA MORTE!

Nullum
Sava caput Proserpina fugit.

HORAT. *lib. 1. Od. 13.*

SEI, que um dia fatal me espera, e tálha
A' minha vida o estame :
Nem Prosérpina evita uma só frente.
Sei que vivi : mas quando
Tem de soltar-se , ignóro o vivo laço ;
E se cláros , ou turvos
Se hão- de erguer para mim os sóes vindouros. -
Pois , que ao sévo Destino
Me é vedado fugir , fugi ao longe
Roazes Amarguras ,
Que estes per-meios annos minar vînheis.
Rir quero — e mui folgado ,
De vos vêr ir correndo , de encolhidas ,
Escondendo na fuga
As cáudas dos medônhos ameaços.
Quero , entre mil saúdes ,
De vermélha , faustissima alegria
Ir passando em resenha ,

Taça apoz taça, a lista dos amigos,
E o côro das formósas,
Que a vida me entretêrão com agrado.
E reforçado e lésto
C'o néctar da videira, as maôs travando
Co' as engraçadas Musas,
En dança festival, com pé ligeiro,
Na matizada rélva,
Cansar de tanto jubilo o meu sprito,
Que se vá (sem que o sinta)
Continuar o baile nos Elysios
Entre o Garçaô e Horacio.
De lá, com nóvas Odes, que mais valhaô
Que quantas fiz tégóra
(Poís que emendadas pelo douto Méstre)
Darei pâsto à manâ
De versejar, que me tomou bem tenro;
Que zombou de remédios.
E de lá mandarei guâpos modélos,
Onde àvidos alumnos
Bebaô largas liçoês; — se achar Correio;
Que delles se encarrêgue,
E re - fretando a bârca de Charonte,
Cálhas recóve ao Mundo.

E N I G M A

Nos campos de Mavorte
Quem hà que não conheça quanto eu valha ?
Chamo os guerreiros ao perigo , à morte :
No rijo da batalha
Lhes dou alma , eu que sou inanimada.
Não tenho amor de gloria ,
Mas tróco as maôs (às vêzes) à Victoria,
E ganho a palma à trópa derrotada.



F A B U L A

O S O C U L O S E A T O U P E I R A .

I

U M A Toupeira, um dia
Sahio do seu buraco, a correr mundo ;
Mas logo pre-sentio quam pouco via
Para estudo tam largo e tam profundo.

2.

Acaso nesse prado
D'onde ella ia encetar a longa rota ,
Tinha os mimosos oculos deixado
Ao despedir do dia , uma Devota.

3.

A Toupeira que vira
Como delles fizera util emprêgo
A sancta Vélha ; traça o como adquire
Móvel tam apto a Bicho peti-cêgo.

4.

C'os oculos, anciosa ,

Vai tẽr co'a Mãe à tócca , e deste achado
Gabar a serventia preciosa.

Mui de gosto, que a Mãe lh'o pôz agnado ,

5

Dizendo : » Oh pãrvoa filha

» Tanto esse móvel foi para ti feito ,

» Quanto para um bezerro nma servilha ,

» E para um asno um livro vem a geito. »



O D E

A O E S T R O.

Quindi s'io tempore le felici corde
L'anima scorre entro furor celeste
E a novi pensieri in cima siedi :
Per gli eterni sentieri ascendi e riedi
Colma sempre di voglie altere e grandi.

Alessandro Guidi

Ode al Cardinal PANFILI.

(1)

E'STRO filho de Apollo, quando desces
Do verde Pindo, sobre accesas nuvens,
Impetuoso assaltas
Inopinado Engenho,
E chamma imperiosa, insana furia
Levantas na alma digna de teu voo.

(2)

Tu' à morada Olympia arrebataste
O Cantor Grego, Paé da heróica tuba ;
Que a Achilles iracundo
Trôa, quando affadiga

(136)

O anhelante Hector , longo dos muros
Da emmudecida Troya descorada.

(3)

Tu lhe déste ousadiã , com que olhasse
Fito a fito o tremendo Soberano
 Dos Deoses e dos Homens ;
 Que sò c'um sobre-cenho
Quando a colera as faces lhe roxêa)
Abala os Céos e a Terra , empôla os mares.

(4)

E lhe deste o pincel , com que arriscado
Pinta a Jove , e o trisulco rayo iroso
 Que a maô de ardor lhe córa
 Ao remessa-lo as gentes : —
E os fuzis vingativos da cadeia ,
Que suspende e castiga o error de Juno. (1)

(5)

Ao Épico pregão do Ausonio P'ovo
Da trompa argentea os âros (2) enrolaste
 Quando cantou sonoro
 Accolhidos na Italia

(1) Iliad. 15.

(2) Não me lembra ter lido nos Christães d'alma ou no thesoro de Prudentes , se tinhaõ um so aro , ou mais como os nossos , *Corni da Caccito* , as trompas dos ancigos.

(137)

Os Troyanos Penates foragidos
E da alta Roma os triumphantes muros.

(6)

Pintaste-lhe o furor impio , sentado
Sobre as armas cruéis , e atráz das cóstas
Retorcidos os pulsos
Com cem laços de bronze ;
No templo , afferrolhado , de Mavorte ,
Bramando horrendo co'a sanguinea bôcca.

(7)

Abriste-lhe a Cavérna da Sibylla ,
E as prophéticas folhas do Futuro ,
Pejadas de succéssos ,
Que as entranhas dos Fados
Sem ordem , sem conselho des-compunhaô ,
Ao capricho dos ventos revoando.

(8)

Tu a Pindaro , a Alceo , ao Venusino
Subiste em tuas azas inflammadas
Ao concélho das Musas ,
Onde avidos gostaraô
O almo liquor da reservada veyá ,
Que em Divino transmuda o canto humano.

(9)

Franqueaste-lhe allí pródigas chaves

(138)

Dos thesouros que encerra a Natureza ;
E o fusco véo rasgando ,
Que lhes cubria a mente ,
O trilho que conduz da Terra ao Qlympo ,
Ao colloquio dos Numes , lhe apontaste.

(10)

Assim Camoês , por Ti enfurecido ,
Ao cume do Parnasso se avizinha ;
E os Delphicos loureiros ,
Quando elle sóbe , curvaõ
Ao novo Homéro os orgulhosos tópes ;
E arredaõ larga estrada ao Vate egrégio.

(11)

Calliope a maõ lhe da ; e às dontas grutas ;
Do rápido talento asylo , o guía ,
Onde a sublime trama
Da Iliada sonora ,
Palpando as chórdas da Épica harmonia ,
Cantara Apollo , e transcrevera Homéro.

(12)

Alli subio Camões ; alli a Musa
A bocca e vózes do immortal Alumno
Banhou de Poezia ;
E co' as Jrmans que inyóca ,

(139)

Co' as tres Graças , que tudo afformoseaô
Enchem do Vate o peito , dadivosas.

(13)

Eis chega ao sabio côro o Ausonio Cysne
Comedido , e das faces ressumbrando

Assômos de Celeste :

E tanto se affeicôa

Do valído das Musas Tagitanas

Que por Alumno e confidente o acceita.

(14)

Das reconditas minas da Memoria ,

A seu pedido , as ricas veyas abre ;

Que Camôes enthesoura :

Tambem lhe réga o engenho

Co' Épico arcano em limpidas correntes ,

Que manaraô nos nóvos Argonautas.

(15)

Entôa o forte Gama , avassallando

Os mares naô-trilhados de outros lenhos ,

Impávido affrontando

O conflitto das ondas ,

Que o Thyoneu contra elle accappellava ,

Ajudado do impróvido Neptuno.

(16)

Sobrevêm Sapho , e canta de Inez linda

(140)

A ternura fiél , tràgico termo
De viçosos Amores.
Ambicão crua e céga,
Çubiça de mal-firme valimento
Tu lhe enterras no peito o frio ferro!

(17)

Homero inchando à tuba o bronzeo ventre ;
Mais alto resoava , e tinha em fogo
A vista rutilante
Quando lançava as vozes
Do Adamastor membrudo arduas vinganças
Do quebrado segrêdo de seus mares.

(18)

Como sentiste do animo o alvoroto ,
Absorto Vate , quando o intimo seyo
Os sons te revolvião
Daquella voz valente ,
Tonante voz , encerro de prodigios ;
Voz de que assim se ufana a natureza !

(19)

Como já n'alta mente as cores punha
Nos quadros dos Lusíadas illustres
Aqui se atéia a briga
Dos doze de Inglaterra :
Alem , da agua que sorve , engrossa à nurem ,

(141)

E o pé que tem no mar, a si recólhe.

(20)

Quanto se èrgue entre stupidos humanos

Quem ao nascer sortio um peito altivo

Capaz de inclyta empreza?

Mais que homem é um Nume.

Os parabens te don, oh Lusa Patria :

Tambem os tómo, de dever-te o bêrço.

(21)

Oh próle de Japêto, a tudo ousada,

De ser do barro vosso me gratulo ,

Quando contemplo a chamma

Que em vós prendeu celeste ,

Luzir no engenho , disferir no esforço,

Brazaõ , e assombro das futuras éras !

(22)

Lógo Tyrteo , para as feróces guérras

Oprendou c'o clarim agudo e forte,

Que a côr ao gésto muda ;

E nelle os tons lhe ensaya ,

Com que recontre as àsperas batálhas

De Nuno féro , e do pugnáz Pacheco.

(23)

Eis no càrro , que as àlvas pombas tiraõ

Lhe entréga agradecida a méiga Venus

(142)

(Do mimoso regaço)

Quadros de Jdàlia e Chypre ,
As fontes , e arvorêdos namorados ,
Com que elle adorne a Jilha dos amores.

(24)

Os ólhos para a sphéra erguei celéste :
Como raya vermêlha no Oriente !
Do centro escapa um lume
Que de ouro reluzente
Vai as nuvens cubrindo . . . Um Deos radioso
Com plácido semblante à terra desce.

(25)

Pelo cinto do lucido horisonte
Melodias dolci-sonas se espalhão ;
Alâdas Hymnos voaõ
Flammígeros em torno
Da verde-laurea fronte ; as alvas azas
Dos Zéphyros , na lyra , férem vózes.

(26)

Mas já o previdente Apóllo abrindo
O fatidico seyo do Futuro ,
Movido do ardimento
Do generoso Vate ,
Poem nelle os ólhos de splendor trajados ,
E estas aladas vózes lhe dirige :

(27)

» Feliz Mancêbo , que a verêda pizas

(143)

- » Dos dous Cysnes , que alem de todos prézo ;
 - » Não desmàyes , ao vêres
 - » Os sustos , os despenhos
- » Que ameaçaõ na senda alcantilada
- » Do laurifero Pindo , temeroso.

(28)

- » Com meu ràyo facundo , e nunca-incérto
- » Quéro teu guiâ ser na Épica lida :
 - » E seràs celebrado
 - » Na esteira perigosa
- » Que intrépido em rasga-la aos teus a a'anhos
- » De naõ-murchandas flores a esmaltares.

(29)

- » Mas E'stro adquire gloria , e naõ thesouros.
- » Morreràs póbre , tendo submettido
 - » Mais riscos , mais trabalhos
 - » Que o Gama , a quem dás nome.
- » Aos Vâtes , que só poem na Fama o fito
- » Seràs pharol de nãufrago penêdo.

(30)

- » O mesmo Fado desastroso empunha
- » Irado rayo , em damno dos que venhaõ
 - » Por éstas broncas frãgas ,
 - » E absôrtos na harmonia

(144)

- » Dos sonoros teus ousados vérsos ,
- » Te imitarão na lyra , e na desgraça.

(3 1)

- » Coridon, Coridon , que improba estrella
- » Te dá Nome immortal , fonte de invéjas ?
 - » Pelos salloës das honras
 - » Te arreméssa às masmorras ;
- » Onde os annos consumes , que deveraõ
- » Ser de ampla glòria e louros assombrados.

(3 2)

- » Lâ vai , de atròz Calumnia perseguido
- » Correr mares , trilhar estranhas térras
 - » O candido Filinto
 - » Que tanto tinha a peito
- » O seu Camoës grandiloquo a quem lia
- » Com gosto , com respeito às Musas grato.

(3 3)

- » Là , contigo abraçado , em seu desterro ,
- » Em ti bébe a corrente nobre e pura ,
 - » Com que os seus vérsos banha.
 - » Ainda , auzente , brada
- » As nõvas A'guias da soberba Elysia ,
- » Que o teu canto e dicção tómem por Nòrté.

(3 4)

- » Mas , em quanto te estuda , e te defende ,

- » Lávra contra elle sétta a Ignorancia ;
- » E dos seus bens e fama
- » Poem opímo despojo
- » Nos altàres da Inveja, e da Calumnia.
- » Iniquo galardão de haver-te amado! (1)

EPIGRAMMA.

APOLLO um dia, ao lér cërta Ode minha :
« Nunca inspirei (me diz) tam frouxa obrinha. »
— Apollo (eu lhe respondo muito inteiro)
— Eu naõ armo ao louvor, armo ao dinheiro.

(1) Naõ me faltarão accusações criticas de que quebrei o fio da Ode, e que a falta de nexo è mais um desvario meu, que um deparado delirio. Venhaõ accusações, affiem as criticas, que cóstumado estou a naõ reparar deteitos semelhantes; que se ña verdade o saõ, quéro antes errar com Pindaro, que ser methodico ao geito de tães Censores. Já que tenho emcima da meza o des-methodico Pindaro, apontarei a esses mestraços a Ode 4 em que elle louva a Arcesilao, vencedor na carreira Olympia, onde depois de se lançar a vôo solto na expediçãõ dos Argonautas e conquista do Vellocino, que tam arredada parece do assumpto; se volta a Vencedor, e diz - : » *Agora, oh novo Oedipo, acërta com o enigma. Um antigo Carvalho, etc. etc.* para lhe fallar em Demophilo, e lhe pedir, que o recolha do desterro à Corte, etc. etc. Qual de nòs se desvia mais?



M A D R I G A L.

Ao vêr-te, oh minha Marcia, tam formosa,
Naõ estranho que os olhos lhe vendasse
Venus a Amor, com sustos de ciosa,
Que por Ti (se Te visse) a naõ trocasse.

S O N E T T O

A O S E N H O R. * * *

» TARDIO às vezes, sempre merecido,
» Tem a Virtude o prémio aparelhado
» Ao proficuo talento, ao peito honrado,
» Que do Devêr o stadio tem corrido.
» O Sabio, que dos louros esquécido,
» Só no obrar bem os ólhos tem crayado
» Inopino tambem se àcha c'roado
» Por mãos sob'ranas c'o laurél devído.
» Util à Pàtria seja, as paixoës dóme,
» Seja piedoso, honéstó, affavel, justo ;
» Que no futuro o espéra înclyto nome.»
Assim fallou Minerva ao Côro augusto,
Pondo no Templo do immortal Renome,
De gloria ornado, o teu prezado Busto.



O D E

Frui paratis et valido mihi,
Latoë, dones, et precor integra
Cum mente, nec turpem senectam
Degere, nec Cythara carentem.
Horat. l. I. od. 31.

QUE cuidas, meu Pilaer, que péde aos Fados
O Poéta Filinto?

Quando vê, por detraz do pardo monte
Erguer-se o Sól dourado;

Ou quando, já trilhado o ethéreo cinto,
Mólha o cansado Côche

No pégo Occidental do azul Neptuno?
Naõ poem nas aras cégas

Da soberba Fortuna offrendas, vótos
De sôffrego interesse;

Nem péde, novo Midas, que entre os dédos,
Em flavo ouro luzente.

Se lhe tórnem as pédras, as correntes;
Nem tózem seus pastios

Grossos rebanhos de nervudos touros,
Para lavrar activo

Com vinte jugos dilatadas geiras.

Commétta ousado os sustos
Do assanhado Oceáno verde-negro
O mercador ganhoso,

Que a vida em menos preço tem que o lucro ; (1)
 Ouça silvar os ventos
Pela gemida enxarcia enfurecidos ;
 Accappelladas ondas
Na esmorecida prôa lhe rebentem ;
 Rache o ruyvo corisco
O grande masto em re-tisnada róca ;
 Que elle só fita os ólhos
Nas lóges do Brasil ; por entre os rayos
 Vê chegar o Mineiro ;
Ouve por entre os roncos , e estampido
 Dos trovões , tinnir dóbras
No mostrador avaro ; vê vendidos
 Os enfardados pannos.
Porque não justiça Jôve potente
 Com despedido fogo
O mortal , que arrancou com mão culpada
 Das entranhas da Terra
Esse ouro malfetor , fonte de crimes ,
 Estrago da Innocencia !
Bem foi idade de ouro a feliz éra ,
 Que pallidas figuras
Não vio nos cunhos do ouro amoedado ,
 Para deshonra e morte ;
Que não vio a Ambição , a Tyrannia
 Medrar , assoberbando
Com desiguães riquezas os singélos
 Costumes da Virtude.

(1) Evil tesor piú que la vita hà caro -- Chiabrera , tom. I.

Eu sobranceiro às vágas empoladas
 Da turbulenta Côrte,
 Verei correr às Mitras, aos Governos
 Imprudentes humanos,
 Que o valor não conhecem do Socêgo.
 O Corno de Abundancia
 Emborcando sonôro a um Thersitês,
 Louros dobrões a rôdo
 Sóbrio verei com olhos não-torcidos; (1)
 Segûro de mim-mesmo.
 Cuberta a méza de Faizoês custosos,
 Em dourada baixéla;
 Déz Lacayos esbélto, ôlho à lértá,
 Pelos christáes derramem
 De Constaça e Tokai os raros vinhos;
 Com descuido, e desprêzo
 Olho o luxo, a sobêrba dos manjares,
 O desperdicio, o custo
 Com mais justa partilha bêm-logrados
 Na Viuva; no Orphaõ rôto.
 Sem orgulhoso apprêsto dá Natura
 Saudavel sustento:
 Saboroso légume, herdada fructa
 Accarêa appetite
 Ao Sabio que ganhou com sobrio emprêgo
 Proveitoso cansaço.
 Para alojar o corpo d'um Magnata,
 Talvez pygmêo e sécco,

(1) Oculo irretorto. — Horat. lib. 2. od. 2.

Trinta salcões de vasta Architectura
Fazem gemer a terra
Com altos torreões, chumbados tectos;
E o grande Cincinnato
N'uma brève choupana vive ricco,
Folgado, e farto de honras.
Que não dão diamantes, nem Palacios
Descansada ventura;
Nem vem o somno, com as mansas plantas,
Abrir cortinas de ouro,
Para estender-se ao lado ambicioso
Do Cortezaõ inquieto.
Eu, que alem pizo a ráya a doze lustros,
Que de alterná fortuna
Com sombra igual provei pênas, favôres,
Que hebi proveitoso
Sazonadas liçoës da Experiencia
Na carreira da vida;
Que c'o fanál da reflexaõ attenta
Vi no pégo do Nada
Cahir tantas corôas --- subir tantas
Que improprias frontes curvaõ;
Tanto dezejo ardente não-cumprido,
Ou morto apénas-nado;
Tantos ricos, illustres, poderosos,
E tam poucos felizes,
Só peço aos Céos dourada Mediania
Em plácido remanso,
Saúde alégre, e Lyra, com que cante
Louvores da Amizade.

A MULHÉR E A VACCA.

PERDEU Mulhér e Vacca, em outo dias
O gordo Almeno: um, já lhe a Filha offrece,
Outro a Sobrinha, a Irman: que se enfenece
Cada um de impor com Deos suas Marias.
Almeno, que q uér cousa que lhe renda,
Busca a réz, e não tópa c'uma attáca;
Mas tópa com Mulhér, que lhe despenda:
Que é mais fácil achar Mulhér, que Vacca.

L I R A S.

(1)

TINHA de fachos mil a noite ornado
A argentadá Princeza:
De amor, graça e belleza
O campo ethereo Venus povoado.

(2)

A Térra, com perfume precioso
Em torno recendia.
E plácido dormia
Sobre a dourada areia o pégo undoso;

(3)

Quando veio roubar a formosura
De tudo o que é criado,
Marcia, fiel traslado
Da belleza do Céu, sublíme e pura.

(152)

(4)

Com Lyrios, que estendeu, vestio ufana
A fórma divinal;
Em acceso coral
ngio, sorrindo, a bocca soberana.

(5)

As madeixas tomou das veyas de ouro,
Nos ólhos pôz saphiras,
Que das sétas, que atiras,
São, féro Amor, o mais caudal thezouro.

(6)

Todos seus dons lhe pôz o Céu no peito;
Como órna o Regio Spozo,
C'o enfeite mais custoso,
A Princesa, a quem rende a alma, sujeito.

(7)

Eu vi affadigados os Amores,
E as Graças, que cantavaõ)
Em quanto se moldavaõ
Seus graciosos géstos vencedores. (1)

(7)

Das Sereyas o canto deleitoso
Lhe nasceu sem estudo;
E o dom de enlevar tudo
Envolto veio em seu sorriso airoso.

(1) Illam, quidquid agit, quoquo vestigia flectit,
Componit furtim, subsequiturque decor.

Tibull. lib. 4. carm. 2.

(155)

Quando Neptuno aliza o equóreo plaino ;
Tambem , quando os negrumes
Os coraçõs dos Nautas amedrontaõ,
Espèra por Bonança.

(5)

Sei, que ao Sabio, de penas combatido,
Appetecer é dado
(Quando ouvio prompto o brado da Virtude)
Da Fortuna os favores.
Mas a Virtude que não sòffre, e affãna,
Que se céva em branduras,
Muitas vezes em vil frouxesa para.
A Sequidaõ, o Orgulho,
Com a Dureza da alma os lados cingem
Dos deslumbrados riccos.

(6)

Naõ que prósperos dias dormentassem
Teus sizudos disvéllos ;
Nem que para accorda-los fallecessem
Iníquos infortunios.
Nem que, pouco leal, tua Virtude
Tomasse por modêlo
Esse soberbo, e téttrico insensato
De inchada e vil soberba,
Que a mór desgraça, que sentio na vida,
Foi ser sempre ditoso.

(7)

E quando o mal, quando a tristeza é ténue,
Por nos sàrar da Dita ;

c'os bens opulentos não transpôrmos
Da Sapiencia as mêtas ;
Util é sempre o Mal que afformoséa
A presente Ventura :
Pósta à luz , c'os soffridos Pézadumes ,
Co' a sua àgra lembrança
Affiâ o paladar enfastiado
De ditoso Socégo.

(8)

Tal áta o Sól dourado , e a fusca Noite
A cadeia dos annos ;
E tece o Fado o circulo da vida
Com gostos , com tristezas.
Com previsto saber o Céu prudente
Recipróca o proveito
Das vêzes desiguaés do humano trato ;
E a miúdo arranca ainda
Divina mãõ , do seyo do Infortunio ,
O Bem mais precioso.

(9)

Por que cansâmos com perdidos rogos ,
O renitente Olympo ?
Dos desvairados lances da Fortuna
Jaz este mundo escravo.
Jóve , formando o homem , semelhou-o
Aos Gêmeos , que entre os Deoses
Pôz a Fabula. Deoses , que , por certo ,
De estranha divindade ,
Ora são Cidadãos do Avérno escuro ,
Ora do Céu , préclaros.

M A D R I G A L.

» PRAZER! Prazer! oh falso, oh bandoleiro!
» Que fugindo te auzentas
» De nós, sem saudade, e tam ligeiro:
» As penas nos augmentas,
» Se, mal que te accollêmos, já nos deixas.»
Eis que o lindo Prazer tam suspirado
Me responde: — Que vans são tuas queixas!
— Aos Numes graças rende, que haõ creado
— O Prazer brêve: que, a ser eu comprado,
— Me houvêraõ (certo) para si retido. —

O D E

T R A D U Z I D A.

(1)

T U , cujo engenho ergueu para balisa
A varonil Virtude,
Que sem máis guía, ao Templo seu te alçaste
Por ingremes verêdas,
Charo *** , que atroz Des-asocêgo
Pôz no teu peito o alvergue
Do triste Enojo, da pungente Mágoa?
Verdugo de ti mesmo,
Por que a dar armas, lugubre porfias
Ao teu mordáz Desastre?

(154)

(2)

Affugenta esse Enojo voluntario
Que te captiva a ideia;
Deixa às almas vulgares, que se accurvem
Com tam frouxos revézes,
Affronta c'ò infortunio, e crava os olhos
No broquél da Esperança,
Que contra o Fado e seus punhães te ampara
Se zune o vento, e se hoje
Sobre ti ronca a tùmida borrasca,
Na bàrra à manhân surges.

(3)

Nem sempre acccita o mar os rijos sopros
Dos agastados Euros;
Nem turvas précipitadas torrentes
Alagaõ sempre os campos.
Quando a nuve infeliz abafa o peito
Sem albor de refugio,
É duríssimo o pezo da Desdita:
Mas logo se aligeira,
Des-que aponta no rubido horifonte
Esperançoso rayo.

(4)

Mudado, um dia, em placido Socégo
O teu roáz Cuidado,
Serà qual sônho infausto, e pavoroso,
Que ao despertar se esvæ.
Chama o Valor, confia. Se o Piloto
Sagáz téme a tormenta,

C A R T A

A O S E N H O R

JOZÉ BONIFACIO DE ANDRADA. (1)

DEFEITOS DA PHILOSOPHIA.

On a banni les démons et les fées ;
Sous la raison les graces étouffées .
Livrent nos cœurs à l'insipidité. - Cont. de V.

So ben che sono molti come voi
Che credono romanzi e favolette
Le cose delle fatę: -- e sono buoi.

Ricciardetto. Cant. 20.

EM quanto nóssos Pães, nóssas Avós,
Encostados na fé do Padre Cura,
Criaõ Fadas, Duendes, criaõ Bruxas,
Quam felices que foraõ! Que Socêgo
Lhe adormentava entam o entendimento!
Naõ lhe davaõ tormento as barafundas
Desse fiscal Esp'rito, que aforôa,
Que examina hoje tudo, e que amplos gôstos
De enfeitadas chiméras affugenta.

(1) Naturalista, enviado pela Rainha N. S^a a França e Allemanha etc. etc.

Junto do lár ardente , em curvo cerco ,
Baixas as téstas , córpos bem cerrados ,
Toda a familia nos seções de lhyverno ,
Embelésada néstas ventoinhas
Inquilinas do mundo imaginario ,
Naõ sente o como ronca , esbravejando ,
O vento , pelo trémulo arvorêdo ;
Nem como , a télha - van remêche e grita
Por saltante pedrisco fustigada.
Apenas , quando vai o Conto em meio ,
Arrêda do Leitor , um tanto , os ólhos ,
Para dar um meneio à frigideira ,
Ou virar o bom lombo que re - pinga .

Um Cavalleiro , que a vizeira cala ,
Embraça o seu broquel de amante mótte ,
E vai correr o mundo , confiado
Na aguda lança , e na talhante espada ;
Que accommêtte arriscadas aventuras
Por livrar encantadas formosuras
De mimosas Princesas ; de esquecidas
Masmorras retirar ao claro dia
Um Montesinos , gaapo Cavalleiro ,
(Saudades da misera Belerma !) (1)
Que para o conquistar , em campo affronta
Gigantes , Malandrins , Dragos , Duendes ,
E de toda a refréga sahe com brio —

(1) Haja vista ao minuetto de *Belernia misera* , que vem nas Operas do Judeo . Creio qui é (segundo minha lembrança) na Opera de D. Quixote .

Assim por vis supplicios, por branduras
A seu sabor nos róda:
O Sábio só, de préparado peito,
Resiste a seus caprichos,
Que ólha com rosto igual, em todo o tempo
A Cortezan mudavel,
Que a fineza menór lhe desmerece,
Ou já que o false incáuta,
Ou já menos-lembrada, o leito antigo,
Por inconstancia busque.

S O N E T O.

Co' a catána debaixo do capóte
Vinha de noite um bêbado Marujo
Tomando a rua derrengado e çujo,
Té que na esquína c'o nariz deu bóte.
« A mim!... a mim!... Irra, c'o piparote!
» Mètta mão, se é capaz. — Que eu cà não fujo. »
Trape, zape. — E' bem rijo o tal sabujo!
« Não recúa!... Traz máilha. — Traz pelóte. »
A pedra dura, às tèzas cutiladas,
Ferida, faiscou!... Ficou patinho
O Marujo!... Fez pè atráz. ... e lógo
Co' estas se desferron, razões pauzadas:
« E' valhaco! é traidor!.. Vou-me. e embainho.
» Não brigo com quem traz armas de fôgo. »

EPIGRAMMA.

Ouvio Francisca a um Pregador famoso
Dizer, que no marido
Recàhe todo o error peccaminoso
Por mulher commetido,
Se elle o dèbito lèva a alheio leito.
Francisca a bom recado
Pôz do sermaõ o machacaz conceito.

« Farei tanto peccado
» (Disse zelosa) e culpas tam immundas,
» Que darei c'õ meu hõme' nas profundas. »

ENIGMA.

NEGRA sou, se mais negra, mais formosa.
Nenhum, se eu não o approvo é claro feito:
De mim depende a fama gloriosa;
Dou a vivos e a mortos seu dircito:
Em mim pódes achar, ora encerrada
Uma sentença, agora um desatino;
O Bem, e o Mal, sem dár palavra, ensino;
E ensino tudo, não sabendo eu nada.



Descrever (como digo) éssas proezas
Éra o talento d'uma *sabia pluma*,
Estimada na Côrte, e na Cidade;
Farta leitura de villoës e nóbres,
Que, enchendo-lhe a alma de gostoso enlévo,
Criava nos guerreiros mais sabidos
Campanudo valor, cortez agrado.

De Carlos Magno o folheado livro,
C'os doze Pares de esforçado pulso
Pario mais valentoës (1) à nossa Elysia
Que não darão (nos séculos vindouros)
Embrulhos para as tendas, as fidalgas
Folhas d'um certo Author là dos Algarves
Nos copiados (2) seus bastos volumes.

Em duros corações que térnos golpes
Não déraõ sempre as lagrimas pudicas,
Os saxi-fragos rógos da formosa
Lastimada Floripes? Qual foi nunca
A Dama bem-nascida, bem criada,
A donosa Donzella bem-fallante,
Que lendo na novélla os altos feitos,
Galhardias de justas, e torneios
A's Béllas dedicados, e vencidos,
Não hebesse vangloria, e bons desejos
De correr similhantes aventuras,
A desconto d'um susto em negro bósque,

(1) Vid. na Corte na Aldeia, discurso 1º o soldado da India, que ouvia nos quarteis ler livros de Cavallarias.

(2) E' Author a quem a composiçãõ d'um volume custa o esforçadissimo disvello de trasladar d'outro volume.

D'um assalto de amor em leito de ouro?
 Conversando, sonhando (ao menos) nellas,
 Em quanto de as correr, não chega o dia,
 Quantas horas com gosto se não pássaõ?
 Não assim esses livros engoiados,
 Com que hoje enguiçãõ guapas livrarias;
 Cartapacios de linhas, de figuras
 Nigromanticas, barbaras, insolitas,
 De Algebrías, de Chymicas, de Phósphoros,
 De Syntheses, de Anályses, *et reliqua*,
 Com que tantos engenhos parafusaõ,
 Com perda de papél, perda de tempo,
 Sem deleite do Author, nem dos Leitores.
 Ah! quanto o bem-merecem (muito fólgo!)
 Lhe venhaõ na garûpa as escoimadas
 Criticas finas, causticas Censuras,
 Bichos desconhecidos nos bons tempos
 Do bom sizo dos nóssos bons Mayores.
 Que cousa hà hi nos mátos espinhosos.
 Dessa magra e subtil philosophia (1)

(1) La Poesia cava bien più partito da un' illusione interessante, che da una verità fredda. — Cesarotti.

Je respecte la vérité comme les Philosophes ; mais je regrette que les hommes aient renoncé à ces préjugés aimables, à ces tendres illusions qui faisaient le charme de la vie, en donnant un nouvel attrait au sentiment et à la morale. L'illusion embellit tout, même dans la nature ; les arts s'étudient à nous tromper pour nous rendre heureux. Que de bonheur les erreurs enchantées répandaient sur les liens qui unissent les hommes ; que de

Que emparelhar se atreva cùm bom Conto
De fadas , c'o condaõ d'uma varinha ?

plaisirs , que de consolations l'imagination créait autour de nous ! Mais l'ame s'est refroidie dans le creuset des sciences exactes : on a voulu tout analyser , on a déchiré le voile du cœur humain : on n'a pas voulu croire que le culte de la Félicité doit avoir ses mystères , comme celui des Dieux. Vous croyez , nous dit un Newtonien , que ces arbres sont verts ? Mais cette verdure n'est qu'un jeu des rayons de la lumière. Un Philosophe chagrin est venu nous dire qu'il n'existait point de véritable amitié , et que tous les sentimens avaient leur source dans l'intérêt personnel. On a vu le monde tel qu'il est , et c'est un grand malheur ; la fable la plus ingénieuse de l'antiquité , c'est celle de Psiché ; elle voulut voir l'Amour qui la rendait heureuse ; mais à peine a-t-elle porté sur ses traits la fatale lumière que l'Amour n'est plus qu'un songe ; la fable de Psiché est l'histoire du dix-huitième siècle.

Ce sont les femmes qui ont le plus perdu à ce nouvel état de choses ; les femmes sont tout où regne l'illusion , elles ne sont rien dans un pays où le plaisir est soumis au calcul ; elles ont voulu franchir la distance que le vuide de l'imagination laissait entre nous ; elles étaient négligées , elles se sont rapprochées ; elles sont devenues plus faciles ; le plaisir n'y a pas plus gagné que la morale ; elles sont plus corrompues , mais il s'en faut bien qu'elles soient plus heureuses : on voit moins leurs charmes depuis qu'elles les montrent ; elles ont oublié que l'Amour est aveugle , et qu'il ne voit rien des attraits qu'on étale en public. Imiter la rose qui a reçu de la nature des feuilles pour cacher son éclat et des épines pour la défendre.

La beauté perd son empire à mesure que l'illusion perd le sien. Examinez les mœurs des Sauvages de la mer du

N'uma volta de maõ, c'um léve tóque
 Dessa bemdita v'ára milagrosa
 Vos faziaõ sahir là das entranhas
 Da terra obediente, altos Palacios
 De abalastro, com seus capiteis de ouro
 Engastados de fina pedraria,
 Sumptuosos jardins, fontes, passeios
 Que recheiaõ, que sérvem, que afformósaõ
 Mil Pagens cortezaõs, mil Nymphas bellas.
 D'uma casca de nóz cahir a rôdo
 As perlas, em chuveiro, as emeraldas,
 Saõ prodigios que pasmaõ, que divértem
 O mais triste fidalgo embezerrado
 De naõ ter conseguido uma comenda

Sud, les femmes s'y montrent telles que la nature les a formées ; jamais le bonheur n'y est appelé par le desir. Aussi la beauté y languit dans la plus vile servitude. Je ne sais pas jusqu'à quel point nos *beautés* veulent nous rapprocher de cet état, mais il n'est que trop vrai que l'Amour a perdu ses charmes en perdant son bandeau ; c'est une fleur dont la tige est desséchée, depuis qu'elle a été trop exposée au grand jour : si cela dure, bientôt on n saura plus comment s'y prendre pour aimer et pour estimer les femmes. On va m'accuser d'être un misanthrope, ce sont des hommages et non des conseils qu'il faut adresser à la beauté.

Qui pourtant, plus que moi, rendit un culte fervent d'amour aux femmes, et leur érigea plus de temples dans son cœur ? Je suis hélas ! *l'aveugle inconsolable d'avoir cessé de l'être.*

LOVE - TRUE.

Por cansados serviços, por vinte annos

A fio ter cursado os venerandos (1)

Tijólos de palacio, e feito airozas

Nos bejamaõs as sólitas mezuras.

Nem conto os mimos, musicas e amores

Surdindo da caverna, mais escura

Que as Princezas amantes, pensativas

Na solidaõ maviósa deleitavaõ.

Oh ricco Ariosto! Oh vate nõbre e farto

De brilhantes idéias variadas!

Um cento de Palacios de alabastro

Nunca te custou mais que quatro rasgos

Da riquissima pluma creadora.

Naõ sem razaõ a sapiente Crusca

Te déra sobre o Tasso a primazia.

Oh ricas Fadas. ricco encantamento,

Enleio dos sentidos agradavel,

Com que saudade crua, e com que pena

Vos chõro de entre nõs affugentadas,

Por esses máos Philosophos, esquivos

De tode o hom saber, toda a delicia

De entretida licçaõ, de util estudo!

Assim, Amigo Andrada, a minha Musa

Em seu ócio sagrado divertida,

Com desenfado, um dia assim traçava

Esse embriaõ de ensôcos destemperos,

(1) Assim lhe chamou o Marquez de Valença n'um discurso que em nome da Academia Real da historia pronuncion diante de SS. Mag.^{des} em dia de bejamaõ pelos annos de

Acceitos com desdem ou com sorriso,
Segundo te áchem lépido, ou trombudo.

S O N E T T O.

OLHA, Filena; o Rio turvo, e feyo
Corria com as ondas encrespadas,
Como óra embórca as aguas descansadas
E móstra a areia trémula no seio.
Olha o risonho dia que nos veio,
Depois de tam medonhas trovoadas;
Olha as terras de flores esmaltadas,
No travéssó matiz, da vista enleio.
Tal, mudavel Filena é a minha vida:
Sou triste, ou sou alegre, como vejo
Tua face irada, ou de rigor despida.
Se me affagas, sou prado que verdejo;
Se te esquivas, campina desabrida.
Tanto dispoem de mim o meu dezejo! (1)

A U M R E T R A T O

DE M. DE BUFFON.

TALENTO perspicaz, saber profundo:
Dai-lhe a matéria, dár-vos-hà um Mundo.

(1) Parece - me que li este verso em Fernão Alvres de Oriente : se me engano, dou - o por não ditto.

O D E.

Serves animæ dimidium meæ.

Horat. lib. 1. Od. 3.

PÉDE, péde (me disse Jove um dia,
Quando teve acabado o seu despacho,
E dado ordens ao mundo)
Era dia de festa, e de alegria,
Em que de Juno não soffreu o empacho, (1)
Nem seus zelos sem fundo.
— Pedę rigezas, pede imperios, péde.
Scientias, artes, honras, formosura;
De tudo tenho a rôdo. —
Senhor Jove, que em dons se assim des-méde,
Grato a sua mercê: tanta ventura
Não quadra cà a meu modo.
Nasci sem ambição. A ter vinte annos,
Pedira uma Muchacha graciosa,
Mansa como um borrêgo:
Mas fiz sessenta e cinco; se entre humanos
D'um amigo me deu jóya preciosa,
Que m'a salve o encarrêgo.

(1) Fatigué sans cesse par les reproches, les emportemens de son épouse acariâtre. — L'Abbé Cormilliole, préface de la traduction de Stace.



C O N T O.

ERA uma vez Bieito, e mais Briolanja
Cazados hà seis annos, sempre amigos,
Amigo o filho, o gato, o caõ; e amigos
(Cousa pasmosa!) O harda * c'o canario.
Nunca, ao salvar da pifia humanidade
O diluviano resto, reinar vira
 Tam boa intelligencia
 Noè no encerro da arca.
Vai senaõ quando, em festa domingueira,
Tam de bandas tomou a cabelleira
Bieito, que azoado, apenas entra,
 Desanca sua mulher;
Esta para desabafar a rayva,
Poem em lençoes de vinbo o pobre filho;
O filho dà no caõ, o caõ no gato,
E este arranha o har da em certa parte.
 Todo chólera o harda
Férra ao canario os dentes no gasnête,
 E poem-lhe a alma de avêssô.

Moralidade do Conto.

Vejaõ vossas merces que desavenças
Naõ procedem da culpa d'um marmanjo!

* Assim chama Vieyra o que os Franceses chamaõ —
Escureuil.

Toda a caza atelli tam mansa e queda
Desmanchou da harmonia o tom pacato.

Assim vai num convento
Quando o Prior tres-louca, a bôla-vento
Vai Lente e Pregador, Leigo, e Donato.

O D E A H O R A C I O .

----- Usque ego postera
Crescam laude recens. - - -

Horat. lib. 3. Od. 30.



QUAL vái lambendo activa labareda
Crepitante espessura,
Ou qual Euro nas vagas Sicilianas
Desmedido galópa,
O Ferino Africano rompe, arraza,
Os reparos das Italias Cidades



Emulândoos arrojõs desenvoltos
Do Cysne de Dircéa,
O avistas là nos Alpes (despeitoso
De atalbadas victorias)
Esse asp'ro Hannibal, retorcendo a vista
Contra Roma, que ao seu furor se esquiva.



Se as venustas Canções de Anacreonte
Na Cythara renóvas
Erato , a linda Venus , Baccho imbérbe
Te rodeaõ , te inspiraõ :
Dadiva é sua , que te amostre o dédo
Cantor suave na Romana Lyra.



Chlóae , Glycerio , Lydia nomeadas
Por todo o Lacio imperio ,
Aos Gregos módos , já por Ti Latinos
Dêvem rumor perenne.
Vive nas tuas chordas , e flammeja
Do teu ciúme a chólera difficil.



Era vósso , oh Caménas , quando affouto
Dormia mui seguro
No tópe do Vulturio descampado ,
Entre Ursos , entre Vîboras :
Vós chamastes as Pombas , que teceraõ
De murta e louro o milagroso abrigo.



Alli Clío , bebendo a vóz de Phébo ,
Soprou na infante veyã
Os poeticos sons , que Elle na Lyra
Mandou à Eternidade.
Accesa , alli fatidica revéla
A's Irmans a vindoura luz de Horacio.

- » Qual , pela madrugada sólta a Abélha
- » O affadigado vôo ,
- » Vai chupar nos casulos , orvalhados
- » O mellifluo perfume ,
- » E açodada c'o doce pezo acóde
- » A' colméa a lavrar os louros favos ;



- » Tal , nos Campos da Grecia irás colhendo ,
- » Flacco , o bejo das flores ,
- » E o mel tem de manar das tuas Odes
- » Com tal sabor , e arôma ,
- » Que crescendo em louvor , sempre recente ,
- » Éras , e éras verás inimitado.

EMPREGO DAS IX MUSAS.

(1)

Com ópa e manto azul , de aureas estrellas
Recamado , passeia majestosa,
C'um compasso na mão a Musa Urania
Dos Ceos medindo a vasta redondeza.

(2 ;

Embócca a tuba argentea a angusta Clio
E faz soar n'um Pólo e n'outro a Fama
Dos Reis e dos Heróes , que sobre-humanas
Obras , em hem dos Póvos emprenderaõ.

(172)

(3)

Calliope, na Lyra , em sons medidos
Canta as mesmas acçoês que Clio escreve;
E os Deoses , para ouvi-la , se debruçaõ
Do Olympo , no seu Cântico enlevados.

(4)

Melpomene , a purpurea , roçagante
Roupa arrastrando , ç'o cothurno piza
Sceptros , corôas , pelo chaõ cahidas
Das maõs dos crûs , dos pallidos Tyrannos.

(5)

E Thalia que ri , que sempre mófa ,
Com maõ malina , e folgazan lhe rasga
Ao Vicio a mascara ; e subtis verdades
Com risonho primor enfeitada airósa.

(6)

De murta se engrinalda a branda Erato ,
Empréga as maõs em coroar amantes
Co'as rósas de Cythéra , e guia as pennas
De Horacio , Anacreonte , e de Petrarcha.

(7)

Sobre alcatifas de viçosa rélva
Sentada Eutérpe , adóça o canto à flauta ,
E às liçoês della attentos os Pastores ,
A conquist'er as Driadas apprendem.

(173)

(8)

Nóva fálla mais viva que as palavras
Com que a alma exprima a força dos affectos
Nos géstos dá Polymnia ; as mãos, o rôsto
Daõ mais que vózes , daõ as côres da alma.

(9)

Com déstras plantas, lévemente airosas,
Terpsicore mil símbolos descréve,
Dá vida, alenta os animos que jázem
C'o inérte pezo do ~~Ocio quebrantados.~~

E N I G M A.

SEM principio, sem fim simbolo claro
Da duração eterna,
Nada sou, se não vem em meu amparo
Uma de nove Irmans, próle patérna.
Nome e figura
Em vão repito
Desajudada, e só : mas com mistura,
Com cortejo traz mim
Tenho principio e fim — valho infinito.



ODE A VIRTUDE.

Virtus recludens immeritis mori
Cœlum, negata tentat iter via,
Cœtusque vulgares et udam
Spernit humum fugiente penna.

Horat. lib. 3. od. 2.

(1)

FORAGIDA entre os homens, e medrosa
Tu, Virtude, te escondes:
Do seio de alto Deos, d'onde descendes,
Rara as terras visitas.
Que dellas te affugenta um vicio (1) infesto,
Vil arremêdo, que te usurpa o nome.

(2)

Mafômas falsos, Cromvveis tyrannos,
Em teu manto embuçados,
Vertendo sangue, atropellando scéptros
Te fizeraõ mal-quista,
Em vivo fôgo, em lôbregas masmorras
Te déraõ não - devída sepultura.

(1) A Hypocrisia.

(175)

(3)

Tu douras os Celestes apposentos
Com tua luz sagrada:
Tu és o sól, que nésta sombra espéssa
Os Justos allumias;
A tua luz dá na álma, a aclára, a esforça,
E poem no humano assômos de divino.

(4)

Entre ródas, equuleos, e catástas
O Varaõ virtuoso
Mostra ao medonho algôz placido o rosto;
E envergonha o Tyranno:
Abre, entre as sétas, ábre entre as machadas
No corpo retalhado uma alma inteira.

(5)

Co'a vulnifica prôa o grande Castro
Rompe os Indicos mares
Alastrados de pérolas luzentes:
Visorei párcos e póbre,
A quem vislumbres dos rubis do Oriente
Naõ desviaraõ do alvo da Virtude.

(6)

Envolto em negro fumo, em pó, em fogo,
Entre estalladas pédras
Da mina, e despedido baluarte,
O impávido Fernando
Desfigurado, ardente ainda, ainda
Na semi-viva mão apérta a espada:

H 4

(176)

(7)

E c'os ólhos nos Turcos assombrados
 Quer nesse arranco extrêmo
Vingar a Fortaleza! — Oh Castro forte,
 Mandas tomar-lhe o pôsto
O espêlho de teu animo, e virtude,
O único esteyo da prosápia illustre. (1)

) 8)

Que a tanto o guia aquelle rayo puro
 Da Honra bem fundada
Que por Deos, pelo Rei, e pela Patria,
 Vê, sem torcer a vista,
Da Morte a fonce, os cóffres do Avarento
Sem susto a Morte; e sem cubiça o ouro.

) 9)

Emmudecei, profanos; afastai-vos,
 Ministro do Deos summo,
Que os Céos, que as Terras c'um acêno rege,
 Direi cousas mais altas
Que descrida não pensa a Iniquidade,
Mas que da san Virtude foraõ dignas:

(10)

Virtude, que és o premio de ti mesma,
 Tu zombas da Fortuna,
Idolo vaõ dos homens imprudentes.
 A Tòga respeitada,

(1) O seu filho mais velho D. Alvaro de Castro.

(177)

O Bastaõ militar, o Sceptro de ouro
Naõ daõ honra sem ti, daõ vituperio.

(11)

Tu, quando cõbres c'o immortal escudo
O peito a ti votado :
Em vaõ lhe arroja lanças o Destino ;
Despontadas, por terra
Cãhem ; se atroz Inveja te mareia
D'entre os aleivês candida re-brilhas.

(12)

Tu vens nas almas, quando ao mundo brotaõ ;
Qual o botaõ mimoso,
Que ajudado do sòl, da maõ cultõra,
Des-dõbra do casulo
Os soberbos matizes, mil-corados,
Que bordou curiosa a Natureza.

(13)

Tu, qual ardente luz, da rija pédra,
De entre trabalhos duros
Exprimes teu valor, vibras luzeiros,
Se vêm favonios sôpros,
Lógo se ateiaõ altas labarédas,
E vás lavar por almas bem-nascidas.

(14)

Eu te vejo, oh Virtude ! Vens descendo
Formosa em nuvens de ouro ;
Pelas modéstas roupas te distinguo,
Pelo sereno lume,

(178)

Que te reveste alvura, e doura a fronte,
De lidadas victorias coroada.

(15)

Onde me elévas na veloz carreira?
Os globos das estrellas
Vejo rodar por esse vacuo immenso.
Que nóvos sóes, que mundos!
Que órdem! que justas leis entre si guardaõ!
Do Creador, girando, o aceno cumprem.

(16)

E estes montes, e a fulgida Cidade, (1)
Com muralhas tam ricas;
Que em doze pórtas, doze pérlas àbre
De bi-partida entrada!
Calçadas, de ouro acrisolado, as ruas!
Diamantes, da Sálla o pavimento!

(17)

Que canticos! que musica doçura!
A, que o throno rodeia,
Nuvem de ouro, se abala!... Uma vóz rompe
De magestade cheia: —
* Aquí só tem entrada os que venceraõ
* O difficil caminbo da virtude.

(1) Os montes de syão, e a Jerusalem celeste.

FRUCTOS DA EXPERIENCIA.

Depois de sessenta annos que imagino
Na causa, e nos effeitos, de quem come,
Quanto eu bem profundei com sério tino,
E' dar-me um bom jantar cábo da fome.

I M I T A Ç A O

D'uns versos de GRESSET.

Do cáliz das violéttas
Sahi, mimosas velludadas fôlhas;
Estendei a fragrância
Pelas occultas, intrincadas sendas
Deste ameno retiro,
Que Flora coroou de alta verdura.
A Musa embrandecida
Des-cáhe em aprazivel devaneio;
E súbito entranhada
De doce canto, e de éstro irresistivel,
Valles, sérros, florestas,
Toda a scena das plácidas campinas
A seus olhos se enfeitãõ,
Cóbraõ alma, se avivaõ, se meneaó.
Se ante a vista de vulgo

São méra sólidaõ , saõ mórtas sombras ,
Se é mudo claustro um bosque ,
Se o ribeiro é um fio de agua mansa ,
E os Zéphiros ruído ,
Que acaso móve as folhas descuidadas
De tecido arvorêdo ;
Tudo reluz , e pensa , e vive , e córre
Para aos que abrio Calliope
Claridade de Dêlphico luzeiro.

Essas àguas , queixósas
Nymphas saõ , que de Jove vaõ fugindo ,
Para ir cahir nos braços
Dos Zagães , que as vontades lhes prenderaõ :
Tem vida , tem alento
Esses Fétos , que um sôpro abàla e trême , (1)
E as flores que as esmaltaõ ,
Jà foraõ celebradas formosuras ,
Mudadas em boninas.
Esses , que agóra , alados Mariposas ,
Com vôos , com requebros
As namoraõ , outróra amores foraõ ,
Que de pura fineza
Por ellas , aqui vivem transformados.

(1) Há exemplos de verbos neutros com significação activa , e o verbo *tremar* é um desses.



S O N E T T O.

UNS lindos olhos, vivos, bem-rasgados,
Um garbo senhoril, nevada alvura;
Metàl de vóz que enleva de doçura,
Dentes de aljofar, em rubi cravados:
Fios de ouro, que enrêdaó meus cuidados
Alvo, peito que céga de candura;
Mijprendas; e (o que é mais que formosura)
Uma graça, que rouba mil agrados. —
Mil extrêmos de preço mais subido
Encérria a linda Marcia, a quem offreço
Um culto, que nem della inda é sabido:
Tam pouco de mim julgo que a mereço,
Que enoja-la não quero de atrevido
Co' as penas que por élla em vaõ padéço.

E N I G M A.

SOU Pintor e painél, que represento
O que nenhum Pintor pintou tégóra:
Pinto os gestos, a côr, o movimento,
E o que eu pinto não péga, surge fòra.



O D E.

Si la vertu se montrait aux mortels
Ce ne serait ni par l'art des grimoires,
Ni sous des traits farouches et cruels;
Mais sous votre air, ou sous celui des Graces
Qu'elle viendrait mériter nos autels.

GRESSET.

QUEM me dirà que incógnito caminho,
Déve trilhar affouto,
Quem salvar quér da venenósa vista
Da disvellada Jnveja
O thesouro opulento de virtudes,
Que lhe reluz no peito?
Houve mortal tam puro, a quem o dente,
Maligno não mordesse?
E no candor da vida intemerada
Lividez não marcasse?
Dos saõs costumes Sócrates modelo,
(Brazaõ da humana próle)
Não a pôde evitar; não o pôde Tito,
Delicias do universo.
Sonho!... ou deliro!... Aligeirar-se o corpo
E em pennas so-pezar-se
Sinto estranhado!... Trava me do braço,
E me guía a Ulisséa
Arrebatado Nume!... Entra na Côte,

E as nuvens da Lisonja
Afastando co' as azas estridentes,
Me abriu o claro seyo
Da Verdade, mal-quista nos Palacios.

« Aqui dentro reside

» Quem soube unir com laço estreito e puro,

» A formosura, as Graças,

» Quem compòr das virtudes todas soube

» Uma única virtude.

» Grata, affavel, activa se contenta

» De affortunar os outros.

» Méde as razões, o valimento, a força

» Pelo interesse da alma :

» Toda empenhada no favor alheio,

» Nada no proprio. Vale,

» Soccórre com prazer, sem pôr a vista

» Na ingraticidã futura.

» Com este esforço se grangeia a Estima,

» Sem dispertar invejas.

» Tem no peito bondade inexaurível,

» Que pelo rosto e ólhos

» Lhe véрте graciosa, e se derrama,

» Tu vês, oh Vate ingenuo,

» Armania; vês o trilho de seus passos

» No incógnito caminbo.

» Vai publicar em verso géneroso

» As lições que apprendeste:

» Convida esse universo a pratica-las.

» Vejaõ com alto espanto,

» Quem pôz como ella á inveja duro freio

» Quem collocou a Dita

(184)

- » Em bem-aventurar (com mão que esconde)
 - » Os animos que a buscaõ.
 - » Buscaõ todos. -- Que em seu olhar benigno
 - » Todos o abrigo encontraõ.
 - » Ah não sáyas ousado alem da raya
 - » Que austero te abaliso.
 - » Louvar de seu engenho os dótes raros
 - » Escassamente póde
 - » Quem tanto como Armania engenho alcance.
 - » Esse inda o creio longe
 - » De hombraear com o assumpto , quando cante
 - » O valor de seu peito.
-

EPIGRAMMA.

MANDOU-ME Amor, que esta Opera vertesse;
Ou sabio ou néscio a Amor tudo obedece.
Censor, que lês a traducção do Damma;
Os erros meus desculpa.
Amor tem toda a culpa.
Naõ vê erros um cégo; e é cégo o que ama. (1)

SONETTO

MOTTE

Do duro Amor tomei o jugo brando

(1) Scilicet insano nemo in amore videt.

Propert. lib. 2 Eleg. 14.

Glossa

Vi passar pela minha rúa um dia

Duas compridas filas de amadores.

Móstra uma, alégre, os aureos passadores

Com que Amor as entranhas lhe feria.

Outra com pranto a sua dôr carpia

Refrescando co' a mão sévos ardores ,

Que, com facho infernal, Zelos traidores

No peito lhe ateiavaõ à porfia.

Seguî a processaõ dos penitentes ,

Té onde um sacerdote nos umbráes

Do Templo, um jugo a todos ia dando :

Quando , ao passar a fila dos contentes,

O meu turno chegou , — fiz como os mais,

Do duro amor tomei o jugo brando.

O D E

Fervet, immensusque ruit profundo

Pindarus ore. HORAT. Lib. 4, Od. 2.

S T R O P H E I.

VAGANDO entre o matiz, e ingénuas várzeas
Das Graças, (1) onde a côr ponho a meus Hymnos;
Pelas màrgens Dircéas

(1) Imitaçãõ de Pindaro na 6 ode Pyth.

Colhendo o esmalte , e bejo (2) das boninas ,
A' Tbebana feição, com mão lidada ,

Esta tri-córde c'roa

Armo em círculo , e teço : co' ella enflóro

A fronte radiante

Do charo Polliaó (3) dos Céos bem-quisto ,

Dos Céos ; — d'onde comsigo

Trouxe as Filhas , que à luz déra a Memória

A N T I S T R O P H E I .

Mnemôsyne (4) de Eléutheris (5) Rainha

De osculos nóve obtéve nóve (3) Filhas :

(2) Delicata florum oscula. Marull.

(3) Respeitos forçosos disfarçaõ por agora os nomes verdadeiros.

(4) Mnemosyne , ou a Deosa da memoria.

(5) Eleutheris , ou a Liberdade , sem a qual se não compoem versos sublimes.

(6) No pròlogo do seu terceiro livro das fabulas diz Phædro :

Tonanti sancta Mnemosyne Jovi

Faecunda novies artium peperit chorum.

Mas Hesiodo, é quem inventou esta ficção de admiravel poesia , com que o Poéta denota bem , que a Memoria, fecundada pelo Estro , que vem de Jupiter , dá à luz as Musas (scilicet) as Artes e as Sciencias que nas Musas são representadas. E posto que sejaõ em numero maior as Artes do que as Musas , escolheu o Poeta o numero nove , que è symbolico que è perfeito como composto de tres vezes tres , e que por tal segundo as ideias Egyptias , e Chaldaicas encerra todas as virtudes e perfeições , e servia tam bem por isso de baze a todos os mysterios.

Jove (4) as prezou por suas.
Mas quando a vaga Lua doze vezes (4)
Atou as curvas pontas lamíneas,
C'os rayos prateado
A pálda face da selvósa Terra,
Mnemósyne cingida
De estreita dôr, clamando jaz, do Olympo
Nas fraldas: — Vem, Lucina.. —
E Esta logo a allumiou com filhas nóve.

E P O D O I.

Com larga mão os Fados as dotaraõ
De suave-immortal-musico alento.
Nos inda tenros labios
Succo de Attico mél (2)brandos vertéraõ;
A guarda lhes foi dada
Dos vérsos com que as almas se lisonjaõ; (3)
Com que as lidas dos homens, e dos Numes,

(7) Jupiter para as gerar se transformou em um Pastor, diz Ovid. métamorph. 6. e daqui vem, que ellas influiraõ tantas eclogas pastoris modernas.

(1) Hesiodo o diz assim; mas sem nos dar a razaõ. Se porem minhas conjecturas tem algum préstimo neste silencio de Hesiodo, ahi lhe arrumo essas duas. Quem sabe se não éra entam mais longo o tempo da prenhez? E quem duvida que as Musas não tenhaõ privilegio de ficarem mais tempo no ventre para virem mais refeitas e mais moetonas, que as outras Mulheres.

(2) Attico rore.

(3) Camões.

Da vóz medida (1) aos sons amenos, dormem.

S T R O P H E I I.

Logo que a ténue infancia (2), (atropellando,
Com os passos do Tempo desenvolto,

Da Primavera a quádra)

Toccou ligeira a séptima balisa ;

O sangue natural, que altivo ordena

Vêr os que, a vêr o dia,

Amantes nos mandaraõ, se apodéra

Dos nóve tenros peitos,

Que briósos c'os braços nóve e nóve

Da Mãe o cóllo enrêdaõ,

Por que à fáce do Páe queira guia-las.

A N T I S T R O P H E I I.

Mnemósyne insoffrída (1) de contento,

Desprendendo, e bejando, uma apoz outra,

Maõs-inhas torneadas,

No seyo as tóma em lagrimas (2) sorrindo,

E sòlta a voz, que sóbe da alma à língua,

(1) A toada dos versos, os quaes observaõ cértas medidas.

(5) As nove infantas, entam tenues pelâ frouxidaõ da idade.

(1) Bene ferre magnam disce fortunam. Horat. lib. 3, od. 27.

(2) Lagrimas e sorrisos que bem competem ao mimoso amor de Mãe.

Entallada (3) em suspiros.

(Mas suspiros de gosto!) ... que a entranhava

Deleitosa ternura,

Vendo a Dita cubrir com ázas de ouro

Suas Filhas, no instante

De ver o excelso Páe, que lhes deu vida.

E P O D O I I.

Depois que entreteceu n'uma grinalda

Molles violettas ç'o matiz das flores,

Os puros fios de ouro

Lhes coroou, e as ópas nas cinturas,

Lbes prendeu com alinbo :

Ante a tròpa gentil marchando airoza,

Noite e dia o caminho acomettendo,

Co' as nove Musas piza a praya Ethiopia.

S T R O P H E I I I.

As Donzellas viçosas, naõ confrontes

Inda c'o mal, co' as improbas (4) fadigas

Tremêraõ, quando olháraõ

Do mar sanhúdo a torva catadura,

E espavorída a juvenil coragem

Recuaraõ vergando,

Qual mòlle E junco, ao duro sôpro de ouro

Na alagôa stremêce.

A Maã naõ-abalada lhes coufôrta

(3) Vocem suspiria premunt.

(4) Labor improbus. Virgil. Georg. I, v. 145, 146.

Os peitos palpitantes,
E as consola com este alado accento :

ANTISTROPHE III.

- « Cobrai ànimo, oh Filhas, Príole estrême
- » Do Deos sob'rano, que na dextra ingente
 - » Sopéza o roxo rayo,
- » Naõ vos dem que temer as vágas ôccas
- » Que roucas re-volvendo re-murmuraõ.
 - » Já pérto assôma o dia
- » Que alto dominio vos trará sobre ellas,
 - » C'os sons do encanto vósso. (1)
- » Rompei-me desse mar as longas rugas:
 - » Arremetei affoitas,
- » Que a Jove ides saudar no hùmido Reino.»

E P O D O III.

E lógo ás vastas ondas se arreméssa,
D'um salto: -- como um Cysne, que mergulha,
Se Agua pelo ar avista;
Ou qual, por listas do arco, baixa a prumo,
Iris, e na agua cála
As coloradas plantas, quando Juno
A enviâ a Téthis, (2) fida mensageira
Com pressuroso Divinal mandado.

(1) Que muito e, que tenhaõ os versos e a harmonia poderio sobre Neptuno e as suas Nymphas, quando tanto venceraõ a crueza do mal-encarado Plutaõ, das Furias e do Tri-fauce caõ de-fila!

(2) Naõ sei porque Hygino chama a Téthis ama de Leite de Juno: *Junonis nutrici*; menos que naõ o seja em razão

(191)

STROPHE IV.

Ellas, o combro olhando, que o mergulho
Da Mãe no mar erguêra, e o como rompe

C'os braços destemidos

O grosso rôlo da água, daõ de gólpe
(Baixa a cabeça, os ólhos apertando,)

No chaõ do salso argento.

O mar déllas férido em cima salta, (1)

Os ares horrifando ;

Em mil debruns de circulos lavrado, (2)

Com vagas sobre vagas

Cóbre a (que as engolio) fauce (3) profunda.

ANTISTROPHE IV.

Eis que abértas as maós, joélbos curvos,

Os delicados braços revolvendo ,

de ser Juno figurada pelo elemento do ar, que carece do humor das aguas para se sustentar, e entam a allegoria é excellente ; como o saõ todas as dos antigos, quando se lhes entra no âmago. Naõ saõ tam agradaveis, nem tam subtis muitas outras que hoje vôgaõ muito ao largo, dado que sejaõ bem ensoças, e corriqueiras ! Tambem (para tornarmos ao ponto) quíz talvez o poeta indicar a opiniaõ de Thales Milesio , que tinha a agua por productora de tudo o que e materia.

(1) *D'ancora o mar ferido emcima salta.* Camões

(2) *Expressor efficax styli et veritatis, imaginem pene in obtutus dedit lepore linguae.* Avien. Nota do Editor.

(3) *Ter fluctus ibidem*

Torquet agens circum, et rapidus vorat quora vortex.
Virg. *Æn.* I .

Rasgavaõ por mil módos
De Neptuno spumoso o azul imperio.
Assim vergando vai chumbada córda,
Pela onda verde ao fundo
Tirando a si da réde os nós olhùdos.

Já profundaõ com ansia,
E às priseas parttas chegaõ já do Alcáçar
Abobadado da agua,
Onde o Oceâno a Jove banquetêa.

E P O D O I V.

Deste alcaçar etérno, alti-columnio
De rios cem a borbulhoçs sahía
A perennal corrente.
Da aurea cimalha pende, entre as arcadas
De verde esmalte insigne,
O vagabundo carro, que circunda
Com despedido curso noite e dia
Duas vezes do mundo a redondeza,

S T R O P H E V.

Tem cerradas múltiplices sementes
(Eternas Filhas da Agua,) (1) a Natureza,
Em ricas taças de ouro.
Lá membrados Tritoeõs poem peito aos Rios
Que entallados rebentaõ das montanhas
A florear as veigas; —

(1) Segue o poeta (como ja aponteí) o systema de Thales Milésio.

(193)

E à volta em vastos lagos os recòlhem (1).

Eis que entra o infantil bando,
Quando Pomôna, erguidos os manjares,
Concertava nas mezas
Os multi-cores fructos saborosos.

ANTISTROPHE V.

Entam Apollo c'o arco harmonioso
Despoza a doce vòz, que alegra a fronte
Dos recostadòs Nùmes.
Mas Jupiter c'os òlhos cêrca (2) a meza,
E a penetrante vista ao longe estende
Ao rutilante Choro,
Que airozas tem no rosto a Graça, o Brio
De viva còr pintados;
E em divinos claroês bem denunciaõ
A clara augusta fonte
D'onde alta origem ìmmortâes beberaõ.

EPODO V.

Logo des-curva o braço, e o corpo erguendo
O acume fita dos ayaros olhos . . .

(1) In quo desinimus, quo sacri eurrimus omnes.

Ov d. metam.

(2) Cerca a meza, corre em roda com os olhos a meza. É phrase de que usa Barras na Chronica d'Elrei Clarimundo, c. l. vi.

(194)

Eis c'um abraço envolve,
E estreita a todas c'um milhaõ de affagos.

Ama ver-lhes nos rostos
Tanto mimo singélo, tanto aviso :
E por dar a tal hõspede (1) contento
Quér das Mùsicas nõve ouvir o canto.

S T O P H E V I.

Ellas entam a airoza bõcca abrindo.
Pleno cõffre de Arabico perfume .
Com almo e douto sprito ,
Deraõ vida a celestes cantilenas ,
Da Lyra magoando as Délias chordas.
De Minerva e Neptuno
O antigo desafio discantaraõ :
Como ella fez proficua
Brotar da Terra a pallida Oliveira ,
Elle o hinnidor ginette ,
Vindouro annuncio das campães batalhas.

A N T I S T R O P H E V I.

Depois com vòz cantaraõ mais robusta
A férrea, précipitada bigõrna (2)

(1 ; Dizemos igualmente *hõspede*, o que *hospèda*, e o que è *hospedado*.

(2) J'upiter quiz castigar os Titaés no inferno, e este

(195)

Que nove e nove dias ;
A revoltoês , medio os céos , e infernos ;
Que bronzeo muro abrange , e que allongando-se
Todos em torno os cinge ;
E a Noite com tres mantos lhes offusca
As triplices muralhas.
Là , (sem curvar) ante as tremendas portas
Sustêm nos hombros duros
Athlante espadaúdo , o firmamento.

E P O D O V I.

Là , nesse abysmo omnipotente è que úyva
A cohorte rebélde , que assaltara
A Jove gigantóphono : (1)
Ao lado os Arsenaes estão fornidos
Das retortas centêlhas ,
Que aos mãos o Deos arroja , vólteando :
Qual , em torno da tésta , brande o dardo
Que atira ao inimigo o Mourro infrene.

tam longe é da térra , quanto esta dista do Céu : para medir ao justo esta distancia , despedio Jove do Céu uma bigorna de ferro , que rodou nove dias e nove noites até tepar com a terra ; desta outros nove dias , e noites , até cair no inferno.

(1) *Gigantophonos* — *Gigantum interfectior*. Mattador de Gigantes.

(196)

S T O P H E V I I .

No mais fundo da lôbrega voragem
Deste Orco profundissimo , as rayzes
 Prendem da Têrra , e Mares (1)
De estrellas recamada , allí a Noite
Saúda o Dia , ou já do Mundo vinda ,
 O encontre à larga bôcca
Do golfaõ cavernoso ; ou quando sáhe
 A deitar tréva , e luto
Pelas altas montanhas , fundos valles ,
 O vé tornar cansado
De espalhar os luzeiros no Universo ,

A N T I S T R O P H E V I I .

O ferido Bordaõ (2) na lyra trôa ,
Com riço som , que os astros estremêce :
 Logo as Musas recitaõ
O assalto dos Gigantes contra os Numes ;

(1) . Necessario é que os Poétas vejaõ com outros olhos as cousas de que fallaõ. Eu por mim , não posso comprehendêr que se o tenhaõ as rayzes dos mares. Mas talvez isto proceda de que eu não faço versos.

Nota do Editor.

(2) A chorda mais grossa da lyra.

(197)

Como na encosta do Othris (1) se enfileiraõ
Os Titaës , e contra elles
No Olympo os Deoses , annos déz , cerraraõ
Granizo de fréchadas
Em respostas das arrancadas ròchas ,
Que aos Céos lhes remettiaõ
Cem braços , entonando frontes cento. (2)

E P O D O V I I .

Com duvidosas azas a Fortuna
Ora estes , ora aquelles amparava .
Eis Jove diz que sõe
Tuba divina a recolher os Numes ,
Espargindo repouso .
Manda vertêr de néctar copia grande
Pelas taças ; — que bebaõ nòvos brios ,
E re-tentem mãis fortes a refréga .

S T R O P H E V I I I .

Do terrífico rayo armando o braço ,

(1) Monte de Phocide péto do Parnasso.

(2) Magnum illa terrorem intulerat Jovi
Fidens , juvenus horrida , brachiis ,
Fratresque tendentes opaco
Pelion imposuisse Olympo .

Horat. lib. 3. Od. 4.

Que em relampagos vivos roxeava,
 Encréspa o largo peito
Co' a horrenda pélla (1) de ouriçada grenha,
Marte franzindo a fronte em negras iras,
 Movia a enorme adarga.
C'uma queixada o Lemnio (2) a maõ guarnece
 Callosa : em pò envolto,
Em punho tem Apollo a bésta arcada (3),
 E sua Irman guerreira,
D'outro lado, a Dictinna, (4) lhe faz muro.

ANTISTROPHE VIII.

Cobrio Bellona a téstac'o aço fino
Onde Medusa flammæ vomitava
 Da cholérica bocca ;
É enxérta no cerrado punho', a hâcha,
Qae os Reis agasta, quando allûe irose
 As venerandas torres
Das Cidades. A Styge (5) os braços, côxas,

(1) A pélla da cabra Amalthea, que lhe deu de mamar, que depois lhe servio de cœuraça.

(2) Vulcãno, que na Ilha de Lemnos tinha a sua officina.

(3) *Arcada*, formada em arco. — *Nota inutil.*

(4) Diana, assim chamada em Creta.

(5) *Styge*. O Poeta, tomando exemplo em Hesiodo,

E os peitos em-muralha
C'um cossolête negro; e contra Gyges ,
E Bryareo, e Cotys
Traz pela dextra a vencedora filha. (1)

E P O D O V I I I .

Alumnos das batalhas Rheco, e Mimas,
Guerreiros duros, rompem as entranhas
Pedernães dos rochedos,
Para em cardumes arrojarem os tiros.
Lêve, como uma lança,
Typhéo brande esgalhado um grão Pinheiro;
Joga Encélado um monte, que (não tarde!)
Inteiro o accurve (2) cargo da Sicília, (3)

que muito antes o fizera, personaliza a Styge. *Quidlibet au-
dendi semper fuit æqua potestas.*

(1) *Dicitur victoria Stygis filia bello Gigantum Jovi fuisse;*
Servius in Virgil. *Æneid:* 6.

(2) *Accurve* por *accurvará* = o subjunctivo pelo futuro. O
Author mais costumado a Horácio, e a Virgílio, que a
Grammáticas perluxas imitava as licenças, que lia nos
classicos.

Nota do Editor.

(3) Logo que Jupiter venceu a batalha contra os Titaés,
para castigar Encelado, so-peçou levemente esta montanha,
que é hoje o Ethna, e arrojando-a a Encélado, o derribou com

STROPHÉ IX.

Trovaõ contra trovaõ abalroando,
A que Azas deu sanhudas Euro, e Noto,
Rompem, retumbaõ, roncaõ,
Taés na refréga embatem os dous campos,
E do asp'ro encontro o Polo ao longe tóa.
Pulverulenta nuvem,
Do robusto calcado róa aos astros ;
O dia se en-negrece,
O mar se empòla ; os montes abalados
Daõ prolixo rugido,
Rebrama o Céu, assustaõ-se os inférnos.

ANTISTROPHE IX.

Eis Alcides maguanimos : ameaça

ella, e mandou, que eternamente allí jazesse. Quem estas batalhas vio não as escreveu, e quem as escreveu não as vio. Por herança nos viêraõ com tudo cinco versos excellentes.

Fama est, Enceladi semustum fulgore corpus
Urgeri mole hac ; ingentemque insuper Ætnam
Impositam, ruptis flammam expirare caminis :
Et, fessum quoties motat latus, intremere omnem
Murmure Trinacriam, et cœlum subtexere fumo.

Æneid. 3. vers. 578.

C'o arco stridente a Rheco... Eis que recúa
Ao golpe d'um penhasco,
Que Mimas, que o lascou, dardou zunindo.
Co' a tri-farpada lança entra Neptuno,
Cérra c'o graõ Typheo,
Que no ar rodèa a sibilante funda.
Phébo a certaíra flécha
Despede a Encelado, que vérga ao tiro.
Mas já Porphyrio o pulso (1)
Lhe atordôa c'um canto. (2) E abate lhe o arco.

E P O D O I X.

O Padre omnipotente atéza o braço
Nervudo, averme'hado do corisco,
O peito a meio curva,
E sacode o trovaõ flammi-spirante.
Que estállá serpeando,
(Qual còbra, as rôscas destorcendo, silva)
A ardente-aguda luz aponta horrenda
A's Sacrilegas fronte's gigantéas, (3)

(1) De Apollo.

(2) A pedra, o pão, o canto arremessando..

Camoês. Cant. 1

(3) A quem começar já a enfastiar-se da longura da Ode, aconselho, que beba um trago de bom vinho de Malvasia; dê dous passeios; converse com algum amigo; e quando

S T R O P H E X.

Queimados tè a baze, os dous pilares
Do mundo, vergaõ : o Ar, a Terra, as Ondas
Crepitosas faíscaõ,
Apenas nos Titaës, zunindo , estoura
O desenvolto , vingativo rayo.
Inda hoje exhala o enxofre
Que entam os campos denegrio de Phlegra.
Aquî déraõ repouso
As Filhas da Memoria aos sons da lyra ,
Fechando a cançãõ nobre
Com este hymno suave de triumpho.

A N T I S T R O P H E X.

E Jòve, que os extáticos ouvidos
Banhava em sem-igual contentamento ,
A' voz tam sobre humana ,
Que arremedava o seu furor profundo ;
Encosta o corpo atraz, e ri de Marte ,
Que sobre a lança dura
Pouzando a frente sôffrega de rixas ,

se achar mais esparecido , e fresco , continue a lê-la, que
(à fé) lhe asseguro não lhe parcerà tam longa,

(203) .

Roncava a somno solto , (1)
Embebido em doçura. Eis manda às Filhas,
Que entre osculos abraça ,
Péçaõ sublime dom , digno do Canto.

E P O D O X.

Chega-se entam a elle a Prole sua
C'o a maõ mimosa o joêlho uma lhe affaga,
Outra lhe ameiga terna
Da spessa barba as ondas majestosas.
A negra sobrancêlha
Longo tempo as assusta , as emmudece ,
Té que assim desatou a vòz melliflua ,
Em nome das Irmans , a sò Calliope :

S T R O P H E X I.

» Outorga-nos , oh Páe , que o nosso Canto
Em todo o tempo a todos dê agrado.
Dos bosques e das grutas ,
Dos montes , rios , veigas , e campinas
Sejamos por Princezas respeitadas ;
Que os dolci-sonos versos
Se estendaõ immortaes por sua face.
Sejaõ partilha nossa .

{ 1) Pindar. Od.

Os sonoros, divinaes Cantores,
Prophetas e Adivinhos,
Que o lume avistaõ do subtil futuro. (1)

A N T I S T R O P H E X I.

Sejaõ por nos oraculos cantados,
E os potentes Sinães (2) mágicas lettras (3)
De stupendo prodigio.
Caiba às Musas reger com brande imperio
As furias do Orco , (4) e do Olvido o somno
Notar o curvo trilho

(2) Creio que o poeta deu aqui o epitheto de *subtil* ao Futuro; não porque o Futuro o seja; mas por que bem subtil ha de ter a vista o Propheta que acertar com elle. Assim Horacio chama *ensanguentada* a Ira, od, 2. do 3 liv., bem que a Ira não seja encarnada, nem amarella; mas sim pelos effeitos. Os exemplos desta figura são tam frequentes que se podem nescios fazer reparo nella. Houve coitudo certo embaxador que lendo uma ode do Author, embicou n'uma metaphora similhante, e c'um riziinho amarello, e bêsta lhe disse: « Pois a Alegria è loura? Tam alva e loura, como a Morte è pallida. V. Ex. è que me parece loura no caso.

Nota do Editor.

(2) Phenômenos, Meteoros; tam bem se podem entender destas palavras, os Sinães hyeroglyphicos.

(3) Amuletos, Talismaés, eoutras drôgas, com que se arma à crença dos stupidos.

(4) Dispertando este, e amansando as outras.

(205)

Dos lumes (1) que no Céu vagos (2) se pezaõ ;
É ser-mos poderosas
De arrancar-mos, do vil, corporeo lódo, (3)
As almas, para uni-las
A' substancia immortaí, que as procreara.

E P O D O X I.

» Outorga, que os Heróes, que os Soberanos,]
Que à nõssa divindade dêrem culto,
Nos Reinos seus, por divos (4)
Os venérem ; que os Reis, por nõs ornados
Com dádivas de louro,
Sejaõ pasmo dos homens, quando entrarem
Com cortejo, nas festiváes Metròpoles,
Ou dêrem justas leis às pias gentes. »

S T R O P H E X I I.

Já curvando o joélho respeitoso (5).

(1) Astronomia de que Urania tem cuidado.

(2) Se libraõ.

(3) Assim o cantà a Igreja.

(4) Como foi o *Divus Achilles*, *Divus Augustus* etc.

(5) Um Poéta d'agni doce, ou bem grammatico diria —
curvando o joelho respeitosamente — Mas um Poéta que
imita Camoës, e os que elle d'antes imitou, dá ao joelho o
epitheto que cabia a pessoa, e evita o prosaico adverbio, em
mente tam desvalido em Poesia, e que mesmo alguns versos
em Camoës desfeia,

Nota do Editor.

A' pedida mercê punha assim termé.

Eis que Jòve magnífico

Largo lh'ò outorga , os òlhos inclinando :

« Se todas as mortaes , que em braços tivø

(Disse) me concebessem

Taes filhas , ah ! quam pouco me anciaraõ

E Juno , e seus enfados !

Corrido estou dos que ella deu ao Mundo ,

Jà monstros alejados , (1)

Jà pròle de execranda valentia , (2)

ANTISTROPHE XII.

Como Marte. Mas Vós, charos penhores,

Que mais , que o lume de meus òlhos prèzo ,

De vossa Maẽno seyo

Vos puz , para encantar homens , e Numes.

Voltai ao mundo , as ondas re-talhando ,

E com facunda lingua

Minha gloria cantai , e o prèmio vosso.

Vossa Arte as artes todas ,

Oh ! gentis Filhas , vencerà sobrana

(1) Vulcano.

(2) Marte.

(207)

Senaõ rayvar captiva
Nos grilhoões de Arte, (1) a Musas desairosos?

E P O D O X I I .

Qual meneia o Piloto, em mar infido
Do veli-vago lenho as déstras rêdeas,
Rege o Orador os peitos,
E os Reis regem as ondas da peleja.
Seja Arte, e experiencia
Embõra a règra dos mortaes misteres;
Que em vòs serà sò meu furor a sacra
Fonte, e adorno, e pharol do vosso canto.

S T R O P H E X I I I .

Qual chama Iman possante á si o fërro.

(1) Falla aquí Jupiter (que mui bem o entende) nas artes poéticas modernas, compostas por não-poetas, que se inculcaõ aos ignorantes por grandes sabechoões, quando medraõ em regras postiças, inventadas por certas Academias ou conciliabulos de mão gosto, cujas regras, ou antes ferropéas atalhaõ o vôo do Estro, e d'um Poeta elevado, fazem um . . . um . . . Não ponho os nomes, por não scandalizar; mas assas acanhados registas mal abrem a bocca, ou mal escrevem, são logo conhecidos pela pinta, como gallinhas pela calça.

Nota do Editor.

È este a si prende um fêrro , que ontro prende ,
Assim de Apollo o espirito . ,
A mim subindo , subirá os vossos
Ao conceito immortal , divina ideia .
Vos alçando , e embebendo
A mente dos fatidicos Alumnos ,
Com seus canôros versos
Enlevando as attônitas vontades ,
Seraõ Iman violento ,
Que os animos da gente ate , e subjugue . (1)

ANTISTROPHE XIII.

Por que em falso não creia esse orbe indouto
Que da Arte , e do Estro não , a Vós descende
Vosso lavor sublime ,
Vós , oh Destinos , expulsai-me ao longe
Toda a arte , que se ufane de appossar-se
Do primorosa tela :
Dai , (2) que este meu vigor se rasgue , e estrême

(1) Parece que devia o Poëta dizer - *subjugue* , e *ate* - por que primeiro deve subjugar , e depois atar . Mas elle seguiu o exemplo tam obvio aos classicos , que usando por elegancia da figura *usteron posteron* pos-punhaõ o que deviaõ ante por , e vice versa .

Nota do Editor .

(2) - Dai - por *concedei . ordenai* .

(209)

(Sob vossa mão potente)

Em Prophecia, (1) Amor, (2) Versos, (3) Mystérios, (4)

Quatro alternadas furias

Vosso (5) encanto, e deleite soberano.

E P O D O X I I I .

Naõ fõge tam veloz o rayo acceso ,

Que despeço da mão, qual vò a humano

Peito furor divino ;

Se ermo de vicios , ricco de virtudes

Preparado (6) o recèbe.

Que os Deoses , de mui bons, nunca malograõ

Seus dons sagrados de valor subido

Na alma que em lodo se manchou de culpa.

S T R O P H E X I V .

Quando eu impetuoso , e furibõdo

Vièr turbar-vos o estranhado peito,

(1) Oraculos antigos , como Delphos , Dodona etc.

[2] Amor insano.

{ 3] Furor Poético.

[4] De Baccho , de Cybele , de Eleusis etc.

[5] Das Musas.

(6) *Herat. lib. 2. Od. 10.*

Acolhei tanto abalo ;
Deixai que a alma vos trêma à furia torva,
Que vos sacòde as intimas entranhas.
Consenti que ella impère
No Templo da alma , de que a fiz senhora,
Que exhalando virtudes ,
Vèrta os arcanos meus no vosso engenho ,
E delles vos fecunde
Sem estudo , sem arte , e sem fadiga. (1)

ANTISTROPHE XIV.

Mas antes que estas dàdivas sagradas
Nos vates derrameis , tratài que sejaõ
Salvos de nõdoa os peitos.
Com sanctas agnas da Castalia pura ,
Limpai o cõffre , que tães dons recõlhe :
Que è mais grãdo , e mais nõdio
O trigo em terra estrême semeado.
Puro, e nitido o Engenho

(1) Não se deve entender tam litteralmente em quanto aos Poétas modernos , o que aquí encommenda o senhor Jupiter ; ao menos que não concedamos a soberania de Poétas a aquelles a quem hoje nem o titulo damos de versistas. Jupiter falla dos Poétas inspirados , a quem o Estro dà maiores vãos , que nunca Artes, nem cansados estudos poderãõ dar.

Subito solta arrebatados vôos ;
E vai seã furor dèlphico
Pôr de assento no coração dos homens.)

E P O D O X I V .

E quem sem meu furor cantar se atreve
Orphaõ de graça, e de altivez fallido
Verà seu charro métro ;
Combaldos, e péccos os abòrtos
Virãõ de veyã sua ,
Forçados fructos de infeliz terrêno.
Por que luz venha às gentes , que a Poesia
Nãõ è podêr humano, è dom divino.

[S T R O P H E X V .

» Os que eu , para Poétas invéjados
Escolhi , por arbitrio meu supremo,
Intérpretes sincéros
Das vontades dos Numes serãõ dittos :
Bem que os apòde loucos , furiosos
Mal-dizente vulgacho ,
Sempre avêzo a morder c'o iujurio dente.
Famulo , a cada Vate
Doar-lhe quero , obediente , e prèstes ,
Que os mandados lhe observe ,
Espirito sujeito ao Vate illustre.

ANTISTROPHE XV.

« Ide , que è tempo , os Campos espumosos.
Surcar , oh Filhas , doce gloria mi nha ,
Meu brazaõ mais facundo.

Ide , minha Progenie mais ama da ,
Bem que graõ prazo naõ hajães , no Mundo,
De ter firme aposento.

Que hà-de estreitar-vos a arripiar caminho (1)
Bruta Ignorancia ousada ;
Tè que um Pharo de Luz Latina , e Grega
Vos guie ao chaõ deixado ,
E a pedestre Ignorancia ponha em fuga. »

EPODÓ XV.

Nisto , Jove as redondas faces enche (2)
De soberauo espirito , que infunde
Nas divinas Donzellas ; (3)

(1) Phraze à esta de que com muita elegancia usou o Padre Vicyra , que sabia bem joeirar os termos de que se valia com tanta felicidade , e que inda hoje o fazem ler , a pezar de tanto. . .

Pode bem succeder que o *arripiar caminho* naõ agrade hoje a certos arripiados. Paciencia !

(2) — — — Quin Jupiter ambas bnccas inflat — *Horat.*

(3) Muito tempo cismeï para atinar co' a razãõ de serem

E de mimo lhe offrêce o alaúde ,
Que armou Cyllenio alado,
Jà fendem , perfiladas , as planicies
Do Oceâno, c'os braços denodados ;
E os mares rebattidos re-murmuraõ.

S T R O P H E X V I .

Salve , oh Prole divina , florescente ;
Dâi calor a men animo , que enrame
Deste hymno as verdes folhas ,
E as engrinalde em circulo completo.
Des-nevoai-me a mente , e arrojai longe
O sobrôso do vicio.
Oh dâi-me atalayar com sempre-aguda
Vista , dos Céos o arcano,
E os vérsos escolher , que mais contentem ;
Com que Alumno das Graças

sempre donzellas as Musas. [Provavelmente ficaraõ para Lias *in sæcula sæculorum*]. Como Moças tam galantes, tam prenda das , não houve noivo que as procurasse ; algumas como Cal-
liope deraõ algum fructo de certos laes e tomares , que tal vez
as atalhou de achar maridos ; mas outras hoÿe , que nunca a
ma'edificencia abocanhou : por que não cazaraõ essas ! Eis o
motivo. Apollo , que nas entranhas da terra cria o oura , não
teve ainda o instincto , de lhe amuar ao canto dás gavêtas bons
cartuxos que namorassem pertendentes.

Cante o meu Protector na Lyra vòssa,

ANTISTROPHE. XVI.

Vinhaõ talhando as ondas azuladas
C'os peitos de alabastro , quães vem nõve
 Nuvensinhas surgindo
Sobre o horisonte, de longinquos Povos.
No prophetico seyo das Sybillas,
 Que um Nume aquêce , e inflamma
Lògo de aguda luz cravando a farpa ,
 A's gentes cubiçosas
De ver, entre rebuços, seus dezejõs,
 Daõ novas do futuro :
Enleio a lingua, escuridaõ as vòzes. (1)

E P O D O XVI.

Jà respoſtas prophéticas se alargãõ
Por toda a redondeza ; e vaõ os Versos,
 Dictados por Apollo
Revestir os Oraculos antigos. (2)
 Em verso as Leis se encerraõ ;

[1] Nunca as Sibyllas, nem os outros Oraculos fallaraõ sem escuridaõ, e enleio.

[2] *Antigos* para nõs, modernos, e novos para os versos.

A Amizade dos Reis o Verso a alcança ;
O Verso , para as inclytas emprezas ,
Arma , e robòra dos Heròes o brio.

S T R O P H E X V I I .

Ao sancto brado sen lògo acordaraõ
A divinhos , e Alumnos seus vièraõ
Os Divinos Poetas.

Divinos; que sem arte , e sem rebuço ;
A livre Natureza descifravaõ.

Sem arte , mas com Estro
Davaõ vida a singelas escripturas.

Museo , e Orpheo vièraõ
Eumolpo , Lino , e Ascrêo; (1) e esse Divino , (2)
Que em seu Canto , com Grecia ,
Se ergneu sublime , perennal triumpho.

A N T I S T R O P H E X V I I .

Insanos , e co' a branda accessa farpa ,
(Das virgens (3) tiro), que arde na alma , e ferve,
Os segredos dos Numes

[1] Hesiodo.

[2] Homero.

[3] Disparada pelas Musas que dizem virgens , ou ao me-
nos não cazadas.

Com coragem frenética (1) assoalhaõ.
Alta noite os Espritos bons, e as Musas
Lhe appareciaõ, quando
Pastoravaõ seus bois no campo hervoso; (2)
E ao som de aguas saudosas,
Sacros Ministros de Orgias, e Mystérios (3)
Ledas os promoviaõ,
Travando em cêrcos Bacchicas Choréas.

E P O D O X V I I .

Traz estes sacros Vates, grãde turba
De Poétas humanos, nova messe
(Somenos (4) dos primeiros
Chegou. E como derradeiros vindos,
Com arte entristecida,
Com estudo, trahiraõ, des-lustroso,)
Os versos muito àquém dos de alta veyã,
Frios do antigo ardor sagrado, e sancto.

[1] Muito conhecido è por frenesia o furor Poético.

[2] Vejaõ a estampa que vem no frontispicio da nova traducçaõ francesa de Quinto de Smyrna.

[3] Naõ franzaõ o nariz à palavra *som nos*, que usou della Camoës n'um Poema Epico, e naõ o degradou por ella, de sublime.

STROPHÉ XVII.

Um da guerra, que o fero Adrasto a Thebas (1).

Conduzira , emboccou a horrenda Tuba ;

Da Noite os alvos fachos

Este (2) canta ; outro (3) lavra em verso a Terra.

No discrimine da flauta a sette vozes (4)

Inventou a Sicilia (5)

Cantar rebanhos. Os Thessalos (6) vogavaõ

Na Scythia , em sons mais nóbres.

Um de Cassandra a furia (7) ; outro sublima

Aos Céos, Regios entréchos ; (8)

Ou Facecias no humilde sôcco moldaõ. (9)

ANTISTROPHE XVIII.

Longo tracto de tempo já corrido

Traz os Vates humanos , bafejaraõ

Com sua graça as Musas

[1] Vid. Pausanias in Beoticis.

[2] Arato.

[3] *Opera et dies* de Hesiodo.

[4] *Septem discrimina vocum.*

[5] Theocrito Poeta Siciliano.

[6] Poema épico dos Argonautas, composto par Apollodio.

[7] Lycophron.

[8] Tragedias de Sophocles e outros tragicos gregos.

[9] Os Authores de Comedias.

Os ouvidos dos Quirinães prophetas. (10)
Nunca igua! às primeva (11) nem segunda ,
Com já cansado alento
Como ultima chegada os commoviaõ.
Mas na lyra rebelde
Tanto os ávidos dedos callejaraõ ,
Que seu gorgeio illustre
Mais alto sôa , que do Imperio o grito. (12)

E P O D O X V I I I .

Populosas Provincias instigando
Armava entam a rustica Ignorancia , (13)

(10) Os Poetas Romanos.

(11) A graça ultima com que as Musas inspiraraõ os Romanos [segundo o parecer dos que melhor entendem a Poesia Grega] naõ era nem tam singela com nobreza , nem tam natural com elevaçãõ , como as Poesias de Homero , Pindaro , etc. , etc.

(12) El Rei de Prussia fallando de Virgilio [Epitre à Jordan] diz assim :

Ce bel esprit qui , par ses vers divins ,
Illustra plus l'empire des Romains ,
Que les Césars n'ont pu , par la victoire ,
En assurer la grandeur et la gloire.

(13) Irrupçaõ dos Barbaros Septemtrionacs, no Império Romano decadente.

Dirãõ que amontôo notas sobre notas. Eu digo que tem

Contra as nòve Camenas ;
A cegueira dos Princepes feroces.
Ante as de aço luzente
Cerradas hostes , pàvidas as Musas
Deixaõ a Terra ; o vôo aos Céos estendem,
Onde entraõ açodadas arquejando ;

S T R O P H E XIX.

E do throno patèrno vaõ em ròda
Sentar-se; e alli e' o Irmaõ (1) vidente (2) Apollo
Cantaõ o poder summo
De Jove. Os Divos nunca sem as Musas

razaõ , e tambemdigo , que eu a tenho. Porquanto se todos os meus Leitores fossem como Antonio Diniz N. N., e alguns outros que não nomeio, escusada era uma sò nota. Mas ay! do Poeta disgracado que cãhe em maõs de pedantes , ou rançosos , se não léva a espada desembainhada contra ensossos reparos , Outra razaõ tenho. Pessoas hà curiosas de ler , que não tendo obrigaçaõ de saber de cõr a fabula , nem a historia e mil outras requisitos , folgaõ muito de acharem junto à dificuldade a nota comesinha , que lha esclarece. Para essas , e não para outras tomo o trabalho enfadosissimo de commentar versos, que me custaraõ menos a compor , que a explicar com notas.

(1) Apollo , filho de Jupiter e Latona ; e as Musas filhas tambem de Jupiter , e Mnemosyne.

(2) Vidente, e Propheta sao synonymos.

Algo emprendem, ou já sejaõ de vôdas

Em solemne Festejo ;

Ou já co'a alterna dança o Impyreo alègrem.

Mas já là assôma o termo

Que as hà-de appressurar a tomar no Orbe

Nôva e longa pousada. —

Eis, com seu passo etèrnamente firme ,

ANTISTROPHE XIX.

Jupiter do alto sólio se abalança ;

Das Nocti-genas Parcas guia à salla

A planta omnipotente. —

Atè às côxas (1) lhes dèsce o trajo curto ;

Do tronco Dodonèo a espessa coma

lhes dà sombra às melénas

Cahidas, tristemente branquejando.

Em tres coxins sentadas ,

Cingidas junto ao peito , em ròda fiaõ ;

Com sobrecenho esquivo

Da crespá fronte a catadura affeiaõ.

EPODO XIX.

As maûças dos fusos se estrellavaõ

Com ruyvas sardas de àspera ferrugem :

(1) Imitação de Catullo nas nupcias de Pelco e Thetis.

De aço duro cobèrta ,
Nos quadris se atravèssa a fatal ròca.

N'um Còffre , em meio d'èllas ,
Cèrra o Tempo as tarèfas , cèrra os fusos ;
E os curtos , longos fios , lisos , broncos ,
(Como o Fado assim quiz) bem , mal , dobados.

S T R O P H E X X .

As tres Irmans , à dura lida attentas ,
Fadado carmen roucas murmuravaõ ,

Fiando o estame vivo
Do charo Polliãõ vindoura fórma.
Clotho , que o fio torce , estes dous versos

Nove vezes re-canta :
« Torço a vida , qual nunca mais formosa
Meus dedos retorceraõ. »

Mal que foinu , da massaróca de ouro ,
O fuso , a tóma o Fado ,
E de Saturno , e Rhèa ao Filho , a entrèga.

A N T I S T R O P H E X X .

Lógo Jóve , em presença dos mais Numes ,
Mòlda de mossa etherea um corpo humano ,
Com suas mãos Celestes :

Faces lhe avulta , alisa a grave fronte ,
Afila-lhe o nariz , rasga-lhe os olhos ; (1)

(1) Dirãõ , que hà nesta strophe varias phrazes tiradas

E com sopro Divino
O Sp'rito lhe infundio , que em mil virtudes
Vinha todo banhado.
A' perfeiçãõ da illustre forma assistem
As nove Filhas suas ,
Ao alto Padre attentas , que assim falla ?

E P O D O X I I .

« Nada hajaés de temer : que um douto Guia
N'este vos dou , quando outra vez ao Mundo
Baixâes. Segui-o ousadas ;
Que em seu saber seguro vos dou armas ,
Que todo o susto espancaõ.
Despojai-vos de pállidos receios ;
Que o General intrépido , e prudente
Derrotará as hóstes da Ignorancia. »

S T R O P H E X I I I .

Eis , co'ellas perfiladas , tóma o Guia
A térra o vôo : as liquidas campinas (2)
Talhaõ co'a affouta dextra ,

de Vieyra. Sim , senhores ; e me honro muito de que assim
m'o censurem. Façam o mesmo os que es crevem certa moxi-
nifada de gallicismos , e acabar-se-há entre nós o abuso de
compor livros bastardos , em lingua de Peralvilho.

(2) *Per liquidum Æthera.*

Horat. lib. 2 , od. ultima.

Sobre aligeros ventos reclinadas.
Tal vemos, entre as nuvens, ir voando
De Grous, de brancos Cysnes
Ordenado esquadraõ , seguindo o rumo,
Que o Antesignano enfia.
Co'a Tèrra invéstem. Logo no horisonte ,
Que fuzilou da esquerda ,
Claro signal se abriu, que sao chegadas

ANTISTROPHE XXI.

Chara Musa , que Zéphyro , soprando
Mâis que rijo, o baixel , em que eu surcava
Com infunadas velas ,
Os molles combros de água , assim arriba ?
Torna à marcada (1) areia o teu Alumno.
Naõ vês Varraõ na praya ,
Co'a vista , e meigo acêno convidar-te ?
Naõ vês a Nympha sua ,
Plautina , que te chama , à fóz do porto ,

(1) Como por instincto , ou dezejo de pôr pès em terra , naõ sò o Patraõ d'um barco , mas inda os Passageiros marcaõ de longe certo sitio na praya , onde levaõ designio de desembarcar.

C'os lumes (1) da alva face ;
Que de Estrella polar te estaõ servindo ?

E P O D O X X I .

Dà-te préssa a ferrar o solto panno ,
Que a Canção vai prolixa. Téme , oh Musa ,
De dar à Inveja assumpto ,
Que sacrilega vibra a lingua , e trace
De me affundar o nome
Na água do Olvido. — Ah ! quanto mais no fundo
M'o calca , mais escôa , e vem bóyando ,
Qual vem léve cortiça à flor do pégo.

S T R O P H E X X I I .

Naõ curves , nem aos ladros desse Monstro
Espáduas fugitivas acobardes.
Graõ mal é a Desventura ;
Mas é suprema gloria dar invejas.
Anchorada no porto da Ventura
Tua lida ira sentar-se
Aos pés de immortal Nume ; e esses , que a aborto
Força canina inveja
(Que em se morder os membros gasta a ràyva)

(1) Já muito hà que outros Poetas chamaraõ os olhos
Sões , estrellas , luzeiros do Céo do rosto. Pela mesma ra-
zaõ , ou metaphora chamavaõ os Persas o Sól , ou Mythra
Olho de Mundo. Fica uma metaphora por outra.

Vérsos, (1) dous Sóes não duraõ,
Sem perder a zombada, ignóbil vida.

ANTISTROPHE XXII:

Branda Lyra , urde ainda um Canto ao Sabio

Que te dá doce affan na Dória chórda.

Que a affouto Vate , nunca

Tolheu torrente rouca , ingreme rócha

De ir respirar suavissimos perfumes

Junto dos bons Esp'ritos ,

Que daõ alma ao saber , à Melodía.

(1) Os estudiosos , costumados a ler nos classicos Latinos , e ainda nos Portuguezes, transposições de termos, que daõ elegancia à phraze , não estranharãõ este hyperbato , sabendo que è uma figura que exprime antes a impetuosidade e tropel das idéias , que assaltaõ a imaginaçãõ , que a ordem grammatica que a tranquillidade de espirito consente no discurso. Alem de que os melhores Poetas transpoem muitas vezes os termos por lhes desmanchar o theor prosaico que tanto desmente do Estro, o qual sempre se reputa levar de rojo a imaginaçãõ do Vate. Se porem è necessario para os que não tem liçãõ de Classicos por em termos corrente, a phraze transposta , ella diz assim : E esses versos , que a Canina Inveja etc força a aborto , dous Soes não duraõ , etc. , etc.

Quem , com braço vaidoso ;
Podéra este Hymno aos Céos lançar , tam alto ;
Quanto é virtuoso , e instruido
O Varaõ , que è tam digno de meus versos !

E P O D O X X I I .

Pregoando os seus dótes , e grandezas ,
Por sette linguas (2) desta Lyra de ouro ,
Naõ quéro entoar d'Elle
Hypérboles , que Sîndicos me estranhem .
Amo cantar sincero ,
Que Elle orna a Têrra , como a Pérlla a C'roa :
Que em Justiça , em Verdade , em Leães feitos
Léva às antigas éras gran ventagem .

S T R O P H E X X I I I .

Desceu co'as Musas a adornar de novo
O desalinho do Orbe , Elle a quem ornaõ
Tantas prendas nativãs .
Com suas lettras as alçou de estima :

{ (2) Imitando a Pindaro , chama a Poeta *linguas* as
chordas da sua Lyra ; por quando os instrumentos quando
destra maõ os ameiga , saõ entam mais agradaveis , se mais
imitaõ a voz humana .

(237)

Seu nome egregio afformosando tudo ;
 Ou já com pès medidos
Assujeite a escriptura a rithmo estreito ;
 Ora em numeros soltos
Outorgue passo franco à penna. Elle honra
 Quem as Castàlias (1) ama ;
Guia-lhe o engenho, e o bom lavor lhe agrada.

ANTISTROPHE XXIII.

Canção respeita o seu sublime esp'rito ,
 Como vindo dos Céos , a espargir brando
 As nossas Leis severas
Com mél suave de Atticas Abelhas. (2)
Elle à sacra Balança na alta dextra
 Tem o fiél seguro :
E com agudos ólhos indefessos ,
 Nos bons , nos mãos cravados ,
Na esconsa estrada os véla , e inda na plana.

EPODO XXIII.

Ao ruído da minha Lyra , inquietos
 Olhos derrama a Patria , e attenta em torno .

(1) As Musas a quem dão differentes nomes de Aoniás , Pierides , etc. , etc.

(2) Allegoricamente falla do eloquente estilo azo-
nado de doçura Grega.

Onde irá encravar-se
O farpaõ, que tam destramente vibro
Ao Alvo tam insigne.
Virtudes, que pedís virtuoso encomio,
Trahir-vos fôra, naõ mandar, com clara
Pregaõ, o vosso nome, a estranhos Climaz.

S T R O P H E XXIV.

Despênde àvido um nêsta Lida os annos,
Quando outro a seu sabor vario os diverte:
Tua alma, oh Polliãõ charo,
Só no que é bom se enléva, e no que é justõ.
Naõ sem causa Cesonia, alta Princeza,
Teu mérito atinando,
De tam boa, a Ti bom, a si attrahe.
Bem que com dura lança
Seu Paé domou alvoratadas iras
Da Volania ; (1) e com ouro (2)

(1) Todos os nomes proprios saõ fingidos, em razã
como ao principio se disse) de respeitoa particulares mui
forçosos.

(2) Chama o Poeta allegoricamente *ouro* a riqueza
das sciencias; e naõ impropriamente: porquanto saõ ellas
mais uteis, e mais duraveis, e proprias, que as desse invejado
métal.

Nota de Editores

Grego e Latino re-dourou o Reino ;

ANTISTROPHE XXIV.

Jâmsis obrou acção de tal valia,

Como o ter procreado a flor viçosa (1)

Desta immortal Bonina

De immortal graça , de immortal talento ;

Em que o Céu se revê , o Céu se enléva ,

E fito emprega a vista

Nos dons , com que lhe ornou o inclyto Esp'rito.

Com verso ousado , e nobre

Já me cinjo a canta-la , a meu contento ,

Apenas dê remate

Aos louvores do Tronco seu excelso.

EPODO XXIV.

Mas da Ode as leis me tiraõ já do braço ,

E já me accusaõ de esten der tam-longe

(1) Foi licito à Horacio dizer : — as breves flores da amena rosa — *lib. 2, od. 3o*, Tambem creio me será permitido [ainda que de muitas leguas longe de Horacio] dizer — a flor viçosa da Bonina : tanto mais que tomamos a flor pelo mais mimoso e delicado de qualquer cousa ; como a flor de farinha ; dizemos a quem manosea uma fructa , que co'as mãos lhe tira a flor , etc. , etc. Mil exemplos não podara. E que mais difficuldade há hi para a intelligencia do conceito em dizer a flor viçosa da Bonina ; ou a Bonina flor viçosa ?

As dóbras de meu Canto.

Pois que a flux esta Flor (1) cantar me vedaõ ;

Estranho ardor me lavra

De ir meus gorgeios disferir canoro

No teu ouvido; e o meu potente encanto

Entranhar-to no seyo negocioso. (2)

[(1) Como o nome desta Princeza se parecia com o de uma flor mui conhecida, como a uma flor lhe falla o Poeta. Se me vira com appetite de citar, naõ me faltariaõ exemplos dos melhores em meu abono.

(2) Estava nesse tempo encarregado dos principaes negocios da Monarchia o Heroe a quem foi dedicado este Poema.

Bem capacitados creio todos os que me conhecerãõ, que nunca peguei na penna com intençãõ de que fossem impressos os meus escriptos. Fiz versos por desenfado, e para descarregar a mente das ideias, que se amotinavaõ de encerradas. — Aqui vinha a pedir de bocca a comparaçãõ com o alvoroço dos ventos na caverna de Eolo, e o citar — *illi indignantes magno cum murmure montis, circum claustra fremunt*; e depois, para a destemperada torrente, que de versos impetuozos se tem hà mais de quarenta annos despenhado por esse mundo de Christo, citar o — *Qua data porta ruunt*. — Mas, viva a Modestia! que desmente muito a basõfia com a pobreza. Aos meus versos que andaõ impressos esta, e nunca ess'outra lhes deu Carta de alforria. Comecei por uma Ode à Rainha N. S.; para lhe lembrar [no caz a muito duvidoso, que lhe chegasse às maõs] que um vassallo seu, victima de

calumniosa inveja padecia em longo desterro trabalhos, e penuria, de que não éra merecedor; dos quaes S. Magestade podia por sua Justiça, e sua Benignidade liberta-lo. Este o motivo da primeira Ode impressa. O caminho uma vez aberto, e franqueado o primeiro passo, veio a Amizade requerer seus diveitos, e sahi à luz em segundo folhétto; dahi em segundo, e mais terceiro et *reliqua*, continuando sempre na supposiçãõ, que não chegaria o cabedal de minhas folhas avultar em livro: por quanto nunca me conheci com juizo para tanto. Vã se não quando; eis que folha sobre folha foi medrando o Volume; e quando menos me precatava, achei-me Progenitor d'um tomo impréssõ com mais de trezentas paginas inchado. Já lhe não podia ir à maõ. — *Nescit vox missa reverti.* — Esta Ode foi quem me abriu os olhos, nesta nõva impressãõ, à cerca do vulto que já faziaõ as minhas burundangas poéticas. Em quanto ía folha a folha, nunca lhes sommei a conta; mas esta tal Ode-sinha desmedio-se tanto com a patarata de Epodos, e Antistrophes; intumeceu-se tanto c'os accrescimos das notas que (desconfõrme do comedimento e humildade das outras) deitou por esses trigos, demasiando-se em dôbro, e tresdôbro das suas Camaradas; como mulher de Mercador ricco, que vã à Igreja com roupas de *afãsta afãsta*, e occupa com a rafastellada redondeza o lugar de duas Damas, e uma Criada. — Achas que passa de longa? Tambem eu. Fazei à Ode, e que eu fazia aos escarramoês, quando éra estudante, partia-o pelo meio, e comia a primeira ametade, e depois a seguhda.

Se eu para desculpar a desmesurada gigantêz desta Ode, me quizesse escorar em algum exemplo, mui volumoso o tinha eu nas Odes do Senhor Bezerra, que como Professor da Universidãde déve mui bem saber todas as

Vitórias d'uma Ode. Ora elle faz odes *sine fine dicentes*. Ergo
Rosas.

Direi , por fim , como um amigo meu pôz por epigraphe
nas suas Obras.

Se as Odes do Bezerra , e do Talaya ,
Sem pejo , se imprimiraõ ;
Quem tólhe à Minha Musa , que Ella sàya
Por onde éssas sahiraõ ?

ERRATAS.

A este achaque não há livro nenhum que escape: e é quasi sem remedio, se o Dèmo tentou o Author a imprimi-lo em terra estranha: e aduba mais, se escasso de pòsses, não tem com que unte as mãos ao Compositor, e ao Proto, afim que attentem com mais disvéllo no que compoem, no que corrigem. Væ MISERIS!

Por mais asseada que lhes entre a Cópia do Manuscripto, por mais agudeza de olhos que o Author empregue em espreitar os erros da imprensa, nunca lhe sàhe a óbra sem erratas. Tal prova me veio treze vezes à emenda, que não sahio inteiramente limpa da carépa. Eu emendava, e os mesmissimos erros vinhaõ na seguinte prova; e a men pezar, e a despêro meu, me vinha a folha impressa não-escorreita e desairosa. Alem de que, cheio o Author da ideia. e contexto da sua óbra, vai-lhe (sem o querer) no trilho do sentido, e quasi forçosamente trascura repartir esmiudada attençaõ pela ninharía de virgulas, lettras faltas ou sobejas, ou trocadas, etc., etc.

Faltou-me mais que tudo, um Amigo, que nas

folhas já por mim correctas, visse o que eu não vi. Esse Amigo, que eu, facilmente acharia em Lisboa, não o depararia em Paris a muito custo.

Page 5	Parcamente — <i>lisez</i> :	Parcamente.
10	Canton	Cantou
10	4 ^o	4a.
10	Canhéuhos	Canhénhos.
16	Jo	Io:
16	Anthores	Authores.
19	Rabujenta	Rabujenta.
21	Cuberturas —	Cuberturas.
20	oppressoras	Oppressoras (x).
24	Farlura	Fartura.
24	Daz	Das.
25 (nota)	Razao	Razaõ.
35	Porfóros	Por fóros.
40	Patarras	Palavras.
45	Bem	Bom.
<i>Ibi</i>	Eloquencia	Eloquencia.
<i>Ibi</i>	Dístrahidos	Distrahidos.
<i>Ibi</i>	Atteuçãõ	Attençaõ.
<i>Ibi</i> (nota)	Fio	Fio.
46	Apprazinõ	Appraziaõ.
50	Eutender	Entender.
50	La langue	Les langues.
51	Conséguio	Conseguio.
53	Alcar	Alçar.
54	Dôer	Doêr.
55	Madûbito	Maõ súbito.

55	<i>Arranca</i>	<i>Arranca.</i>
56	<i>Apolo.</i>	<i>Apollo.</i>
63	<i>Describeaõ</i>	<i>Descripçaõ.</i>
63	<i>Viéra à Villaõ</i>	<i>Viéraõ à Villa.</i>
65	Après le dernier vers de la page, ajoutez celui-ci :	

*Que nós puisamos o fallar à moda ,
No màis charmante tom , màis séduisante.*

66	<i>Remarcerao</i>	<i>Remarceraõ.</i>
66	<i>Europei</i>	<i>Enroupei.</i>
73	<i>Por que</i>	<i>Poque</i>
75	<i>On</i>	<i>Ou.</i>
80	<i>Dao</i>	<i>Daõ.</i>
87	<i>De</i>	<i>Do.</i>
101	<i>Ensiado</i>	<i>Enfiado.</i>
102	<i>Versiuho</i>	<i>Versinhos.</i>
107	<i>Gomparsao</i>	<i>Comparsas.</i>
107	<i>Sigàs</i>	<i>Sigas.</i>
110	<i>Mettaõ</i>	<i>Mettaõ.</i>
114 (nota)	<i>Mão letargo</i>	<i>Lelhargo mão.</i>
<i>Ibi</i>	<i>Qui</i>	<i>Que.</i>
118	<i>Embarálha</i>	<i>Embarà</i>
<i>Ibi (nota)</i>	<i>Com de</i>	<i>Com</i>
119	<i>Men</i>	<i>Meu.</i>
120	<i>Tyrani</i>	<i>Tyranni.</i>
122	<i>Aõ alargarme</i>	<i>Alargavaõ-me.</i>
124	<i>Fallave</i>	<i>Fallava.</i>
125 (nota)	<i>Do</i>	<i>Dos.</i>
<i>Ibi</i>	<i>Palavra</i>	<i>Palavras.</i>

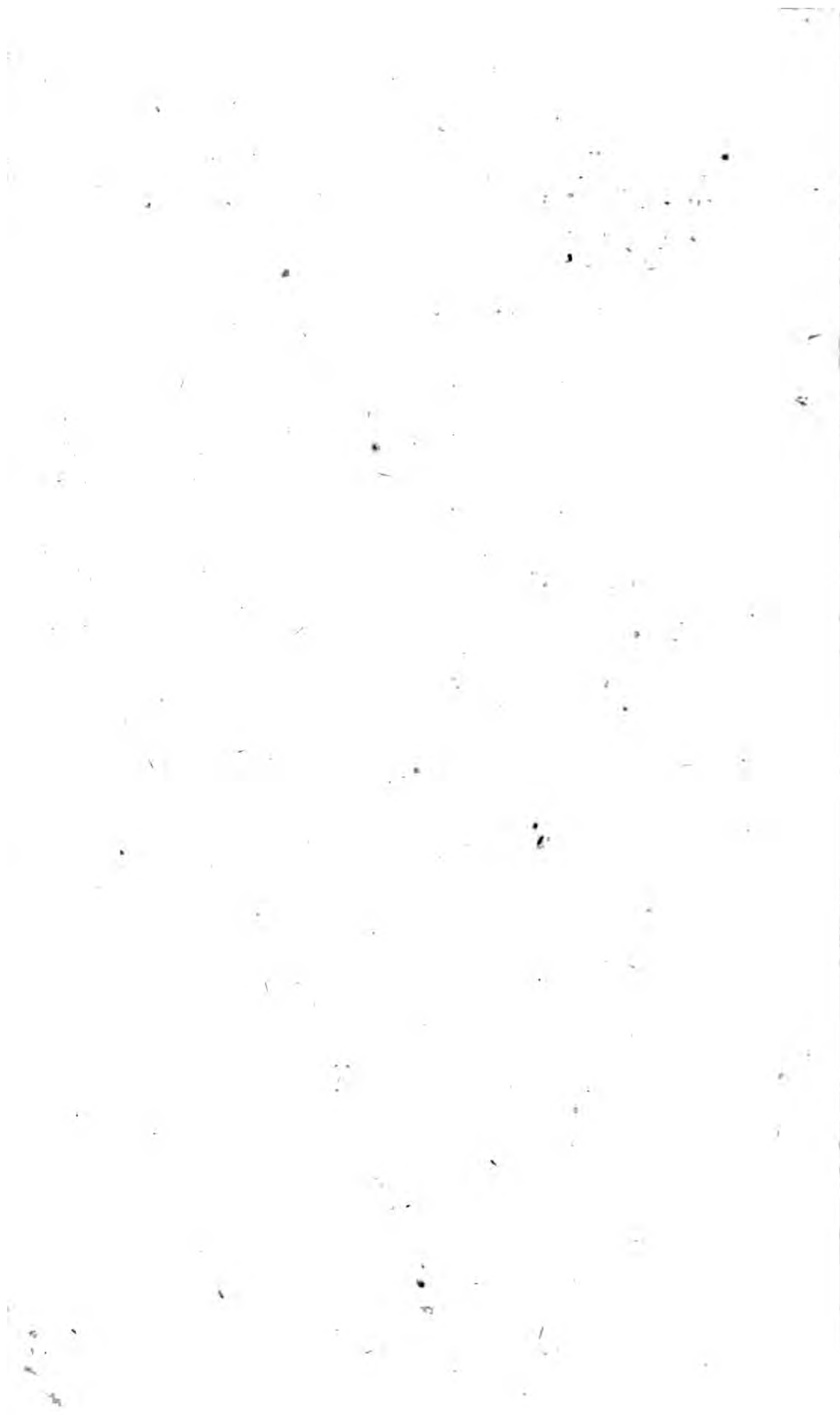
<i>Ibi</i>	Construçoës	Construcçoës.
<i>Ibi</i>	Odpaimor	O primor.
<i>Ibi</i>	Vind a	Vindas.
126	Encetar ;	Encetar ,
129	à	a
<i>Ibi</i>	D'ous	Dous.
131	Entretêrão	Entreteraõ.
<i>Ibi</i>	Maôs	Maõs.
<i>Ibi</i>	Cãlhas	Cã lhas.
135	Scorre	Scorre.
<i>Ibi</i>	Eima	Cima.
<i>Ibi</i>	Tu'	Tu.
<i>Ibi</i>	Paé	Pa'e.
136	Ousadiã	Ousadia.
<i>Ibi</i>	Maô	Maõ
<i>Ibi</i>	Pregaõ	Pregaõ.
<i>Ibi</i> (nota)	Thesoro	Thesouro.
<i>Ibi</i>	So	Sõ
<i>Ibi</i>	Caccito	Caccia.
<i>Ibi</i>	Ancigos	Antigos.
137	Gostaraõ	Gostaraõ.
138	Camoês	Camoês.
<i>Ibi</i>	Da	Dã.
<i>Ibi</i>	Camoês	Camoês.
139	Camoês	Camoês.
<i>Ibi</i>	Manaraõ	Manaraõ.
<i>Ibi</i>	Naõ	Naõ.
140	Ambicaõ	Ambiçaõ.
<i>Ibi</i>	Membrudo.	Membrudo ,
<i>Ibi</i>	Segredo	Segredõ.
<i>Ibi</i>	Punha	Punhas.

<i>Ibi</i>	Illustres	Illustres!
<i>Ibi</i>	Nurem	Nuven.
141	Oprendou	O prendou.
143	Guiá	Guia.
<i>Ibi</i>	A a'	E a.
144	Lá	Là.
<i>Ibi</i>	N'orté	Nörte.
145	Deteitos	Defeitos.
147	Evil	E vil.
151	Q uér	Quér.
<i>Ibi</i>	Argentadá	Argentada.
152	Ingio	Tingio.
<i>Ibi</i>	Cantavaõ	Cantavaõ,
156	. . . c'os	E c'os.
<i>Ibi</i>	Métas	Métas.
<i>Ibi</i>	Desiguaés	Desiguaes.
157	Desferron	Desforrou.
163	Cùm	C'um.
164	Abalastro	Alabastro,
167	Riuezgas	Riquezas.
167	Scientias	Sciencias.
169	Férino	Ferino.
169	Emulândoos	Emulando os.
<i>Ibi</i>	Atalhadas	Atalhadas.
172	ç'o	c'o.
173	Ei m	Fim,
176	Patria.	Pàtria.
<i>Ibi</i>	Fonce	Fouce.
178	Reveste alvura	Reveste a alvura.
<i>Ibi</i>	Que	Que
<i>Ibi</i>	Caminbo	Caminho.

186	T ebana	T hebana.
187	P rateaudo	P rateando.
188	P elá	P ela.
189	ç'o	c'o.
<i>Ibi</i>	A linbo	A linho.
Page 189	{ Qual mólle E juncol , ao duro lôpro de ouro.	
	{ Qual molle o junco , ao duro sôpro de Euro.	
<i>Ibi</i>	C ouforta	C onforta.
190	E nviá	E nvia.
<i>Ibi</i> [nota]	Q ue muito e	Q ue muito è.
191 [nota]	O que e materia	O que è materia.
<i>Ibi</i>	E meima	E ncima.
<i>Ibi</i>	V orat quora vortex	V orat equora vortex.
192	P riseas partlas	P riscas portas.
<i>Ibi</i>	M embrados	M embrudos.
196	M ares [1]	M ares. [1;
200	T aés	T acs
201	— F lammi-sqirante	F lammi-spirante,
201 [nota]	A merello	A marello
205 [nota]	A rrosnomia	A stronomia
<i>Ibi</i>	A gna	A gua
286	T erme	T ermo
307 [nota]	B oeca	B occa
<i>Ibi</i>	E scressém	E screvem
208	E spirito. ,	E sprito ,
<i>Ibi</i>	A ttônitas	A ttônitas]
<i>Ibi</i>	E reia	C reia,
211	C om balidos	C ombalidos
212	M i nha	M inha
<i>Ibi</i>	I nfuude	I nfunde
213	M en	M eu

<i>Ibi</i> (nota)	Lias	Tias
<i>Ibi</i> (neta)	Lares	Dares
<i>Ibi</i> (nota)	Oura	Ouro
215	Que em seu canto com Grécia	Que com seu canto em Grecia
216	Sairòs	Sacros }
<i>Ibi</i>	Grànde	Grande
<i>Ibi</i>	Primeiro	Primeiros)
<i>Ibi</i>	Deslustróio	Deslustroso ,

Fim do I Tomo.



V E R S O S

D E

F I L I N T O E L Y S I O .

VERSO

DE

ELIANTO ELYSIO.

V E R S O S
D E
F I L I N T O E L Y S I O .

Tomo II.º



P A R I S .

Anno de 1201.

1821

Et gare un froid Grammairien,
Qui traitant en homme capable,
Tont l'ouvrage de détestable,
Enverra d'un ton peu chrétien
L'Auteur et l'Ouvrage au Diable.

DU CERCEAU.

Teve muitas erratas o primeiro Tomo ; foi mal impresso ; foi desigual e somenos o papel. Mais que muito o sei , e me lastíma. E na verdade ; quèr o creiaõ , quèr naõ , em nada me poupei porque sahisse tudo a gosto meu , e a gosto dos leitores ; e gastei mais do que o volume vale. Lida inutil ! Quem , nesta terra naõ quèr ser logrado , cabe-lhe ser mais sagaz e mais manhoso , que eu naõsou.



DES VARIO.

— — — Dieu ne fit la sagesse

Pour les cerveaux qui hantent les Neuf Sœurs.

LAFONTAINE.

Que deos? Que homeni? Que musa? ou que demonio
Me aturdio a cabeça socegada
Com revoltos poéticos vapores?
Que tinha eu com Apollo, e co' as Piérias?
Com Pegasos, Parnassos, Hypocrenes,
E outros sonhos de Orates rematadões?
Quem quizer perder tempo, perder sizo,
A saúde estragar, vazar a bolsa,
Tòme dos versos a fatal mania:
Que a Déosa dos Poétas lògo ordena
Que para bem cumprir e'os estatutos

Da três-loucada, e pobre Confraria,
Em que o boçal verzejador se alista,
Não coma um só bocado com socêgo,
Nem breve noite durma a somno sôlto : (1)
Mas da bocca a comida mal-mascada
Passe ao ventre voraz mal-engolida,
Se êrga da meza, e encaixe o consoante,
Que escarnicando e a accinte lhe fez fôscas;
Que no rôto enxergaõ pernêe insomne,
E de Phebêos Duendes avexado
Tresvalie com ôccas ventoinhas (2).

Quando a Manhã com dedos côr de rosa
Vem as portas abrir ao sol que acôrda;
Quando todo o mortal, espergniçando,
Estira os braços, pálpebras desgruda,
Poem o fito no almoço, ou no trabalho,
O pobre Vate extremunhado busca
O fêcho atarracado d'uma glossa,

(1) Quæ poterunt unquam satis expurgare cicuta
Ni melius dormire putem quam scribere versus.

HORAT. lib. 2 Epist. 7.

(2) Che le Muse son peste de cervelli :

E chi vuole far bene i fatti sui
Fugga Apollo più rato che non feo
La ritrosetta figlia di Penco.

RICCIARDETTO.

(7)

Ou rõe e escarva nas peccantes unhas
Maldito encantoado consoante.

E o como arquêa na franzida têsta
Espantados, e fitos, grandes ôlhos,
Quando revolve no azoado engenho
Pensamento subtil, valente phraze,
Ou desvairadas furias de altas Odes!

Para bem conhecerdes estes loucos,
Darei alguns signaes. Quando vòs virdes
Um homem de convêrsa atrapalhada,
Estouvado no trato, em termo, em gesto,
Que vai pelos passeios, pelas ruas
Ruminando chyméras todo absorto,
Aquí se enxurda, alli marra co' a gente;
Passa, como um sandeu, d'um cabo ao outro,
Sem caminho, ou carreira concertada;
Em caza, e fôra, fôra de si mesmo,
Embebido no espaço imaginario;
Naõ cuidar nos seus bens, no seu alinhô,
Nem cortejar a Deosa da Fortuna,
Para alcansar, por graça, o métal louro,
Que dà Vida agradavel, Honra (1), Amigos;

(1) Dat fundus honores, amicitiam.

For Poéta, ou por doudo; que è o mesmo;
Lògo m'o assinalai em bom canhêho.

Pois se, como a possêso espiritado
O Demonio (1) o agnilhòa co' a venêta
De imprimir engrazados consoantes,
Entam lhe quero eu lagrimas e affanno. —
Em caza do Impressor là estaô à l'êta,
Esperando o suado manuscripto,
Consumições de còbres, amarguras,
Erratas de impressaõ, lôgro de Obreiros,
Gatunices do Pròto, papéis faltos,
As correccões sem cabo, e sem medida,
Cheios de erros, e sem sentido os versos;
Depois de trinta provas emmendadas.

Que loucura! Que absurdo indisculparel,
Perder tempó, e saúde, e paciencia
Perder as bellas louras reluzentes,
Ganhadas com suor, — talvez sumidas
Aos òlhos do appetite mais golôso,
Por ir em negra estampa correr mundo

(1) Não reparem na lettra grande, que ponho a este nome: Sujeito, de quem tanto se falla, e que entre muita gente è mais nomeado que Cesar e Alexandre, bem pôde ter jus a uma lettra grande.

Apoz um nome vãõ. Bem pècco fruító
E' o ser por bom Poéta decantado
Por outros loucos, que ignal trilho séguem.

Ah! se a Diva Razaõ, compadecida
Da enfermidade que lhes lavra na almà,
Lhes corresse a cortina do Futuro,
E lhes mostrasse o mar calamitoso,
Crespo de escolhos, denso de naufragios,
Onde irãõ mil Poétas dar a pique,
E engrossar o cardume dos passados;
Talvez que o mêdo lhe encolhesse as ázas
Da presumpçao balôfa de ser lidos (1).

Tomái axemplo em mim, Engenhos cégos.
Que ganhei eu c'um Cartapacio de Odes,
Com déz cansádos lustros de Versista?
Rizos, Invejas, Criticas, Calumnias
Breve Fama, Desterro, e Desemparo (2).

(1) Nullam enim virtus aliam mercedem laborum, periculorumque desiderat, præter laudis et gloriæ: quâ quidem distractâ..... quid est quod in hoc tam exiguo vitæ curriculo et tam brevi, tantis nos in laboribus exerceamus.

CICERO pro Maniliâ.

(3) C'est un métier trop dangereux, et la méprisable fumée de la réputation fait trop d'ennemis, et empoisonne trop la vie. *Lettre de Mr. D. V. à un membre de l'Académie.*

O D E.

— — Quem tu , Dea , tempore in omni.
Omnibus ornatum voluisti excellere rebus.

LUCRET. lib. I^o. vers. 57-

NA ã quero cantar Moças, que estou vèlho,

Ensôço, e derrengado :

Já pendurei de Vénus nas parêdas

Do namôro as insignias (1),

E a Lyra des-montei das meigas chórdas,

Que discantaraõ Marcias,
Delmiras, Élias, mil fôrmosas Nymphas.

Do saudoso Téjo.

Hoje o meu Araûjo só pertendo

Entoar nos meus versos.

Elle os finaes accentos de meu Canto

Acceptará benigno.

Se as flores me acceptou a Formosura,

Côlha a Amizade os fructos ;

(1) HORAT. lib. 2 Od. 26.

Mais sazonados são, se mais tardios
Os tributos do Outono.

Dize, oh Musa, quem deu prendas tam amplas;
Quem de indole prestante....

Eis, rodear-me vejo as Musas todas,
Clamando de contentes :

» Nos fomos quem no berço o embalámos
» Com Délias Cantilênas !

» Nós o talento, nós a mente vasta
» Lhe povoámos lédas

» De jucundo saber, de quantas artes
» Te enlevaõ, quando o escutas,

» Mas nossa Mãe Mnemòsyne, que olhava
» Tam donosa porfia.

» A qual primeira, com seus dons o ornasse,
» Risonha nos reprende :

— Que podeis vós sem mim? O saber todo,
— Que lhe verteis no engenho,

— Resvalará, se o cravo lhe não pondes
— Da ferrêna memória.

— Essa seja o meu dom, meu dom nativo (1),
— Com que me prendou Jove.

(1) Todos o sabem que Mnemòsyne é a Memòria. Todo o sabem, e eu só o ponho aqui, para que me não esqueça; que ainda hà poucos dias não soube dizer o meu nome, nem de que côr eraõ os meus Primeiros calções.

» Lógo as Graças, das Musas Companheiras,

» E, por todas, Aglauro,

» Como quem de mayor thezouro è ricca,

Diz com despejo airoso :

— E quando o vosso alumno tenha todas

— As artes, as sciencias,

— Bem encravadas co' a tenáz memoria,

Qual é vóssa ufanía !

— Serà sábio, e enfadoso como um livro,

— Se lhe fallêce o enfeite

— Do mimoso primor, da gála nóbre,

— Que tudo affermosêa ?

— Essa lhe damos nós ; essa é o enlêvo.

Dos que melhor juizaõ.



F A B U L A .

No cristal d'uma fonte clara e pura
Uma Macaca estava contemplando

A sua formosura :

Os mômicos, e os pulinhos revezando,
Da sua presumpção indícios dava,
E de ser bella, com prazer, gozava.

Um Burro, que pastava
Não longe do mostrengo presumpçoso
Condoído as orêlhas sacudia.

E comsigo dizia :

» Se, ao menos, o meu porte grave, e airoso,
Se a minha voz tonante ella tivéra,
De ser vaidosa a permissãõ lhe eu déra. »

Quantos conheço ahi, que tómaõ azo
De notar erros meus; e estaõ no cazo
Do Burro, e da Macaca.



O D E.

— — Non Aquilo impotens
Possit diruere , aut innumerabilis
Annorum series , et fuga temporum .

HORAT. lib. 3. Od. 3o.

PROMETHEO , quando quiz , industrioso
Dar alma à humana fôrma , que plasmara ,
Roubou dos Céos a sempre-viva flamma ,
De Minerva amparado .
E disse ao Homem : » Tu daràs ao Mundo
Filhos de bem-diversa natureza :
Tães tem de atravessar perecedouros
O quêdo stygio Lago ;
Que deixarãõ de si curta lembrança ;
E quães ruín ; nenhuma , a maior parte .
O Olvido , c'o seu negro mudo manto ,
Tem de os cobrir sem termo .
Mas os filhos do Engenho , que derivaõ
Dos Céos a altiva Origem , terãõ vida
Tam longa como os Astros , que desdenhe

Da barca de Charonte.

Similhantes a Pallas , quando rompe
Do cérebro de Jove , vem armados
De arremessões fulmineos contra o Olvido,
Contra a foice da Morte.

S O N E T T O .

D'HA longos dias Venus reparava
Que seu filho Cupido emmagrecia :
A viva côr no rosto emmortecia ;
A rapidez nas azas affrouxava.
Sollicita o Concelho convocava
Das Nymphas , e remedio lhes pedia
Para o filho doente , em quem bem via
Quam mal do Império as rédeas meneava.
Depois que sobre o mal bem consultaraõ ,
A flux concluem todas , que era *Tedio*.
Receitaõ perrexis espartadores.
Mil drógas , não-acceitas , apontaraõ....
— O Ciume (diz Venus) é o remedio
Provado contra o tédio dos Amores.

O D E.

COMMENTARIO sobre o - *Addis cornua pauperi* de Horacio lib. 3 Od. 21.
mal entendido atéqui pelos seus expositores.

— — Injurium est de Poeta male sobrio

Lectorem abstemium judicare.

AUSON.

POETAS por Poétas sejaõ lidos :

Sejaõ só por Poétas explicadas

Suas obras divinas : que não lãvra

No esquivo engenho d'um Benthley Saturne,

D'um Min-éllio, um Juvencio apoquentados

A sacra chamma do Estro desenvolto.

Como póde colher um acanhado

Secco commentador a ideia altiya

D'um destemido Vate ali-potente,

Que d'um ao outro Pólo estende o vôo,

Quando elle (1) as azas tem agorentadas ?

(1) O Commentador.

Deste erro vem, desté fallaz desforço
Tanta inépcia, e senti-lo extraviado,
Tam pezados juizos, tam perluxos,
Recheados de tam frivola sabença;
E os lugares difficeis que elles saltaõ
Como faz por brazido qualquer gato.

Cada qual de sua arte falle e escreva :

Commente a Euclides Newton e Descartes,
De Demosthenes Tullio nos dê conta,
E a Pindaro intérprete e siga Flacco,
E fallaremos todos com acerto.

Et addis cornua pauperi tégóra

Abconso, escuro foi. Versaõ genuína
Naõ achei em Pãe vélho, (1) em Cartapacio;
Nem sentido frizante lhe foi dado
Que me enchesse as medidas do dezejo.
Inda os mais sabichões, que mais se gabaõ
De terem as entranhas do conceito
Esgravatado com prolixos ólhos;
Nem mesmo às cégas inda o apalparaõ.
Que nenhum se lembrou, que o Venusino
Foi Poéta, e Prophéta n'este texto :

(1) *Pãe velho* chamavaõ no meu tempo de estudante, uma versãõ litteral, que se apprendia de cõr, para fazer o exame; e que (segundo meu parecer) éra a respeito do exame de Latim, o que a respeito do exame de Moral, éra o Larraga.

Que o nome *Vate*, em Delphico sentido

Inclue os dous potentes attributos.

Sim: que é Vidente um Vate; que o Futuro

Rastrêa, e fêre com a aguda vista,

Como mimoso do Vidente Apollo, (2)

E a quem franquêa o dom, com que entre os Divos,

Claro e sublime, a todos se avantaja.

Horacio tinha pois os olhos fitos

(Como desta Ode, quem vê claro, cólhe)

Na célebre Paris. — Naõ qual ella éra

Tugurio vil de pobres pescadores;

Mas, na Mãe das Sciencias, e das Artes,

No centro do bom gosto, e aureo luxo.

Via virar desta Era a ingente róda

Pejada de reconditos successos;

Com ella voltear cabeça a baixo

Torpe Devassidaõ, insano Jogo

(1) *Videt omnia Phœbus,*

Certus enim promisit Apollo.

HORAT. lib. 1 Od. 6.

— — — *Sacris se condidit antris*

Incubuitque adyto, vates ibi factus Apollo.

LUCAN. lib. 8.

At mihi Fatorum leges avique futuri

Eventura Pater posse videre dedit.

TIBULL. lib. 3. Æleg. 4

Infamé Embriaguez , que facilmente
 É das mãis feias culpas a Princeza.
 Via que assim correndo atropellava
 Os breves annos , as fugaces Horas.
 E via Baccho de luzente face,
 Que sobraçando a mosqueada pelle,
 C'o açoitte , que assomado destorcía ,
 Levava a tróte os bandos do vulgacho ;
 E apontando-lhe o ramo embandeirado,
 Com as mãs estendidas abarcava
 O couce das ranchadas ; pelas portas
 Das Guinguêtas (1) os empurrava a froxo.

(1) *Guinguettas* [fallo com que os não déraõ por eã uma rabissaca] são cazas de Pasto nos suburbios de Paris; as quães são tambem tavernas , e cazas de baile. São tantas , e tam diversas , que seria dellas difficultosa a descripção. Algumas tem sallas e jardins tam vastos , que folgado dansariaõ nellas , quatro centas pessoas. Tempos houve (em 1760) em que os Princeses vinhaõ dansar nellas , acompanhando-se de varias Actrices , Dansarinas , e outras Cortezans de bico revoltto. A esta frequencia de toda a casta de Povo , e à celebridade de certa Guinguetta , e de seu taverneiro allude Palissot no canto 3º. da sua Dunciada , quando diz :

« Voyez la France accourir au tonneau
 » Qui sert de trône à Monsieur Ramponeau. »

O commum é , que nos Domingos , e féstas , se enchem todas de immenso Povo de ambos os sexos , que sentados à

Via por certo, e de bem-longe, Horácio,
Que *per fas*, e *per nefas*, nos Domingos
Por uso usado, e por peccado vélho
Toda a cabeça de artesaõ, e obreiro
De bandas tomar déve a cabelleira. (1)
O jornal da semana é cousa ténue,
Se co'a pádeira, se c'o taverneiro
Co'a tenda o aranzél se ajusta, e paga.
Pouco, ou nenhum dinheiro nas mãos fica,
Com que uma cân se tire na Guinguetta,
Entre o assado perum, e a larga pinga.
Que regresso? — Nenhum. — A sêde apêrta:
Afferrado nas rôscas da goéla

O vermelho appetite da canada

mezas, bem servidas pòr diligentes Criados de Guinguetta, còmem fino, bebem largo, riem de escâncara, dansaõ à fi-vellêta, e deitaõ uma cân fòra todas as semanas. Findo o fol-guêdo, abraçaõ com vigor novo, na segunda feira, o usado trabalho. — Não sei se estes regabofes tomariaõ pè em Por-tugal.

(1) E é tam certo o tal camarço, que eu mesmo vi na Praça da Estrapada um bebado estendido por térra, sem dar acòrdo de si, e a quem nem apupos de rapazes, nem latidos de caés, nem manchêas de poeira pela cara o tornavaõ a seu sentido, chegar a elle um Camarada, amaldiçoar o sêstro do vinho, que tanto embrutece os homens, e concluir dizendo: „ Tal me tem de succeder Domingo. „

Pica, puxa, arrepélla, affoga, esgana,
E Baccho o está de longe convidando.

M U L H E R.

Là vai fulano para a Caza-branca (1)
Braços dados co'a sua Maricota.
Como vão guapos! se élla fora arisca.... »

M A R I D O.

— Elle é feliz, que tem mulhér, que ajude
A levar este carro de miserias. —

Sêde infame de vinho baptizado .
A quanto obrigas, quando o peito abrazas!
O sôfrego marido fécha os ólhos
A um meigo gesto, a um requebrado riso
Com que a mulher engoda o dadivoso ;
E affrouxa as rêdeas do aspero Recato,
Deixando accrescentar mais uma ponta
A Vulcanea grinalda retorcida ;
Com que à risca, e sem vêsgo Commentario,
Se cumpre no pobrête o puro texto
Et addis cornua pauperi de Horacio.

(1) Guinguetta muito affreguezada.]

MADRIGAL.

MARIPOSA inconstante,
Que namoras a Rosa, a Violetta,
E com vontade inquiéta
A toda a flor te off'reces fino amante,
Vai, léva éssa meiguice

Longe destas Campinas lealdosas,
Que pôde vir Almeno; e se te visse
Render tantas offrendas enganosas,
Te imitaria a errática ternura,
Des-leal a Delmira, à fê mais pura.



O D E.

— — *Te peritus*

Discet Iber , Rhodanique potor.

LENDO os teus versos ; numerozo Elmano (1);
E o naõ-vulgar conceito , e a feliz phrase ,
Disse entre mim : » Depoem , Filinto , a Lyra ,
Jà vélha , já cansada.

Que este Mancebo vem tomar-te os louros
Ganhados com teu Canto na aurea quadra ,
Em que ao bom Coridon , a Elpino , a Alfeno
Applaudia Ulisséa. »

Rouca hoje , e sem alento a minha Clio
Naõ trôa sons altivos , arrojados :
Vai pedestre soltando em frouxo métre
Desleixadas Cantigas.

Deseu Apollo , e o Chôro das Donzellas
A' morada de Elmano ; e esse , que outrôra ,
Canto nos dava nome , o pôz na bôcca
Do novo amado Cysne.

(1) O Senhor Manoel Maria de Barboza du Bocage.

PROPHECIA (*).

QUE tristezas alégres (1) vaõ subindo!
E que alegrias tristes vaõ descendo !
Nascem nos troncos de folhuda rama
Elephantes , Ouçaos , e Crocodilos.
Aquì para o pincél , alli a pluma (2) :
Vivo traslado de naõ-visto corpo.
Em ródas de ouropél passa , et transpassa
O rotundo esquadraõ dos infinitos.
O galhudo pastél dos consoantes
Ao sopros tremerà da cannafistula ;

(*) Alguns pontos desta prophécia me parecerãõ es curios :
mas uso è das tães naõ se entenderem , senaõ no tempo pré-
fixo , em que se cumprem. Alem de que Merlin, que no-la
deixou naõ a vie bem distinta e clara ; por que [como diz
Boileau] *Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement.*

(1) È de crer , que Jorge Ferreira tinha noticia desta pro-
phécia : Porquanto na sua Comedia Ulisippo falla de *alegrias*
tristes , e tristezas contentes.

(2) Foi opinaõ antiga que os homens nasceraõ das arvores ;
in duro robore nati » Que muito que della nascessem tambem os
animaes.

Sem descer dos Tyrinthios almagrados

Nota de despeitosas affluencias (1).

Virà tempo , em que a lingua Lusitana

Seja nõva Babel de escuro enleyo ;

Avêssa , mixtiforme algaravia

Gallo-Lusa invençaõ aperaltada.

Virà um espantalho Legatorio (2)

Enrufado perum , himpando aleunhas ,

Dictar ufano barbaras soalhas

Que envoltas em dourada Hollandez folha

Vaõ pela pósta desgostar a Europa.

Que não verãõ os séculos vindouros !

Verãõ aguas descerem por penedos ,

E penedos descerem pelas águas.

Os cornipedes Faunos , Egipanes ,

Vestidos à Mourisca , os Campanarios

[1] Faz allusaõ a outra propheta mais antiga que ainda ategõra se não entendeu , a pezar de outocentas explicaçoõs.

[2] Se abrisse a Natureza o grande reposteiro e amostrasse a verdadeira arvore genealógica destes empanurrados ; que galante Comedia para as gentes de juizo , que cõque da clava de Hercules para certas cabeças fõlas ! Que Paes Lacayos , Mouros , Frades , judeos etc etc não tem dado descendencias nunca-suspeitadas ? Quando estou da pachorra , mando representar entremezes desta laya no theatro da minha imaginacão , para rir à custa d'essas bexigas inchadas de ar fedorento.

Revolver com perluxa garridice ;
 Lindos Orang-otangs sorver a sphaera
 Diamantina da extática lembrança,
 E azoado de mestiça gerigonça
 Erguer o Tejo a encanecida frente,
 E os ólhos verde-mares derramando
 Por todo o Cães da pédra, e Boa vista,
 Perguntar às lindissimas Neréas,
 Que barbara Nação, sem que elle o saiba,
 Conquistar veyo a misera Ulisséa,
 E dar-lhe a nova lingua enlabuzada ?
 Que há muito sabe, os Vencedores darem
 A sua lingua aos Povos que haõ vencido.
 O que porém lhe enche a alma de ansia, e pasmo
 É ter sido a conquista tam callada,
 Tam occulta, que andando noite e dia,
 Rondando aquellas prayas, naõ lhe veio
 Aos ouvidos ruído de tambores,
 Nem estrondo de grossa artilharia,
 Como se usa no conquistar dos Reinos.
 Só conheceu que estavaõ conquistados
 Os Lusos, quando ouvio o novo enleio
 Da linguagem bastarda, tam diversa
 Da que o Camoës cantava à sua beira,
 E o fez allí deter-se, e as suas Nymphas,
 Enlevados no Canto, e na doçura
 Das phrazes desse tempo, que as de agòra ;
 Ou ja que eu de mui vélho, ou de mui surdo,

Naõ comprehenda cabal o que elles dizem ;
A lingua , que elles fallaõ , tam avessa
Nada tem para mim que claro seja.
» Paézinho (lhe responde a bem-fallante
Linda Tágide Ulina) naõ te admires.
Nem tu mais surdo estàs , nem velhentado ,
Nem conquistado foi o Reino Luso :
Mas tudo empeorou no triste idioma (1) ,
C'um andaço , uma lépra , que aquí lavra
Pelas boccas de certos Peralvilhos.
Chamaõ-lhe gallicismo , os mais expertos ,
Que este ar todo empestou. E'gran desgraça
Que a Réal Académia naõ fabrique
Para estes empestados de ruin phraze
Um Lazaretto , e boa quarentena ,
Onde por doutas mãos curados sejaõ
Com xaropes de chórda , ou de azorrhague ,
Como doudos de nova phrenezia.
Delles , Páozinho Tejo , vem a mácula.
Nós mesmas , que corremos estas prayas ,
Dezejosas de ouvir nossos amantes

(2) Diraõ que repizo muito no fallar afranzizado dos Tarelos. Mas para que repizaõ elles em fallar mal a sua lingua ! Vejo que se naõ emendaõ , continuo. Tanto dà a agua na pèdra que etc.

Tanto dà c'o martello o Carpinteiro,
Que enterra o prègo n'alma do madeiro. *Anonimo.*

E com elles ter prazo de recreio ;
Apenas , longe em longe , a Elpino , a Alfeno ,
Na phraze de Camoës , teu tam valido
Ouvimos Portugueza melodia ,
Imitada dos nossos bons Cantores ,
Das eras de ouro da grandeza Lusa.
Com cappello farrusoc se cubriaô
Longas orêlhas burricães , que agora
Abanaô com descôco, e effouteza
A' sombra de pedantes enruffados
De engoyado saber , que tem diante
Por guias uns fulanos , que furtaraô
Ou quizêraô furtar pela surrêlfa
O Bastão commandante que empunharaô
Camoës , Barros , Ferreira , Arrães , Lucena.
Mas detraz do Phantasma asn'orelhudo ,
C'o azorrague sonante , vem correndo ,
Um filho teu , prezado amante nosso ,
Que a um cinge o nariz , a outro a orelha
Com livido vergaô de longa dura.
Jà recuaô. Já fôgem trasmalhados
Bem zurzidos da mão pezada , e irosa.
Antes vereis , Catêrva malandrino ,
Derretidos os Céos , o mar enchuto ,
O Sarrahal saloyo fallar certo ,
O Piegas beber o sette estrello ,
Em feiçaô de Caffé , ou Chocolate ;
Que a vossa infame , idiota burundanga

Tóme pé no alto vão da Lusa falla.
Desmammai-vos do aperaltado leite ,
De que vossos escriptos se embostellaõ :
Lêde as Classicos , uico remedio
Contra o francez uzagre , que vos gâffa.

S O N E T T O .

QUE torpe Montro , féro, truculento
De descarnada ossada carcomida ,
Co'a assacalada fouce no ar erguida,
Vejo entrar pelo pallido aposento ?
Da myrrhadá garganta o infecto alento
Sopra no rosto a Delia adormecida :
Vejo-lhe a côr murchar-se , e espavorida ,
A alma deixa a morada , e esvâe no vento.
Mil Cupidos, sem arco , e passadores ,
Vaõ chorando traz élla , assim cortada
Na quadra das affagos , dos amores.
Quando eu ía sparzir, com maõ magoada
O lindo corpo de saudosas flores. . . .
Acordei — ao cantar de Dèlia amada.

O D E.

— — — Quod adest memento
Componere æquus.

HORAT. lib. 3. Od. 29.

QUANDO o sol, ja subindo do horisonte,
Encéta n'fano a rapida carreira,
E Morpheo às pestanas, que cerrara,
Vai dando a despedida :
Comêção de tropel a vir subindo
Os Cuidados, que o somno sopeára,
D'entre elles rompe o Almorço inexoravel,
Pedindo precedencias.
Vem depois a mais turba, que afastada
Com poderosa mão se arruma àos lados
Respeitosa — por que entre as duas filas,
Passe da trôpa o Cabo,
Que eu chamarei com nome conhecido
Dezejo de Politicas noticias,
Deste que augmenta, d'outro que fraquêa
A's forças do adversario.
Mas o Factor (1) esta ordem de nove annos

(1) Desde que se foraõ remechendo os animos em 1789.

(31)

Com impia novidade desconcerta ;
Trazendo às duas , a que vinha às nove ;
Universal Gazette.

Oh tu , potente Redactor , que as rédeas
Do governo das nóvas nos modéras ;
Restaura ao posto antigo a grande folha ,
Tam mal des-possuída.

e medrou o desbarato dos folhetos pelas ruas de Paris , veyo sempre a fio , e às nove horas da manhan um distribuidor de Cartas e papeis pelas portas e moradas , que aqui chamaõ Factor , trazer-me o papel Periodico de que eu era assignante. Esta Ode foi composta em razaõ da estranheza que me cauzou a mudança da hora assignallada.

NOTÍCIAS

ATRAZADAS.

DENTRE creisapertos ;
E enleios encubertos
Brotou a prosa , que util foi no mundo
A' esquiva humanidade ,
No preciso commercio das idéas ;
Qual brôta do fecundo
Seyo da térra a loura saciedade ;
Que as cataduras feyas
Da fome , e da magreza deita a longe. —
Dos Céos a Poésia
Desceu ladeada de inclytas figuras ,
Com que a mente lisonje
De doces fâvos , mélica ambrosia ,
Que enlévaõ almas puras.
Almas communs , no paõ tomem sustento ;
Que spiritos sublimes
Só com Attico mél se saboreaõ.
Sem grande atrevimento
Naõ tomaõ sobre si os fracos vimes
Carrêgos que os derreiaõ.
Robustos freixos , válidos Carvalhos

Só pugnaõ c'os negrumes.
A quem Déos não prendou c'o sacro louro,
Que corça os trabalhos
De aos Pòvos descifrar fallas dos Numes,
Vem com sequaz estouro
A vingança de Apòllo, vem risadas
Das Musas, e do Pêgaso pateadas.



A N Ç A O .

Ah ! se in Ciel', benigne stelle ,
La pietà non è smarrita ,
O toglietemi la vita ,
O rendetemi il mio ben.

METASTAS.

Uma dor provo tal , um tal tormento ,
Que muito vem a ser se não acabo.

CAMOES Son. v. 16.

Quê mimoso prazer ! Teu rosto amado
Me rayou na alma ! Oh astro meu luzente !
Desfez-se em continente
O negrume cerrado ,
Que me assombrava o coração afficto ,
Em saudades tristissimas sopito.

Bem , como aponta o sol radiante
Pelos hervosos cumes dos outeiros ;
Fogem bruscos nevoeiros ,
Da roxa luz brilhante ;

Assim, mal vi teu rosto, assim fugiaõ
As Mágoas, que de lutto a alma cobriaõ

3

Quem sempre assím, nos teus formosos laços
Doces queixas de amor absorto ouvira !

Da idade não sentira

O vôo. — Entre os teus braços

Me córte o fio com a fouce a Morte ;

Que pèrco a vida, sem sentir o córte !

4

Se a meiga Vénus, se o gentil Cupido
Cède a meus votos, cède á minha Amada ;

Se ésta uniaõ prezada

Naõ rompe um Nume infido.,.,

Naõ dou por mais feliz o vil Mineiro

Sobre montes de sòrdido dinheiro.

5

Naõ dou por mais feliz o Rei no throne

Lisonjado de Cortesaõs astutos.

Já meus òlhos enchutos,

Já alégres daõ abono

Do gosto, em que se engólfa o peito, ao ver-te,

Dos suspiros, que se affastaõ, de perder-te

Amor quanto é mayòr, mais é medroso :
Descóra, que lhe fuja o bem ganhado. —

Quasi vejo roubado]

O Bem mais precioso...

Das mãos m'o arrancaõ!.. Marcia! e tu-- consentes?
'Ah!Naõ digas, que me amas..Marcia..Ay..Mentes.

Quéro deixar - te. — — Antes que tu te enlaces
Nos braços desse, que de Ti me priva. — —

Resgato a alma captiva,

Antes, que a elles passes. —

Naõ quéro vêr, em teus grilhões atado,
Logar-se outrem d'um Bem, a mim roubado.

Irei vertendo làgrimas iradas

Por éssas nûas prâyas arenosas :

A's Nayadas piedosas

Minhas queixas magoadas

Irey contar. - - Irei cravar no peito

Um punhal, vingador de meu despeito. — —

Naõ, linda gloria désta vida tua ;

Dêspe os temores de eu querer deixar-te!

(37)

Eu! — — Que jurei de amar-te! — —

A sorte amarga e crua

Naõ fará que perjure a san vontade

De amar em Ti a minha Divindade.

10

Naõ Inconstancia , naõ os Disfavores

Menos puro faráõ meu culto amante. — —

Que eu falte a ser constante

Aos òlhos roubadores ,

As fáces de carmim, madeixas de ouro ,

Em quem Vénus, e Amor poem seu thezouro! —

12

Vivas ausente, ou vivas sempre à vista,

O teu Filinto ha-de adorar-te puro.

Tens meu peito seguro,

Tens segura a conquista :

Nem d'outra sorte esses teus òlhos rendem,

Nem estes meus outra adorar pertendem.

12

Jurei a Amor em teu altar sagrado

De agasalhar no seio a Lealdade.

Naõ temas falsidade

N'um coração honrado.

Naõ quebrarei o juramento amante,

Que fiz ao Deos, que fiz ao teu semblante.

S O N E T T O
T R A D U Z I D O.

DENTRO do peito, em parte a mais sensíva,
Nasce um querer, que apôz passa a Cuidado;
De esperanças se nutre, e inopinado
Tyranno a Liberdade nos captiva.
Sustos, Zêlos, Rancor, Peçonha activa
Traz por seus Cortezaões, e sempre, ao lado;
Deixa a Paz e o Descanso alvorotado,
E aos miseros mortâes morte motiva.
Quer, não-quer; eis cubiça, eis se desvía,
Com facho, ora com gêlo o peito anseia:
Amigo, ora inimigo ama e desama.
Insano frenesi! Louca mania!
Se saber queres como se nomeia;
(O Céu delle te guarde!) Amor se chama.

M E T A M O R P H O S E
D A B O R B O L Ê T A.

SAJO de vil casulo a insultar flores,
Co' as que nos ares trajo, aladas côres.

O D E.

Il est certains esprits d'un naturel hargneux
Qui toujours ont besoin de guerre :
Ils aiment à piquer ; se plaisent à déplaire ,
Et montrent pour cela des talens merveilleux.
Quant à moi je les fuis sans cesse ,
Eussent-ils tous les dons et tous les attributs ;
J'y veux de l'indulgence , ou de la politesse .
C'est la parure des vertus .

FLORIAN.

Aos que prendaraõ com seus dons as Musas,
Ou agrado (1) entre os grandes lhe obtiveraõ,
E alento nos amigos — ou nos doutos
Acolhimento e auxilio.
A minha estrella iniqua inimizou-me
Da Fortuna os mimõsos ; pôz-me esquivos
Quantos com aura , quantos com doutrina
Podéraõ dar-me a dextra.
Até dous bons Amigos , em quem toda
A esperança librei da aura , ou conselho,
Trocaraõ o Favõnio da Amizade
Em pechõsa investida.

(1) Principibus placuisse viris. HORAT.

Mal haja o chârco immundo (1), immundos àes
Que compleições tam boas achacaraõ !

Mal-haja a Turba (2), e enxofre negro e duro
Que os engenhos lhes tolda !

Que Deos tam amoravel me seria

O que a mim, que os Amigos sarrazinas

Volvesse às térras, que bafeja Apollo

Com mais benigno rayo !

Nascer-me-iaõ felizes os bons versos,

Com desafôgo da alma; e os meus Quintilios (3)

Cortando o viço, ou des-curvando o ramo

Dar-lhe-iaõ louçania (4).

(1) Hollanda.

(2) Fogo, de terra em adôbes e de carvão de forja.

(3) Quintilio si quid recitares, corrige sodes,
Hoc agebat et hoc. *Horat. de Art.*

(4) Un esprit bien fait, qui sait entendre raillerie, se lasse pourtant à la fin des plaisanteries perpétuelles; il entre en défiance, il soupçonne qu'on veut le rendre ridicule. Cette idée le trouble, lui ravit son enjouement: ce n'est plus qu'en esquivant qu'il soutient encore la joute: sa défaite est assurée, pour peu que vous le pressiez, mais gardez-vous de le faire. Dans un combat d'esprit, sur-tout avec des amis, on doit craindre de remporter un avantage trop complet.

Théorie du sentiment.

Cum tua pervideas oculis male lippas inunctis

Cur in amicorum vitiis tam cernis acutum,

Quam aut aquila, aut serpens Epidaurius ?

HORAT. Satyr. 3. lib. 1.

SONETTO.

AOS ANNOS DA SNR.^a

D. M. J. R. D.

JOVE chamou os lividos Pezares,
As Invejas de face carcomida,
As Iras, a Vingança, a Fô-mentida {
As Traiçoës, os impròvidos Azares :
Hoje ireis aos tristissimos lugares,
» (Lhes disse o Deos) (5) à Stige denegrída ;
» A vassallagem a Plutaõ devida
» Lhe ide render nos lugubres altares ».
Jà parte de tropel o bando immundo,
Que o mal pelo Universo repartia,
Tudo hoje nos serà fausto e jucundo.
Foi obsequente o Deos. Quiz que este dia,
Em que, oh Nympha gentil, vieste ao mundo,
Fosse todo de festas e alegria.

(1) E ' pena , que *quisquis fuit ille deorum* nos não dê mais
ezes desses dias. Eu creio que depois que morreu a tal Sen-
ora D. M. J. R. D. o Senhor Jove se embezerrou com
osco , e nunca mais mandou a tal corja des-comunhal ren-
der vassallagem a Plutaõ.

Nota do Editor.

O D E.

Nos bene concordés ter denis jungit ab annis
 Nullo unquam spatio debilitatus amor :
Nomen amicitiae per te sublimius extat ,
 Per me clarescit nomen amicitiae.
Tu Pylades mihi ; curarum tu dulce levamen ,
 Scriberis Vati fortis amansque tuo :
Perque ego mille vices , varia et discrimina rerum
 Dicar Oresteâ te coluisse fide.

A. M. DE CURNIEU.

Eis-nos , hourade Mathevon , na vida ,
 Inda uma vez , unidos
Ambos entre os abraços da Amizade (1) ,
 Nesta Paris famosa
Por crimes execrandos , por virtudes
 De heròicas idades.
Queiraõ as Parcas estender o fio

(1) Le nœud qui nous unit touche au sixième lustre ;
La distance et le temps ne l'ont point affaibli.
Par toi de l'amitié le culte est rétabli ;
Par moi ce nom sacré brille d'un nouveau lustre.

Desta uniaõ sagrada,
Até quando, curvados da velhice,
N'um báculo encostados,
Vamos ao sòl sentar-nos vagaròsos,
No emparreirado abrigo
D'um rústico poyal, junto da pòrta
Da modèsta pousada;
E là nos recrear-mos c'o gorgeio
Da pintada avezinha,
Ou c'o murmúrio das quebradas àguas
D'um claro arroyosinho:
Talvez c'o som monòtono da nòra,
Que a fresquidaõ debruça
Dos cinturados vasos, e ha-de na hórta
Des-sedentar o seyo
Da tenra alface, da tronchuda couve,
Do corado morângaõ.
Inda talvez nos venha abrâr o riso
Os enrugados labios
Com lembranças de apòdos engraçados
Que outrora bem frisaraõ
Nas vanglorias d'um fátuo, nos meliudres
De uma Hécuba dengosa.
E o nosso Flacco, o nosso amado Méstre
Na Amizade, e virtudes,
Com seus versos virà bem acolhidos
Deleitar-nos a falla.
Quaes nos vio Portugal, nos veja a França

(44)

Alem dos sette lustros
Constantes na virtude e na amizade ;
De nós saiba o segrêdo
De renovar nésta éra de Philâutes,
Em laço nunca-sólto
Por discrimines de Ausencia, e de Infortunio,
Os Pilades e Orestes (1).



[1) De mes jours orageux tu charmeras le reste ;
Je chanterai partout et ton âme , et ton cœur ;
Et partout l'on dira : « Constans dans le malheur ,
» L'un des deux fut Pylade, et l'autre fut Oreste. »

A. M. DE C.

S O N E T T O (*).

'SOMBRA d'um verde A'lamo frondoso
Bejava o peito a Chlorig Thirso, um dia ;
Amor, c'uma aza o furto lhe encubria
Com outra a Chlorig o rosto vergonhoso,
Ella, ao Pastor amante e sequioso,
De si, co'a mão sem força despedia ;
Elle, c'o lindo corpo o seu cingia,
Tomando o gosto ao pômo savoroso.
Ri-se Amor. Salta aos braços da Pastora ;
Beja-lhe os olhos, que os mortaes lhe rendem ;
E, (assim dizendo) applaca a frouxa briga :
» Consente e escasso alivio a quem te adora :
» Que a séde que esses olhos na alma accendem
» Sò no meu Templo, e àras se mittiga ».

*) O assumpto deste Sonetto despertaria o appetite na alma mais enfastiada. Ella era a mais formosa, a mais asseada e a mais bella. Ambos sòs detraz d'um espesso vallado, e vistos (ao parecer) de ninguem: elle de dezoito annos e de quinze. Que idade ! Que illusão ! Que fogo !

LYRAS.

NESTES sagrados bósques, onde vivo
Retirada do mundo
Mal-assombrado e esquivo,
Dou repouso profundo.

2

Aos que deixando as Córtes ambiciosas,
Seu fausto e valimento
Nestas ribas viçosas
Buscaõ plácido assento.

3

Não venha aqui o Amor, que è captiveiro;
Que fora injusto aggravo
A um Nume livre e inteiro
Pôr-lhe ao lado um escravo.

(47)

4

A' Amizade, que acòde c'ò conforto,
A virtude offereço;
Aos nàufragos dou pôrto,
Aos bons corôas têço.

5

Quem com a mediania se contenta
Goza de prazer puro;
Aura de vida o alenta,
Dôrme saõ e seguro.



O D E.

Vides ut alta stet nive candidum
..... — — — — geluque
Flumina constiterint acuto !
— — — benignus
Deprome quadrimum.

HORAT. lib. 1. Od. 9.

PASSÊMOS, Aguiar ; em festa, e riso,
Este dia, que o sol vio já sessenta
E dous hynvêrnos ir precipitar-se
No Golphaõ das Idades.
Em quanto nos desvia a Morte a fouce
Da sujeita cerviz, dêmos a Baccho
Os momentos da vida, sonogados
Ao teimoso Infortunio.
Venha a gôrda *Pollarda*, c'o a *O'melêta*
Regalar os gòlosos gorgomilos,
Que depois banharêmos c'o cheiroso
Dourado Carcavêllos.
Risquemos este dia de contento
Desse aranzél de dias enfadonhos,
Perdidos entre a çafia casmurrada

Da sepulchral Hollanda.

O' lha como essas ruas e telhados

Alvejaõ c'os tapêtes de alta néve !

O sol encapotado ! . . . O Cèo tristonho ! . . .

Fechemos-lhe as janellas.

Insultêmos com luzes prematuras (1)

As tres horas da tarde em-noitecidas :

Dêmos-lhes vâya ; e que nos não desbòtem

C'o torpe vulto a fésta.

Façamos còrro, na ârea das entranhas,

Em que danse o Prazer, dem cavallhadas

Os Risos, os Remòques, e inda a Pulha

(1) Tem me censurado algumas phrazes, que tem similhaça co' as latinas. Nescios ! que não advertem que os mais ricos flo-roês da lingua Portugueza são os termos e phrazes que pedi-mos emprestados aos Latinos ! Com que enriquecemos, com que polimos nós, nas eras de Camoês e Barros, o nosso bar-baro Vaseonço, senão com os empréstimos da lingua que fallaraõ os Ciceros e os Virgílios ! Oxala que não fossem tam medrosos de censuras deslavadas e que não se acanhassem tantos bons engeihos, que eu conheço, e que eu não conheço ; e que esses nos effeitassem a lingua com acavios da Latina e Grega, tapando a bocca aos mesquinhos censores, com lhes metter em caza riquezas, e formosura. Com muito agradeci-mento e applauso da Republica Litteraria devem ser acolhi-dos em Portugal os Authores que accommodaõ à Lingua Lusita-na o theor da phraze Latina e Grega (quanto cabe no possível) betando nella as cores, e ainda as competentes liberdades dellas, que lhe não serão ja tam estranhas, achando-se entre parentas, e amigas. Não é a nossa lingua tam incompativel com a transposição dos termos, que não imite a Latina nos hyperbatos, estragando a ordem grammatica, para acudir à viveza e acção do pensamento, à vehemencia das paixões, trans-pondo, e transtornando a phraze ; e este é o verdadeiro cunho d'um sublime e atrevido eugenho, que nesta harmoniosa

Salgada, mas decente :

E à meza com Marfisa, e c'o bom Monge
Empunhêmos rubis, louros topazios
A' saúde das dnas, (1) cubiçosas
De ter quinhaõ no gáudio.

S O N E T T O

A' M O R T E D A S N R^a.

D. J. MARGda. de M. F. e S.

DE lúgubres vestidos mal-trajada
Os tardos passos para mim movia
A pallida, a mortal Melancholia
De spectros furiães acompanhada,
Toccou-me co'a mão fria e descarnada
O corpo, que se géla, e se arrepia :
A alma tremeu — ao som, que assim rompia
Da bocca sempre triste e desbotada :
« A condiçãõ humana o Fado ordena
» Que se têça de gosto, e de amargura,
» Nem hà Bem puro, nem continua Pena.
» Mas, Junia mórtta, e co'ella a fé mais pura,
» A que pênes comigo te condemna
» Até que vãs morar na sepultura.

cesoraem debuxa o quadro da sua imaginaçãõ, e accostumã
a lingua à valentia, e robustez das figuras pittorescas, impetu
tuosas, atrevidas, que daõ todo o luzimento ao discurso,
e daõ ao desenvolto Escriptor renome eterno.

(1) Madame Monge e Madame Aguiar.

O D E.

Solventur risu tabulæ , tu missus abibis.

HORAT. de Art.

C O B E R T O o Campo está, coberta a altura
Do soberbo Palacio (1)
Com deslumbrante alvissimo regêlo :
Tremem com o Austro irado
De negros troncos desfolhados cumes.
O Pardal , sem abrigo
Na des-provída néve entra , e mergulha
O bico , que agra fome
Aguçou na penuria. O Céu negrêja ,
E esquiva ao sôl passagem ,
Por entre espêssos toldos. Muda a Têrra,
Mudos os âres , prende
Nas engelhadas gentes impio Têdio
Que as idêias ensôça (2).
Fui-me ter com as Musas que acudissem
A celebrar meus annos.
Dei com ellas , e Apollo a fazer côrte
A um rúbido brazido ,

1) De Versalhes.

(2) Assim como a Allegria anima , dà côr , dà brilho à

Contando estâlos do folgaz magusto.

Horacio andava aos pulos

Apanhando as castanhas bombardeiras :

Catullo em calças largas

Tirava da algibeira o seu cachimbo ;

Dava quatro fumaças ,

Com que o pardal de Lésbia sacudia

O pipillante bico.

Lésbia ralhava , Apollo ria , as Musas

Castanhas esbrugadas

Davaõ na palma ao vèlho Anacreonte ,

E as tigridas Bacchantes

Nos taboleiros de xarão traziaõ

Carcavellos , Chamusca ,

Com que empurrar a entalladora buxa.

Perdi o tempo , e o rogo :

E ja , sem desmanchar o regabófe ,

Thalia , com descóco ,

Zombando de convite , me responde :

» Não deixarêmos (certo !)

» Tam ricco fôgo , e as estourâes castanhas

» Por tens minguidos versos. »

mais léves idéias ; assim o Tedio as esmorece , as marcha ,
e as *ensuga* , como diz o Author.

Nota do Editor.

S O N E T T O.

ESTENDE o manto , estende , oh Noite escura ,
Enluta de horror feyo o alégre prado ;
Molda-o bem c'ò pezar d'um desgraçado ,
A quem nem feições lembraõ da Ventura.
Nubla as estrellas , Céu ; que esta amargura ,
Em que se agora cèva o meu cuidado ,
Gostará de ver tudo assim trajado
Da negra còr da minha Desventura.
Ronquem roucos trovoës , rasguem-se os ares ;
Rebente o màr em vaõ n'òccos rochedos ,
Solte-se o Céu em gròssas lanças de agua :
Consolar-me só pòdem já pezares ;
Quèro nutrir-me de arriscados mèdos ,
Quero saciar de màgoa a minha màgoa.



O D E.

Vexet eques metuendus hasta (*).
Vitamque sub dio et trepidis agat
In rebus. —

HORAT. lib. 3 Od. 2.

Aos feros golpes da Fortuna iniqua
Mal resiste o covarde, que em regalos
Da lauta meza, da venal amiga
 Passou sem gloria os dias.
O rouco toque do tambor guerreiro
Como ouvirá constante, e os estampidos
Da rôta bomba, da assoviante balla
 Na travada peleja:
Como as brigas dos ventos descompostos
Na assanhada campina, e os mares verdes
Rebentando na pôppa, desornada
 Da bandeira e varandas,
Quem des-lembrado da Virtude, e nome
Farto busca o jantar, sem somno o leito;

(*) Não me censurem de que uso de Epigraphe Latino
uma Snra. Saibaó que ella o entendia talvez melhor, que alguns
dos que me censurarem. Se eu a nomeasse...

Quem stremece ao roncar do mar distante ,

Ao despir d'um estòque ?

Esses Gamas e Castros , que investiraõ

Contra agouros do Adamastor sanhudo ,

Que as traiçoës , que os perigos arrostarãõ

Do mar , e gente , ignotos ,

Naõ davaõ culto a Embriaguéz , ao Luxo

(Idolos torpes dos ruíns vindouros)

Nem pejavaõ as ruas , embalando-se

Em rodantes andores.

Nem bella * * * as Darras d'outro tempo

Escutarãõ vadios , caprichosos

De insulsas módas , de ruíns costumes

Sem mérito , sem honra.

Vinhaõ d'África os seus Galans , honrados

Co'as ayrósas feridas (1) no semblante ,

Tinctos em Mouro sangue , às mãs bejar-llies ,

As mãs tam merecidas.

(1) E ainda que as Donzellas nobres , que no Paço andavaõ , tivessem alguma honesta afeição , naõ admittiaõ algum , sem primeiramente em militar exercicio se mostrar forte , e animoso ; por que neste tempo a ambição andava degredada deste Reino , e a simples modestia reinava nelle ; e sobre tudo a Cavallaria e esforço se estimava , se procurava , e tinha em muito.

O D E.

ad Ill^mam. et Exc^mam.

D. D. J. I. F. etc. etc.

QUOD genus, Clio facilis, modorum
Quos tibi mittam potius ministret
Quàm quibus nomen meritum lucrata
Lesbia Sappho?

Illa vocali modulata Sistro.

Protulit dignè numeros perenni
Laude, queis vivit, celebrisque vivet
Juncta Phaoni.

Tu sacras artes veterum diserta
Suscitas Musà, facilemque præbet
Se tibi Phœbus numeris canoris
Verba liganti.

Docta sermones variæ loquelæ
Scripta percurris studio perenni
Quæ tulit curà vigili legenda
Quælibet ætas.

TRADUÇÃO
DA ODE LATINA.

Com que métricos sons a affavel Clio
Me acudirá melhór, para offertar-te,
Que o métro que adquirio à Lesbia Sappho
 Tam largo nome no Orbe ?
Ella no loquáz Sistro modulando ,
Soltou cadencias tam suave e douta ;
Que, juncta ao seu Phaon, inda hoje vive ,
 E vivirá famosa.
Tu períta na bella antiguidade ,
Seus sacros sons na Lyra ressuscitas ;
Phébo a teu rogo attende , quando entôas
 Canòras Cantilenas.
De divérsas Naçoês Cidadan sabia
Descóbres com lidado estudo quantos
Arcanos qualquér E'ra commettéra
 Ao disyéllo incansado.

**Nunc quidem Lusum , superis benignis ,
Quomodo crevit bene res per ampla ,
Et legis Reges , celebrata quorum
Fama per orbem .**

**Cæteros inter meritâ notabis
Laude complures , genus unde ducis
Ipsa præclarum , reliquisque nullâ
Parte secundum .**

**Prole diceris merito beata ,
Moribus structa placidis , cuique
Pullulat jam nunc Proavum , Patrisque in
Pectore virtus .**

Agòra lês as ínclytas façanhas
Com que Elysia medrou , do Céu bem vista ;
Lês as accoês dos Reis, cujo renome
Tem estendido a Fama.

Com devido louvor veràs , entre elles ,
Muitos de quem derivas a nobreza ,
Em alto grão preclaros , que não cêdem
Primazia aos mais-nóbres.

Tens prole bem-munida em saõs costumes ,
Por quem te pregoaráõ ditosa as E'ras :
Jà no seu peito abrólha , dos Mayores ,
E do Pàe a virtude.

FR. Mel. do Nascimento (1).

(1) A familia dos *Nascimentos* é antiquissima. Na sua carta genealògica se estende, como Chefe, Adam. Seu filho Cain foi o primeiro em quem assentou o appellido de *nascimento* : por quanto seu Pae não fôra nascido , mas *Creado* : Deste primogénito pois vem a fidalga linhagem dos *Nascimentos* que o Author do Pentateuco traz muito ao longo individuada de Pae a filhos; As armas desta familia saõ — *Em campo de prata uma Mulher parindo* — (a qual é E'va). Job, que tambem era desta familia dos *Nascimentos*, e foi potentissimo Régulo nos desértos da Arabia, ajuntou ao escudo das antigas armas este lemma em Latin — *Homo natus de muliere* — David, Monarcha da victoriosissima Judéa, illustre vergontea da arvore dos *Nascimentos* achando cabellos brancos a este lemma fez outro mais comesinho, que diz assim — *Tu es (Deus) quẽ extraxisti me de ventre* — Ps. 28. Há livros e mais livros, que

S N E T T O

estando auzente da

SNRA. D. M. J. R. D.

To n o o lembrar da tua formosura
Já o peito a agudos tiros mal defende:
Já do Ciume o ardor, que assim me accende
Me entréga a vida aos gòlpes da amargura.
Que muro entre nós poem a Ausencia dura?
Quem com grilhoês os pés aquí me prende?
Ah! se esta acerba dôr o praso estende,
Sem vêr-te, verei, Marcia a sepultura.
E vós, oh Faunos, que me estâes ouvindo,
Devendo magoar-vos meus pezares,
Protérvos! de meus prantos estâes rindo?
O Céo vos dê no Amor ruíns azares;
E as Nymphas, que buscaes, de vós fugindo,
Zombem dos àys, com que canseis os àres.

contestaõ o fio nunca roto desta prosapia até o traductor Fr. Mel. do Nascimento. A familia que contar Avòs mais atraçdos pode-se gabar da antiga. *Nota do Editor.*

S O N E T T O

à cerca de certos dàres e tomàres

D A

S N R^A. D. FL. E. G de S.

QUEBRO contigo o desleal contracto ;
Que me desdenha, Amor, sem causa, Flora.
Pagou os mimos, com que ésta alma a adora,
(Obras tuas !) c'um termo infiel e ingrato.
Quando mais lhe encareço o disbarato
Que me fez na alma.... A Pèrfida, a Traidora
C'um riso iniquo (que iuda assim namora)
Zomba do mal que fez, do improbo tracto.
Se o puro amar, se a fê tam pouco prézas
De quem se deu por gosto a ti rendido,
Que injusto que és, Amor, com taés cruezas !
Naõ firas, com rigor tam desmedido,
Peitos em que se lavraõ taés finezas,
Se o teu Reino naõ queres destruído.

O D E.

Gloire à Vénus dans la Cour éthérée ;
Paix sur la terre aux fidèles amans.

MES. de GNIDE.

AGUIAR, — quanto és contente!
Tens à vista, e nos braços a Consorte,
Há tanto suspirada. —
De cá, d'onde sòzinho leio e escrevo,
Te contemplo ditoso,
E contigo me alégro.... Mas que muito!
Se Venus, de benigna,
Lembrada de mil fèrvidas offrendas
Que lhe puz nos altares,
Rompendo a azul abóbada, a mim desce
E me érgue d'ante os olhos
Certa cortina que estorvava a vista (1)

(1) — — Omnem , quæ nunc obducta tuenti
Mortales hebetat visus , et humida circum
Caligat , nubem eripiam. — — —

De Paris a Versalhes :

E quiz que eu visse a tua Amada, entrando

Anciosa no teu quarto.

Pelos lados, diante, e detraz della

Os Amores, e os Risos

Abraçados com cêstos mil de Flores,

Que a froxo derramavaõ ;

Os Prazeres, com grandes açafates

De abraços e de bejos ;

E um que escondia um Coffre, em que fechados

Vinhaõ uns dons preciosos,

Que entre os lençóes foi pôr mui recatado,

Para depois o abrirem

Entre os segredos da callada noite...

Mais me disse ao ouvido

Cértas cousinhas Venus, que ora cällo ;

Que é devído o segrêdo

A's Damas : muito mais quando saõ Deosas.

Em mim, com mais resêrva ;

Que houve della proméssa de inda dar-me

De amor um ramilhête,

Antes que me armem de bordaõ os annos.



S O N E T T O

Depois de certa ausencia

D. A S^{RA}.

D. M. J. R. D.

MARCIA! Marcia! Meu Bem! Que grossa enchente
De prazêres pela alma se me espalha!
Oh, como ao ver-te, fôge, e se transmalha
Dos pezares o turvo bando ingente!
Nãõ sou em mim. A alvorocada mente
Soltar-se emprende, e a ti voar trabalha.
Acode o Amor: no coração entalha
Vindouros gostos c'o farpaõ ardente.
Hei-de ser mais feliz. Sò pro divino
A ideia arrebatada me bafeja...
Jã ouço a vóz do Oráculo benigno:
» Terás Marcia, a pesar do Ciume e Inveja;
» Gozarás de seu peito allabastrino.
» Tens Deos Amor nos Ceòs, que te proteja.

O D E (*).

— — — Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.

HORAT. Satyr. 9. lib. 1^o.

DA de mão à perguiça lisonjeira,
Lança-a ao longe de ti; que não se alcancão
Os segredos das Musas, sem fadigas,
Sem indefesso estudo.
O'lhà-as no cimo d'ingremes montanhas;
Applicadas às Artes engenhosas;
E em torno em sens assentos merecidos
Os cuidadosos Vates.
O'lhá a rama viváz, que a frente cinge
De Camoês sublimado e sonoro:
Vê como o Adamastor desmesurado,
Para elle se debruça;
E ao largo da alta espádua lhe dá móstra
Do honrado Cavalleiro, e gentil Dama
Que vio morrer de fome os filhos charos,
Nas ardentes areyas.

(*) Ao Snr Ag. Routiez, que traduzia Camoês.

Là, junto aquélla fonte dos Amores
Olha as Nymphas do Munda; inda orvalhadas
As faces tem das làgrimas sentidas,
Que por Inez verteraõ.
Naõ o ouves tu, na Lyra resonante
Cantar do Gama os improbos trabalhos,
Que as pórtas da Asia, superandó riscos,
Se abriu ousado e forte?
Là vái surcando os mares do Oriente,
No nadante baixél empavezado
Tremóla as Quinas Lusas vencedoras
Junto aos berços da Aurora.
Cheio o peito de incògnitos segredos,
Eis solta as vélas, fita em Lysia os ólhos,
Os ólhos satisfeitos, com que vira
As Indicas Neréas.
Esperado da bella Protectora,
E das Nymphas, que Amor feridas tinha,
Os Amores lhe acenaõ; e os Prazêres
Lhe estaõ abrindo os braços.
A virtude érgue o prémio refulgente
Alem de longas métras arriscadas;
Pède affrontados médos, pède p'rigos,
Aos que a arranca-lo córrem.
Mas lògo que vencidas as fadigas
Sobrepuja o valor, là està assomada
A Fama, que apregôa a merecida
Bem conquistada gloria.

Ouviste o Canto? — Eis co'a guerreira dextra

A's escabrosas fragas te convída :

Eis te aponta a vereda inda trilhada

De seus pés resolutos.

» Vem escutar-me, vem (te diz benigno)

» Se da Poezia os penetrâes vedados

» Quêres investigar no almo Congresso

» Dos immortâes Cantores.

« Rompe com passo ardido a encosta dura

» Esmàga espinhos, desuaranha balsas :

» Filinto, a quem fiz certo o meu designio

» Te esforçará os passos.



L Y R A S.

1

Flores, às alcatifas de verdura,
Quando o Orbe regenera
A alègre Primavéra,
Vós dàes a ricca, a airosa bordadura.

2

Com que deleite me encantàes a vista!
Quanto me é grato agora
Soltar o extrémò embòra
Ao frio, à nève da estação mal-quista!

3

Vos, Flores, descahís do mòlle seyo
De Venus, quando passa
C'os Amores, e enlaça
Na dansa as Graças, com festivo enleio.

4

No matiz se apurou a Natureza,

(69)

Pondo as côres mais finas :
Das térras peregrinas
Vos colheu o perfume que mais prezas

5

Os Zéphyros nas azas delicadas
O bafêjo odoroso
Por tributo donoso
Lèvaõ com gosto às Célicas pousadas



O D E

A Ill^{ma}. e Exc^{ma}. Snr^a.

D. Anna Apollonia de Vilhena Abreu Soares.

— — — D'alti pensieri e regi,
D'alta beltà , ma sua beltà non cura ,
O tanto sol , quanto honestâ se'n fregi.

TASSO nella Jerusal. Cant. est. 54.

Nãõ te assombre de longe a maõ de Idade ,
Que da viçosa face as rósas murche ,
Nem que o mimoso rutilante lume
Dos õlhos te amorteça.

Sustos saõ, que prender em Ti lhes néga
O respeitando acêno do alto Nume ,
Que nas azas do Tempo tem império.
Zomba da sua fouce.

Que assim zombou Ninon (1) sempre formosa

(1) Vid. Lettres de Ninon de l'Enclos au marq. de Sevigné

Em quem quatorze lustròs naõ podéraõ
Marear a belleza, e que acceitava
Galans, rendidos vòtos.

Quando foi que as Virtudes, os Talentos,
Que o Mimo, e a Graça naõ sobreviveraõ
A' caduca illusaõ da formosura,
Gabo de poucos dias (1)?

Naõ saõ vélhas as Musas, nem desceraõ,
Depois de tanto século, um sò ponto
De valia c'os sabios. O teu Nome
A' Eternidade o mando ;

Qual já mandei de Marcia, e de Marfisa
Ternissima saudade, amor sem mancha,
Gratidaõ da mais sòlida amizade,
Envòltas em meus vèrsos.

Em quanto a lyra de Camões sublime
Soar pelo Universo, iraõ do Alumno (2)
Os numeros, seguindo-lhe os vestigios,
A' sombra do seu Flacco.

(1) Anceps , forma , bonum mortalibus exigui donum
breve temporis. SENECA. Hyppolit. Act. 3.

(2] Parecerà muita presumpçaõ : mas entendamo-nos. Eu
naõ me dou por igual a Camoës (*Vade retro vaidade!*) Digo
samente, que quem entender a lingua em que fallou Camoës,
quererà por curiosidade ver outros Poetas mais; vera Ferreira,
vera Bernardes; verà tambem Elpino, Coridon, Alfeno, e tal-
vez Filinto. E muito principalmente se lhe dissessem que
Filinto foi o Alumno mais adorador que Camoës teve nestas èras.

S O N E T T O (*).

QUEM vio, do Tejo erguer-se um fumo brando
Com visos de alva cassa transparente ;
Còrar-se ao Sol roxeando no Oriente,
Entre neve e carmim luzes cambiando :
Quem vio este vapor ir-se moldando
Em mil fôrmas de aspécto différente ;
Qual, nas fôrmas, crystal resplandecente
Vai diversas effigies accéitando :
Se acazo vio fingir-se a nèvosa pura¹
N'alvos membros de Dama delicada ,
Talhados pela mão da Formosura,
Vio em tósco uma còpia dibuxada
Daquella, em que empreguei toda a ternura,
Do meu Bem, minha Marcia tanto amada.

(*) Uma manhã de Julho, que me puz à janella, na Ribeira das Nãos, vinha se erguendo o sol tam còrado, e dava taes vislumbres aos novellinhos de nèvoa que se despegavaõ do Tejo, que se me affigou o que diz o Sonetto.

SACRIFICIO

A

BACCHO.

ALMO senhor das pampinosas vinhas,
Baccho, Rei da Alegria galhofeira,
Là deixo aos pés da divinal parreira
Quebradas, as do Amor, fléchas daninhas.

 Escravo fugidio,

 Seu jugo sacodi,

 E me entreguei a Ti,

Deos contente, vermelho e luzidio.

Por pròva de que venho bom vassallo

 Seguir teu estendarte,

De Nise os mimos, feitos com tanta arte

 Jà me não dão abalo :

Monte' os escritos da fiél Delmira

 Queimei em voráz fogo;

 E a Chloris mandei logo

o retrato, que finge que respira.

D

Sô conservo um anel da loura Olàya
Fino, — e de boa làya ;
Que à manhan, se risonho, ch Baccho, me olhas
Vendo, por me prover d'um sacca-rôlhas.



O D E.

Ætas parentum peior avis, tulit
Nos nequiores, mox daturós
Progeniem vitiosiore.

HORAT. lib. 3. Od. 6.

VAI o Mundo, a peor, Amigo calvo;
Tudo se abastardêa, e degenéra:
Miseros homens, vindos em má quadra;
Somos os homens de hoje.
Os séc'los tam gabados de Innocencia,
De candura, e de amor, séculos de ouro.
Saõ para nós de bronze, e fêrro duro;
De barro para muitos.
De trinta annos as Mõças e'os Rapazes
Brincavaõ sem malicia; hoje as Crianças
Namoraõ já do berço, (1) e inda promettem

— — — — — Amores
De tenero meditatur ungui.

HORAT.

D 2

Mais protérva relé.

No tempo antigo as Damas das novéllas
Eraõ de ouro, de pérlas, de alabastro,
Todas rubis, e rósas, e assucenas;

Hoje — são de osso e carne.

Eraõ meigas, fiéis, eraõ cortézes
A's prendas, ao valor, ao bom ensino;
Hoje, ariscas a tudo, sò se ameigaõ

Com redondos dobroës.

A valentia, a robustez, a força,
Charo presente de almas cabelludas,
Pouco a pouco affrouxou; perdeu-se a barba

C'o rapar dos barbeiros.

Roldaõ, que os Mandricardos, Rodomontes,
Vestidos de armas finas alanhava;
Que enfiava déz homêns n'uma lança;

Hoje — traria rôca.

Dom Quichotte, que outrora, destemido
Investia descomunhões Gigantes,
Malandrinos follões, azenhas de água,

Hoje fôra um Maricas.

Ah tempo, tempo! em que um Fidalgo nosso
C'um gólpe da catâna abriu um Touro,
E c'o resto do gólpe a sepultura!

Que o fizésse alguém hoje!

Eraõ hòmens de barbas té à cinta,
De retorcidos, ásperos bigòdes,
Naõ barbîcas de agora, amoladinhos,

Tres - calando pivêtes.

O Cònego Bernardes , que brincando ,
Fez duzentos outavas (1) de repente ,
A' Lua cheia ; não faria agora

Uma trôva sequér.

O Capucho Macêdo , (2) insigne lauro
Do Delphico furor versi - potente ,
Que da Poesia navegava o gôlpho

Com infunadas vélas ,

Abarrotando o mundo de Poêmas ,

As Odes , e Elegias desunhava ,

Nadava em Epigrammas , e Epitaphios ; (3)

Hoje daria em sécco.

E' o que eu digo. O sec'los empeioraõ.

Vai tudo a menos. Tudo o bom se acaba.

Formosura , valor , talentos férteis

(1) Teve elle a bondade de m'as lér , e eu a de as ouvir.

(2) Leiaõ o *Journal de Paris* de 20 Outubro de 1783, ou a *Chronica dos Capuchos da Soledade*.

(3) Fr. Francisco de S^o. Agostinho Macedo , natural de Coimbra , que alem das conclusões de *omniscibili* (cousa profundissimamente stupendissima) e mil differentes producções em prosa que honraõ à Seraphica , compoz 48 Poemas Epicos , 123 Elegias , 115 Epitaphios , 2600 Poemas heròicos , 110 Odes , 3000 Epigrammas , 4 Comedias latinas , e mais de 1,500,000 versos a differentes assumptos. = *Journal de Paris*. (ibi).

C'os bons vélhos morreraõ.

E eu ando, Amigo, há tempos esquecidos
Forjando uns versos, que mandar-te pòssa
Em trôco de Sonetto das *Lampreyas*,

E não me occorre nada.

Engenha a idéia um verso. — Mêtto-o à fórja :

Ou lá rebenta, ou na bigórna estalla :

E se dalli sáhe saõ ; quando o mal - cuido ;

Fálha ao correr-lhe a lima.

Mas quem vejo eu entrar com gran sotâna,

Barba espessa, cortada à Fernandina,

Carregado de tómos, grandes, gróssos

De léttra miûda e céga ?

Eu sou Tostado (1) (diz) venho animar-te.

» Tens mêdo de escrever ? Poem cà os olhos.

» Vês ésta livraria ? E' toda minha ;

» Anda toda em meu nome.

» Sábes tu, que estes grandes volumaços

» Fizéraõ tanta bulha neste mundo ,

» Que de grande Escriptor o illustre nome

» Me assoalhou a Fama !

» E como os compuz eu ? — Aprende, aprende.

» Abrindo muito livro desleixado ,

» Tirando d'um e d'outro ; e com cazeiras

(1) Delle se disse :

Hic stupor est mundi, qui scibile discutit omne.

» Linhas sirzindo tudo :

» Enche de citações os teus escriptos ;

» Se escrever muito, a pouco custo, queres :

» Traslada d'um Author laudas inteiras ,

» D'outro furta as idéias.

» Inda agora vósdes tem mais soccorros

» que eu tinha no meu tempo : tem Moréri ,

» Tem Berlinck (1), e mil outros Dictionarios ;

» Valhaoutos de néscios.

» Tambem , para o que digo, é saõ conselho

» Torcer as guardas ao que bons disseraõ,

» Ou já dizer bem d'um , já malhar n'outro : —

» Com razaõ. - - ou sem ella.

» Os homéns naõ saõ grandes, por ser grandes ;

» Mas sim por que souberaõ bem fingi-lo.

» Quantos jázem no pó , que sós merecem

» Os louros que outros roubaõ ?

» Tóma estes meus avisos ; séras grande :

» Que eu fui - o assim tambem , e mil o fóraõ

» Que hoje estaõ em famosas companhias

» Logrando honras de sabios.

» Nem cuides em compôr invenções nóvas :

» Que *nil sub sole novum* (1) diz o adagio ;

(1) *Theatrum mundi.*

(1) Muito tempo há que ouço gritar Criticos (que naõ escrevem) que nada se diz hoje que novo seja nem em prosa

„ E ao fogo, mais que à luz vaõ certas obras
„ de odiosa novidade.

Assim disse com voz doutõra e cheia ;
Olhou - me c'um tregeito compassivo ;
E mal que os livros arrumou nos hombros ,
Traçou a lôba , e foi - se.

Elle bem me animou ; mas eu naõ pôsso
O alheio dár por meu. Naõ sou Tostado ;
Nem blazõno deixar para as estantes
Gigantes de retalhos.

nem em verso : e esses Crisicos saõ os principaes a quem essa desgraça acontece. Quantos Authores antigos estimados entam e agora copiarão de outros o que hoje nelles lêmos ? Naõ é unico no seu genero moderno la Fontaine , que em suas obras naõ poz de sua caza mais que as linhas e o feitio ! Tam tenue gloria lhe cabe ao escrittor contemporaneo nosso que dà novo traje elegante e airoso à idéia que lhe veio de outrem, talvez mal-amanhada ? E eu acho que val mais dizer com graça cousas já ditas , que dizer cousas novas com sem-saboria.

Qn'est-ce qu'une pensée neuve , brillante , extraordinaire ? Ce n'est point , comme se le persuadent les Ignorans , une pensée que personne n'a jamais eue , ni dû avoir ; c'est au contraire une pensée qui a dû venir à tout le monde , et que quelqu'un s'avise le premier d'exprimer. Un bon mot n'est bon mot qu'en ce qu'il dit une chose que chacun pensait , et qu'il l'a dit d'une manière vive , fine et nouvelle.

BOILEAU dans la préface.

SONETTO

N O S A N N O S

DA SENHORA D. M. R. DE A. E S.

M O T T E

Causando ao Filho amor, à Mãe invéja.

G L O S S A.

VENUS o livro abriu do Fado, um dia,
Por ver se inda outro Anchises a esperava :
E ao còllo o Filho perfido (1) espreitava
Se inda em Jóve outra sélta empregaria.
Quando em meio o volume revolvía,
Com este acérbo oráculo acertava :
„ Nas térras, nascerà, que o Tejo láva,
„ Nympha, que a Vénus roube a Primazia :
„ Que os altáres, em que hoje o mundo a adora,
„ Derribe, e aos pés rendido o Filho veja,
„ Algemado por mãos da Vencedora. „
Cumprio-se o Fado. O mundo a mão vos beja
No dia, em que nasceis, e estais, Senhora,
Causando ao Filho amor, à Mãe inveja.

(1) perfidum rideas.

C O N T O .

Um sancto Cura, em mui-solemne dia
Com voz clara o Te-déum garganteava
Repousado : outro verso lhe alternava
Com pastrana, devota gritaria
O rebanho, que a Igreja e o ádro enchia.
Por fado máo do Cura, um doudo estava
Junto d'elle ; e que muito a mal tomava
A chorûda algazarra estrepitosa.
Vái-se ao Cura, desanda a mão nervosa ;
E c'um bom bofetaõ lhe cõbre o rosto ;
Dizendo zombeteiro e descomposto :
„ Soube-te bem o coscorraõ, meu ricco
„ Alv'rotador do Povo ! léva a esmóla.
„ Se tu não começáras a Charóla ,
„ Toda esta Córja não abrira bico. „

E N I G M A.

Os homens e animaes , vâlles e montes
Envolvo no meu manto , e naõ me sentem ;
Por séculos perennes me consentem
Mui largo imperio nesses horisontes.
Eu sou a Mãe da Noite atraçoada ;
E quér-me a Mórte companheira sua ;
Como ella à formosura sou malvada ,
E apago quanto aclara o sol e a lua.
Se a lua tem do sol a luz devída ,
Elle guérra comigo tráz renhida :
E o sol que tudo vê naõ póde ver-me ,
Que ante elle mesmo, eu sei delle esconder-me ;



O D E.

Dans des tourmens cruels voir languir ce qu'on aime,
C'est sentir mille fois les coups affreux du sort :
Dieux , qui d'un œil sercin voyez ma peine extrême ,
Secourrez mon Iis , ou donnez-moi la mort.

ROUTIEZ.

QUANDO a Fortuna , de inconstante aviso ,
Encetou com desgraças
O varaõ que não veio humilde , abjecto
Adorar o seu Nume ,
Na refalsada Corte , ou ante os cóffres
Chapeados de Pluto ;
Levando avante , o seu empenho , e acinte ,
Maléfica lhe embórca
Sobre a cabeça a mágoas devotada ,
Toda a Urna infelice ,
Que Jóve encheu cholérico co' as penas
De atormentado inférno.
Dos hombros do Varaõ constante e justo
Resvalaõ debruçadas
Perdas de bens , deshonoras mal - soffridas
A lhe afferrar o peito

Co'as garras affaimadas da pobreza ;
Lógo os tristes Pezares
Em torno ao coração serpeiaõ , mordem ;
Trajando a rojo lutos.
Vem a mã nóva , de agouradas fallas ,
Que se compoem sequéla
De tibiezas , senoës , des-confianças ,
Desamparo de amigos.
A Doença , com mã finada abrange
Os fatigados membros ,
E no âmago do peito as armaguras
Vaõ assentar morada.
Com índice maligno a Prévidencia
Lhe aponta no futuro ,
Em nebuloso quadro hórridas fórmas
De sinistros succéssos.
Quem não quizéra , com melhór semblante
Despedir - se do dia ,
E fraudar , com as sombras do jazigo ,
Do Fado os ameaços ?
Qual é a alma tam fôrte , que resista
Aos prantos d'uma Amante
Ingénua , comedida , affável , térrna ,
Que , nos braços da Angustia ,
Implóra com os ólhos arrazados
De lágrimas mimósas ,
Arredado soccôrro , e este lh'o embarga
A's desprezadas pórtas

(86)

O agudo rosto da Miséria esquiva !

Amigos insensíveis

Vêde , que é óbra vossa este rascunho

Das penas de Filinto :

O'bra vossa , que o dáes ao desamparo

Com culpado descuido.



EPIGRAMMA.

Eu lía a um graõ Doutor
De gorda catadura
Do sublime Camoës a rima pura
Do nunca assaz louvado Adamastor.

Quando mais enlevado
Em seu canto divino

Ameigo a vóz , e em brando tom a affine
Para lhe lér Inez , e seus amores ,
E sua injusta morte , injustas dores ,
Ouço o Doutor roncar alto e rasgado
Entam o abalo , e grito-lhe enfadado :

„ Doutor , Doutor , despérta

„ Que Phébo quiz que o Vate

„ Neste almo Canto ao Pindo se arrebate,

„ E de Hypocrene a fonte tenha abérta. „

= Que inuteis , que perdidas

= (Diz-me o Doutor) comigotães razoës!

= Prefiro o meu * * * ao teu Camoës. —

Disse ; e torna a roncar o novo Midas.

SAUDADE EXTRÊMA.

GENTIL Rôla, que sobre o ramo sêcco,
Desse viúvo freixo, brandas queixas
Espalhas toda a noite, e escutas o éccho
Repetir-te mavioso iguâes endêchas :

Naõ chôres. Ouve o meu saudoso canto,
Que excêde quanta mágoa arrója a sorte :
Ninguém, como eu padece extrêmo tanto,
Que a ninguém roubou tanto a crua Mórte.

Tu viste Marcia : a Marcia, oh Rôla, ouviste.
Quanta belleza, oh Céos ! quanta doçura !
Tem coração de bronze quem resiste
A' dôr de a vêr no horror da sepultura.

Tu pódés ter formosa companhia
Térna e fiél. Filinto desgraçado.

Té perdeu a speranza lisongeira
De achar Marcia em trasumpto inanimado.

S O N E T T O
T R A D U Z I D O.

QUANDO Adam vio chegar Eva formosa,
Para elle obrada pela maõ divina,
Grande amor lhe tomou; e a tal Menina
Naõ lhe foi (inda bem) descarinhosa.
Adam, unico home' (a Deos graças) góza
Mulhér que naõ dà zélos, mulhér dina.
Como naõ fôra essa Eva amante e fina,
Se do homem só que havia ella éra Esposa?
Eu naõ sei se na conta vou errado.
Seja robusto Adam, de idade inteira,
Corpo gentil, juízo delicado: —
Que Eva o Diábo vio, e creu asneira,
Naõ lhe ouvir lérias, naõ o ter ao lado,
Ser mulhér, e naõ ser namoradeira.



O D E.

Chi sperar poteva il sole ,
Quando l'alba procellosa
Questo giorno partori.

METASTAS.

O Lavrador que rasga à t erra ingrata
As av aras entranhas ;
A quem fallaz se ara mal - responde
com mesquinha colheita ,
(A'vida mira dos filhinhos rotos ,
Da esposa enfraquecida)
N o manda aos C eos mais gra as , se co'a r elha
Quebrou a t alha de ouro ,
Por fugitivo Mouro (1) alli guardada ,
Do que eu vi a Alegria

(1) Cr erao n ossas Av os que appressados os Mouros a sahir de Portugal , enterrarao seus thesouros ; hoje rondao seus manes , pelos jazigos daquellas t alhas , em figura de v elhas , outros vezes de douradas cobras , que com assobios e gai-

Brotar do seyo de tam feias nuvens ,
Que pezando no peito ,
De apêrto , aos ólhos , lagrimas forçavaõ.
Embóra exulte e corra
Bejar a terra o Náuta descorado ,
Que na brusca tormenta
Zunir os ventos , fuzilar os rayos
Vio sóbre as ondas verdes ,
Que fendidas , o náufrago navio
Bateu co' a quilha a arcia.
Eu , que outro Sól naõ vejo , outra bonança ,
Que do rosto formoso
De Marcia me naõ venha , unica Venus
Que as tormentas serêna
Nesta minha afma erguidas , por ausencias ,
Por asperos ciûmes ,
Maiôr prazer senti , que o Navegante.
Elle só perde a vida
E as perigosas , pállidas riquezas :
Mas que é o ouro , — e a vida
A quem pérde um mimoso olhár de Marcia ?
O Réo , que vem subindo
Trémulo a escada , a ouvir ler a sentença ;
E em vêz da mórte infame

nas , engodaõ os intrepidos a certas condescendencias , pre-
do thezouro que promettem descubrir-lhe.

Se lhe intima o perdaõ , com a soltura ;
 Ou quem anciado arqueja
 C'o a afflicta carga d'um funésto sonho ;
 Por bandoleiros duros
 Sente romper o peito espavorido ,
 Eutrar a fria adága ,
 As desmayadas carnes descosendo - lhe, —
 Que a esposa condoída
 Accórda , e elle descansa acariciado
 Nos braços da Consorte ,
 Entre bejos de amor com laço estreito ,
 Naõ se dem por felizes
 Se ouzaõ conmigo pleitear ventura.
 Foi mais vivo o meu jubilo
 Que vi a Marcia , longo tempo auzente,
 E a vi , quando perdida
 Tinha a esperança de tornar a vê-la.
 Tive em meus braços Marcia ;
 Quando ía sò verter saudoso pranto ,
 As tristissimo sitio ,
 Que vio nossa penosa despedida.
 Os àres , que enlutados
 Ameaçavaõ lúgubres chuveiros ,
 De novo o azul vestiraõ
 C'um gracioso olhar (1) da alégre Mârcia.

(1) Valtu , quo Cœlum tempestatesque serenat. VIRG.

(93)

Os campos se toucaraõ
De novas flores, e de gosto riraõ :
O sol , que se ía pondo ,
Nunca de nós se foi com mais saudade.

Marcia , querida Marcia
Que prazer que gozámos ! que ternuras !
Depois de tantas mágoas !
Ditoso padecer ? mágoas ditósas ,
Que tães gostos renderaõ ?



S O N E T T O.

- “ **E**SCRÉVE. (Amor me diz com tom severo.)
,, Filinto, escreve os versos magoados,
,, Com que ao som de teus férros namorados
,, Teu canto me insultou de improbo e fero.
3, Saõ arrojos d’um animo sincéro
,, Teus insultos, em tanta dor gerados.
,, Dos cordoës d’uma aljava pendurados,
,, Por monumento no meu Templo os quero.
,, Conta as minhas façanhas sanguinosas,
,, Meu facho invicto, e as de encantado gume
,, Certeiras fléchas, de ferir sequiosas.
,, Leiaõ *Feréza, Ingratidaõ, Ciúme*
,, Meus escravos, nas folhas lastimosas;
,, Adórem, têmaõ meu tremendo Nume. »
-

O R I G E M

D A

M A L V A S I A.

D'um bacéllo, que fructo inda não dava
Fazia Baccho, um dia, alta resenha :
Aqui contava os gommos abrolhados,
Alli expunha a vâra ao sól benigno,
Torcia a párra a dar geitosa sombra
Ao pimpolho abrazado... Em tães disvelllos,
Eis d'um basto rozal emmaranhado,
No alcance d'uma Nympha, sâe Cupido ;
E vê Baccho, no ardor de seus amanhos ;
Diz entre si, sorrindo : « Triste Nume ,
» Que a divindade estrâgas em tâes lidas ;
» Ésta sétta a gozar do O'cio te enfine. »
Junta os córnos cruéis da eburnea lûa,
Despede a fârpa (à Nympha antes dispòsta)
E no àmago do peito a Baccho a embêbe.

Baccho, que não temêra o bando inteiro
Dos Gigantes, (1) trepando monte a monte,

(1) Tu, cum parentis regna per arduum
Cohors gigantum scanderet impia,

Antes duro , co' as unhas , co' a queixada
 Do leaõ ruyvo , derribara a Rhéco...
 Baccho tremeu c'o desalmado gólpe,
 Perdeu inteïro a vista ; o immenso côrpo
 Vergou , cahio , medio o chaõ c'os membros.
 Co' a rija quéda , da ferida crûa
 Gólfa a espadana do Celeste sangue
 Que as cêpas rega em cálido ribeiro.
 Baccho de dôr , de pejo se lastima ,
 E enche os ares de prantos despeitôsos.
 « Ergue-te , (Amor lhe diz , sorrindo iniquo)
 » Domador de Leoês , de irosos Tigres ;
 » Deos invencivel , triumphador das Indias.
 » Deos generoso , que trouxéste aos homens
 » O segredo do néctar , dado aos Numes
 » E'rgue - te ; e vem prestar a vassallagem
 » A Amôr , que te venceu. Largo e profundo
 » O farpaõ te fará de mim lembrado. ,,
 E nisto vôa , e fende o Céu abérto
 Com descuidadas âzas , logrativo.
 As cêpas que beberaõ do divino
 Sangue de Baccho , sùbito perderaõ
 Quanto acérbo nas veyas lhe corria ,

Rhecum retorsisti leonis
 Unguibus , horribili que mala.

Horat. lib. 2. Od. 16.

De tam melliflûo humor alimentadas.
Dos gommos de tal vinha á Grécia vindos
Nasceo a Malvasia, que graciosa
Naõ desdenhou as terras da Madeira ;
E inda cedeu doçuras de seus fructos
A' feliz Carcavéllos , e Setubal,
Que o Celeste sabor inda consérvaõ
Do sangue diuinal que em si tomáraõ.



MADRIGAL.

O Deos Amor, por se vingar um dia
D'uns açoites que a Mãe lhe deu, raivózos,
Na mente revolvía
Projectos acintosos.

» Buscar-lhe-hei novo Adonis?.. novo Anchises?..
» (Diz comsigo) Não cáyo nessa chança.
» Finura é de aprendizes

» Dar-lhe, por me vingar, nova folgança.
» Melhor!... Melhor!.. Com nóva

» Rede, em bracos de Marte, o Olympo inteiro...
» Mas Venus, núm terreiro

» Córa élla máis se a vem, — se a vem na alcôva? »
Depois de ter projectos mil traçado,
Desfechou em lhe dar ciúme activo.
Formou Marcia máis bella; e nella ao vivo
Debuxou das tres Graças o traslado.

O D E

*EM 23 Dezembro de 1760 . dia dos
meus annos.*

O rus, quando ego te aspiciam ! quandoque licebit
Nunc veterùm libris, nunc somno et inertibus horis
Ducere sollicitæ jucunda oblivia vitæ.

HORAT. lib. 2. Sat. 6.

Hoc erat in voti.

1

Céos, que tirastes do encubérto Nada
O fio de que a vida me tecêstes,
Borda-la longe em longe
De muitas alegrias ;
Mas o razo tingido de desgostos
Na verdinegra escuma do Odio e Invéja.

2

Sem vos pedir a luz do ignóto dia,

E 2

(100)

Que mal commetter pude não-nascido,
Para atizar os fâchos
De precóce vingança ;
E na carreira da immatura Idade ,
O meu castigo anteceder a culpa.

3

Se a mim, que não a vós , coubéra em sóto
Traçar da minha vida o cheio quadro ;
Qual serpeia o regato
Com socegada veyá ,
Entre esmaltados prados saudosos ,
Brandos , contentes annos deslízara.

4

Longe dos montes da Ambição altiva,
N'um abatido valle, a humilde chóça
Poría, em salvo ampáro
Das víboras da Inveja,
Abrigo do Prazer, do Rizo honésto,
Da virtude, e das Graças innocentes.

5

C'uma lyra nas mãos, às Musas cháro,
Na beira d'uma fonte christallina,
Que salpicca de aljôfar
O serpaõ, o tomilho,

A' sombra d'um verde álamo frondoso
Saudaria a nóva Primavéra.

6

A singélla Canção enfeitaria
Co' as flores do saber que em annos tenros
Me espalhou pelo seyo
A candida Natura,
De Minerva os preceitos espinhosos
Ameigando com plácido carinho.

7

Sem cuidar d'onde os mármoreos me venhaõ
Para invejandos pórticos, nem Cédros
De etérna constructura,
Me darei por contente
Com chôpos, que sustentem pobre cólmo,
Domicilio de mim perecedouro.

8

D'onde, sem átezar cordél tedioso (1)
Porei a meu prazer de estrême fructa

{ 1 } OÙ tout s'aligne au cordeau
De la froide symétrie
Ou de l'ennuyeux niveau.

GRÉCOURT.

Гrove nods a grove , each alleys a brother.

POPK.

Os saborosos troncos:
E os seus corados pézos,
Dos ólhos alegria, e não-custoso
Regalo meu, dos hóspedes regalo.

9

Plantando outróra co' a contente dextra,
Loura viúva, à visita inopinada,
Ao festiual encontro
Do suspirado Amigo:
Ora um rosál, volado ao rizo meigo
Do applacado ciúme de Marfisa.

10

Alli alto Pinheiro, pouso de A'guias,
Sagrado às nótas da vivaz Lembrança
Do quebrado Infortunio:
Là tremedoras Fáyas
(De Tytiro feliz augusta sombra) (1)
Devída offrenda às Campesinas Musas.

11

Criaõ Augustos immortaés Virgilios,
Engenhos claros de óptimos Horacios

(1) Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi.

(103)

Com meigo olhar favónio
De sabia Magestade ;

E os que ignótos sorvéra à Styge escura
Nóbres, e longe délla, ao Céu remontaõ.

12

Filinto os bens perdeu. Filinto triste,
Que naõ achou Mecénas, que da Augusta
O ouvido lhe inclinasse !
Triste, infeliz Filinto
Tórna a teu sônho, tórna a teu dezejo,
E em sônho espéra só de ser ditoso.

13

Hespérido vergel de pomos de ouro ;
Reluzindo entre verdes lisas folhas ,
Déra cheiroso circo
A' Státua da Amizade,
Tam formosa, tam rára, tam ingenua ;
Como em meu peito, seu sacrario, assiste.

14

De Carvalhos civis uma laméda
Cortaria alterósa a ampla Campina
Em desparzidas álas :
Eterno monumento

E 4

Do salvo Cidadão; e honrados Nomes,
Que um bosque historiado composessem.

15

Onde eu, quando máis alto o ardor da sésta
Encálma os gados, e em-mudece os campos;
Explicasse os segredos
Daquelles charos nomes
Conversando co'as verdes Hamadrias,
Depositarias de intimos successos.

16

Alli fôra meu gosto recostar-me
Ao som de buliçósas avelleiras,
Mollemente pouzando
Na esquerda a face, e ir lendo
Verdes padroões de máis alégres dias,
Póstos por minhas mãos, por mim gravados.

17

Sobre tapêtes de macia grâma
Que Philosopho (1) Plátano ensombrasse;
Com folhãge hospedeira
Os ramos entrançando

(1) Cicero, Lib. 1. de Oratore, sub initium.

(105)

C'o vizinho Pereiro, que defronte
Lida por descansar sobre elle os fructos.

18

Quando, por entre os dous amigos troncos
Passeia, costeando-lhe as rayzes
O chocalheiro arroyo ;
Que das musgosas rochas
A espadana orvalhósa desentála
Argentada de bôlhas correntíás.

19

Saudosa Campina, qual na mente
Agora te debuxo, tu só fôras
Alvo de invéjas minhas ;
Aos troncos teus atada
Me tens a ambição da alma ; a minha a vista
Fez ponte, em ti cravada, a meus dezejos.

20

Se qual te sônho, com clareza en visse
Nas ennubladas folhas do Futuro
Augusta Divindade
Des-ferrolhando as portas
Do desabrido cárcere, onde jázem
Castigados meus bens tam innocentes?—

22

Deliro?... Ou lá, co'a dextra um Deos me aponta ;

E 5

(106)

Rôto o seyo dos escondidos Fados?..
Os sùpplices joêlhos
Dobrando respeitoso
Homem humano ao Throno envia rógos
A' Clemente Rainha Lusitana!..

23

Jà piza aos pés o còllo da Calúnnia :
Diz aos meus bens : « Surgi. » — Eis surgem fóra!
Jà rasgos de ventura
Vaõ lavrando na téa
Dos annos de Filinto agradecido
Vivo matiz de generosas flores.

24

Se os doze lustros meus erguer-se pôdem
Deste cargo de magoas , de pobreza ;
E as correntes quebradas
Dos pulsos sacudindo ,
Pôdem ver de Alegria a loura face....
Vivirei longos annos n'um só dia.

25

Na Lyra affeita a prantos e pezares:
De amargo luto há muito remontada ;
E que os festivos metros
Desap rende u gemente

(107)

Despirei a vóz triste; e em chórdas de ouro;
A vir de novo, chamarei os Hymnos.

26

Da Augusta mão, do mavioso peito
Um bálsamo virá, com que eu ainda,
Néssas inértes hóras
De recobrado somno
Cubrerei de jucundo esquecimento
As cicatrices dos rasgados gólpes.

27

Ah! quam tardio! — Que a rugósa dextra
Da pezada Velhice já na fronte
Me gravou seus ferrêtes,
E com pungentes dôres
A Góttá me agrilhôa, e me atravêssa
Os pés que anhêlaõ por corrêr à Pátria.

28

Como súbito accende árduo Dezejo
O sprito alvoroçado de speranças!
Já ponho à-quem os máres:
Saúdo a fôz do rio,
Que óra alegre, quam triste à despedida
Chama as Nymphas, e os braços me offerece.

29

Verei os meus Penates tam queridos

E 6

A areia bejarei do Tejo ovante ,
E saudando as Musas ,
Que infante me embalaraõ ,
Com divinas Canções, no chaõ nativo
Contente e parco , vivirei ditoso.

30

Com pouco é ricco o Sabio : — e estende ainda
Co'as sóbras do seu pouco a maõ piedosa
A' Viuva affligida ,
Ao desvalido honrado.
Mais se alégra c'os bens , quando soccórre
Que Avaros , com montoës do ouro , que amuaõ.

31

Alli virà o Amigo sem dobrêza (1) ,
Que em amizade envelheceu comigo ,
Entrelaçar-me o braço ,
Para entreter saudoso.

(1) A. M. de Curnieu. — L'esprit ne se délasse jamais si agréablement que dans l'entretien d'un fidèle ami. Il n'y a point de bonheur dans la vie qui approche de la jouissance d'un ami vertueux et discret. Sa conversation éclaire et soulage l'esprit , fait naître de nouvelles pensées , anime à la vertu , excite à former de bons desseins , calme les passions , et met à profit les momens de la vie , où l'on trouve plus de plaisir

Spectateur. tom. 2. Discours 4.

(109)

**Ao abrigo do sôl, junto à Choupana
Doces lembranças engastadas na alma.**

31

**E co'a quebrada vóz, mas inda gráta,
Repetiremos as Canções, que outróra
Enlevados ouvimos
Nos bósques de loureiros,
Domicílios de Pindaro, e de Horacio,
Sem que esqueçaõ os sons de Anacteonte.**



EPIGRAMMA.

UM pobre esfarrapado, — quasi nu,
Mostrava o peito, e o ventre nû e crû.
Ferrolhado em gayóla
Por ter scandalizado
Boas almas, a quem pedira esmola;
Citaõ-lhe as testemunhas,
Que elle tinha citado:
Vem mulhéres : — que em suas caramunhas
Assevéraõ jurando
Bem terem visto o rôto pobre , quando
Ante ellas esmolara ;
Mas nenhuma na cara lhe encarara.



S O N E T T O.

M O T T E

Jà descer vejo a fresca madrugada.

G L O S S A.

JA' a Noite vai colhendo o manto escuro
Recamado de estrellas radiosas :
Do Tempo as gentís Filhas graciosas
Lávaõ Pyroes e Ethonte em néctar puro.
Já Lúçifer com passo mui seguro
Piza do Oriente as plagas luminosas ;
E as sombras vão fugindo de medrosas ,
A amparar-se do Sól c'o Stygio muro.
Tingem-se as nuvens já no Céu luzente
Da lindissima côr apavonada ,
E a Terra enfeitada a torreada frente ;
E já a Aurora co'a dextra alva e rosada
Abre as portas ao dia ; e do Nascente
Já descer vejo a fresca madrugada.

O D E

A C U P I D O ,

TENDO uma bolsa nas mãos, e aos pés
o facho, a aljava, o arco, as flechas.

— — — — Fore enim tutum iter et patens
Converso in pretium deo.

HORAT. lib. 3 Od. 16.

Car de trouver une rebelle
Ce n'est la mode à gens de qui la main
Par les présens s'aplanit tout chemin.

Lafontaine. Conte du Magnifique.

T E N S bem razaõ, Amor: largáste o facho,
Largáste aljava e flechas,
Que hoje força não tem, nem prendem lume
Nos coraçõs de gélo.
Nem com Lyra nas mãos fôras seguro
Fundar império na alma:
Que não vejo por cá tam brandõ ouvido.

Que te franquée accéso.

Mas se queres (tal foi teu pensamento)

Abrir as bipatentes

Do peito feminil guardadas pórtas,

Tóma as aladas plantas,

O Cyllenio Galéro, e vai correndo

Com bolsa prenhe d'ouro,

Que eu coração não áches te prometto,

Que a flechas táes resista (1).

(1) La clef du coffre fort et des cœurs , c'est la même.

Que si ce n'est celle des cœurs,

C'est du moins celle des faveurs.

La Fontaine.

At tibi , qui Venerem docuisti vendere primus ,

Quisquis es , infelix , urgeat ossa lapis.

Tibull. lib. 1. Eleg. 4.

E P I T A P H I O.

1

AQ̄UÍ jaz um Gatinho mui querido,
Bejado, annedeado e tanto e tanto...
Quanto a **M**arfisa é lástimas e pranto
Hoje, que a **M**órte o deu ao duro **O**lvido.

2

Ei-lo vai por caminho longo e escuro (1)
Buscar o Reino vaõ (3) de **P**roserpina,
Saudoso de sua **A**ma, e da benina
Maõ que o manjar lhe dava eleito e puro.

3

Sea-te a t́erra leve : e se no prado
Elysio, póstos há de mór apreço
Para ti a **P**lutaõ com vérsos péço (3)
De **G**ato **A**bbade, o posto regalado.

(1) Qui nunc it per iter tenebricosum

Illuc unde negant redire quemquam. CATULL.

(2) Domus exilis Plutonia.

(3) Carmine Di superi placantur, carmine Manes. HOR. l. 2 E. 3.

R E V E L A Ç A O .

A C H A V A - M E no monte do Martyrio (1)

Do Senhor são Diniz , alta montanha

Mui famosa, e a París , mui sobranceira ;

Quando vejo passár tres muito louros ,

Mui gordinhos meninos , mui formosos ,

Que iaõ riudo , brincando e caminhando.

Quiz vêr , de curioso , os tres Anjinhos

E saber onde os passos os levavaõ.

Responde-me cortéz o mais-idoso

(Que podia bem ter nove a dez annos)

Veador de Venus sou , este é Mordomo ,

E Camareiro mór esse pequeno.

Vamos à Capital da Elysia térra

Se quéres , vem comnosco. Dou ao passo ,

E brânco (bem que vélho) c'os que brincaõ.

Nós que chegamos à ditósa Elysia ,

E os mancebinhos que entraõ pelas lóges ,

E que enfeirando vaõ a todo o custo

Os livros Portuguezes. — Allí pásmo ,

[1) *Montmartre* , montanha de Paris tam alta , como o
Castello de Lixboa.

E pergunto : « Pois Venus que é tam bella
» Que tem outros cuidados , pérde o tempo
» Em lér livros? Belleza poupa estudos.
» Bella Dama que lê téme a velhice.
» Venus é immortal, e sempre bella
(Me responde o Amorzinho mais travêso)
» Mas Venus que amou tanto a Lusitana
» Gente, que amou a Lusitana lingua;
» Que o seu altar vio sempre cumulado
» De victimas, de vótos offrecidos
» Pelo genio amator dos Portuguezes:
» E o Romano fallar tam adoptado
» Do Povo imitador das claras óbras
» Dos Camillos, dos Régulos, dos Décios;
» Se provê, cada século, dos livros
» Que os amores contem, ou altos feitos
» Dos Portuguezes seus, tam estimados:
» Vem connosco, e verás. » — Eis-nos chegados.
Que quem vái com Amores, vái deprêssa.
Nos palacios de Idalia tinha armada
De Romanos e Lusos Escriptores
Deleitosa escolhida Livraria.
Allí a vejo entrar. = Mal que deu vista
Da nova provisãõ de livros Lusos;
Aqui abre, e revolve; allí folheia
Elpino e Coridon — mais um ou outro:
Pouco vê que lhe agrada, pouco estrêma;
Os mais com esquivança, e com enojo

Deita por terra, ou da janélla arrója;
E aos Amores das compras incumbidos,
Assim reprende : « Não conheço nesses
» A lingua de Camoës, nem de Ferreira ,
» Que tanto me agradou , que a tinha ao lado ,
» Do Romano fallar, do meu Tibullo ,
» Do que soube avivar o amor de Dido,
» E desse que cantou Lydia e Glicerio.
» Esses livros de novo mixtiforio
» Que trazeis , são da lingua contrabando ,
» E são forjados por boçaes pedantes
» Na schôla do Telêmaco capado. »



EPIGRAMMA.

Pregava o Padre André (1), com mais que humano
Esp'rito e zélo , o Amor Celeste e puro :
» Tende embora (dizia mui-seguro)
» O pejo virginal d'um Franciscano :
» Tende inda , o que mais é , essa elegante
 » Capucha subtileza :
 » D'um Carmelita
 » A angelica pureza :
 » Do Jesuita
» O peito humilde , e da pobreza amante :
» Se naõ tendes Amor sincero e fôrte
» Despedi-vos do Céu , n'hora da mórte. »

(1) Foi mui conhecido em França no seculo passado um Graciano , pelo nome do *Petit Père André*. Delle falla S. Francisco de Sales n'uma Carta em que refere uma passagem do sermaõ que lhe ouvira , e que na verdade é donosa e celebre.

S O N E T T O.

A q u i , oh Musas do sadio Pindo;
Acodi, acodi em continente.
Trazei com vosco Apollo omni-sciente
E esse Nepenthe de préstimo (1) infindo.
Quéro manda-lo à Haya rebolindo;
E a poder de ben gno ingrediente
Pôr, como um pêro, saõ, certo doente
Que amor da du C*** vai consumindo
Eylas que chegaõ! — Phebo escafedendo
Vai-se a Mercurio, pede-lhe que parta
C'uma Carta da amante. Eylo correndo
Chega ao leito; as cortinas prompto aparta;
E B***, que saudoso está morrendo,
Se ergue em pé rijo e saõ, com ler a Carta.

(1) As virtudes da herva Nepenthe, segundo Homero, saõ maravilhosas : os Commendatores enchem laudas e laudas de seus louvores; que a serem verdadeiras, a tal hervinha desbancaria o Contracto do Tabaco.

O D E

A

ESPERANÇA.

Sperat infestis, metuit secundis
Alteram sortem bene preparatum
Pectus. — — — —

HORAT. lib. 2. Ed. 10.

1

VEM, vem, doce Esperança, unico alivio
Dêsta alma lastimada;
Môstra na c'roa a flor da Amendoeira;
Que ao Lavrador previsto,
Da Primavera próxima dá nóvas.

2

Vem, vem, doce Esperança, tu que animas
Na escravidão pezada
O afflicto prisioneiro : por ti canta,
Condemnado ao trabalho;

Ao som da braga, que nos pés lhe sôa (1).

Por ti veleja o panno na tormenta,

O mareante affouto:

No mar largo, ao sandoço passageiro,

(Da sposa e dos filhinhos)

Tu lhe pintas a terra pelas nuvens,

Tu consolas no leito o lasso enfermo,

C'os âres da melhora :

Tu dás vivos claroês ao moribundo,

Nos já vidrados olhos,

Dos horisontes da Celéste Patria.

Eu já fui de teus dons também mimoso ;

A vida largos annos

Rebatida entre acérbos infortunios

A sustentei robusta

Com os pomos de teus vergéis viçosos.

Mas agora, que Marcia vive ausente ;

(1) Spes etiam valida solatur compede vincitum

Ciura sonant ferro , sed canit inter opus.

Tibull. lib. 1. Eleg. 4.

Que não me alenta esquivã
C'o brando mimo d'um de seus agrados,
Que farei infelice,
Se tu, meiga Esperança, não me acódes?

7

Ay! que um de seus agrados é mais doce,
Que o néctar saboroso;
É mais doce que os beijos requintados
Da namorada Venus,
A que o Grego (1) poem preço tam subido.

8

Vem, vem, doce Esperança, que eu prometto
Ornar os teus altares
Co'a viçosa verbêna, que te agrada,
Co'a linda flor, que agora,
Enfeita os troncos, que te são sagrados.

(1) Anacreonte.

S O N E T T O .

ALVAS cans o semblante povoado

Vélho de ólhos previstos, cautelosos,
Calva a cabeça, os membros animosos,
Pardo, comprido manto sobraçava :

Na dextra curvo bâculo arvorava,
Com que regia os passos vigorosos;
Dava brados aos Moços mal-cuidosos,
Que Amor em suas rêdes emmalhava.

Corri traz elle a vêr que nos queria.

(Elle era o Desengano mal-acceito.)

» Deixa, Moço enganado (me dizia)

» De arrastar vís grilhoês sérvio, e sujeito

» A' Traição, ao Desdem, à Tyrannia,

» Que Nize esconde em refalsado peito. »



C O N T O.

- » O pão furtado aguça o appetite :
 - » Negãça e perrexil é a lei, que tólhe,
 - » Ir e vir, tomar este ou stoutro atalho,
 - » Naõ tem pico nenhum, se é permittido.
 - » Dã-lhe o sãinête, de que a lei t'õ véde,
 - » Vem-te àgua à bocca, o coração te pula,
 - » Nós sômos filhos de Eva, cubiçosa;
 - » Inda em nós lãvra de Eva peccadora
 - » A nódoa original. Mas péde escusa.
 - » Bem que outros, que obrariaõ peior que Eva,
 - » No lance emque Eva obrou, inda hoje a accpsem.
- Assim fallava certo sposo um dia
A' Consórte que de ira esbravejava
Contra Eva, que o gatásio nos prégou,
D'onde a flux todo o nósso mal surdio.
- » Despenhar nùm abysmo de miserias
 - » Seu sposo, e toda a sua descendencia !...
 - » (Dizia) E por que lucro, ou que regalo ?
 - » Por ensôça maçan ! Nõssa Mãe Evã
 - » Tinha bem fraco gosto. — Ou fraco ou forte,
 - » (Lhe retruca o Marido) Quem foi causa,
 - » Quem tudo nos danou, naõ foi o fructo,

Mas sim a Lei que ao gosto pôz travézes;
Do vedado lhe veio o sabor summo.
Mas seja, ou não assim; apósto, e digo,
Que quem te óra vedasse qualquer cousa,
Da qual bem pouco, ou nada se te dêsse,
(Digo mais) cousa mesma a ti nociva,
Que almejaras por ella, se a não tinhas.
Eu, almejar !... (Diz ella) — Sim, te juro.
(Tórna o Marido) e que o farás sem falta.
Desde já, se mais teimas, faço a apósta.
Olá, se teímo (lhe responde) e a accéito.
Sobre palavra entre ambos se stipúla,
(Segundo ouvi dizer) gróssa quantia.
Não quero (diz o mui pacato sposo)
Pôr-te empecílho em cousa que te custe.
Fica-te um Charco à esquérda no caminho
Que guía ao banho : = Vá no Charco a apósta.
Se a fio, um méz inteiro, em indo ou vindo,
Reprézas a ventade que não mólhes
Na bórda do tal Charco ambos os pés,
Ganhas a apósta, e dou-me por vencido.
Mas se ao passar te encravas no recife,
Sem remissão perdeste o teu dinheiro.
Ora o tal Charco, em termos bem frisantes,
Éra um lameiro, um cano de infundices,
Digno (pelo não vér) d'um bom rodeio.
Fez dar muita risada o desafio,
A' Dama, que festeja o bom mercado

De ovo por um real, e o tem tam certo
Da apósta o ganho, como china em burra:
E já cuida no emprêgo que hà-de dar-lhe,
Que traste comprarà, que novo diche,
Ou qual do toucador novo taréco. —
Roupas mórmente, e bem da móda, a enlévaõ.
Partem, como éra de uso, para o banho
(Naõ, sem dar surrateira vista ao Charco.)
Para a primeira vêz, naõ é já pouco !
Nem desta feita foi mais largo o arrojo.
Com ir, e vir azinha se avezaraõ
Ao verdoengo, à babuje, e lôdo da água;
Que a tudo habituar-nos sabe o Tempo!
Fêz mais o Tempo! Fêz, que o Charco agrade.
O engenho humano é trêfego, e exquisito!
Quando lhe chamo humano, inclúo nelle,
Por tres quartos e mais, o engenho fêmeo
(Em lances de appetitê !) O que mui claro
C'o seguinte successo vo-lo próvo.
Eis que entra a conceber (nos diz a historia)
Velleidade a tal senhora minha.
De chafurdar néssa agua çuja e negra.
(Que já vai nella obrando effeito a apósta!)
E ao vêr o charco, já lhe dava enojo
Da água do banho a limpa e clara veyá.
Aqui entrou com seu bedêlho o Démo!
Fosse o que fosse: a Dama de sizuda
Nem nisso boquejou a Joanninha,

Sua Aya, que com ella vinha ao banho;
 Ladina, e mui perfeita em seu emprego,
 E éra mais que Aya; que era a dos segredos.
 E por acênos a Ama adivinhava,
 E tinha a alma (não minto) tam maneira ;
 Que em cem annos, e mais, que allî servisse
 Nunca daria um não ao querer da Ama.
 Mas palrâmos já muito da Criada,
 Que é mais que tempo de voltar à Dona,
 Que em si com muito custo se refreia.
 Medrava o Charco em convidoso engôdo;
 Dobrado esforço em resistir-lhe incumbe.
 Péрто. — E mais péрто os pés se lhe avisinhaõ;
 Por gostinho de exótico tempêro,
 Já não se vai ao banho, vai-se ao Charco.
 Já c'o dedo se apontaõ a Joanna
 Os marrécos, que dentro patinhavaõ,
 E que invejosa a Mocetona os via!
 E com elles trocara boamente!
 Que ancias lhe vinhaõ là do âmago da alma
 De ser páta (sequér) por dous minutos.
 A miúdo, alem do ponto nos arrastra
 A próxima Occasiaõ, que empuxa e tenta.
 Parando a Dama à bórda apaulada,
 N'um subito violento accêso, um dia;
 Tira um pé curioso da chinélla,
 Tócca ao de léve a ouréla verde e çuja,
 E desta vez não vai mais longe a Dama

Que o scrupulo a atalhou, pondo-se em meio.
 Bons combates no peito se renhiaõ;
 Mas bem quadra a virtude em qualquer lance.
 Ora o Marido que da frésta espreita
 O entrecho da tramoya, muito sonso
 Rindo estava, e contava pelos dedos
 Que a seu salvo não léva o mez ao cabo.
 Bem contava (ao que a Chronica nos réza)
 Que gualdidos do mez quazi os dous terços,
 Chega o crítico dia finalmente,
 E o sposo astuto que tecia o lôgro,
 Do aguçado capricho vendo a altura;
 Diz-lhe que vai pôr olhos na vindima,
 Dar uma vólta, e vir, là pela fresca.
 Mas sahe ao Campo, e recolhendo as rédeas,
 Vem descahir em caza da Abegôa,
 Onde occulto os redôres ataláya.
 Partir vê logo para o banho espertas
 Ama e Aya = no Charco demorar-se, —
 Contempla-lo, — deixa-lo a muito custo:
 Como quem com pezar de clara fonte
 Saudosa se arrancasse suspirando. —
 Minava-a là no banho incendio occulto,
 Que a lança inquiéta, e triste e pensativa
 Fóra da água, mais cedo que a hora do uso.
 Dá-se a pérros, comsigo regateia,
 Poem-lhe a espóra a paixaõ, o animo vérga,
 E no alcance a virtude lhe coxeia.

» Pássa ja de aturar (diz a Ama á Mõça ,
» Apontando a ferida) Naõ. — É muito.
» Naõ hà apõsta que valha o que eu padeço ,
» Nem se me dà da apõsta um léve adarme ;
» Que alto o declaro , e fixo o determino ;
» Eu heide ir às do fim : — ou Charco , ou nada.
» Dize quanto quizéres ; falla falla.
» Que o sáibaõ , que o naõ sáibaõ : — stou ninando.
» Nem o cazo é de morte : — e quando o fõra ,
» Tem de ir desd'ora avante o meu dezejo.
» Bem mórte de homem que é , Minha Ama , o cazo.
» Para táes escarcéos. (Disse a Joanninha)
» Cà tinha meus barruntos. — Inquietar-se
» Por tam pouco ; cismar ! — Como é Menina !
» Faz gosto disso ? — Cumpra-o , e dê dous trincos.
» Quanto máis que o senhor anda por fõra.
» Quem é que a vé ? — Ninguem ; a bom seguro.
» E se vêm ? — Grande Pêrda ! — Perde a apõsta.
» Deos nos válha ! — Virà a morrer de fome
» Por isso ? — Um gosto vál mais que ouro , e pérlas.
» Alem de que tal móca lhe urdiremos
» Que n'um sácco entre o gosto c'o proveito.
» Vátes pezada a ouro (a Ama lhe tórna)
» Hoje seja a funçaõ , que naõ mais tarde . »
E nisto , já se amanhaõ para a fõlga :
Chinellinhas na maõ , os pés nûzinhos ,
Caminhaõ aguçosas para o Charco.
Vai diante a senhora , de lanpeira

E logo vem de retaguarda a Moça,
Deitando de caminho em róda o luzio;
Se há espia, ou malsim que sonso espreite.
Comem lhe de ancia os pés. No Charco arrisca
Primeiro um pé, com que o terreno sonde,
Logo o arréda, mas outro tóma o posto,
Que tam bem logo encólhe mui ligeira. —
Em conclusaõ : depois de muitos mômos,
Lá vaõ os dous pés juntos de mergulho,
Até o lôdo, onde as rans saõ inquietas.
Chafurdar, péguinhar allí folgada
Superlativo gosto lhe dà na alma;
Nunca no banho achou igúal deleite.
Em tanto o sposo (Perdoai) vigia
Muito a seu grado quanto allí se passa;
Dentro em seu coração folgando muito
De não ter posto a próva mais forçosa
Tam noviça virtude, e tam vidrenta.
Sò de cuidar no impròvido infortunio
De susto estremecia. Deste aviso
Vendo o cazo avançado e bem maduro
Vem, chasqueando, apparecer à Dama.
Não dá mais susto uma alma do outro mundo!
„ Léva, léva; — abalar daqui — Corramos,,
Mas quem cõrre descalsa, cõrre pouco.
Entraõ na salla; e co' ellas entra o sposo.
Que lhe diz lògo : „ E bem! téve mão gosto
Nossa Mãe Eva em pôr (que tal é a surra!)
Nessa maçon fatal seu appetite?

S O N E T T O

A O S A N N O S

DE S^{ra}. D. F. X. A DE S.

VENUS hoje descia, dos Amores
E das venustas Graças rodeada;
Cruzava em dança o vôo a turba alada;
Fréchando à terra ardentes passadores.
Vi pouzar os travêssos voadores:
Venaso teu coração quiz por morada;
As Graças na garganta torneada
E nos peitos moraraõ mattadores.
Dous Cupidos tomaraõ aposento
Nos olhos petulantes ; dous ufanos
Nas faces de carmin buscaõ assento.
A mais trôpa acolher-se , nos arcanos
Thronos do alimô prazer vai n'um momento.
Que donosa visita em dia de annos !

O D E

— Nou gemmis, neque purpurá venale, nec auro. —

HORAT. lib. 2. Od. 16.

QUANDO sinto subir-me à memoria
As imagens dos annos sabrosos ;
Quando a Infancia com brincos donosos
Me ensinou a alegrar ;
Bem quizera despir-me das honras,
Crús tyrannos dos meigos prazêres,
Dar de mão ao renôme, aos haveres,
E à pueriça tornar.
Se não daõ nome illustre e riquezas
Desatado theor de alegria,
Mais valor me merece um sò dia
Que essa Infancia alegrou,
Que trinta annos de insipido fausto
De liçonja mal-dada, mal-vista,
De cansada etiqueta, mal-quista
C'um tafal como eu sou.

E N I G M A.

QUANDO um varaõ . que illustra a Patria, o Mundo
 Vos sãhe à luz do dia,
Com elle unido, alto poder me envia.
 Quando sabio e profundo
A'bre as pòrtas à lucida verdade
 Eu as chaves nessa hora
 Lhe dou ;
 E eu sou
 O que lhe aponto a Aurora
 Rasgando a escuridade
Das nuvens que a Ignorancia lhe atropella.
 Com elle ufano brilho ;
 E com elle me humilho,
Quando contra elle influe hórrida strella :
 Com elle tenho vida
E em sua morte a minha é comprehendida.

B I L H E T T E (*).

Naõ sei que Fado máo, Fortuna escura
Influo contra mim, do Ceo patente
Passos baldados, e furtiva ausencia.
Naõ cuido ter da sôrte merecido
Tam agras, e tam longas esquivanças.
Quizéra deparar e'um Bruxo espért o
Sagáz em descubrir esconderêlos,
E saber delle a causa desabrida
D'onde o meu venha contumáz queixume.
Quizéra ir ter c'o Fado, e folhear-lhe
O grosso bacamarte, em que anda escrito
Quanto é, quanto ha-de ser, quanto há passado:
E nas làudas pintadas de succéssos,
Quizéra vêr a maõ desamorosa,
Que amigos tam leães de mim arréda.—
Como, agastado, allí lhe perguntara:

(*) Este bilhette m'o dictou de improviso o despeito de me desencontrar nas hôras, e lh'o deixei escritto sobre a meza; e ao depois no dia seguinte, que com elles passei o dia inteiro, o copiei para o ajuntar à Collecção.

» Dize , enojoso Deos , que error tam grande ,
» Que crime commetti desventuroso ?
» Eu as mãos não manchei no Patrio sangue ,
» Nem sacrilego entrei nos sacros templos
» A revolver arcanos prohibidos ,
» Nem tirei da callada sepultura
» De myrrhados Heróes divinos óssos.
» Os tremendos mysterios de Eleusina
» Não profanei com desmandada lingua.
» Que fiz eu pois , que me grangeie a magoa
» De nunca achar em tres prolixos dias
» Os mui dignos objectos , mui presados
» Da maior amizade , e mór estíma ? »
Embocca , oh Fama , a altisona trombêta ,
E dà-me a ouvir no meu retiro escuro ,
Quem separa de mim tam eharas frontes.
Ser-me-ha consolação neste desvio
Lançar mil maldiçoës , rayos , coriscos ,
Contra quem me desquíta de seu lado ,
Lastimar-me do Fado , e quantos Deoses
Jove rebanha na malhada Olympia.
Que se com rógos demover os Numes.
Não pude , heide abalar esse Acheronte ,
Chamar as Furias , e infernâes flagellos ,
O Cérbero trifauce , o Orco horrendo ,
Com ródas , com penêdos , com os prégos
Que a Prometheo eravaraõ diamantinos
No Caucaso (Tartárea ferramenta !)

(136)

Para affligir o indigno que me rouba
Tam chara, tam gostosa Companhia.

E P I G R A M M A.

ENTENDER de Commércio é gran venida
Para dourar com cabedães a vida :
Val mais que tenças, mais que bons morgados:
Saibaõ que Fillis d'alugar seu leito,
Que apenas lhe custou vinte cruzados,
Tira déz mil, cada anno, de proveito.



O D E.

Quas Hector sensurus erat , poscente Magistro ,
Verberibus jussas , præbuit ille manus.

OVID. de Art. amandi, lib. 2.

CANTEI essa Ode (1), Mathevon difficil,
Pelos módos de Horacio:
Mas tam mal me affinei; que esse arremedo
Mal semelha o modêlo.
Tentei-o, ao menos: e o tenta-lo é nôbre.
Tu vê, tu nôta e risca.
Tu não poupes a lima; não perdôes
A ambicioso viço,
Nem à pêcca, insofrida, ensôça prosa. (2)

(1) Não confia o Campião, que affronta as lanças etc. etc.

(2) Cuidães vòs que a Poesia (e principalmente a Lyrica)
se não atreva em phrazes , e em palavras ! E que com tanto
que no fim da linha sêe o cascavel do consoante , baste o
compôr , em prosa chilre , alguns môlhos de palavras , com

Tôma a Censoria vâra.

Naõ quéro os filhos meus tratar com mimo ;

algunha de Strophes , para as bautizar por Odes ? Cuidâes vòs , que o grande e perenne louvor , que em todos os séculos mereceu Horacio ; que as honras , e amizade que elle grangeou de Augusto , Mecenas etc. etc. , lhe naõ procedem da maneira atrevida e ao mesmo tempo elegante , com que ornou seus pensamentos , que com trajo menos affouta passariaõ por triviaes , e naõ dariaõ na alma aquelle belisco , que acorda a attençaõ , e que na estranheza da phrase , ou da palavra , requére a admiraçaõ , e a mesmo passo o louvor de tam arrojado Engenho , que desprezando Criticas engoyadas , busca os perigos , para delles sahir com gloria ? Sim : perigoso e resvaladio é o caminho da novidade na phrase , e no conceito. Experimentai-o , e sereis de meu parecer. Sé ficâes àquem do acerto , sois deslavado , e mesquinho ; se temerario passâes as barreiras , marrâes c'o destempéro , e c'o ridículo.

Vòs , que tal vez me censurâes alguns atrevimentos , naõ ousaricis escrever o que eu escrevo : e vòs consolâes-me. Imaginâes subir um degrão , ou dous acima de mim engatinhados na Critica e desceis quatro na opinaõ dos que accostumados a Horacio , poem o feliz atrevimento entre os dotés e formosura da Ode. Os *auritos* *Carvalhos* pareceraõ atrevidos ao velho Scholiastes , e a todos que o bem entendem , e que por isso o admiraõ , e dezejaraõ tê-lo ditto.

Como os filhos morgados!

Qual Tethis entregou a Chiron duro

Quando Horacio diz: = *Apinhado de hombros bebe com mais silencio o Povo, pelo ouvido, as batalhas, e o desbarato dos Tyrannos.* = Não se pode conter o Commentador, que não clame „ *Pulcherrima enargia!* „

Um Poeta, e não dos peiores se contentaria com dizer, = *C'o a chegada da primavera tremeraõ, e sussurraraõ as movediças folhas.* = Mas Horacio, que queria levar a palma Lyrica, punha a mira no delicado, no exquisito deleite que pula no coração do ouvinte, ao subito encontro d'uma nobre, elegante, arrojada, escolhida phraze, que com sabor estranho, o assombra deliciosamente; e dizia assim: — *Nas movediças folhas tremeu e sussurrou a vinda Primavera.* — Assim toma vulto, se move e nos apparece a imagem, que o Poeta levantou na mente. Assim falla a poezia sempre pintando com valentia. Desmanchái, e destroncai os membros destes tres versos, que nunca achareis prosa; mas sim os desparzidos membros d'um Poeta — *discerpti membra Poetae* como dos do Ennio, — *Postquam Discordia tetra belli ferratos postes, portasque refregit,* — dizia o entendedor Horacio.

Hã hi atrevimento, que iguale ao — *vultus nimium lubricus aspici?* — Não creio que em Virgilio, Ovidio etc. etc. se encontre semelhante. Assim se não encontra, mesmo entre os Romanos, e muito menos depois entre os Lyricos das Nações modernas um Poeta que iguale Horacio; pois que ainda

O pouco vividouro
Filho. E mais o Centauro, nas tenrinhas

nas melhores Eras de Roma , acha Quintiliano que sò elle de todos os lyricos merecia que o lessem » *Fere solus legi dignus.* »

Nenhum dos Poetas Latinos (que eu saiba) se atreveu a omar » *medius* » por igualmente idoneo ; e Horacio para estrauhar com gosto , e pasmo os seus ouvintes , ou leitores , arrojou-se a despegar de mui longe um termo atrevidissimo . Inteirado da indole aventureira d'uma Ode , insoffrido de acaanhamentos , concebeu a ideia d'um Heròe , que posto entre os perigos , e stratagemas da guerra , e os cuidados , e artes que pede o governo em tempo de paz- (sirva de exemplo Bonaparte) concebeu , como digo um Heròe no meio de duas figuras , uma dellas a Guerra , e a outra a Paz , e disse : » *Idem pacis eras mediusque belli.* » Atreveu-se ; e fez bem : por isso o louvaõ , por isso diz delle o citado Quintiliano , bom juiz neste caso : » *et in verbis felicissime audax.* » e Petronio : *Horatiique curiosa felicitas.* »

Bem dezejaraõ muitos bons Engenhos imita-lo ; mas talvez que acaanhados e temérosos das Censuras , naõ ousaraõ : outros faltos da Divina mente , e vòz que grandemente sõe , naõ poderaõ levantar o vôo . » *Serpit humi* » D'onde vem , couvirem todos os Amadores da Lyra , que o assento , que no Parnasso Romano deixou Horacio vago , ninguem depois delle o occupou ; e ficará assim , até que venha quem com

Côstas vergoês lhe erguia,

iguâes dotes que elle, como elle se aventure em despeito dos malsins do pensamento atrevido e valente.

E' para crer que no decurso de 18 seculos surgirão Engenhos, com tanta ou mais erudição que Horacio, com imaginação fertil, e agradavel stylo; que à imitação delle poeta-rão. Não lhes faltou o saber, não o Engenho, não a Elegancia. Que lhes faltou pois para ser Horacios? Faltou lhes o atrevimêto, e o curioso affortunado estudo de dizer com novidade valente, e nobre o que elles disserão tímidos com stylo que lhes ficou àquem da viveza imaginosa, e pittoresca.

E os meus Censores gostariaõ elles destes arrojios? Gostem, ou não gostem; o meu fito é emprende-los. Flacco, Flacco, acode, aos meus bons dezejios. Se te não sigo mais desenvolto a trilhada vereda, não é falta de vontade, mas de posses.

Atrevei-vos, Poétas Lyricos; ou não fazei Odes: fazei Cantiguinhas com seus = Ay lé, lé.

Dai-nos, oh Musas, Horacios Portuguezes atrevidos, arrojados: e os Criticos que lãdrem muito embora. Os bons Poetas vivem alem da morte, vaõ mais velozes que Icaro Dedaleo dar vista às Costas do Bosphoro gemidor. Avs canoras transpe m Gétulas Syrtes, e Hyporboreas Campinas. O Cceleio, o Dice, que disfarça o medo de Marso batalhaõ, os ultimos Geloês os tem de conhecer. O perito Ibero, e mais o que do Rhodaõ bebe, tem de nelles doutrinar-se.

(142)

Quando Achilles lhe errava. (1) Assim eu quero

Co' estes meus versos uses.

Bem que hajaõ como Achilles durar pouco ,

E esse pouco entre invejas :

E que algum Bonzo , alguma mulherinha

Pedante os aboccanhe.

(1) *Metuens virgæ jam grandis Achilles.*

JUVENAL. Satyr. 74

A M P H I G O U R I (*).

DA' cà o prezunto ,	A's cêpas do Minho
Rapez enfeitado :	O sòl deste hynverno :
Quem i come um bocado	Quem pôz o governo
Naõ i norre de fome.	Nas maõs da criança
Morre eu Lobisome	Naõ canta nem dança ;
Em ca'imas de neve ,	Mas poem gerigonca
Co' a penna que escreve	Nos pãpos da Onça.
Decretos do Amor.	Garrido estribilho ,
Que qui z com primor	Com palha de milho
Em ricco o tapête	Vã i mui penitente
Depôr o sainête	Nas pélas da gente
Da concha Cyprina.	Sorver a mostarda ,
Eu vi a Menina ,	Que trouxe a Bastarda
Que vende as formosas ,	Nas garras do Lobo :
C'os lyr. ios , e rósas ,	O magro Farrobo
Fallar de sob-capa	Nas altas ameias ,
A bichos do Papa.	Sem ligas , sem meias
Foi muito daninho	Gritou tartamudo :

(*) O unico Poema Amphigourico , que vi em Portugal ,
omposto debaixo dos preceitos rigorosos do genuino Am-

» Trazei-me velludo	Que compra o rebique,
» De pelo encarnado	E diz no repique :
» Que dê mão olhado	« São bons carapãos. »
» A tres feiticeiros. »	A'zados maraòs
Os velhos gaiteiros	Com pansa balôfa
Rebentaõ de rizo	Refrescaõ a fôfa
Co'as trôvas de guizo	Nas còstas do Alfeito.
Na van carapuça.	Mas foi mui bem feito
Bem vai quem se aguça	Trazerem castanhas
Por vêr o xavêlho	De avulsas maranhas
Do bom scaravelho	Do monte Pegu.
Pintado de azul ;	O Cucurucu
E a penca ao Taful	Despindo as baêtas
Da pârda caraça ,	Mostrou carapêtas
Que bem se almofaça	Nos Alpes golòsos .
C'o texto da Glossa.	Viéraõ gostosos
E viva êssa Moça ,	Os nabos Turquin os

phigourî, foi o engenhosissimo, e engraçadissimo Poema Anonymo » *Duzentos gallegos não fazem um homem*, por que quando comem, meu dinheiro teu dinheiro etc, etc, etc. O Author é incerto, mas não incerta a fama, que de tam abalisada poesia resulta aos Portuguezes. A obra é unica ne ste género (entre nós); mas única como è, bastaria a acreditar-nos entre os Francezes mesmos, se elles entendessem a nossa lingua, ou se nós menos descuidados da nossa propria gloria, q houvésemos traduzido em Francez, com a gala e bizarría que elle tem no original.

Trazer aos meninos	O Ceo se encâpota
As torres da sé.	Com manto de sarro
Naõ ouve, naõ vê	E chòve catharro
Cruel rapazia	Por gòrdas goteiras.
Dragaõ que assobía	Sacode as peneiras
Dezérto e Filhòta.	Brincâõ Demonico ;

Quanto à invenção, e antiquidade desta requintada Poezia, provavel é que ella nos vem dos Gregos, e o mesmo nome de *Amphigouri* o inculca. Dignaléra dos Gregos, inventores de todas as sciencias, e de todas as Artes a invenção do *Amphigouri*. Dos Escriptores da antiga Grecia, sò nos hymnos de Orpheo etc. etc. apparecem alguns visos do *Amphigouri*. Hesiodo e Homero lá tem seus laivos, que os Scholiastes negaõ, mas que M. de la Motte Houdart sagazmente (como em tudo) descubrio. Em Pindaro naõ fallemos ; que segundo o ditto Mr. todas as suas odes saõ um perenne *Amphigouri*. A Pindaro, em pontos de *Amphigouri* sò podemos comparar entre os modernos Portuguezes o Poema Monometro do Sr. Dr. Feliz Jozè da Costa, de que sò me lembra a invocação, que canta assim :

Donde começarei ? Briareo eburno
 Com cem braços de pléctros, d'um Custodio
 Vir-rei te doto ; abre em Dòrio turno
 As pestanas, vé o sol deste episodio.
 Vossa Excellencia é o sol ; pelo cothur o
 O abraçãõ tantos braços ; e eu neste odio ,

Lá léva no bico	Varrendo as Mesquitas
Barbudo alguidar.	De saõ Sarabando.
Mandei bugiar	Aqui vaõ quebrando
O homem de ferro,	Os écchos das bombas,
Que vai como um pérro	Que estouraõ nas trombas
Capar os picanços.	Dos Rhinocerontes.
Passeiaõ mui mansos	Com seis Phaetontes
Subtís Jesuitas	Nas prégas da cauda

Rasgo para Cantar; e as còrdas plenas
Dizendo vaõ Menezes e Mecenas.

Lembraõ-me ainda mais dous Amphigouris do mesmo Poema,
que merecem ficar em memoria :

1º. Tôccaõ co' as negras maõs de pelos fulos,
E daõ c'os pés , qual péla , ao pôlo os pulos

2º. Dos jogadores perguntai às trôpas
Naõ eazaõ quatro pãos com sette còpas ?

Dos muitos authores vivos que em prosa , e em verso tem
ornado a nossa lingua com semelhantes amphigouris, callo por
ora os nomes , por que a sua modestia se enfadaria dos meus
louvores. Mas sem grande offensa , posso inculcar aos nossos
apprendizes de finuras de eloquencia , cértas obras em que
encontrarãõ com muitos destes pinaculos de engenho , mor-
mente em freiraticas correspondencias.

Os engenhosos Francezes pozeraõ o peito à barra para le-

ampunha uma lauda	No graõ Cazaraõ
e vaõs palavroës	Que Merlin lhe acabou.
ara as Conclusoës	Aqui me mandou
grande Enxobregas ,	O seu mensageiro
ue estanca as bodégas	O mui marralheiro
a esconsa Prosodia.	Author da matraca ,
entil palinodia	Que intrepido attáca
iscanta o sultaõ	Com seus consoantes

tem a palma neste stupendo exercicio : e com effeito alguns Amphigouris sahiraõ à luz nos seus Almanacks , que levaõ as mpas em delicadeza , e pico. Eu os tenho pelos modelos ais acabados , que neste genero conheço. Os nossos Clássicos Portuguezes , Camoës mesmo , e o eruditissimo Ferreira õ nos deixaraõ um unico escasso Amphigourî. Talvez que assustasse o ingreme da empresa. Alguns Amphigouris , derramaraõ pelas doutissimas obras Academicas , mas us nobres, e religiosos compositores se descuidaraõ de enfeir, com tam formoso titulo , as suas reconditas producçoës; e não desmerecem a louçania desse brazaõ.

Eu (não sei se por mais ignorante , ou mais affouto] sigo i vestigios do incomparavel Poéta que nos deu os „ *Duzentos allegos não fazem um homem* „ etc. ; e ao menos se não fui o ventor da obra , quero conseguir o gaudio de ser um dos e promoveraõ este *non plus ultra* do engenho humano. se a môda pega (pegará que vem de França) tempo virá e o meu nome voará diante dos õlhos de todo o mundo *Ut abo per ora omnium* à ilharga dos ufanos Amphigouris.

Os versos tunantes	Sem pejo, sem dor.
Sem táes maravilhas;	Eu neste entrementes
E affia as navalhas	Vos lanço a seus dentes
Trombudo Censor,	Versinhos louquinhos ⁽¹⁾ .

(1) O sentido deste Amphigouri é tam arduo de cõlher, como o das trovas do Bandarra; o Author me tinha prometido de m'o explicar, mas creio que lhe esqueceu.

Nota do Editor.



S O N E T T O.

SE o meu Bem creio em braços de outro amante
Lavra em meu peito férvido Gume;
Arde-me o coração em vivo lume,
Chammaja a labaréda no semblante :
A voz rouca, o juízo delirante
Embrusca-me a alma rábido negrume;
Megéra afia o atraçoado gume,
E m'ó ensópa na mente a cada instante.
Nem das Matérnas fúrias agitado
Sentio Orestes infernâes horrores;
Quâes no animo revólvo lacerado.
Os lâtegos de Alécto vingadores
Tanto não dóem, nem sente um condemnado,
No Avérno, ao menos, zelos mordedores.

U S O S

D E S T E M U N D O .

NAs praças uns perguntaõ novidades ;
Outros daõ vólta ás ruas, ao namôro ;
Este usuras cobrar, esse as demandas
Lembrar córre ao Juiz que se divérte.
Ir de Jano apprender a ser bifronte,
De Mercurio, no trato, a ser bilingue ;
Franco no prometter, no dar escasso.
C'os ólhos fitos no ávido interesse
Ser consigo leal, com todos falso
E' ser homem capaz, home' entendido.
Assim, que vemos nós por este esconso
Mundo? Vemos logroës, vemos logrados ;
Ninguem vês ir com candido dezejo
Aos Sénecas, aos Sócrates de agóra
Perguntar as liçoës tam necessarias
De ser honrado, ser com todos justo.
Tam sobejos se crem de honra e virtude ;
Que cuida cada um podêr de sóbra
Mostrar na Occasiaõ virtude a rôdo,
E chega a Occasiaõ, falha a virtude.

O D E.

— — — Te doctus prisca loquentem
Te matura senex audiat. = CLAUDIAN.

Floreça , falle , cante , ouça-se , e viva
A Portugueza lingua. =

FERREIRA. Carta a Pero Caminha.

IRRITADO da dôr, de vêr zombada,
Por insulsos pechótes,
A lingua de Camoës sonora e pura,
Que nos deu tanto nome;
A phraze nôbre e tersa, com que a Castro
Derramava seu pranto; —
Chorando o fado dos alados Cysnes;
Que do Parnaso as sendas
Nos calcáraõ com tam gentil despejo;
E com tanta opulencia
De eloquente riqueza nos fizeraõ
Herdeiros sumptuosos,
Fui sentar-me cuidadoso, e magoado
Nas ribeiras do Tejo:
E, a mão na face, descahida a frente;

Lançava ao longe a vista
Pelas águas do rio caudaloso,
Outrora tam cantadas,
Tam famosas na Europa, e no Oriente.
» Quem vos vio n'outras éras
» Tágides nóbres, célebres nos hymnos;
» Levantar triumphantes
» Nas clâras ondas o soberbo rosto,
» Entre as do Alpheo, do Mincio;
» Na Italia e Grecia tam gabadas Nymphas?
» Hoje, de deslembradas,
» Naõ atreveis erguer-vos, pôr os ólhos
» Nos Cantores de Elysia.... »
Nisto... Sinto um rumor... Turbaõ-se as ondas;
Borbulhaõ, fórmaõ círcos,
Que vaõ, uns apoz outros, estendendo-se,
E entre a miuda espuma,
Que alveja pelas lizas verdes tranças,
Diviso o lindo Choro
Das graciosas Nymphas, escoltadas
De Tritoeãs escamosos,
Com a forcada cauda o mar varrendo.
No meio um soberano
Anciaõ de branca barba ondeada e longa,
Que branda lhe descia
Pela cerulea tóga auri-brilhante.
De Neréa em Neréa
Os verde-mares ólhos perpassando;

Curva Real acêno

A' mais bella das Nymphas , que responda

A' meus vivos queixumes.

Callou-se o vento , e as ondas alizando-se ,

Como em luzente espelho

Tritoës spadaúdos retrataraõ ,

E o Tejo , e suas Nymphas.

Entam em mim fitando á clara Déa

O angélico semblante :

„ Filinto , com razaõ , mui justas queixas

„ Appaixonado espalhas

„ Pelas nossas ribeiras saudosas ,

„ Depois que a Morte crua

„ Segou , com fouce avàra , aquelles grandes

„ Espritos excellentes

„ Camoës sublime , altiloquo Ferreira ,

„ E quantos a èra angusta

„ Criou com leite saõ , clara doutrina ,

„ Que a Patria acreditarãõ :

„ E Nune tutelar , benigno Phébo ,

„ De accender naõ cessava

„ Divino fôgo nos engenhos Lusos ,

„ Mostrando-lhes c'roado

„ De illustres ramas o dezejo de honra ,

„ Ganhada por bons versos.

„ Este ar , troando ainda c'os furores

„ Da bellicosa tuba

„ Que immortal aquecia o Vate ousado

- „ Quando lançava o brado ,
» Que por esse Universo se estendia ,
„ Mostrando as mares da Asia
„ Trilhados das affoutas prôas Lusas ,
„ E os feitos memorandos ,
» Que inda éccho fazem nos auritos montes (1) ,
» Despertaõ insofridos
» Ardentes peitos de Renome eterno
» A treparem com ancia
» Pela scabrosa encosta do alto Pindo ;
» E nelle cortar louros.
» Inda hà pouco Garçaõ , Elpino , Alfeno
» Por Apollo animados ,
» E nos nõssos regaçõs instruidos ,
» As lyras receberaõ
» Dos Cantores mais altos do Parnasso ,
» E sobre as doutas chórdas ,
» Já renoveraõ as Cançoẽs Dircéas ;

(1) *Sicut pictura poesis.* Car telle doit être la langue de celui qui aspire à faire partager à son Lecteur les émotions fortes ou tendres qu'excite en lui le spectacle des beautés de la Nature. Des touches froides , une manière méthodique ne sauraient rendre des tableaux touchans ou sublimes ; mais si l'écrivain doué d'un goût chaste et pur décrit de grands objets avec l'enthousiasme du Peintre et l'abandon du Poëte , alors l'illusion naît ; ses images rappèlent les modèles , et le sentiment qui l'anime se communique à ses Lecteurs.

- » E as Musas , que corridas
» Da rançosa Académica (1) cohórte ,
» Fugiraõ enojadas ,
» Que , de mil semi-vates aprosados
» Escuros , e espinhosos
» Desdenharaõ influir os Anagrammas ,
» Acrósticos , e Enigmas ,
» Ou Góthicos , freiráticos conceitos ,
» Já canoras do Pindo
» Vinhaõ descendo a bafejar os Hymnos
» Dos viçosos Alunos ,
» Nos Gregos prados , nas Latinas veigas
» Medrados co'a cultura
» Do apurado saber , ferrenho estudo....
» Eis que de negros Córvos (2)
» Um bando iniquo em torno delles grasna
» Invejoso , molésto ,
» Moteja a lingua de áspera , e de antiga ;
» De sentido enleado ;
» Acha bronco o Camoës , charro o Ferreira ;
» Camoës ! a nossa gloria !
» Por quem sômos só lidas e estudadas
» Nas térras mais remotas !
-

(1) Fallo da antiga.

Nota do Editor.

(2) Adivinhem = Le chagrin de votre indigence est le motif qui vous fait décrier le luxe des enfans du genie.

- „ E'rguem no povo rudo alto ruído
„ Contra os n'ovos Orpheos (1).
„ E assim como as Bistonides raivosas
„ O canto lhe affogaraõ
„ Quando no Hébro a dulcisona cabeça
„ Arrojaraõ dementes ;
„ Táes contra os meus Alumnos , essas Gralhas
„ Os gritos desentoaõ.
„ Dellas te queixa, néllas céva as iras ;
„ Que as fléchas do ridículo
„ Horacio e Juvenal te affiaõ promptas :
„ Que não temos as Nymphas
„ Mais armas que as do verso acicalado
„ Que rásga o amago da alma.
„ Não s'omos Jove atirador de rayos
„ Nem Phebo arci-tenente
„ Que contra esses, que a pura veyá turvaõ
„ Da Pegásea Agannippe,
„ E às estradas do Pindo o passo impédem.
„ Aos mimosos das Músas,
„ Disparêmos lombardas. Mas tu pódes
„ Novo Boileau severo
„ Cortar por Scuderis, Cottins, La Serres.
-

(1) Ne pouvant entrer dans le sanctuaire des lettres, ils vomissent des blasphêmes contre les Pontifes.

(157)

„ Descoser seus escriptos ,
„ Ou novo Lobo, de engraçado pico
„ Pô-los tam despreziveis ,
„ Que nem os olhos levantar se atrevaõ
„ Para os que os sons mellifluos
„ Anciosos bebem na água do Parnasso ,
„ Alta esperança Lusa! „



S O N E T T O.

” **N**A V É G A S entre Cabos tormentosos ,
 ,, A, outada de ventos inclementes ;
 ,, Rompendo sérras de ondas combatentes ,
 ,, Vas naufragar em baixos temerosos.
,, Por que deixas os pórtos bonançosos ,
 ,, Onde abrem claros sóes dias contentes ?
 ,, Onde gorgeiaõ gárrulas correntes ,
 ,, Entre bastos rosâes, mirtos verdosos ? ”
Assim a Nize bella , Amor (que a via
 Entre as vagas de turvas tempestades
 De zelos de Filinto) lhe dizia.
Tè que , abalada das fieis verdades ,
 Bejou na face ao Deos , que a persuadia ,
 E os Ciûmes trocou em saudades.

EPIGRAMMA.

ESTE, aqui, tenda; aquelle assenta banca:
Um ganha com pandeiro (1), outro com tranca (2).
Cada um labóra neste escasso mundo
Com mistér, com officio, ou beneficio.
Clori accertou, que com saber profundo
Na alcóva a lóge abrio, do seu officio.

O R I G E M

D O

A M O R. (*).

No almo dia em que Venus veio ao mundo,
Celébraraõ com splendido convite

(1) Os pretos do Rozario.

(2) Os mariolas de pão e corda.

(*) Tive o descuido de por à margem das traducções, que emprendi por desenfado, os nomes nos Authores originaes:

Seu nascimento os Deoses : até Pluto
E'os mais tomou assento. A' pórta olhava
(Quanto a meza durou) prompta a Pobreza
A pôr a mão nas sóbras dos manjares.
Pluto, e' o Néctar, que bebeu sobejo
(Que inda ao mundo não éra o vinho dado)
De Jóve nos jardins se deita, e dorme.
D'hà muito que a Pobreza appetecia
Lanço abérto de ter d'um Deos progenie.
Assim, chega se a Pluto, affavel, meiga,
E a si, com taes caricias o affeiçôa,
Que Amor dalli nasceu : e de nascido
Com Venus n'um só dia, vem, que na alma
Lhe agrada a formosura, e sempre a ségue.

éssa a razão, por que agora, que os quizéira pôr (afim de que
me não tenhaõ por plagiario) me não lembraõ ; e muito
principalmente os destes pequenos poemas. Seja-me exemplo
este, de que somente me lembro, que vem de Grego : mas de
que Grego ? Ahí tórce a pórca o rabo. Quem se pôde lembrar
de que Author foraõ versos hà mais de 40 annos traduzidos ?

O D E.

— — Sed Cynaræ breves

Annos fata dedere. =

HORAT. lib. 4. Od. 18.

As breves Hóras, co' as fugazes plantas
Lévaõ de rojo, a graõ tropél, os annos,
Que na bocca voráz a Èternidade

Acceita de contino.

Debalde, oh douto Sáles, sobre os livros
Fatigas a saúde, e os piscos ólhos:
Debalde apûras a lidada idéia

Em busca da Ventura ;

Que mal vio a bocêta de Pandóra
Abérta em nosso damno irreparavel ;
Abrio as pennas, e se ergueu do mundo
Corrupto e tenebroso.

Lógo, apoz délla, os Deoses desgostados
O vôo lhe alcançaraõ, e nas limpas
Moradas venturosas se esquecerãõ

Dos incautos humanos.

Os Desastres em álas investiraõ
Co' a inérme próle do mal-sêcco lôdo,

Sem perdoar às forças, à belleza

A's graças, aos talentos.

Deu corte à Argiva Helêna, a Achilles féro

Da esquivia Morte o inevitavel gume ;

E os que affouto levou Typhis a Chólchos,

Tivéraõ scassa idade.

Tu não encêtes longas esperanças,

Nem confies nos braços alentados

C'o espérto succo dos viçosos annos,

Nem no corado rôsto :

Quando Márcia, que assimilhava os Numes,

E que dias sem termo merecia,

Quazi avista os umbráes dà Lybitina,

C'os encovados ólhos.



S O N E T T O

TRADUZIDO.

QUANTO é singéla a vossa vida, e pura!
Pastores, quanto é brando o vósso estado!
Longe da Inveja, longe do Cuidado,
Zombáes da lingua, que em mentir se apura.
A' sombra dos docéis, que ergue a verdura,
Vai para vós rompendo o alegre prado
O ribeiro das róchas desatado,
Que entre as quebradas plácido murmura.
Ditosos! Desfructáes a Natureza
Entre o gado innocente, entre as boninas,
Entre peitos de amavel singeleza.
Nòs, entre dòlos, ambiçoês, ruinas,
Mal vemos o Prazer; que se despreza
De trajar o ouro das culpadas minas.

D E S A F O G O .

ONDE estás, oh Philosopho indefesso,
Pio sequáz da rígida Virtude,
Tam terna a alheios, quanto a si sevéra?
Com que mágoa, com que ira olhâras hoje
Désprezada dos homens, e esquecida
Aquella ancia, que em nós pouzou Natura
No âmago do peito, — de acudir-mos
Co' as forças, c'o talento, co' as riquezas
A' pena, ao desamparo do homem justo?
Que (baldão da Fortuna iniqua) os Deoses
Pozéraõ para symbolo do esforço,
Luttando a braços c'o aspero infortunio?
Pédra de tóque em que luzisse o ouro
De sua alma viril, onde encravassem
Seus fardoes mais agudos as Disgraças,
E os peitos de virtude generosa
Disferissem podêres de arduo auxilio?
Que nunca os homens são mais sobre-humanos
Mais comparados c'os sublimes Numes,
Que quando acodem com soccorro activo,
Naõ manchado de sordido interesse
Nem do fumo de frívola ufanía;

Ou cheios de valor e de constância
Arrostaõ co'a medonha catadura
Da Disgraça , que apura iradas mãgoas
Na caza nua do varaõ honésto.
Mas Grécia e Roma há muito que acabaraõ ;
E as cinzas dos Heróes fórtes e humanos ,
Que as cívicas corôas preferiaõ
Ao louro triumphal , tincto de sangue ,
Hoje as piza , hoje espalha desdenhoso
O vulgo cégo dos Philantes duros ,
Surdo à vóz que õ reprehende vingadora.
Que os homens , de imprudentes , não alcançaõ,
Que o unico prazer perenne e puro ,
Que o Céo outórگا neste esquivo exilio ,
É o que se esparge pelos seyos da alma ,
E que a transpassa de immortal deleite ,
Quando partimos , com bizarra dextra ,
Os bens , que liberal nos deu a sôrte ,
E vêmos transluzir radiósa e viva
A Alegria no rosto do affligido ,
A Dissabor molésto condemnado.

O D E.

As invejas da illustre alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados ;
Quem valorosas obras exercita
Louvor alheio o esperta e excita.

Camoës. Cant. 5. est. 92.

I

ROMPTEM curvadas quilhas atrevidas ,
Por climas não-usados ,
De Neptuno as espáduas insofridas :
Por sêrros não-trilhados ,
Por férvidas areias, crêspas gêlos
Devássa o affouto pè do Orbe os cancellos.

2

Co' a mão segura às roupas da Virtude
Não teme o Varaõ forte
Do Leaõ , ou da Ursa a gárra rude :
Calca o semblante à Morte ;

Ou na férrea peleja, ou na tormente
As lanças quebra, os Euros amedrenta.

3

Com alto brio, e poucas tropas duras,
Alexandre em Arbéllas
Juncou o campo d'aureas armaduras.
As frentes amaréllas
A tres Pretores fez voltar, ousado
Viriato de esforço e ardís armado.

4

Estremecem c'ò insólito rebate,
Quando o ardido Soáres
De Méca às pórtas co' as trombétas bate.
Tremolaõ pelos àres
Nos nadantes baixéis farpadas Quinas,
Quando avista o Cabral Brasil e Minas.

5

Mas que furor se ateia no meu peito!
Novo fogo me accende,
Um Deus me peja o coração estreito.
Minha alma se desprende,
E os àres vái talhando a vôo sôlto;
A azul morada pizo desenvôlto.

6

Que Templo é este que à direita vejo?

(168,)

Que altar de verde-antigo;
Teu sancto simulachro humilde bejo.
Salve, oh Numen amigo.
Este é da Gloria o Templo. Aquí saõ Numes
Os Varoës de honradissimos costumes.

7

Allí vejo Nunalyres!.. Sim : na lança,
Que foi da Patria amparo,
O grave cõrpo impávido descansa.
Allí sublime e claro
Está Manoel, está Joaõ segundo,
Que ensinou a ser Reis-os Reis do Mundo.

8

Ouçõ Attaíde, e Constantin valente
Castro, Cunha e Sampayo
Memorando as façanhas do Oriente :
Do Achem e do Malayo
Contando arduas batalhas que ganharaõ,
Gõlpes que déraõ, Reis que avassallaraõ.

9

Dom Joaõ da Sylva, para o baixo Mundo
Descendo o olhar pausado,
Tinge o semblante de prazer jucundo.
C'o braço recostado

Na òrta do escudo, o corpo sobranceiro,
Assim te falla, oh novo Cavalleiro.

10

- » Tu, que affouto trilhar do valor queres
- » As difficeis estradas,
- » Desvía o fito de brazoès, de havéres,
- » Para as accoès honradas
- » Dos que accesos no brio alto e prestante
- » A Fama, por fanàes, te pôz diante.

11

- » Na A'sia Albuquerque, na A'frica Menezes
- » Valentes retalharaõ
- » Indianos broquéis, Mouros arnêses.
- » Os Phócas se assustaraõ
- » Das Lusitanas Nãos empavezadas
- » Sulcar do Eòo as humidas estradas.

12

- » Ergue ós olhos à Salla grave e dina. —
- » Aquí os vês honrados
- » Os Capitaès, que em térra peregrina,
- » Ou nos Làres amados,
- » A rôxa Cruz de módo ennobreceraõ,
- » Que entre illustres Heróes lugar se déraõ.

13

- », Cavalleiros da rôxa Cruz de Christo

H

„ Venceraõ denodados ,
„ Com valor , nunca n'outra gente visto ,
„ Tantos Pòvos armados ,
„ Tantos Reinos no Antípoda Hemispherio ,
„ Que déraõ novo Imperio ao Luso Imperio.

14

„ Por feitos de valor , duras fadigas
„ Se ganha a Fama honrada ,
„ Naõ por branduras vís do ocio amigas
„ Zonas fria e queimada
„ Viraõ do Cancro, à Ursa de Calixto
„ Cavalleiros da roxa Cruz de Christo.

15

„ Eu , já a Fè , e os teus Reis , e a Patria amada ,
„ Na guèrra , te ensinei
„ A defender , com a tingída espada :
„ Co' a Morte me affrontei
„ Pela fè , pelos Reis e Patria. A vida
„ Se assim se pérde — a vida é bem-perdida.

16

„ Já com ésta (e arrancou a espada inteira)
„ Ao Reino vindiquei
„ A Cróa que usurpou maõ estrangeira.
„ Fiz ser Rei o meu Rei
„ Com acçoês de valor , feitos preclaros

» Nas Linhas d'Elvas, e nos Montes-claros.

17

» Se de imitar meu nome te glorieias,

» As façanhas me imita,

» Ou na Patria Nação, ou nas alheias.

» O meu valor te incita;

» Ségue os meus passos, ségue o meu exemplo,

» Se morar queres neste honrado Templo. »



S O N E T T O.

Do peito as pórtas, me assaltáes, guardadas,
Oh Zelos, que os buídos passadores,
Tôrvos na vista, respirando horrores,
Vibráes em vaõ nas mãos ensangentadas.
Em vaõ co' as linguas, em rancor cevadas
Anciáes pôr nódoa em candidos favores;
E, aos visos da Suspeita de mil cores,
Dáes fáce a culpas, na alma nem pensadas.
Vindes de armas, sem força, appercebidos.
Vede os Amores postos em defesa;
Vossos tiros das azas sacudidos.
Nize apurou do Amor toda a fineza
N'um favor, que enlevando-me os sentidos
Naõ deixa onde empregueis vossa cruêza.



O D E

— — — Operosa parvus

Carmina fingo.

HORAT. lib. 4. Od. 2.

1

LYRA, há tempos altiva, temeraria;

Que ousavas (mas de longe)

Seguir o trilho do divino Horacio;

Que, escutando-lhe os sons, a voz moldavas

Em seu metro ditoso;

Da Grecia herdado, e que legado a Roma;

Se malogrou em Vates apoucados.

3

Lyra cansada, lembrem-te as fadigas,

Que por seguir teu Mestre

Desvalidas nos ares te largaraõ

A' Icaria sorte, sem deixar teu nome

A celebrados mares;

H 3

Là perdeste a conquista aventureira,
E a fama là trocaste por dêsdouros.

3

Lembrem-te ultrajes da ruin Doença,
Que as reliquias do Estro
Me definhou co' a macilenta dextra,
Quando a arquejar o anhelito entalado
Me assoberbou no peito
O ansioso coração, e que ante os olhos
Vidrados quasi, a Morte, e seus Sequazes,

4

Com feya, ameaçadora catadura
As luzidias fouces
Medonhos meneavaõ, e do avaro
Jazigo a campa aberta me apontavaõ.
E inda tens ansia, oh Lyra,
Que te fira as desafinadas chordas
Com desleixado plectro? E's louca; és louca.

5

E's confiada : que estás chamando os Numes
Ao meu estreito alvergue.
Jà a Gratidaõ fizeste vir do Olympo,
E acenas que a corteje. Eis-me no enleio.
Faze pois com que Apollo
Co' as Musas desça, — já que és Lyra sua,
Que os sons desçaõ de Pindaro, e de Flacco.

Como prodigio tal podeste, oh Lyra,
A favor d'Araujo?
Eis vem co' as Musas Phoebos! Vejo os altos
Soberanos da Lyrica harmonia!
Já meu curioso ouvido
Bébe a inspirada voz, que léva aos Polos
O mérito do Heròe de fama digno.

Quando, por sustentar recém-remida
A Lusa Liberdade
Do tyrannico jugo dos Philippes,
O acclamado Joaõ ía amostar-se
Ao dezejoso exército,
E na dianteira General supremo
Guia-lo pelo trilho da Victoria;

Deu a guardar a vida mal-segura
Das Hispanas ciladas
A Araujo fiel (1) : e alli o Nume
Tutelar da liberta Lusitania,
Que, envolto em rara nuvem,

(1) Para guarda da sua Real Pessoa uma Companhia de Arcabuzeiros veteranos, de que era Capitão Luiz da Lomba de Araujo. Vida de D. Jscô IV.

Sempre a assistio com disvellado amparo ,
Do Rei novo , assim falla , ao Regio Guarda :

9

» Tens a teu cargo a gloria Portugueza ;
 Em ti depositada
Tem toda a confiança o Povo Luso.
Sé disvellos , sê ôlhos sempre-abertos ;
 Com teu cuidado cêrca
Esta nossa esperanza , dos Céos vinda ,
Resgate do comprido Captiveiro.

10

Nos animos dos Lusos libertados
 Se anda tecendo o premio
Agradecido , e em quanto tu vigias ,
Inda outro premio mais subido e raro
 Te apresta o Rei guardado :
E o Prophético Nume quér brindar-te
Co' a avara vista d'um arcano occulto.

11

A mim m'ô descerrou ; por que eu com elle
 Te gratifique o zelo ;
A mim que affecta sou com maior ansia
Em honrar-te a velada fiél guarda.
 Custoso e attento me ouve ;

E no amago do peito forte-imprime
As vozes de ouro, que revelão Fado.

Um Néto , que virà, passada esta E'ra ,
Coberto de teu nome ,
Bafejado dos Ceos, charo às Aónias,
ANTONIO de ARAUJO, hade ser astro ,
Que a toda a tua stirpe
Dê luz com seu Engenho agudo e raro ,
Com Patrio zelo , e sociaes virtudes.

Do Empyreo, onde te poem teu zelo activo ,
Veràs como elle doura
Os cargos, de que o Rei, e a Patria o incumbem ;
Como luz c'os talentos, já nas Cortes ,
Jà nos doutos Congressos ;
E te daràs, por séculos, premiado
No brilho de teu Neto generoso.

O D E

D E A R R O M B A

a uma Morte (*) mui sentida.

Ah que não sei de nojo como o conte !

Camoês.

FÓGE, profano vulgo, que aborreço :
Cégo, que nunca viste
As columnas, os pórticos sagrados
Que a morada torneaõ
Da facunda immortal Sabedoria ,
Sobre asp'ro cume de ermas róchas bronzas.

Charo às Aónias, destemido Vate
Pela mão de Thalía

(*) Esta Ode requeria ser gravada sobre o marmore do Mausolco , a ter em tanto juizo e tanto dinheiro como a

As escabrosas retorcidas frágas
Do fatigoso monte
Vou subindo, tardio, mas cravado
Os animosos olhos no alto tecto.

No largo umbral de jaspe o douto Apollo
Rodeado das Musas
Co' a lyra alti-sonante me convida :
Por onde os pés aponto
Curvaõ-se os louros, abrem-se os sylvados
E perfume divino em mim recende.

O sacro horror que me occupava o peito
Se convérte em corage :
Da luz que pelas pórtas rompe e brilha
Sinto ferida a mente.
Desfaz-se a nevoa do Erro; estálaõ, québraõ,
Os occos sons da tímida Ignorancia.

Com sabia mão a Divindade augusta
Que aqui pouzou seu Templo,
Me déspe os ólhos da embotada vista,
Céga herança do vulgo.

Duqueza de Chatillon ; que na sua quinta de Ablons junto a
aris, mandou levantar um muito custoso, a um cazo, quazi se-
milhante, e nelle abrir a inscripção, composta por um Aca-
émico,

Com rayo perspicaz de agudo lume
Me brinda , e me esclarece generosa.

Desde a Aurora serei até o Occaso
Solemne Vate ouvido.
Enchutas Ursas (1) e Mouriscas prayas
Estudarão meus vérsos.
E a Fama , as ázas longas alargando ,
Meu nome estenderá d'um Polo ao outro.

Eu já a vejo aos montes sobranceira
Com cem boccas , cem olhos
Que vem tudo , e mais contaõ que não viraõ.
Infatigavel Nume ,
C'o pé ligeiro , em quanto a terra mède ,
Ná abóbada do Céu co'a frente róça.

(1) Todos sabem que Juno pediu ao Oceano que não deixasse banhar-se em suas aguas. Calixto nem seu filho , que a tal Deosa por ciúme converteu em Ursas , e que Jupiter por conhecimento de amóricos antigos poz no Céu , para lhe servirem de norte , e chamarem a si agulha de maeir. A esta vingança de Juno allude o nosso Camoões , quando diz no Canto 5:

Vimos as Ursas a pezar de Juno

Banharem-se nas aguas de Neptune.

A gente (1), que de nòvas se sustenta
Em tropél se lhe apinha (1).

A vòz despréga.— Chego cubiçoso,
Que assim me avisa e manda

A vòz da Sapiencia, mais segura
Que o crido som dos Dodonèos (2) carvalhos.

E diz : Que todo o Olympto está de nojo ;
Venus, Pallas e Juno

Vaõ negras longas caudas arrastando ;
Jupiter, Marte e Apollo

Pozéraõ choradeiras nas cazâcas (3).
Pela mòrte do Gato de Marfisa.

(1) A gente de Corte, os Ociosos, os Peraltas, os Basbaques, que não tendo estudo, ou negocio seu em que se empréguem, mexem nos alheios, por consumir o tempo.

(2) Deixa-os apinhar que lindas ceusas tem que ouvir.

(3) Nos bosques de Dodona fallavaõ os Carvalhos consagrados a Jupiter; aos oraculos que delles vinhaõ se dava muito credito. Antigamente tudo fallava, hoje ninguem diz couza que boa seja.

(4) Os Romanos e os Gregos trajaraõ Jupiter e os mais Deoses à sua feiçãõ; e eu trajo-os à minha. Tanta authoridade tiuhaõ elles, como eu, para dar roupa a quem a não pre

S O N E T T O

De romper outeiro de Abbadessado.

M O T T E

E' tempo, oh Musas, rompa o doce canto.

G L O S S A.

TEM as Virtudes estrellado assento

Na aula sublime do Factor do mundo ;

C'os pés estaõ trilhando o collo immundo

Do Vicio torpe , do Ocio macilento.

Mas, ah! que vejo? Do aureo Firmamento

Desce um luzeiro ràpido-rotundo ,

D'onde , com rosto plácido e jucundo

Sálta uma Nympha ao térreo pavimento.

Serena Religiaõ , sei que procuras

De Tircéa o composto illustre e sancto

Pasmo das nóssas éras e futuras.

Quéro-a louvar; mas não me atrevo a tanto.

Vinde : acudi do Pindo , oh Nymphas puras

É tempo , oh Musas rompa o doce canto.

cisa. *Mas dar Cazacas a Deoses sérios (me dirãõ os perluxos)*;
não é traje decente. — Veste cazaca o Papa que não é bôbo .

O D E

A' Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Senhora
D. Marianna Joaquina de Vilhena,
Coutinho.

Io temo si de begli occhi l'assalto
Ne quali l'amore e la mia morte alberga
Che fuggo lor, come fanciul la verga.

PETRARCA.

EM vaõ, Cupido, sétas sobre sétas
Encravas nésta chaga de meu peito.

nem volantim , véstem cazaca os Reis e Embaxadores que não são gente escangalhada de rizo : e vestiraõ as freiras de Sancta Anna o menino Jezus de Cadete de verde (que eu o vi) na processaõ das Curraleiras ; e os Archeiros lhe envergaraõ a sua farda na grande processaõ de Corpo de Deos, de que eu faço relaçaõ n'uma carta ao Marechal de C. que aqui irá impressa.

(1) Os outeiros de Abbadessado são as fórjas da mais impudente lisonja : por acerto , e sem animo de tal se diz nel-

Ouves-me um só suspiro , um ay amante ,

Da alma arrojado à bôcca ?

Já còrre a mim com passo atropellado

O nono lustro da cadente idade :

Farpões estragas n'um calloso peito ,

Que é todo brécha e ruínas.

Quéres , que entre desterros e amarguras ,

Perda de bens , da fama , dos amigos ,

Erga inda os olhos para a breve face

Do Prazer , que me fòge ?

Cégo ! que os tiros empregar não sabes !

Despeja a aljava no formoso seyo

Da lindissima Armania , alvo que pôssa

Ennobrecer-te os tiros.

Ella , que de hecatombes te enche o Templo ,

E que onde quér que vólve a térna vista ,

Fére , e derruba as almas orgulhosas ,

Que o Nume teu desdenhaõ :

Ella merece que uma alada canna ,

De teu arco sonante despedida ,

No izento coraçãõ , c'o gume de ouro

les a verdade. Assim sabem: já todos o que é um sonetto a uma Abbadessa, que de ordinario não são meninas nem moças. Eu por mim o digo, por mais que lhes queria dar um rebocco prazenteiro, sempre a Imaginação me pintava uma Abbadessa com oculos no nariz; e um diurno entabacado nas mãos.

Rasgue amante ferida,

Sinta o teu braço quem te traz temido :

Saiba como arde no anelante peito

Pudibundo suspiro, que receia

Tremer (1) no ouvido amado.

Ufano entam da triumphal conquista

Te esqueceràs de espediçar as sétas

Com mão iniqua a fio malogradas

No peito de Filinto.

(1) Esta expressão é muito delicada ; pelo gosto que lendo-a, senti, julgarei dos outros leitores, segundo que a approvarem, comprehenderem, ou criticarem.

Nota do Editor.



EPIGRAMMA.

DIALOGO

Entre o Abbade e Fr. Ambrosio.

UM Abbade d'um rígado mosteiro
Comia sanctamente um bom robalo :
Eis aqui Frei Ambrosio, mui lampeiro
Do gosto do jantar vem estorva-lo.

F R E I A M B R O S I O.

E diz : « Naõ coma Vossa Reverencia
» N'um dia de jejum, de penitencia
» Ignaria guisada com toucinho.
» Hoje, que é dia da Paixaõ sagrada,
» O Cusineiro punha esfatiada
» Metade d'um presunto em branco viaho,
» Para tempêro desse peixe grosso,
» Que é Pãe e Avô do miuçalho ensosso,
» Que ao refeitorio vem dizer a culpa
» De naõ ousar subir à vossa meza. »

A B B A D E.

*Padre, é bem taralhaõ. Sua affouteza
De ir a ólha espreitar, naõ tem desculpa.
Quem lhe ensinou a mà descortezia
De escoimar os boccados a quem còme?
Para o futuro, em penitencia iòme,
Ser cégo e mudo em similhante dia.*

G E N I A L

EX ABRUPTO,

O U

O D E

A B A C C H O.

*No dia 23 di Dezembro dia dos meus
annos , em 1783, estando à mesa ,
com dous Portuguezes.*

Fas pervicaceis est mihi Thyadas,
Vinique fontem , lactis et uberes
Cantare rivos. — — —

HORAT. lib. 2. Od. 19.

EMPUNHEMOS , (1) Amigos ,
As insignias sagradas do grao Bromio ;

(1) La Poésie chargée dans les festins de tracer l'éloge du vin avec les couleurs les plus vives, peignit en même tems cette confusion d'idées, ces mouvemens tumultueux , qu'on éprou-

Altos os côpos , largas as saudes ,
Brindemos , festejemos
As Marfisas , as Délias , as Delmiras ,
Mysticas Nymphas de engraçadas Orgias.
Perdêmos o passado ;
Naõ vemos o futuro , sò é nosso
O momento da vida que deleita.
Brindemos . festejemos
O barbi-louro Deos sempre mancebo,
Doador da Alegria , e dos Prazeres,
Que em roxo , em aureo sumo
Se embebeu precavido , e generoso
Para aditar os Sabios , (1) os Prudentes ;
Os que poem na vanguarda
Do exercito , que alinhaõ contra a Pena ,
Côpos do Douro , frascos da Chamusca.
Brindemos , festejemos
O risonho Sileno , affavel Ayo
Do sempre-invicto Domador das Indias :
Que melhor que o Pythagoras ,
E outros taes bebedores de agua pura ,
Com maximas mais sans lhe deu ensino ;

ve avec ses amis , à l'aspect de la liqueur qui pétille dans les
coupes. Voyage du jeune Auach. tom 2.

(1) Siccis omnia nam dura Deus proposuit .

Lhe deu palmas, triumphos,
Là onde a loura Aurora o Céu nos abre ;
E entre os homens e os Numes lhe deu brado.

Evohé, graó Sileno .

Amigos , evohé ! Olhai sizudos,
Como roxo, e pansudo se escarrancha

Sobre o tonnél festivo ;

De éra trémula, e louros enramado,
Os pendentos corymbos lhe adereção

A nunca-triste fronte.

Alli tem throno, alli convoca os Faunos
Os cornigeros Satyros felpudos.

Com a raza-espumante ,

Nectàrea taça aos dentes encostada ,
Mergulha , ensopa os rubidos bigodes ;

E os beiços espremendo ,

Para absorver o cheiro , o pico , o succo
Do vermelho regato , que desliza

Pela esconça garganta.

Arrebatado , extatico, divino

Docemente surri , e os olhos cerra.

Molhemos , ensopemos

As sequiosas fauces nesta ambrosia

Que Lyeo nos plantou , Deos favoravel.

Aqui garrafas, cópos

Esgotemos a pino , generosos,

A Sileno que o manda , e dá exemplo

Là no bojo do peito

Façamos este louro sacrificio

Ao Deos não-avarento de delcitos.

A mim depréssa a Urna .

Do aureo Champanha, que tresborda e espuma,

Pela orla auri-brilhante de topazios.

Alli dentro se esconde

(Se eu bem atino) a lépida Alegria,

Que salta, que borbulha, estoura, e brilha.

Naó me engano. Là a vejo

No fundo deste vaso reluzindo

Co' a viçosa Esperança ; e tem nos braços

A rosada ventura ,

Que c'os ólhos me diz : *Quéro agasalho*

Com todos os meus mimos no teu seyo.

Amigos, eu aqueço

C'o vigoroso néctar, que se enfia,

E corre atropellado pelas veyas.

Eu canto, eu sou Poéta; (1)

E entro já pelas fôscas espessuras

Do laurifero Ménalo sonante.

Bassarides, traçados

No hombro esquerdo os Nébridos (2) despojos ;

(1) Fecundi calices quem non fecere disertum ?

HORAT, Epist. 5. lib. 1.

(2) Pélles de corços, bravios capros, com que cobriaó as Menades as espadnas.

Vid. Stat. in Sylv. Senec. in Trag. Herc. f ur.

Descomposto o cabello, a voz em grita,

Eyvados, (1) nús os peitos ,

Olhos fogosos , espumosa a bocca

Rompem os bosques , trépãõ nos rochedos ;

E c'os uyvos medônhos ,

C'os redôbros dos rispídos adufes ,

Os écchos vaõ troando re-estrugidos.

Terçaõ nas maõs protervas

Tremulos thyrsos!.. Eis que batem fogo ,

As resinosas pinhas sacudindo.

Baccho , indomito Baccho ,

Tu me levas comtigo a mente a rojo

Por sobresaltos de escarpadas penhas.

Já dõbro o agudo pico

Da montanha que abriu ditosa lapa ,

Onde as Nymphas te criaõ desveladas

Na mui-ditosa Nysa.

Que verdejante encõsta se debruça ,

Plo revéz do endeosado monte !

Que garrulos ribeiros

De liquor Nyctileo cortaõ os prados ;

Embebidos de Arabicos perfumes !

Là abaixo crésce um golfaõ

Pacifico, contente , onde almos Genios

Coroados de parras buliçosas

Affogaõ de mergulho

(1) *Lymphata pectora.*

HORAT. OVID. ect.

(192)

Hirtas formas de lugubres Espectros
De amarélos semblantes definhados.

T O D O S.

Quem saõ, que saõ os vultos?

P O É T A.

Saõ Cuidados, pungentes Amarguras,
Que gastaõ, que consumem as entranhas.

T O D O S.

Morrei . morrei, tyrannos :
No pégo da Alegria , e da Saûde
Dai os finaes arrancos despeitosos.

P O É T A.

Alviçaras, Amigos ;
Enchei de novo os còpos... razos , razos ;
E em parabens de gosto os despejemos.
Outro vinho , outros còpos —
Mais bojudos — mais cheios — trasbordando...
Abraçai-vos, Amigos. — Là morreraõ ;
Là váõ ao fundo ao Mâgoas :
C'o folheado thyrsos ponti-agndo
As atravessa, as crava no profundo.

T O D O S.

Quem ?

P O É T A.

E o pergunlaes!

Quem se não Baccho? O Deos, que amado impéra

No contente dominio! O Deos Benigno,

Que aviva, que remoça?

O Deos que inventou bailes e theatros (1)

No douto chaõ da regalada Grecia.

O Deos, que planta e encurva

Por cima das cabeças dos sabidos

Verdes caramanchoës, frescas parreiras;

E téce opacas sombras

Que afferrenhaõ os éllos retorcidos,

Contra a calma, e seus rayos importunos.

Eya; vamos, Amigos,

Bejar devotos o altar perenne

Do nosso tutelar Lyeo brilhante:

De offrendas mil, e votos

Carreguemos as mãos agradecidas,

Que com solemne rôgo acompanhemos:

Mas, onde iremos? Onde?

Se aqui presente Baccho poz seu throno,

Da meza fez altar, da salla templo?

As victimas, os vasos

Diante nós estaõ, Nymphas, Ministros,

Ao Deos acceitos. — Começai comigo.

(1) *Carminè qui tragico vilem c'rlavit ob hircum.*

HORAT. de Art.

Non hircum animal, sed utrem hirci musto refertum. Cruq.

T O D O S.

Evohé, evohé.

Com teu imberbe rôsto , excelso Brómio ,
Gloria de Nysa, domador do Oriente ,

Espanca , arréda as nuvens

Apertadas dos Sustos , das Tristezas ,
Que forcejaõ subir pelo hórisonle :

Embota o gume à foice

Do medonho esquelêto, que do Avérno

Aponta a nós os macilentos passos.

Evohé , evohé.

Com pipas, com tónéis alça trincheiras

Que a sêcca perna aqui lançar lhe tolhaõ,

Nos umbrâes deste asylo ,

Onde façãõ perpetuos sacrificios

Em torno deste altar os teus devótos.

Assim vejas, Oh Baccho ,

Trocar-se em templos teus todas as forjas

Da aguda , mal-fazeja Rabulice ,

E os arsenâes medonhos

Da armada Tyrannia ; e seus sequazes

Convertidos em mui-leaes amantes

De teu gostoso sumo ,

Virem vermelhos protestar brandura

Nas tuas lisas aras sempre francas (*).

(*) A muitos parecerá longo este poema ; mórmente se se

O VERDADEIRO AMOR. C O N T O.

NUNCA ouvi de mulhér contar extrêmo,
Que hombrear pôssa c'o este peregrino

considéra, que o fiz à meza: e assim me parece a mim também. E esta será uma daquellas raras vezes, em que o repàro do Critico acérta com o pensamento do Author. A elle respondo com a minha costumada sinceridade, izenta de todo o desvanecimento. 1º. Que versos de frandolage custão pouco a fazer a quem anda com as mãos quasi sempre na massa: pela razaõ, que vivendo retirado e sò, occupo o meu ocio que é largo) em versejar. 2º. Que estava à meza com Portuguezes que estimo, e cujo idiõma gòsto de fallar em terra estranha; alem de que, já tinha vindo o assado; tínhamos bebido dous còpos, e como nada hà que tanto deuisse a lingua, começou a Alegria a dar à taraméla; e em lugar de murmurar da visinhança, ou fallar de femeaço, a minha lingua desatou em Poesia. 3º. Que com effeito, quando o fizão éra tam comprido, mas quando o tirei do borrador, traõ-se-lhe alargando as ensanchas. 4º. Que quanto mais velheço mais longas se me estendem as idèas Poéticas e

De Amor mais puro sem igual realce,
Que em breve phraze aponto a meus **Leitores.**

Navegavaõ com próspera viagem

A' decantada Méca dous amantes,

Que os Páes devótos concertado tinhaõ

Ajuntar em legitimo consorcio,

Depois de saudarem do Prophéta

A sepultura, e de Jacob o poço,

Ibrahim e Fatima suspiravaõ

Pelo ditoso dia promettido :

Mas com ver-se e fallar-se éraõ contentes

Seus dezejõs de fogo, sempre-castos.

Já se viaõ de longe agudas grimpas

Co' as Musulmanas luas vencedoras,

Apontadas ao Céu nas altas torres

Dos templos de Giddá, na fõz do Estreito;

E o peito alvoroçado dos amantes

Sentia ao longe os passos apressados

Do flõrido Hymeneo, que a elles cõrre

C'o estreito laço na aprazivel dextra.

Que caricias, que mimos naõ debuxaõ

nunca me capacito que disse tudo o que tinha que dizer :
todos sabem que desde Homero para cá todos os Poetas ve-
hos fallaõ muito. 5º. Pela costumada perguica de emenda
o qui já fiz : que mais me custa às vezes a emenda (e ainda
cõpia) que o feitiõ. 6º. Por que estou em terra, onde não
teinho Quintilios Portuguezes que me digaõ : " *Corrige, sed
hoc... et hoc delere jubebat.* HORAT. de arte Poet.

ta delicada idéa namorada !

Que prazeres, quaes guarda em seu thezouro
Tenus, nas grutas da cheirosa Chypre,
Não passão em revista, e não se escòlhem
Do futuro com soffrega vontade

Quas almas que Amor queima e consume !

Tu não pòdes, Leitor, com mortas côres
D'um pouzado pincel languido e frio
Traçar no quadro as deleitosas chammas,
Que abrazaõ coraçõs junto à baliza
Que co' a dextra sagrada as Leis pozéraõ,
Por que viva c'o Pejo o Amor seguro,
Que não amas honésto e esperançado
De unir-te à tua Amada em prazo brève.

Oh mortaes Esperanças lisonjeiras,
Frageis ídolos da alma ! vans chiméras !
Merias torres, frivolos castellos,
Assentados na areia movediça !

Eis que em róda com éça o horisonte
A abafar-se de nuvens denegridas,
Os pòlos se affogueaõ com relampagos,
Nos ares cruzaõ trémulos coriscos,
Com horrendo estampido estalaõ, rasgaõ
Roucos trovoès roncando, rebramando
Nas rotas róchas da fronteira praya;
Os ventos se ameaçaõ, se acomettem
Na assustada campina de Neptuno;
As ondas se amontoaõ, se acappellaõ,

Em borbulhosa espuma se espedaçã ,
Os verdenegros rôlos branqueando.

Um temporal desfeito lhes rebenta
Nas tremedoras vélas de improviso :
O Susto de seus animos se apõssa ,
E a Pallidez se espalha pelos rostos.
A verga géme , estála o grande másto ,
O navio se enjõa , perde o rumo ;
Jõga desarvorada , e se esconjunta
A quilha aos duros tòques naufragõsos.
Um açoute cholérico de vento
O levanta das ondas , e arreméssa
A's crespas òrlas de àspéro recife ;
E entre fileiras de sequ az espuma
Em ponteagudo escólho um rombo o alãga.

Quem contará da acerba desventura
O lastimoso horror ? o desconforto
Da esmorecida pállida Fatima !

Tõma Ibrahim sobre os robustos hombros
O doce pezo da formosa amante ;
Co' as ondas lotta , em pouco tendo o p'rigo ,
Quando ólha pértõ a salvadora praya.
Eis que uma onda mais dura avança irõsa
Des-prende os braços que lhe atava ao cõllo
A chorosa Belleza desmayada :
Outra onda sobre-vem , que põsta em meio ,
Lh'a arroja longe do cansado alcance.

O fiél amador arréda , e cõrta

C'o porfiado peito a vaga avàra,
Que lhe encóbre as madeixas de Fatima,
Nónte e rumo de seus velados (1) ólhos.

Aqui foi o furor, aqui as forças
Tirar do Amor, que não dos lassos membros;
E emprega-las nas aguas despiedosas.
Debalde as empregava, que mais longe
A cada bracejar lhe punha a Amante
O rigor do Destino, que a cadeya,
Que Amor formou, queria ver quebrada.

Entam fallido o arrojado de seus braços
Ibrahim perde o alcance, perde o fito,
Que o turvo manto da imminente Mórte
Lhe coméça a cubrir de sombra ctérna
A despejada saudosa vista.

Um Marinheiro, que dá salva praya
Vira o vigor de mais ventura digno,
Tam mal-frustrado pela iniqua estrella,
A's naufragadas ondas arremette
Para arrancar da amarga sepultura

{ 1 (Velados por veladores, ou que estão sempre de vigia: como dizemos namorados na passiva, os que activamente namoraõ. Temos nos nossos bons Authores, infinitos exemplos de nomes verbaes passivos, a que muito elegantemente daõ significação activa, como faziaõ os Latinos, de quem tomamos muitos modos de fallar; e mais ainda tomãr deveramos, se bom sizo tiveramos.

O pálido Ibrahim da dor vencido!
Oh excesso de amor, sublime gloria
Da fineza d'um home em tal extremo.
De brando à sua Amada, a si sevéro
Estas ultimas vozes piedosas

Soltou ao marinheiro compassivo :

- » Empréga o teu soccorro generoso
 - » Em alma de mais preço que esta minha :
 - » Salva Fatima; que eu contente morro ,
 - » Se no ultimo abrir destes meus ôlhes
 - » Vejo na praya salvos os seus dias. »
-

MADRIGAL

A' Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Senhora

D. Anna Apollonia de Vilhena,
e Abreu Soares.

Tu sempre noite e dia estás frézando,
Amor, humanos peitos.

Quem te está tantas frechas preparando?

Naõ Vulcano, c'os seus mal-escorritos

Cyclópes, a servir-te

Fôra agòra bastante.

Como ùm coxo e tres tórtos (1) acudir-te

Com armas poderão

Quando tu mil a mil lhe dás vazaõ?

Naõ vês com quanta azáfema o Tonante

Péde ruyvas centelhas,

Quando em Veraõ e Invérno as sobrancelhas

(1 (Naõ tórtos, por que alguém lhes houvesse vazado um olho a cada um; mas porque chamamos tórto o que naõ tem seaaõ um olho — — na cara. Saõ licenças poéticas.

(202)

Entréspa flammejante?

Jà d'outra parte

Sanhudo Marte

Para Turcos e Russos (1) péde estóques,

E alfanjes luzidios....

Amor, que estes ouvio graves remóques

Com ouvidos macios,

Me responde, apontando o mais profuso

Arsenal onde as sétas de mais uso

Sem conto, e sem remedio astuto guarda. —

Os olhos formosissimos de Anarda.

(1) Tomada de Ismailow.



A D E O S

De curta ausencia. (*)

C A R M E N.

ADEOS, livrinhos meus ; daquí a pouco
Ancioso, em vosso alcance, irá Filinto :
Que não se compadece ausencia larga
Entre os que atou idôsa companhia,
Com vinculos de alivio apiedado,
Na minha solidaõ amarga e escura.
Vòs, desenfado meu, vòs meu soccorro,
Vòs fostes brandos, pròximos amigos,
Noite e dia espancando meus pezares
Quando a Disgraça, c'uma negra nuvem,
Me pôz a noite no amago do peito,
E me abafou o coração de espinhos.

(1) Quando me preparava para ir à Haya, fiz um pacote dos poucos alfarrabios que tinha, Livraria de Poeta pobre ! E era minha intençãõ manda-los diante : mas o custo do transporte, me fez recuar a resoluçãõ. Quantas, como ésta, morrem de garrotte, por desvalidas de moeda !

Desde entam que em vòs sós achei amparo,
 Entrando a espairecer da alma a tristeza,
 Em vòssos campos de matiz risonho;
 Que o sabor renovei daquelles fructos,
 Que a idade de ouro, gratos sazouara,
 Entre as do Engenho flores nunca-murchas;
 Comecei a cobrar-vos amizade.
 E quando foi sàrando o peito intèrno
 Das frechadas malignas do Infortunio,
 Que eu já via com olhos indiff'rentes,
 Perdidos bens, perdida a intacta fama;
 Que encostado nos braços da leitura
 Sobre-via sem ódio os falsos Bonzos,
 Que as rêdes da Calumnia me estenderaõ;
 Passou a gratidam o que era alívio.
 Nem dádiva há tam grande, tam valiosa
 Como o dar ázas, com que se êrga acina
 Das tûrbidas paixões o animo nòsso.
 Dívida entam bem contrahi com-vosco
 De nunca vos lançar da minha vista.
 Sois poucos; vélhos sois; ouro não brilha
 Nas fôlhas, nos magnificos filêtes,
 Nem vos chamaõ as guapas livrarias
 A pintadas, ornar, luzidas planchas,
 Avezadas a immóveis inquilinos:
 Mas assim sem alinhio, sem vangloria
 Me acudistes melhor, que esses garridos;
 Destinados a dônos não-leitores,

Que nem abri-los vem, nem visita-los.

Que ingrato galardão, mal merecido
Fora o deixar-vos, por que là me acêna,
Com mais riqueza, com fastosos nomes
Um thesouro de livros campanudos,
Que com alto desdem vos olhariaõ,
Se pedissem lugar entre os seus ouros,
Entre os farfantes rótulos, e fitas?
Naõ sou eu Lavrador desamoroso,
Que mande ao Carniceiro o Boi cansado,
Companheiro das pròvidas lavouras,
Quando rasgava os dilatados sulcos,
Depòsitos da mèsse esperançada,
Largo sustento da cazcira prèle:
Nem Guerreiro inhumano lanço à margem
Alquebrado dos annos, das carreiras,
O que outrora fogoso, nas batalhas
Renhidas combateu, féro ginéte,
E me ajudou a conquistar os louros.
Sim : com-vosco nas mãos, com-vosco à vista
Dobrarei da Velhice o Promontorio,
E com-vosco entraria voluntario
Pela fòz do mortal esquecimento.
Vélhos, comigo vélho, amados livros,
Vereis cahir nos nltimos Dezebros
As sêccas folhas do curvado tronco,
Que já vistes robusto erguer a cima

Contra o pezo do vento e dos negrumes.
Cadûco pouco leio; os òlhos negaõ
A' prolixa liçaõ o acume antigo;
E a cansada memoria mal se peja
De sobrepòstos mòveis: mas naõ pérco
Lembranças do potente auxilio vòsso,
Nas refrégas do aspérrimo Infortunio.
Sereis sempre a meu lado agradecido,
Companheiros nésta aura de ventura,
Que nos hafeja a proxima partida,
Quaes o fostes nos roncõs da borrasca.
Ireis comigo á Caza bemfeitõra,
D'onde vos veio o rayo da Bonança:
Que assim léva comsigo o Passageiro
A' Caza da devóta Romaria,
Com gosto e gratidaõ os piedosos
Navegantes, com quem correu naufrégio.



EPIGRAMMA.

VENHO attônito (muito sério um dia
Certo Romano ao grave anciação dizia)
Cataõ, Cataõ, um Rato todo o couro
Me roeu do sapato ! — Fora agouro
Mui mão (Cataõ responde) se o sapato
» Roêsse o couro ao Rato. »

O D E.

— — — Perigosos

Formosissimos olhos que a robnstos

Izentos corações dão triste vida.

Cerco de Diu. Cant. 17.

QUA'ES as chammas do ràyo despedido
Quando no bojo do Ethna
despenhaõ, lhe abrazaõ as entranhas
Tréme o Vulcaõ, e muge :
créscem, já borbulhaõ, já rebentaõ

Pelo abraçado cume
Horrisonos trovões ennovellados
De fogo , e roxo fumo ;
A labaréda aguda vai irada
Romper aérias nuvens ;
E de metal os líquidos ribeiros ,
Por entre rotas fendas ,
Fumegando estridentes, precipitaõ
Affogueadas ondas....
Musa, que tom é este estrepitoso,
Dis-confórme do assumpto ?
Pindaricas refrégas do Estro antigo
Soaõ a'nda as chordas ?
Quando tomei nas mãos a eburnea Lyra
E quando ao Pindo os olhos
Volvi para invocar-te auxiliadora,
Sò quiz cantar Anarda.
Vamos a Idalia, oh Musa, aos sanctos bosques,
A's namoradas murtas,
Onde Amor, onde Vénus tem depostos
Os lidados transumptos
Das bellezas que ornaraõ o Universo.
E pois que me é vedado
Vêr aquella, que tanto vêr dezejo,
Que ao longe tanto admiro,
Vejamos na figura alguns dos rasgos....?
Musa, naõ é Helêna
Essa que rindo apontas nessa baze ?

No pórfido gravado
Seu nome vejo, e de Ilion a ruína.
Essa statua fronteira
É Semiramis : lá battendo as azas
Lhe vem trazer sustento
Pelo ar talhado a provida Nutrice.
Aqui Lesbia , alem Cinthia,
E mais Gregas , e Lacias formosuras....
Busquemos a de Anarda ,
Que não deve estar longe.... É ésta, é ésta !
Que me fére a memoria
Seu retrato que Olindo quiz mostrar-me.
Quantas graças respiraõ
Inda no marmore ! Nos òlhos quantos
Piedosos movimentos !
Quam potente é de Amor a sábia dextra ,
Que finge em pedra dura
Demonstrações de vida ! Os labios quasi
Para fallar descerra :
E rompendo na bocca ancioso passo
Está o efficaz Rôgo ,
Para ir prostrar-se ante o sublime throno ;
Em favor devotado
Do Mérito prestante , desvalido.
Aquellas mãos tam puras
De generòsos dons estão pezadas ;
E admiro enternecido
Com que agrado os reparte , e com que accôrdo.

Inda o lustre das prendas ,
Com que as Graças o engenho lhe enfeitaraõ
Està rayando airoso
Em redór deste seu gentil semblante !
Disséras que acabaraõ
De erguer a maõ desse ultimo polido....
Nisto me atalha a Musa :
» Naõ vês que é hoje o muito fausto dia ,
» Em que , nos Céos formada ,
» Desceu de Anarda a formosura à Elysia ,
» Que délla se gloria ! »



P R E S U M P Ç A O

R I D I C U L A .

QUE gente hà hi gabada de polida ,
De bem fallar a lingua , e que se preza
Naõ ter dos Mestres a alta phrase lida ?
Com vergonha o descubro — A Portugueza. — (1)

(1) Parece à primeira vista , que o sentido do Poeta comprehende a Nação inteira , mas è erro ; por quanto muito bem me lembro (e deve estar apontado no quingentesimo vigesimo outavo volume in-folio das minhas observaçoës) ter lido n'um manuscripto antigo deste breve , mas prudentissimo e sentenciosissimo Poema , o qual me foi permittido ler na Bibliotheca Hansloevrinsbeckiana , uma glossa interlineal , que diz assim : » A C... e seus macacos » Lambino.

Outra glossa vi eu (diz Salmasio na Conta que dà dos Annæes Patagonios) que dizia em Chaldaico » A C... e seus arrabaldees , fradaria pirliquitète , e Castrioto. »



S O N E T T O .

POR que imploro de Venus a piedade ,
Romagens amiudando ao Templo lindo ?
Se , sò de ver-me , escapão , vão fugindo
Suas Servas que adorna a fresca idade .

A Pobreza , a Velhice , a Fealdade ,
Os asperos flagellos sacudindo ,
O Amor espantaõ , que a mim vinha rindo ,
C'uma Rosa na mão , de gran beldade .

Vi que apontava airoso na formosa
Bocca de Laura um innocente , e puro
Bejo , que a gratidaõ alli tecêra .

Mas vi tambem , que recuou medrosa
Das minhas cans , e o bejo , ao seyo escuro
Da Nada mergulhando , alli merrêra .

M O R A L I D A D E .

E' nosso coração vorage immensa
Em que Honras, Cargos, lúbrica Ventura
São dos Dezejos vagos a manutenção,
Que, gozados, os manda a sepultura,
Para abrir nova bocca á turba densa
De prazeres de nova formosura ;
Quaes das talhas das Bélides impías
Se esvaêcem as águas fugidias.

I N S C R I P Ç A O .

no pedestal d'uma statua de Cupido.

Qui que tu sois, voilà ton Maître :
Il l'est, le fut , ou le doit être.

Crû tyranno, com gesto brando, e bello,
E', ou foi teu Senhor, ou tem de se-lo.

O D E.

Ogni mio esterno , ogni mio interno senso
Siegue solo di voi le felici orma ,
Vada , o stia , sieda o giaccia , vegghi , o dorma ;
Da voi sola ragiono , o scrivo , o penso .

Il Cicco d'HADRIA.

NÃO tinha em ondas de ouro desparzidas
Andromeda (1) as madeixas pela espalda ;
Nem saphyras azul-brilhante lume
No rosto lhe accendiaõ ;
Quando a Progenie do auri-chuvo Jove
C'os talares battendo o bojo nédio
De ali-potente Pegaso descia ,
Soccorredor amante. (2)
Naõ tem Marfisa a desnevada alvura

(1) Creio que todos sabem a fabula de Perseo e Andrò-
meda, e os que a naõ sabem pòdem ler o 4.^o livro das meta-
morphoses d'Ovidio , onde a acharaõ inteira,

(2) — — — Placuit Cephcia Perseo
Andromede , patriæ fusca colore suæ.

OVID. Heroid. 15.

T R A D U C T I O N

Des vers portugais.

SUR un rocher désert , Andromède attachée ,
Jouet infortuné d'un oracle odieux ,
Ne dût point le bonheur de s'en voir arrachée
A l'or de ses cheveux , aux saphirs de ses yeux .
Un œil de jais brillait sous son sourcil d'ébène ;
Et ses beaux cheveux noirs tombaient en longs replis ,
Lorsque , fendant l'azur de la céleste plaine ,
Et du cheval ailé pressant les flancs polis ,
Le Fils qu'eût Danaé du maître du tonnerre ,
Qui pour elle de l'or prit l'éclat séduisant ,
Accourut enflammé d'amoureuse colère ,
Et brisant ses liens , l'emporta triomphant .
— **Sur** sa joue arrondie et de rose émaillée ,
Flore n'a point l'éclat qu'avait le tendre Lys
Qui , dans une émeraude en calice taillée ,
Fut engendrée du lait que répandit Cypris .
Mais Hébé revêtit sa figure enfantine

Da mimosa assucena, que a alma Venus
De seu vertido leite florejara ,

Em caliz de esmeralda.

Mas Hebe lhe entornou na infante face

Todo o vaso da verde Juventude ;

Amor piedoso lhe vestio os olhos

De enternecida chamma.

Minerva a si tomou encher-lhe o seio

De prendas iumortaes ; na sabia agulha

Os dedos lhe adestrou para os labores

Das engraçadas artes.

Lògo ao nascer as Musas cuidadosas ,

Do bérço em molles bracos a tomaraõ ,

Para a ir off'recer nas aras puras

Da Lealdade ingénua ;

E allí os jòccs, e os jucundos risos ,

Com florea dextra, o campo do semblante

Lhe esprayaraõ de placida Alegria ,

E joviaés affagos.

A Ternura fiél, com a Amizade

Escolheraõ seu peito por abrigo ;

E na Lyra sonora , e em doce canto

Lhe deu liçoës Apollo.

Ella è o meu cuidado mais gostoso ,

Que em flammejautes lettras vinha escripto ,

Na longa hàstea da sétta namorada ,

Que Amor me despedira.

Ella me tem captivo em seu dominio ,

Des charmes que les Dieux en sa coupe ont versés,
Et l'Amour bienveillant, d'une flamme divine
Arma ses beaux yeux qu'Uranie a tracés.
Par les soins de Pallas son aiguille formée
Enfante sous mes yeux des miracles nouveaux,
Et la toile sourit de se voir parsemée
Des fleurs dont le printems embellit nos côteaux.

— Les Muses , au sortir des mains de la nature,
L'ont mise sur l'autel de la Fidélité
Où les jeux et les ris ont formé sa figure
Des traits de la candeur et de l'aménité.
La paisible Amitié , la sensible Tendresse
Ensemble de son cœur pour séjour ont fait choix.
Elle a du blond Phœbus la voix enchanteresse,
Et fait aussi parler la lyre sous ses doigts.

— Sur la flèche qu'Amour dans mon cœur a lancée,
Écrits en traits de feu les soucis les plus chers
Sont venus pour Marphise occuper ma pensée ;
Je goûte des douceurs à languir dans ses fers.
Trop heureux de porter le joug de son empire,
J'arrose mes liens de mes vers amoureux.
Lors même qu'à mes yeux le jour cesse de luire

Sem força de quebrar meu captiveiro :
Um só nó destes laços , que me prendem ,
Desatar não quizéra.

A seguidora luz destes meus ólhos
Outro trilho não vê , que o que ella piza ,
Nem meus ouvidos outra vóz conhecem
Que o seu suave canto.

Della fallo , ella cuido , della escrevo ,
Ella canto em meus versos amorosos ,
Qual Petrarca , na Lyrica Vauclusa ,
Cantava a sua Laura.



Son portrait à mon cœur s'offre et me rend heureux :
Tout plein deses accens, je crois toujours l'entendre.
A chanter ses attrait j'ai consacré ma voix :
Tel Pétrarque autrefois chantait sa Laure tendre ,
Près de Vaucluse assis dans l'ombrage des bois.



MADRIGAL.

SE mais que aèreas nuvens pressuroso,
Se mais que inquietas ondas inconstante,
Nos foge o Tempo; e inutil è saudoso
Pranto, dado a quem fòge; eu incessante
Quéro abarcar, e com ardor ancioso
Entranhar na alma cada alegre instante:
Pois que a vida è passage, as lindas flores
Bom è colher na estrada dos Amores.

EPIGRAMMA.

INFELIX Dido, nulli bene nupta marito;
Hoc pereunte, fugis; hoc fugiente, peris.

Dido, nas vodas triste fado corres;
Morre-te um, fòges, fòge-te outro, morres.

S O N E T T O

De Argensola.

DEIXA de folha Outubro a vide pobre ;
E com as cheias o Ébro, de insolente,
Nem ribeiras, nem ponte já consente,
Nos campos reina, e de alta vaga os còbre.
Moncayo triste e feio já descobre,
De nuvens abafada, a negra frente ;
E apenas o Sól raya no Oriente,
Que a Tèrra com vapores no-lo encòbre.
As devêzas, e o mar sentem a sanha
Do Aquilaõ féro ; assusta o seu bramido
No porto as Nãos, as Chòças na montanha.
Mas, de Tháis no umbral (1), Fabio estendido
De vergonhosas lágrimas o banha,
Quando as devêra ao tempo mal-perdido.

(1) Sub domina meretrice... turpis et excors.

HORAT. lib. 1. Ep. 2.

O D E.

— — Cui Pudor , et Justitiæ soror
Incorrupta Fides , nudaque Veritas ,
Quando ullum invenient parem ?

HORAT. lib. Od. 24.

INSTA o Tempo : daquí , d'alem derriba
De Néro o ufano bronze ,
De Máusolo a saudosa sepultura ;
Co' a fouce no ar erguida ,
Que só c'o fuzilar poem médo ao marmor ,
O sCarlos ameaça , os Fredericos.

Vivem pouco os Herões , que o nome fiaõ
De caducas estatuas :
Na longa estrada de estendidas éras ,
Cem annos saõ um passo ,
Que o Tempo apaga c'um batter das azas
Na disferida , lûbrica passagem.

Sem soccorro de Phidias cinzél-déstro
Vive a fama de Achilles ;
Que o monumento que lhe ergueu Homero ,

Zomba da aguda fouce ;
E as Aónias , dos Fados alcançaraõ
Tornarem immortâes os seus validos.

Estremecem-se ainda as ancias ternas (1),
E vivem as saudades
Do disérto Mecenas (2), confiadas
A's chórdas Venusinas :
E o Gama inda hoje córta os mares da Asia
Nos arriscados lenhos voadores.

Inda na ala direita Vasconcellos
Léva ao combate duro
O Luso, a quem não dòe perder a vida
Pelos avítos Lares :
Pelo Rei, que escolhêra, merecido,
A destemida lança inda menêa.

Mas Tu, que sò da guérria assinallaste
Os concertados p'rigos,
Que, Alumno de Minerva delicado,
Te educaste em seu Templo ;

(1) Comes minore sum futurus in metu
Qui major absentes habet.

HORAT. lib. 5. Epod. 1.

(2) Docte sermonis utriusque linguæ. ID.

Chãro às Musas — de quem, se não das Musas
Acceitaràs perenne monumento?

As Musas, temerosas de Mavorte,
Técem com mais disvello
Cappéllas às pacificas virtudes
De Solon, de Antonino;
E os brandos Hymnos, nas argenteas plumas,
Érguem com gosto os nomes eruditos.

E mais promptos ao Templo da Memoria
Vaõ depôr nos archivos
A nobre acção de peito generoso,
Que empréga o valimento;
A riqueza, o saber, o sangue illustre
Em desarmar o braço da Calumnia.



EPIGRAMMA.

Com pommadas , rebiques ,
Aqui cõr negra , além de azul as veias ,
A máscara do rosto afformoseias ,
 Fillis. Ah , não caustiques
A sége , as bêstas de correr cansadas ,
A amostrar-te por templos , por moradas ;
 Manda-lá teu Criado ,
 C'o teu rosto pintado ,



S O N E T T O

A O S A N N O S

Da S.^a D. E. M. J. M.

Eu vejo (ou me è traidora a phantasia)
Que Amor deixa de Gnido o Templo e altares;
Seguem-no Cupidinhos a milhares,
Sem arco, sétas, sem aljava impia.
Vejo que a trópa alvoroçada enfia
C'ò alégre vôo os Lusitanos ares —
Ouço entoar-lhe uns hymnos singulares,
Hymnos de nunca ouvida melodia.
Que assombro? Amor, e os seus ajoelhados
Bejaõ a Nize a mão, » D'um Deos, que adora
» (Lhe diz Amor) teus olhos engraçados
» Aceita os cultos, Nympha encantadora:
» Por minha Mãe te elejo. — Vos, alados
» Amores, conheci-a por Senhora, »

MADRIGAL.

DIZEM que Ausencia
Quebranta Amor :

Mas quem o diz, não tem de amar sciencia :

Que, ausente, eu sinto na alma ancia maiór ;}

Arrebatado,

Dezejo forte

Lávra em meu peito de colher agrado

Da linda bocca de Elia , que impia sórte

Longe de mim

Apparta assim.

Ausencia a Amor é como ao fogo o vento ;

Ao fraco apaga , , ao forte dobra o alento.

O D E

A A M I Z A D E ,

*EM 23 Decembro de 1786 , dia
dos meus annos.*

Solem enim è mundo tollere videntur qui amicitiam e vitâ
tollunt ; qua a Diis immortalibus nihil melius habemus ,
nihil jucundius. — CICER. de amicis.

Amitié , doux penchant des humains vertueux ,
Le plus beau des besoins , et le plus saint des nœuds ,
Le Ciel te fit pour l'homme , et surtout pour le sage .

De LILLE.

Se depois do infortunio de nascer-mos
Escravos da Doença e dos Pezares
Alvos de Invejas, alvos de Calumnias,
Mostrando-nos a campa
A cada passo aberta o Mar e a Terra ;
Um rayo despedido , fuzilando
Terror e morte , no rasgar das nuvens
O tenebroso seyo ,

A Divina Amizade não viéra

Com piedosa mão limpar o pranto

O embotar com dulcisono conforto

As lanças da Amargura ;

O Sabio espedaçara os nós da vida ,

Mal que a Razaõ no espelho da Experiencia

Lhe apontasse apinhados inimigos

C'o as cruas mãos armadas.

Térna Amizade , em teu altar tranquillo

Ponho — por que hoje , e sempre arda perenne

O vago coração , ludibrio e jôgo

Do zombador Tyranno.

Amor me deu a vida : a vida engeito ,

Se a Amizade a não doutra , a não affaga ;

Se com mais fortes nós , que a Natureza ,

Lhe não ata os instantes.

Que só ditosos são na aberta lice

Dois mortaes , que nos braços da Amizade ,

Estreitos se unem , bebem de teu seyo

Nectàrea valentia.

Tu cerceias o mal , o bem dilatas ,

E as almas que cultivas cuidadosa ,

Com teu suave alento afformosentaõ

Medradas e viçosas.

Càya a Disgraça , mais que o rayo aguda ,

Rebente sobre a fronte ao mal votada ,

Mais lenta è a quèda , menos cála o golpe

No manto da Amizade :

(231)

E se desce o Prazer , com ledorosto
A allumiar o peito de Filinto ,
A chamma sóbe , e vai prender seu lume
Na alma do fido Amigo.

R E P E N T E

A' S.^{ra} D. M. J. R. D.

QUANDO a voz sòlta em peregrino canto
Essa bocca formosa ,
Ama chegar-se à tua a minha , anciosa
De dar-te o galardão de prazertanto.

EPITALAMIO

A S.^{ra} *** E. S. D.^{ra} ***

Hymen, oh Hymeneo , vem , corre , vòa ;
Junta esse Semideos , co'essa Deidade.
Hoje os poens no teu livro. A estréa è boa !
A manhan entrarão n'outra Irmandade.

S O N E T T O

ACROSTICO , egnimatico , anagramatico , retrogrado , com consoantes forçados.

M O T T E

Derretêm as espheras circumfusas.

G L O S S A (1)

DE alcantiladas nuvens	— espumantes
Estelliferos lubricos	— revezes
Atropellaõ selvaticos	— pavezes
Com mellifluos anhelitos	— fragrantes.
Rebenta em borbotoês	— flammigerantes
Opavelhaõ celicola dos	— mezes
Com redundantes carcomidas	— fézes
Estallaõ, roncaõ pavidos	— diamantes.
Salta Apollo no plaustro	— alabastrino,
As crebras Horas, as fulgentes	— Musas
Vêrtem pûlos no équoreo	— purpurino;
E a despeito das gravidas	— Medusas
Com canto Boreal , fervor	— Austrino
Derretêm as espheras	— circumfusas.

(1) Esta difficulosissima Glossa è a Quinta essencia dos

O D E

A E L I A.

Ah si jamais on aime sur la terre,
Si d'un mortel on vit les Dieux jaloux,
Ce fut alors que assuré de vous plaire,
J'étais heureux, et je l'étais avec vous.

Le Chevalier de PARNY.

A TARD A Aurora, no rosado coche
Tirava ao largo o flavo Hyperionio
Mal desperto, e saudoso,
Dos braços da alva Tethys ;

trabalhos Poeticos, e da Erudição recôndita. O que mais me eustou foi arrumar o Acróstico, que é ao mesmo tempo labyrinthico, e rabiforcado, e retruso. Nunea presumi do meu Estro, que lançasse tam longe a barra métrica. Ajudou-me porém muito com seus conselhos (*veritati fides habeatur*) um Padre Mestre Capucho, que toda a sua vida empregou em finnas predicaveis, e em Acrósticos de enigmas. Elle mesmo me tinha dado o motte, para tomar o pulso ao meu talento; e, com

E as estrellas nas cazas do Occidente
 Entravaõ de tropel , buscando abrigo
 Contra as fulgidas sétas ,
 Que disparava o Dia.
 Tambem fugiaõ em confuso bando
 As penas , os suspiros da saudade ,
 Diante dos vencedores
 Brilhantes òlhos de E'lia ,
 Que pondo mar em meio já deixava

effeito , não se descontentou da Glossa , que quasi comprehendu do primeiro lanço de olhos. D'onde colhi , com grande assombro meu , a perspicacia do seu engenho.

Quando me vir possuidor de òcio mais abastado; o que Deos me permittirà talvez por sua bondade para a quarta , ou quinta edição deste furioso Soneto , darei delle um Commentario cabal , imitador do *Chef-d'œuvre d'un Inconnu* : por quanto mui claro vejo quanta necessidade delle tem o tal Poema. Não o tòmema desabono seu esses juizos sagacissimos , que tòmão (come là dizem) a palhinha no ar , como o alambre : por quanto eu fallo somente de certas almas brancas , como a minha , que não entendem , senão o que è intelligivel.

Ille per extentum funem mihi posse videtur
 Ire Poeta. — — — HORAT. lib. 2 Epist. 1.

Suban ellos , que yo no baxo dizia Gongora aos que não entendiaõ versos como este que me lembra, d'u mSonetto seu :

Sombras estampa en páramos de nieve.

Longe de si os ultimos Britannos ,
 Por vir dar luz e vida
 Ao penoso Filinto ,
Quando ausente infeliz dias e noites ,
Com a vista cercando o monte , o valle ,
 Pedia ao valle , ao monte
 O rosto suspirado ;
E em vaõ tendo vertido um grande lastro
Um ribeiro de làgrimas tam tèrnas
 Que os rochedos comigo
 De màgoa amolleciaõ :
Tè que Cupido em fim já lastimoso
De meu chagado peito , sem alivio ,
 D'Idalia , a mim , d'um tiro ,
 Desceu inopinado.
Pelo rumor das azas , pela aljava
E os farpoës acerados que retinem ,
 O pre-sinto. — Eis que affavel.
 Se offréce , a mim dizendo :
« Aquí tens E'lia , e seu gentil semblante ,
» E seu peito amoroso a ti rendido ,
 « Thesouro de caricias ,
 » A Filinto votada .
» Naõ sò , no coração , a setta de ouro ,
» Por ti , no centro , lhe cravei , segura ;
 » Mas , de rara constancia ,
 » Lhe prateeí as farpas .
» Alto favor , a poucos reservado !

» Sê grato a Venus, que te galardôa
» O cumulo de offrendas,
» Que depoeus em su templo. »

S O N E T T O.

DA fumegante dextra arremessados
Vejo rayos chover; troncos idóso
De Ciprestes, de Freixos orgulhosos
Vejo até às raízes escachados;
Como a mais vil choupana mal-tratados.
Obeliscos, e Templos sumptuosos,
Dos Aquiloês, dos Austros furiosos
Soberbos monumentos respeitados!
Que vingança, Senhor, que graõ castigo
Vos desprendeu a maõ omnipotente,
E as portas vos cerrou do amor antigo?
Se maldades, Senhor, da iniqua gente
Nos pozéraõ irado um Pae amigo;
Somos filhos, daí trégoa ao rayo ardente.

C A R T A.

HOJE, que vinte sóes são já passados ,
Tristes, feyos, co' as névoas importunas ,
Que a Discordia soprou neste horisonte.
Hoje, que a mão amiga, e sempre franca
Da leal Amizade, que dezeja
Sempre para e serena a sphaera sua,
As pôz em fuga, e ao Céu limpou a face ;
Hoje * * minha alma te saúda ,
E por lettras te envia estreito abraço.

Que fazes destas horas estiradas
Núas de antigo social passeio ,
Sazonado de ensino, e dito agudo ?
Das noites fastiosas, que a longuissima
Cauda vagarosissimas arrastaõ ,
Quáes vão, no meu Payz religioso ,
Roxos Collegiães varrendo a areia
Mui passo a passo em processaõ prolixa.
Que livros lêes ? que insipidas gazettas (1) ?

(1) As desse tempo fallavaõ dos luttos, e circumstancias qu deviaõ ter ; de fidalgas que foraõ appresentadas à Raiuha ; e por quem ; - de fidalgos que embarcaraõ nas carruagens de El Rei ; e de outras noticias tam relevantes como estas.

Que Luxembourgs frequentas fastiosos ?

Vàs por ventura renovar namoro

- D'alguma antiga Láys, d'algum Bathyllo ?

E novo Anaereonte a vida alargas

Entre Venns, e o galhofeiro Bacco ?

Vàs empulhar (gritando) o tardo Tempo,

C'o trêfego Per***, ou grulha Cal***?

Vái : não t'o invêjo. Eu, retirado, em tanto

Desfêcho d'algazarra, e gâfa pulha,

Fico aqui desfructando mudas horas

Co' as Odes de Rousseau, que mais ao alto (1),

Que algum Francez, impávido despréga

Por insólita vîa as francas âzas,

Ao Lyrico Solâr pouco-trilhado.

Leyo o seu Mestre, e meu; ferrenho estudo

O Venusino Horacio, até que venha

A tua amiga vóz desafferrar-me

Désta util, e gostosa Companhia.

(1) Ainda eu não tinha lido as do Poeta Lebrun.

F I M.

E R R A T A S.

MAIS me confirmo que se não pôde imprimir aqui livro em lingua estranha, que não pèque pelas Erratas; pois que o Abbade J. B. Casti, querendo imprimir o seu Poema dos *Animali parlanti* foi buscar Didot, que è aqui o Impressor mais gabadinho; mas como a obra não era franceza sabio, a pezar de todos os disvellos, e da grande nomeada de tal imprensa, com trezentos defeitos. Pelo que consolai-vos, trovas minhas, de apparecerdes entre a gente com tantos sençoës, sendo (como sois) filhas de triste author, sem nomeada, e sem dinheiro. Dizei aos que vos lêrem, que me estancasteis a paciencia, e a bolsa.

<i>Page</i> 5 — rematadõs	rematados
8 — agnilhõa	agnilhõa
<i>ibid.</i> — indísculparel	indísculpavel
9 — ignal	igual
11 — porfia	porfia,
<i>nota.</i> Todo	Todos
24 — Ouçaos	Ouçaõs
<i>ibid.</i> Ao sopros	Aos sopros
25 — <i>nata.</i> explicaçoos	explicaçoẽs
26 — Páoziho	Páezinho

Page 26 — nota. afrancezado	afrancezado
28 — effonteza	affrouteza
29 — as Classicos	os Classicos
<i>ibid.</i> Montro	Monstro
32 — creisapertos	cruèis apertos
36 — Logar-se	Lograr-se
41 — cbamou	chamou
46 — profundo.	profundo
60 — S NETTO	SONETTO.
64 — Ceòs	C èos.
65 — Da	Dà
77 — Duzentos	Duzentas
78 — appreude	apprende
79 — fni	fui
87 — affino	affino
90 — nota. outros	outras
<i>ibid.</i> cooras	cobras
91 — afma	alma
92 — Eutrar	Entrar
96 — Numes	Numes;
98 — bracos	braços
99 — voti.	votis.
102 — Lembrança	Lembrança
<i>ibid.</i> — immortaés	immertâes
106 — Desap rende u	Desaprendeu
137 nota. etc.	etc.
140 nota. omar.	tomar
<i>ibid.</i> nota. accaanhados	acanhados

140 <i>nota.</i> convirem	con
143 — gerigenca	ger a
145 <i>no a.</i> cõthur o	cothu. no
167 — torminte	tormenta
175 — Jseõ	Jo
180 <i>nota.</i> marcar	marc
182 — procuras :	pre. mas
185 — con o	com
187 — di Dezembro	de Dezembro,
188 — Perdemos :	Perdemos
189 — garganta.	garganta,
190 — ventura	Ventura
<i>ibid.</i> <i>nota.</i> espadnas	espaduas
192 — ao magoas	as mag
199 — oc	os
216 — flammejautes	flammej



T III

J
ti
ora
tato

rue d.
crott

